

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

LUIZ EDUARDO LAWALL

EXCEPTIONES DE PRISCIANO:

A tradição gramatical latina anglo-saxã e carolíngia

JUIZ DE FORA

2025

LUIZ EDUARDO LAWALL

EXCERPTIONES DE PRISCIANO:

A tradição gramatical latina anglo-saxã e carolíngia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Jocelito Beccari

JUIZ DE FORA

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Lawall, Luiz Eduardo.

EXCEPTIONES DE PRISCIANO : A tradição gramatical latina anglo-saxã e carolíngia / Luiz Eduardo Lawall. -- 2025.
216 p.

Orientador: Alessandro Jocelito Beccari

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2025.

1. GRAMÁTICA MEDIEVAL. 2. CULTURA TEXTUAL. 3. EXCEPTIONES DE PRISCIANO. I. Jocelito Beccari, Alessandro, orient. II. Título.

Luiz Eduardo Lawall

EXCERPTIONES DE PRISCIANO: A tradição gramatical latina anglo-saxã e carolíngia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 15 de setembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alessandro Jocelito Beccari - Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Leonardo Ferreira Kaltner

Universidade Federal Fluminense

Juiz de Fora, 23/08/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Fabio da Silva Fortes, Professor(a)**, em 18/09/2025, às 12:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alessandro Jocelito Beccari, Usuário Externo**, em 18/09/2025, às 15:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leonardo Ferreira Kaltner, Usuário Externo**, em 18/09/2025, às 20:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2573354** e o código CRC **F84B2821**.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Criador e Redentor de todas as coisas.

À Virgem Maria, em todos os seus títulos.

A São Miguel arcanjo.

A São José, São Gregório Magno, Santo Agostinho de Cantuária e São Beda, o Venerável.

Ao professor Alessandro Jocelito Beccari, pela orientação, incentivo e paciência;

Aos professores Fábio da Silva Fortes, Leonardo Ferreira Kaltner e Carol Martins da Rocha pela disponibilidade e pelas sugestões;

Ao professor Fernando Adão de Sá Freitas, pelo auxílio e pelas sugestões que foram essenciais para este trabalho.

À equipe do PPG Linguística, especialmente à Isabella, pela prontidão e educação em tirar minhas dúvidas.

Aos meus amigos Mariam, Camila, Matheus, Juan, João, Davi e Dani.

Às irmãs do Mosteiro da Santa Cruz, que me sustentaram com suas orações.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise e tradução de um trecho selecionado da gramática *Excerptiones de Prisciano*, uma obra medieval que resume as *Institutiones grammaticae* de Prisciano. Este trabalho apresentará um panorama a respeito do modelo e dos estudos da disciplina da gramática latina na Idade Média nos períodos anglo-saxão e carolíngio, oferecendo uma contextualização a respeito da tradição latina durante a Alta Idade Média a partir de uma perspectiva histórica e apresentando a metodologia aplicada com relação à Historiografia Linguística, utilizada para a pesquisa. Além disso, pretende-se traçar a origem das *Excerptiones de Prisciano*, discutindo sua autoria e o percurso tomado pelos manuscritos das duas gramáticas para verificar o alcance de sua influência nos séculos seguintes à sua confecção, oferecendo um *stemma* sobre os manuscritos disponíveis.

Palavras chave: Gramática medieval; Cultura textual; *Excerptiones de Prisciano*

ABSTRACT

The present work presents an analysis and translation of a selected part of the latin grammar *Excerptiones de Prisciano*, a medieval work consisting in a summary of Priscian's *Institutiones grammaticae*. In this work will be presented an overview on the studies of the discipline of latin grammar during the Anglo-Saxon and Carolingian eras, offering a contextualization concerning the Latin tradition during the Early Middle Ages from a historical perspective and offering the methodology applied on the Linguistic Historiography, used in this research. Furthermore, the origins of the *Excerptiones de Prisciano* and its authorship will be discussed, and the course taken by its manuscripts will be traced to verify its range of influence on the following centuries, with an *stemma* of the manuscripts available.

Key-words: Medieval grammar, Textual culture, *Excerptiones de Prisciano*.

LISTA DE ABREVIATURAS:

Eaga - *Excerptiones de arte grammatica anglice*

Ep - *Excerptiones de prisciano*

Gl - *Grammatici latini*

Ap - *Ars prisciani (Institutiones grammaticae)*

Npv - *Institutio de nomine, pronomine et verbo*

LISTA DE IMAGENS:

IMAGEM 1: <i>Ep</i> , Ms P, <i>f</i> 1r	p. 18
IMAGEM 2: <i>Ep</i> , Ms B, <i>f</i> 2r	p. 42
IMAGEM 3 – A Inglaterra anglo-saxã	p. 57
IMAGEM 4 – O Império Carolíngio	p. 67
IMAGEM 5: <i>Ep</i> , Ms de Chartres, <i>f</i> ?	p. 80

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Organograma de Swiggers	p. 16
TABELA 2 - O Modelo Medieval	p. 34
TABELA 3: <i>Relatio</i> dos manuscritos das <i>Ep.</i>	p. 74
TABELA 4: Índices das <i>IG</i> e <i>EP</i> .	p. 85
TABELA 5: Capítulo sobre os Verbos	p. 86

SUMÁRIO

RESUMO	4
INTRODUÇÃO	10
1. HISTORIOGRAFIA DAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM	15
2. A RECEPÇÃO DA <i>ARS GRAMMATICA</i> NA IDADE MÉDIA	25
2.1 O MODELO GRAMMATICAL MEDIEVAL	26
2.1.1 A <i>Ars grammatica</i>	26
2.1.2 Donato e Prisciano	28
2.1.2.1 Donato	29
2.1.2.1 Prisciano	31
2.2. A <i>ARS GRAMMATICA</i> E OS MANUSCRITOS MEDIEVAIS	33
2.2.1 As ferramentas gramaticais de interpretação	34
2.2.2 A configuração da página dos manuscritos	39
2.2.3 A gramática no ambiente escolar medieval: o <i>scriptorium</i> e a biblioteca	44
2.2.3.1 O <i>scriptorium</i>	44
2.2.3.2 <i>Grammatica</i> na biblioteca	45
2.2.4 <i>Compilatio</i> : o gênero escrito medieval	46
3. A RECEPÇÃO DA GRAMÁTICA PELOS BENEDITINOS ANGLO-SAXÕES E CAROLÍNGIOS	49
3.1 Os Beneditinos e a recepção da gramática	49
3.2 A formação da cultura gramatical anglo-saxã	56
3.3 Alcuíno e o Renascimento Carolíngio	62
3.4 Os anglo-saxões após o Renascimento Carolíngio	68
4. AS <i>EXCERPTIONES DE PRISCIANO</i>	73
4.1 Origem e Autoria	73
4.2 <i>Relatio</i> e origem dos manuscritos das <i>Excerptiones</i>	73
4.3 A origem das <i>Ep</i>	79
4.4 Estudo da Obra	83
4.5 Conteúdo e organização das <i>Ep</i> : uma comparação	84
4.6 A ordem dos conteúdos	86
5. TRADUÇÃO	99
REFERÊNCIAS	195

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir do interesse sobre os estudos e a produção científica durante os primeiros séculos da Idade Média no ocidente europeu no que concerne à língua latina, especialmente durante o período anglo-saxão na Inglaterra, deixando uma quantidade significativa de produções textuais a respeito de temas que incluem poemas, história natural, hagiografia, o cálculo do tempo, tratados teológicos, além de várias cópias de textos bíblicos e, é claro, de obras de caráter gramatical, que evidenciam a riqueza cultural produzida na Inglaterra durante a ocupação desses povos e apresentando uma enorme contribuição para a Igreja latina do ponto de vista cultural (Irvine, 1994, p. 272).

Para tratar a respeito desse assunto, buscávamos uma obra de origem anglo saxã. Ao procurar manuscritos em acervos online de bibliotecas europeias, deparamo-nos com a obra *Excerptiones de arte grammatica anglice*, de um abade beneditino chamado Ælfric de Eynsham, que se utilizou de uma outra gramática, *Excerptiones de Prisciano*, essa sim em latim. Logo a gramática nos interessou, por se tratar de uma gramática de latim escrita em inglês antigo. Entretanto, decidimos que ainda era cedo para adentrar o idioma anglo-saxão, de forma que as *Excerptiones* foram escolhidas como objeto de pesquisa. Ainda nos interessa a produção relativa à Gramática de Ælfric, e nos parece conveniente que uma futura tese de doutorado complementa, de certa forma, esta dissertação.

Neste trabalho, portanto, vamos tratar a respeito do contexto linguístico e cultural que gerou as *Excerptiones de Prisciano* durante a Idade Média, e sua relação com os beneditinos nos leva a investigar a relação desses religiosos com os estudos da disciplina da *grammatica* latina. A vida monástica durante a Idade Média, especialmente no que diz respeito à Ordem de São Bento, foi responsável por desenvolver como parte de sua formação religiosa o cultivo da *grammatica* latina (Irvine, 1994, p. 191; Leclercq, 2012, p. 19).

Com a conversão dos povos do norte e oeste da Europa ao cristianismo, a partir das missões que saíam de Roma para a evangelização dos povos pagãos, o aprendizado do latim se fez necessário para que um clero nativo, por exemplo, pudesse ter acesso aos textos sagrados e participar das orações e ritos latinos da Igreja, da liturgia, do Ofício Divino, etc. (Law, 1997, p. 92).

Dessa forma, a disciplina da gramática era necessária para que os estudantes que não conheciam latim o aprendessem, e os textos da *Ars grammatica* produzidos pelos romanos forneciam todo o material necessário para que se conhecesse a estrutura e os fundamentos do idioma (Law, 1982, p. 53). Entre os autores latinos, sobressaem-se Donato (ca. 350 d.C.), autor

das gramáticas *Ars minor* e *Ars maior*, obras que seriam, nos séculos seguintes, copiadas, editadas e estudadas abundantemente, e Prisciano, que, junto com Donato, foi o gramático latino mais estudado durante o período medieval (Luhtala, 1995), além de ser o autor da obra que é possivelmente o texto gramatical mais completo em existência, a *Ars Prisciani*, na qual se baseia a maior parte do texto das *Excerptiones* (Law, 1997, p. 204).

A doutrina gramatical presente nas gramáticas antigas, especialmente as do período tardio, seria aproveitada pelos educadores medievais não apenas para o aprendizado da língua, com suas estruturas gramaticais, desde as letras latinas, a morfologia, as partes da oração até construções sintáticas, mas também em todas as ferramentas de interpretação e crítica textual que foram legadas pelos romanos (Irvine, 1994, p. 162). Essas ferramentas apareceriam na própria constituição física dos textos produzidos pelos medievais: o manuscrito (Irvine, 1994, p. 384).

Como comentamos acima, os anglo saxões foram grandes responsáveis pela produção gramatical durante a primeira metade da Idade Média. Além disso, tiveram grande influência na educação no continente durante o período Carolíngio, de forma que é possível ver uma grande troca intelectual e material entre os mosteiros ingleses e carolíngios. O alto nível da produção intelectual durante esses períodos na Inglaterra e parte do território da atual França e Alemanha foi possível graças à fundação de centros educacionais que promoveram e transmitiram a cultura gramatical através das missões romanas à Inglaterra, do Renascimento Carolíngio e da Reforma Beneditina (Irvine, 1994; Gilson, 2001; McLuhan, 2005). Portanto, apresentaremos uma contextualização histórica relativa a esses períodos, destacando fatores como a produção gramatical, preservação e transmissão dos manuscritos através de escolas, *scriptoria* e bibliotecas.

Para que o estudo desse período atinja seus objetivos de maneira satisfatória, é preciso que a análise do *corpus* escolhido e a investigação do contexto histórico e intelectual no qual este foi produzido seja adequado, ou seja, deve responder às questões propostas pela pesquisa e deve ser crítico com relação às informações obtidas. Ao se estudar uma obra e as implicações culturais, linguísticas e históricas relacionadas à sua produção, é necessário um método que guie os estudos a fim de escolher as informações relevantes para se entender a origem da obra estudada e se adequar à extensão desse tipo de trabalho. A própria análise do *corpus* deve ser guiada por um método a fim de se extrair informações relevantes como autoria, pensamento linguístico que guia a obra, conteúdo (no caso dessa, comparação com a obra na qual foi baseada) e até mesmo análise e comparação de manuscritos disponíveis.

A metodologia mais adequada para este estudo, portanto é a Historiografia da

Linguística, pela qual os documentos de conteúdo linguístico do passado e os registros históricos são estudados e avaliados de maneira crítica e reflexiva a fim de que se cumpram os objetivos estabelecidos para a dissertação, trazendo assim para o presente informações relevantes para a pesquisa linguística, com o cuidado de informar a respeito das obras pesquisadas buscando a compreensão que seus próprios contemporâneos possuíam delas (mais do que evitando anacronismos, entendendo o pensamento linguístico da época) a fim de compreender melhor a sua essência e a motivação para a sua escrita. A Historiografia da Linguística, ramo científico emergente na Linguística, portanto, busca delinear uma história do conhecimento linguístico através de uma cuidadosa análise das fontes disponíveis a fim de compreender o pensamento linguístico de determinada época ou de determinados autores.

Ao menos no Brasil, a educação gramatical e o pensamento linguístico latino no período histórico do início da Idade Média ainda são muito pouco estudados, o que justifica este trabalho para o enriquecimento da discussão acadêmica sobre o assunto. Espera-se, portanto, com esse trabalho, contribuir para os estudos, no Brasil, dos paradigmas gramaticais do latim na primeira metade da idade média e a sua função como material base para reformas e revigoração do estudo da tradição clássica na Europa, como a influência na gramática de Ælfric no contexto da Reforma Beneditina promovida por seus mestres e a presença da tradição latina nos reinos anglo saxões (Gilson, 2001, p. 216; Irvine, 1994, p. 406; McLuhan, 2005, p.107-108). Aumentando-se as pesquisas sobre uma obra tão influente no ambiente anglo saxão, pretende-se ajudar a desenvolver a literatura ainda pequena em língua portuguesa a respeito de um período tão rico na história do latim, que foi a produção, trocas e enriquecimento mútuo da tradição entre as ilhas britânicas e o continente europeu na primeira metade do medievo (Porter, 2002, p. 29), colocando o tema dos estudos latinos na primeira metade do medievo em relevância na discussão acadêmica. O destaque para a análise dos manuscritos visa valorizar as fontes primárias no estudo científico enquanto parte dos estudos acadêmicos sobre a produção textual antiga, colocando em relevância os procedimentos da crítica editorial como os estudos paleográficos para a produção científica.

O objetivo deste trabalho é, portanto, apresentar uma tradução e análise do *Excerptiones de Prisciano*. A tradução será feita a partir da edição do *Excerptiones* editada por Porter (2002) e pretende levar em consideração os manuscritos disponíveis para consulta para que seus *corpora* contribuam para uma maior integridade da tradução, além de legitimar o trabalho a partir da consulta das fontes primárias. Pretende-se também analisar a forma como a obra foi composta a partir dos escritos de Prisciano, cotejando as *Excerptiones* com a *Ars Prisciani* a fim de verificar os elementos pretendidos pelo autor para trazer para seu público.

Além disso, pretende-se buscar a origem do *Excerptiones* e os elementos referentes ao

contexto dos estudos de latim no século X entre as regiões que atualmente são a França e a Inglaterra. A análise da importância da gramática latina, junto com a influência da Ars de Prisciano, nas escolas de mosteiros e catedrais no Ocidente e a sua recepção no ambiente intelectual a partir do século IX (Law, 1982, p. 103) tem por objetivo ilustrar a notoriedade das *Excerptiones* nos estudos latinos, seja pela tradição na qual surgiu, sua importância de sua principal fonte e seu papel na educação latina no período. Isso servirá para esclarecer a natureza da obra que será estudada e a importância do seu papel. A autoria é outro tema a ser abordado, pois pode levar a importantes conclusões a respeito do impacto das *Excerptiones* em seu meio e em outras obras, como a gramática de Ælfric. Portanto, será apresentada uma análise da recepção do *Excerptiones* no continente e na Grã-Bretanha, além da recepção e impacto da gramática de Ælfric no período imediato após sua compilação, na renovação da educação nos mosteiros nos reinos anglo-saxões e o alcance que teve nos séculos seguintes, seja nas ilhas britânicas ou no continente.

Diante dessas informações, segue a divisão planejada para este trabalho. O primeiro capítulo após a introdução trata a respeito da metodologia de pesquisa utilizada, seguindo os conceitos de Contextualização, Imanência e Adequação abordados por Koerner (1995, p. 41), e a divisão metodológica adotada por Swiggers (2013, p. 44), com apoio em seu organograma que elenca os conceitos de “fatos linguísticos”, historiografia, história, epi-historiografia e meta-historiografia e seguindo as fases heurística hermenêutica e executiva propostas por ele. Assim, validamos nossa pesquisa do ponto de vista metodológico.

O segundo e terceiro capítulos, seguindo a proposta de Koerner, são dedicados à contextualização histórica e linguística, tratando a respeito do conceito da Gramática e sua importância na educação medieval, observando-se também os acontecimentos históricos e circunstâncias que levaram ao pensamento linguístico que deu origem à obra aqui estudada. Pretende-se, no segundo capítulo, fazer uma breve apresentação do modelo da gramática medieval e sua relação com os modelos de gramática grego e latino. O objetivo é fornecer uma perspectiva a respeito do fundamento contido no pensamento e na produção textual gramaticais na Idade Média. Por estarmos tratando sobre a gramática medieval, dedicamos um subcapítulo aos autores Donato e Prisciano, por serem os gramáticos latinos mais utilizados pelos medievais.

O terceiro capítulo irá abordar o papel da gramática na formação da cultura gramatical na Idade Média, especialmente através monasticismo beneditino, as mudanças históricas e políticas que levaram a novas necessidades na educação, o processo de conversão dos povos “bárbaros” e o papel do latim como base para a certa unidade que a Igreja proporcionaria ao Ocidente. Assim, abordaremos a Regra de São Bento como manual que contém os princípios

do desenvolvimento da educação latina na Idade Média (Leclercq, 2012; Irvine, 1994). Também apresentaremos uma contextualização histórica sobre a formação da educação gramatical na Inglaterra anglo-saxã. Abordaremos ainda o Renascimento Carolíngio, movimento responsável por um grande impulso na produção textual e educação durante o reinado de Carlos Magno e seus sucessores e seu papel na disseminação da obra de Prisciano e como isso contribuiu para a eventual escrita das *Excerptiones*. Ainda falaremos sobre os anglo-saxões após o Renascimento, e como a cultura gramatical se desenvolveu entre os séculos IX e X d.C., contexto no qual surgiram as *Excerptiones*.

No quarto capítulo, apresentamos a parte do trabalho referente à imanência, onde se discute obra em si, considerando-se a origem das *EP* a partir das *IG*, sua possível autoria, as razões para a adoção de determinados trechos e exclusão de outros, edições e alterações pelo compilador da gramática, comparando-se o *corpus* com o original de Prisciano. Espera-se ver a influência do pensamento linguístico e da tradição gramatical medieval na produção da obra. Em uma seção adicional, apresentamos trechos selecionados das *Excerptiones* com o objetivo de compará-los à gramática inglesa de Ælfric, observando suas escolhas com relação à diferença entre os idiomas latino e anglo-saxão e seguindo o objetivo declarado no início desta introdução, do conhecimento do pensamento linguístico anglo-saxão. Considera-se também a análise dos manuscritos disponíveis para se estabelecer possibilidades com relação à origem, autoria, relevância e influência no pensamento e na educação latina na época.

No quinto capítulo de nosso trabalho, apresentamos uma tradução da seção da *Ars Prisciani*, que trata dos verbos latinos. Fornecemos, em duas colunas, o texto latino, retirado da edição crítica de Porter (2002), e a tradução em português. Escolhemos esse capítulo porque, como dissemos, pretendemos realizar uma análise da gramática de Ælfric, que oferece uma discussão interessante a respeito das classificação morfológica do inglês antigo, especialmente com relação aos tempos verbais, cuja terminologia foi, por vezes, cunhada pelo próprio Ælfric (Gneuss, 1990, p. 15-16). Por isso, preparamos a tradução e análise desse capítulo como complementariedade entre esses dois trabalhos. Apresentaremos também o aparato textual, identificando as divergências encontradas entre os diferentes manuscritos das *Ep* e os *scholia*, apresentando os comentários e glosas que acompanham o texto de Prisciano em cada manuscrito. Por fim, chega-se às considerações finais, analisando-se as expectativas que se tinha com relação à pesquisa e se os resultados daquilo que foi cumprido alcançaram os objetivos propostos.

1. HISTORIOGRAFIA DAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

O conhecimento é construído com base no que se recebeu das gerações passadas. É um fato que ele não é produzido a partir do nada, mas se forma utilizando o que foi feito anteriormente e transmitido. Embora a relevância ou mesmo validade do conhecimento passado dependa da ciência ou disciplina em questão, vemos claramente a importância do desenvolvimento do pensamento linguístico ao estudar a história da linguagem, através de correntes de pensamento e da influência dos autores, como cita Auroux (1992, p. 12).

Todo conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é a atemporalidade ideal da ordem lógica do desfraldamento do verdadeiro, mas a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber. Porque é limitado, o ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospectão (Auroux, 1987b), assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber.

A frase de Auroux acima mostra com clareza essa realidade, observável em todo processo de constituição do conhecimento nas ciências. Não se pode ignorar o valor das investigações filosóficas a respeito da linguagem realizadas pelos filósofos gregos, por exemplo, e a adaptação desse pensamento para o latim através dos gramáticos latinos, até a adaptação desse conhecimento a um formato particular da gramática nos textos das *Artes Grammaticae* entre os séculos III e VI.

É sobre essas constatações que surge, no ambiente dos estudos linguísticos, mais precisamente na década de 70, a Historiografia da Linguística enquanto disciplina, na qual se considera a história e o desenvolvimento do pensamento linguístico a partir das várias correntes teóricas do passado. Diferentes fatores podem motivar a prática de se investigar o passado da disciplina da linguística, seja a busca por similaridades no pensamento linguístico de uma teoria a fim de justificá-la, seja para se encontrar um “progresso” das ideias linguísticas a fim de se legitimar ou demonstrar a superioridade de determinada teoria. Entretanto, a Historiografia da Linguística busca compreender o pensamento linguístico do passado em seu próprio contexto, de seus autores e idealizadores de determinada teoria linguística, a causa e os fatores que influenciaram esse pensamento, ou seja, o ambiente intelectual no qual nasceu uma ideia, imerso em sua cultura e em seu contexto histórico, político, religioso, social, etc..., nas palavras de Koerner (1995), o “clima de opinião” no qual

determinada ideia surgiu, como explica Altman (2012):

A historiografia linguística que ambicionar descrever e explicar a história das ciências da linguagem, e os fatores que puderem ser associados ao seu desenvolvimento, deve ambicionar igualmente examinar as circunstâncias de produção e de recepção do conhecimento que se constrói sobre a linguagem e as línguas. Dessa perspectiva, a historiografia linguística tem como objeto a história dos processos de produção e de recepção das ideias linguísticas e das práticas delas decorrentes que, por sua vez, geraram novas ideias e novas práticas, em um processo de continuidade e descontinuidade, de avanços e de retomadas, inerentes à busca de conhecimento. As maneiras pelas quais o conhecimento linguístico se produziu, desenvolveu, foi divulgado e percebido também fazem parte, em suma, da sua história.

(Altman, 2012, p. 22)

É importante mencionar que toda essa pesquisa se baseia em um objeto de estudos específico; a saber, os textos que contém as ideias linguísticas em questão, ou seja, os manuscritos. São eles os objetos primários (Swiggers, 2013) da historiografia linguística. A partir do estudo das fontes, obtemos respostas e novas perguntas a respeito do objeto, cuja resolução pode ser encontrada através da pesquisa: do que se trata a obra? Com qual objetivo foi escrita? Quem é o autor? A partir de qual ideia ou corrente de pensamento a obra surgiu? Quais são as características do ambiente no qual a obra surgiu que influenciaram em sua produção? Quais foram os resultados da obra no ambiente onde ela foi lida? Para se obter respostas a essas perguntas, é necessário seguir os procedimentos propostos pelos teóricos da Historiografia da Linguagem, que vamos mencionar em seguida. São eles que irão guiar a pesquisa, seja em sua fase inicial (apontando quais são as perguntas que devem ser feitas), conduzir o procedimento e apontar os objetivos.

Iniciaremos apresentando os procedimentos apontados por Swiggers (2013), que constituem na organização geral do trabalho por meio de seu organograma, sugerido em “A Historiografia da Linguística: Objeto, Objetivos, Organização”. Basicamente, trata-se dos passos que devem ser tomados pelo historiógrafo a fim de que, através do manejo correto das fontes e da bibliografia, a pesquisa seja coerente e cientificamente aceitável. Swiggers (2013) menciona duas exigências para que se faça essa organização nos padrões da Historiografia da Linguagem:

I - A primeira é a de incluir a tarefa historiográfica em um “organograma” historiográfico.

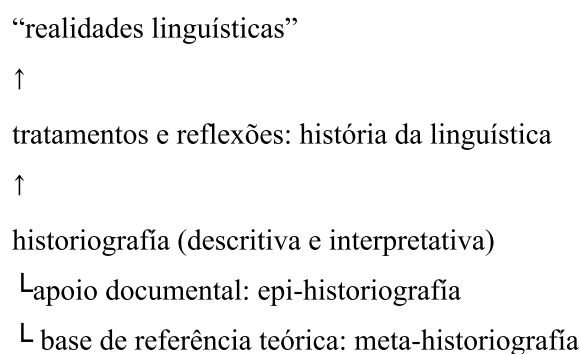
Para isso, é indispensável definir o conteúdo de três planos: o plano das realidades linguísticas que formam o “substrato” de atividades práticas e teóricas por parte dos que se podem denominar “atores” da história da linguística; e é essa história que constitui o objeto de análise e de descrição para a historiografia da linguística. Essa última se apoia, ademais, em uma

documentação biobibliográfica e contextual – é o que se elabora como epi-historiografia – e se erige, em perspectiva metodológica e epistemológica, sobre uma meta-historiografia.

Swiggers (2013, p. 44)

Esse organograma é apresentado no quadro abaixo, onde é possível ver como cada um dos fatores mencionados se relacionam:

TABELA 1 - Organograma de Swiggers

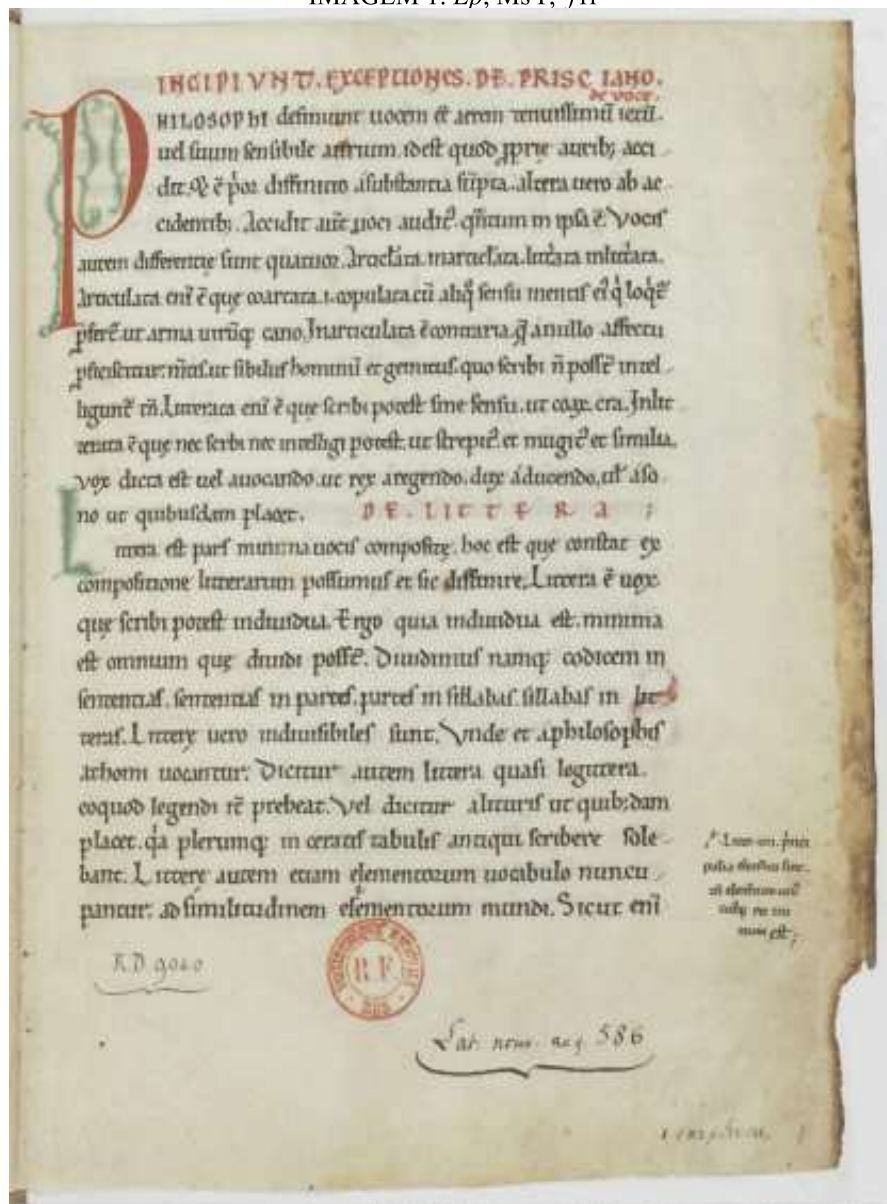


Fonte: Swiggers (2013, p. 44).

O primeiro elemento que Swiggers (2013) aponta, na construção do organograma, é o estabelecimento do “plano das realidades linguísticas”, os fatos linguísticos que formam a base, o “substrato” das teorias linguísticas que foram formadas. No caso de nosso trabalho, trata-se da língua latina aplicada em seu contexto de ensino na Idade Média, as ideias linguísticas da época que estavam por trás da produção da obra e que guiavam o autor, as correntes intelectuais do contexto histórico e linguístico no qual ele se encontrava e as que vieram antes e influenciaram sua formação, como a *Ars grammatica*; como já dissemos, o texto mesmo que constitui o objeto deste trabalho é um recorte e edição de um dos mais importantes textos da última corrente citada, a *Ars Prisciani*. Para que se conheça essas realidades linguísticas, porém, é necessário o acesso à documentação histórica; deve-se conhecer o texto, observar e analisar os manuscritos; trata-se da chamada epi-historiografia, a documentação bibliográfica e contextual. Em nosso caso, o apoio documental que constitui a epi-historiografia, nosso próprio objeto de pesquisa, é a obra *Excerptiones de Prisciano*, na edição de David W. Porter, baseada nos manuscritos sobreviventes: Paris, Londres e Antuérpia e Chartres. Como exemplo, apresentamos a primeira página do manuscrito de Paris. Note-se que é possível avaliar diversas características: estilo de escrita, configuração da página,

comentários e glosas marginais e interlineares, decoração, etc:¹

IMAGEM 1: *Ep*, Ms P, flr



Fonte: gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Département des Manuscrits. NAL 586

Essa mesma base documental, unida aos textos referentes ao assunto, constituem os objetos de análise e reflexão que, seguindo os critérios da historiografia da linguística, nos

1

³ O manuscrito constitui o mais importante objeto de estudos no qual a epi-historiografia, para a historiografia da linguagem, se baseia, sendo o seu texto o principal foco de atenção e todas as outras leituras e reflexões têm ele como centro.

levarão à obtenção das respostas às perguntas feitas anteriormente e formarão os capítulos seguintes, conforme explicaremos melhor adiante. A meta-historiografia consiste no exercício feito já neste capítulo quando analisamos os procedimentos, critérios metodológicos e objetivos da historiografia da linguagem. Sendo a epi-historiografia um dos principais elementos dentre esses citados por Swiggers, e para se fazer uma análise coerente, podemos considerar certas circunstâncias da obra estudada:

I - Sua inserção em um “circuito” mais amplo: (...) (a) intertextualidade, (b) polissistema de textos e (c) “serialidade” (série de textos).

II - Sua “posição”, isto é, sua avaliação contemporânea ou retrospectiva: (...) cânon (cânon de autores/ de textos/ de aproximação): formação (e modificação) do cânon, crítica do cânon: (...) integração (ou não integração) institucional.

III - Sua “composição e tonalidade”: (...) estrutura global dos textos linguísticos (a respeito disso. pode-se falar de morfótipos de textos): (b) da (natureza da) argumentação: (c) da “modalidade” elocutiva (textos [com aspectos] mais ou menos apodícticos: textos [com aspectos] polêmicos: textos [com aspectos] dubitativos: textos puramente informativos).

IV - Seu “papel dinâmico” (ou “força”): os textos-fontes. tanto em sua concepção quanto em sua recepção (ainda que não haja sempre uma correspondência unívoca entre ambos os polos) não têm o mesmo papel dinâmico. Aqui se podem distinguir vários dinamótipos: textos de “ação” (textos programáticos ou textos que oferecem aplicação (inovadora) de uma abordagem). textos de síntese, textos de “diluição” (são textos que oferecem uma versão/aplicação “diluída” de uma teoria), textos de “reação” (este dinamótipo inclui traduções, resenhas, críticas efetivas, divagações críticas a partir de um “estímulo”. textos de “entorno” (por exemplo. notas. correspondência!?, prefácios etc.).

Swiggers (2013, p. 41)

A partir dessas reflexões, podemos compreender melhor o texto e a ideia linguística por trás, através da análise do texto selecionado, ou seja, as *Excerptiones de Prisciano*, o estudo de autores e correntes de pensamento contemporâneos ao texto, a vida, escola de pensamento e obra do autor; o modelo que constitui o texto em questão, bem como a observação de textos contemporâneos que sigam o mesmo modelo, possibilitando também a inserção da obra em certa escola de pensamento; o contexto histórico e político no qual a obra surgiu e as teorias que deram origem ao pensamento “linguístico” contido na obra, construir uma história da teoria gramatical referente ao corpus aqui estudado. Sendo assim, a disciplina da Historiografia da Linguística fornece o melhor aporte teórico metodológico para esta pesquisa, como vamos explicar a seguir, seguindo os princípios dos teóricos já mencionados e como estes aqui se aplicam. Assim, a partir dos resultados obtidos com a aplicação dos métodos da historiografia, constituímos a história.

Este trabalho, ainda que trate de uma obra do século X do ocidente europeu, deve seu

objeto de estudo à produção dos chamados gramáticos latinos, dos séculos IV e V, e é impossível compreender a origem e o impacto do texto aqui tratado sem voltar aos autores clássicos; de fato, as *EP*, ainda que uma obra medieval, tem quase toda a integralidade do seu texto produzida pelo autor que lhe dá o título. Portanto, não só nos debruçaremos sobre o entendimento linguístico do sábio medieval como também retornaremos àqueles que constituíram a sua fundação.

I- Reconstruir: o esforço de reconstruir um ideário dentro de um campo disciplinar impõe que o trabalho se conecte com a metodologia (da história) das ciências.

II Ideário linguístico: para chegar-se a uma compreensão adequada e fundamentada do ideário linguístico, é preciso ter formação de linguista”.

III - Trajetória: para poder estudar um (tipo de) trajetória, é indispensável dispor de uma visão histórica relativamente ampla.

IV- Análise de textos: para que se proceda a uma análise de textos, são imprescindíveis (a) uma base heurística e (b) alguns fundamentos hermenêuticos. V- Contexto: este item significa que o trabalho seja relacionado com a história intelectual e com a história socioeconômica.

Swiggers (2013, p. 43)

A proposta da Historiografia da Linguística pode ser sumarizada em alguns conceitos; devemos buscar, em nossa pesquisa, os fatores intrínsecos e extrínsecos (Koerner, 1989) que tiveram participação na formação de determinado pensamento linguístico. Ambos são importantes para se compreender corretamente tanto determinado pensamento quanto a origem de determinada obra, que é o que constitui o objeto de estudos da Historiografia da Linguística. Tal visão a respeito dos fatores intrínsecos e extrínsecos se relaciona bem com os princípios apresentados pelo próprio Koerner (1995), principalmente os dois primeiros; a saber, o princípio da Contextualização e o princípio da Imanência.

A relação entre esses dois apresenta uma certa dependência, pois é claro que um determinado pensamento ou ideia não surge sozinho, mas também se desenvolve sob a influência de fatores externos a questões da linguagem. Por exemplo, sabemos que a tradição gramatical medieval utilizou-se da *Ars grammatica* da Antiguidade tardia, e sabemos disso a partir da observação tanto dos fatos de que essas constituem gramáticas normativas do idioma latino, que eram utilizadas com propósitos educacionais e que boa parte do material gramatical produzido na primeira metade da Idade Média não era mais do que cópias ou edições das gramáticas antigas, como explicita o próprio nome da obra aqui tratada, cujos autores alcançaram grande status como principal referência no assunto (Irvine, 1994, p. 162; Law, 1982, p. 53). Por outro lado, fatores extralinguísticos também ajudam a demonstrar essa realidade, como a continuidade da educação das disciplinas latinas, preservada especialmente

pela Igreja e pelas ordens monásticas, com um fim principalmente religioso, e a influência de caráter político, como na atuação de Carlos Magno durante a renovação dos estudos latinos no Renascimento Carolíngio (Irvine, 1994, p. 305-306).

A partir dessas considerações, podemos entender melhor o princípio da Contextualização, que aborda as circunstâncias linguísticas e históricas no qual uma obra foi criada a fim de ajudar a se estudar o pensamento linguístico que a influenciou. É o que Koerner (1995) chama de “clima de opinião”, como dissemos anteriormente, ou seja, as correntes intelectuais da época que carregam as ideias e conceitos referentes à obra e ao autor unida ao contexto histórico.

O primeiro princípio para a apresentação das teorias linguísticas propostas em períodos anteriores (pré século XX) diz respeito ao estabelecimento de um “clima de opinião” do período em questão. Ideias linguísticas nunca se desenvolveram independentemente de outras correntes intelectuais do tempo. [...]. Por vezes, a influência da situação socio-econômica e mesmo política deve ser levada em consideração. [...] O primeiro guia deve ser chamado de “princípio da contextualização”.

(KOERNER, 1995, p. 41)

No caso das *Ep*, trata-se do pensamento gramatical em voga no período carolíngio e entre os anglo-saxões, como já mencionamos. Porém, esse mesmo pensamento linguístico não se originou exclusivamente a partir desses círculos intelectuais, mas teve sua origem muito antes, na *Ars grammaticae* do período tardio da Antiguidade e início da Idade Média. O próprio contexto político, cultural e religioso, que se desenvolveu e se consolidou durante séculos e influenciou fortemente o pensamento gramatical medieval e a confecção das *Ep* eventualmente, de modo um estudo desses fatores é importante para uma melhor compreensão da obra.

O segundo princípio da pesquisa historiográfica diz respeito a um entendimento histórico e linguístico do texto. Isso requer que se adquira, através da pesquisa, a compreensão do pensamento linguístico da época para melhor compreender a própria obra, o quanto possível, da mesma maneira pela qual o autor mesmo a compreende. Um dos requisitos para isso é a abstração do linguista de suas próprias ideias linguísticas contemporâneas a fim de se evitar anacronismos.

O próximo passo que o historiógrafo da linguística deveria tomar consiste no empreendimento para se estabelecer uma compreensão completa, tanto histórica quanto crítica, talvez mesmo filológica, do texto linguístico em questão. Não é necessário dizer que ele ou ela deve fazer uma abstração de seu conhecimento linguístico e compromissos na linguística. O quadro geral da teoria sob investigação, assim como a terminologia empregada no texto,

devem ser definidos internamente e não com referência à doutrina linguística moderna. Esta consideração deve ser chamada de “princípio da imanência”.²
(KOERNER, 1995, p. 41, t.n.)

Para isso, olhamos para o pensamento gramatical contemporâneo ao documento, imerso no contexto do Renascimento Carolíngio e da educação monástica na Inglaterra anglo-saxã, ambos voltados ao ensino da língua latina, além de lançar um olhar para outras obras contemporâneas similares. A análise de obras de outros autores da época ou de textos ligados às *EP*, como as *EAGA*, mencionadas na introdução, pode ajudar a entender os objetivos da obra e a sua aplicação prática. A principal atividade, porém, será concentrar a pesquisa no próprio texto, comparando-o às *IG*, que lhe deram origem, observando os recortes e edições do compilador, analisando os manuscritos e seus scholia para identificar traços do pensamento linguístico da época.

O terceiro princípio, chamado de princípio da “adequação”, sugere uma abordagem contemporânea da obra, a partir do ponto de vista linguístico das teorias atuais de forma a se obter uma aproximação dos conceitos, ideias e terminologias. Não dedicaremos um capítulo exclusivo para a aplicação deste princípio, não sendo esse o objetivo deste trabalho; não obstante, esse princípio será utilizado na tradução, por exemplo, dos termos gramaticais, uma vez que eles não são perfeitamente equivalentes. Para a tradução terminológica de categorias gramaticais latinas, utilizamos Schad (2007).

Apresentamos abaixo o texto de Koerner (1995, p. 18), onde menciona os princípios definidos por ele:

apenas após os dois primeiros dois princípios tiverem sido seguidos sucintamente de modo que um dado pronunciamento linguístico tenha sido entendido dentro de seu contexto histórico, o historiógrafo deve se aventurar a introduzir aproximações modernas do vocabulário técnico e do quadro conceitual presente no trabalho em questão. Talvez possamos chamar esse último passo de “princípio da adequação”.³

(Koerner, 1995, p. 18. Tradução nossa).

Terminamos com procedimentos elencados por Swiggers (2013), em que ele fornece as fases que devem fazer parte do processo de pesquisa da obra e de seu contexto, para que assim

²The next step the linguistic historiographer should take consists of endeavouring to establish a full understanding, both historical and critical, maybe even philological, of the linguistic text in question. It goes without saying that s/he must make abstraction from her/his own linguistic background and present-day commitments in linguistics. The general framework of the theory under investigation as well as the terminology used in the text must be defined internally and not with reference to modern linguistic doctrine. This consideration may be called the 'principle of immanence'.

³ Only after the first two principles have been followed succinctly so that a given linguistic pronouncement has been understood within its original historical context, the historiographer may venture to introduce modern approximations of the technical vocabulary and conceptual framework presented in the work in question. Maybe we could term this last step the 'principle of adequation'.

possamos ter uma ideia mais clara a respeito da estrutura deste trabalho e do rumo que a pesquisa irá tomar nos capítulos seguintes. Inicialmente, catalogam-se as informações necessárias. Trata-se de buscar as fontes, encontrar o texto e estudá-lo em seu contexto, considerando as ideias linguísticas por trás dele. Esta é a fase que o autor chama de heurística:

a) uma fase heurística, que compreende as seguintes tarefas: informar-se sobre as fontes e sua disponibilidade: ler os textos-fontes: “catalogar” ideias, os pontos de vista e a terminologia: contextualizar as ideias, os termos.

Swiggers (2013, p. 43)

Neste trabalho, foi necessário buscar acesso ao texto que estamos estudando, o *Excerptiones de Prisciano*, conseguido através da edição crítica editada por David W. Porter, como mencionamos, além de procurar os manuscritos que serão analisados na segunda parte deste trabalho. O restante da bibliografia pesquisada foi baseada no autor e no pensamento linguístico identificado como dominante a partir do estudo do contexto da produção da obra.

A segunda fase, a hermenêutica, na qual se faz a interpretação do material. A partir do estudo do texto e do contexto, explica-se o pensamento linguístico do autor contido no texto:

b) uma fase hermenêutica. que consiste em uma interpretação que sempre se fundamenta no uso de categorias interpretativas. Aqui se pode fazer a distinção entre categorias gerais (os conceitos que fazem parte da metodologia geral) e categorias específicas (os conceitos que constituem a metodologia específica). Há de destacar-se o fato de que a interpretação implica uma dimensão comparativa, porque (quase sempre) se trata de relacionar conceitos/autores/modelos.

Swiggers (2013, p. 43-44)

Aqui entram também as comparações com outros textos contemporâneos, a análise dos manuscritos, observando as anotações e comentários no texto, por exemplo, no caso dos *scholia*. Essa é a fase na qual se aplica o princípio da imanência mencionado por Koerner. Parte desse esforço se encontra também nos capítulos nos quais analisamos o contexto no qual a obra se insere, tanto o mais geral (a *Ars grammaticae*) como o mais imediato (o pensamento gramatical medieval anglo-saxão e carolíngio), uma vez que, revelando o pensamento do autor/compilador da obra estudada, podemos ter uma maior clareza a respeito do que se procurar, analisar e refletir ao pesquisarmos a obra, como explica Swiggers na citação acima a respeito da dimensão comparativa ao relacionarmos as ideias, o autor e os modelos gramaticais vigentes.

Por fim, a fase executiva, na qual se demonstram os resultados obtidos pelo pesquisador. Essa fase é dividida por Swiggers em três dimensões, através das quais os

resultados seriam apresentados: o formato de exposição, a intencionalidade do historiógrafo e o programa cognitivo. A exposição dos resultados pode ser feita de maneira sequencial, narrativa; pode ser apresentada de forma “tópica”, com foco em um tema ou problema; de maneira combinatória, analisando o contexto e o conjunto de ideias linguísticas em determinada época. Essa última é a que se aproxima mais da nossa pesquisa e se acomoda melhor aos nossos objetivos.

A dimensão a respeito da intencionalidade diz respeito ao tipo de abordagem que o historiador pode utilizar com relação ao material. Trata-se de como ele pode aplicar a metodologia, ou ainda mais, qual método ele deseja aplicar em sua pesquisa:

(...) aqui se apresenta a possibilidade de optar por uma historiografia (meramente) taxonômica ou classificadora, polêmica ou apologética, teleológica, exegetico-crítica: em cada uma das opções, influem considerações (e pressuposições) sobre o que é (ou seria) mais ou menos científico/válido/adequado/relevante no campo da linguística e, em plano mais geral, das ciências humanas (cf. Bunge. 1974; Laudan, 1984).

Swiggers (2013, p. 44)

Dentre as possibilidades mencionadas, a que mais se aproxima de nossa proposta é a exegetico-crítica: de fato, pretendemos, com a nossa pesquisa, apresentar os objetivos do compilador da obra e todo o contexto intelectual que influenciou na confecção desta, além dos possíveis resultados e influências que a existência da *EP* pode ter trazido ao pensamento gramatical latino medieval.

Por fim, o autor, tratando a respeito da dimensão do programa cognitivo, trata a respeito dos tipos de historiografia. Dentre as citadas, a que se aproxima de nossa proposta é a historiografia correlativa:

c₃₅) uma historiografia “correlativa” (estudo das relações entre teorias e das correlações entre pontos de vista, no âmbito da linguística, e o contexto sociocultural, político, institucional”).

Swiggers (2013, p. 45)

Assim, podemos explorar algumas dimensões pelas quais faremos a exposição desses resultados. Swiggers (2013) elenca 3 dimensões, a do *formato de exposição*, a da *intencionalidade do historiógrafo* e a dimensão do *programa cognitivo*, que ele explica em seguida, mas por motivos de brevidade, apenas informaremos a maneira como planejamos tal exposição: quanto à primeira exposição, seguiremos uma forma combinatória, que analisa o contexto e o conjunto de pontos de vista em certo período da história da linguística, ou seja, analisaremos os diversos pensamentos linguísticos relevantes para a nossa pesquisa em seu

próprio contexto histórico.

Quanto à segunda, a da intencionalidade do historiógrafo, adotaremos uma historiografia taxonômica, classificadora, elencando o lugar das *Ep* no contexto do pensamento linguístico e histórico, aplicando a mesma abordagem aos pensamentos e filosofias linguísticas que se mostrem relevantes, bem como a outras obras específicas das quais valha a pena tratar para o nosso objetivo. Finalmente, quanto à terceira dimensão, apresentamos uma historiografia “nocional-estrutural”, pela qual analisamos o objeto dentro das ideias e do tipo de escolas de pensamento de sua época, assim como ideias e pensamentos anteriores que influenciaram na sua formação.

Assim, seguindo as instruções desses teóricos, podemos estruturar nossa pesquisa de modo a não só compreender a obra, as doutrinas linguísticas que a formaram e a filosofia ou pensamento compartilhado por seu autor, mas também compreender o contexto linguístico relacionado à sua produção, bem como as doutrinas gramaticais que se desdobraram no decorrer da história e “culminaram”, da nossa perspectiva de historiógrafos, na existência da obra *Excerptiones de prisciano*.

A categoria dos verbos não é tão estudada e analisada quanto a categoria dos nomes, que apresenta um aporte filosófico interessante para a pesquisa. Além disso, o capítulo a respeito dos verbos das *Excerptiones de prisciano* apresenta um potencial interessante de pesquisa, uma vez que a obra foi adaptada para o inglês antigo pelo longe Ælfric de Eynsham, em sua gramática latina *Excerptiones de arte grammatica anglice*. Dessa forma, esse recorte apresenta um potencial para uma futura análise comparativa entre o texto latino e o texto em anglo saxão, uma vez que Ælfric se vê na necessidade de explicar as categorias gramaticais latinas em seu próprio idioma vernáculo.

2. A RECEPÇÃO DA *ARS GRAMMATICA* NA IDADE MÉDIA

As *Excerptiones de Prisciano* foram escritas no século X (Porter, 2002), baseadas nas *Institutiones grammaticae* (atualmente reconhecidas no meio acadêmico como *Ars Prisciani*), da qual excertos são retirados para a confecção de um texto mais enxuto e adequado às necessidades da época. As *Excerptiones* fazem parte de um processo de mudança na tradição gramatical medieval, antes fundada principalmente em Donato e de caráter primariamente escolar e pedagógico, que passa a ter Prisciano como a maior referência de autoridade com relação à língua latina (Hovdhaugen, 1995).

Adotando Prisciano, os esforços intelectuais se voltam para a sintaxe e a relação da lógica com a linguagem, desenvolvendo um rico processo de especulações filosóficas a respeito da linguagem (Luhtala, 1993 p.146). Ao mesmo tempo, seu formato conciso e uso para o ensino demonstram continuidade com a tradição pedagógica anterior, voltada para o aprendizado de latim e tratando predominantemente da morfologia latina, com seus capítulos estruturados ao redor das oito partes da oração (Porter, 2002). Além disso, sua tradução pelo pregador e educador Ælfric de Eynsham para alunos jovens, com fins claramente pedagógicos, demonstra a continuidade com a prática escolar e pedagógica. Portanto, ao se estudar o documento das *Ep* e o contexto histórico no qual foi produzido, pode-se observar o papel da cultura gramatical em sua confecção, especialmente através da Reforma Beneditina (Irvine, 1994; Law, 1997; Porter, 2002).

É interessante notarmos que não houve uma revolução científica no desenvolvimento da gramática medieval, mas sim um processo de ‘continuidade’, nos termos de Koerner (2014, p. 56). O que estudamos aqui, portanto, pode ser visto, de maneira geral, como uma continuidade da “tradição” gramatical do período tardio romano; pode-se ainda tratar do conceito da recepção dessa mesma tradição. Por se tratar de uma recepção, trará elementos próprios de seu contexto, mas, de maneira geral, apresenta uma continuidade. Ainda, Auroux (1992, p. 35), traz o conceito de revolução da gramatização para designar dois eventos importantes: o surgimento da escrita e a gramatização massiva das línguas do mundo, que surgiu da própria tradição greco-latina. Assim, é fortalecida a ideia da continuidade entre os estudos da língua no mundo antigo, no período latino tardio e na Idade Média.

A partir dessas observações iniciais, podemos verificar o clima de opinião referente à época da escrita das *Ep*, e observar alguns dos processos mais importantes que levaram à sua produção e que tiveram parte nas escolhas de seu compilador: a tradição gramatical latina tardia, incorporando o centro da doutrina gramatical, e a medieval cristã, adaptando

pedagogicamente a gramática de Prisciano, renovando os estudos latinos e trazendo novos autores em questão (Law, 1982, p. 37).

2.1 O MODELO GRAMATICAL MEDIEVAL

Neste subcapítulo, trataremos um pouco sobre a disciplina da gramática nos primeiros séculos do Medievo, estudando brevemente sua estrutura a fim de termos uma visão mais compreensiva da gramática medieval e de suas características presentes nas *Ep*. Este subcapítulo não pretende de forma alguma ser exaustivo do assunto, mas apenas pretende apresentar uma visão de alguns elementos e categorias gramaticais que se podem ser observados na produção textual das gramáticas latinas medievais, inclusive em elementos concretos nos manuscritos. Apresentaremos ao final do subcapítulo algumas referências para uma pesquisa mais profunda dos assuntos.

2.1.1 A *Ars grammatica*

A cultura escrita no ocidente era dominada pela disciplina da *grammatica* por 1200 anos, desde o período clássico tardio até o início da Renascença. Dizer que a *grammatica* dominava a cultura textual significa dizer que o acesso aos textos escritos, inclusive o das outras disciplinas do currículo clássico, devia-se à disciplina (Irvine, 1994, p. 1). Isso, porém, implica em outra realidade. O aprendizado da gramática, com todas as suas categorias e estruturas, estava conectado, ao menos no ocidente latino, ao aprendizado do latim, de forma que o conhecimento e a cultura textual no geral estavam ligadas ao domínio da língua latina.

No auge do poder imperial em Roma, *grammatica* estava serviço da oratória e da literatura (Law, 2003). Varrão (116-27 a.C.) e Quintiliano (35-95 a.C.), dois dos principais autores do período clássico, apresentam em seus escritos o objetivo do estudo da gramática como a capacidade de se falar bem (*recte loquendi scientia*) e a interpretação dos poetas (*poetarum enarratio*). O discurso público era, para um estudante romano, uma das principais habilidades que deveria desenvolver em sua carreira, de forma que a educação romana se dirigia ao domínio da linguagem (Law, 1982, p. 11). Tais estudos da linguagem teriam como principal objeto as obras literárias que formavam um cânon da cultura romana (Law, 1986, p. 367).

A maioria dos textos gramaticais que viriam a ser conhecidos como *Ars grammatica* foram produzidos entre os séculos III e VI d.C. Seu principal objetivo era fornecer uma descrição da língua latina, oferecendo uma metalinguagem e método para a análise dos textos

considerados canônicos, assim como para os gregos e as suas respectivas literaturas. Compartilhando o apego a suas respectivas heranças culturais e literárias, os estudantes romanos, ao abordarem a literatura latina, possuíam necessidades semelhantes às dos gregos ao lerem seus épicos e tragédias, e viriam a adotar o modelo básico da gramática grega que encontravam entre os gramáticos helênicos (Hovdhaugen, 1995, p. 115).

Esse modelo está baseado nas categorias gramaticais apresentadas pelo gramático grego Dionísio da Trácia, autor da Τέχνη Γραμματική (Téchne Grammatiké), que pode ser traduzida para o latim como *Ars grammatica*. É necessário destacar que “gramática” possuía um sentido mais amplo do que o que tem hoje. Durante a Antiguidade, “gramática” significava “crítica literária” de todos os textos antigos importantes. As preocupações literárias dos gramáticos gregos envolviam a leitura em voz alta correta, a compreensão de palavras difíceis e o criticismo textual ou literário e a preocupação com o verdadeiro significado das palavras (etimologia) Law (2006, p. 54). Assim, a gramática se preocupava com o estudo da estrutura e do uso correto da língua latina, mais perto do que consideraríamos “gramática”, e os instrumentos de interpretação das obras literárias. Gneuss (1990, p. 4, t.n.) aborda o papel principal das duas categorias que dividiram a *Ars grammatica*:

Primeiro, ela parecia cumprir o objetivo prático de ensinar os estudantes a *ratio recte scribendi et loquendi*. Depois, como *scientia interpretandi*, a gramática servia ao propósito mais nobre de abrir as portas para a crítica literária e, posteriormente, para a exegese bíblica; essa é uma tradição que remonta em última análise a Dionísio de Trácia.⁴

A primeira divisão, *ractio recte scribendi et loquendi*, está relacionada ao estudo das estruturas do idioma, considerando elementos como letras, sílabas, sintaxe e morfologia. Como dissemos, essa categoria envolve o que se considera como gramática atualmente, e aborda assuntos de teor mais linguístico, especialmente as partes do discurso. Na própria gramática de Dionísio essa será a categoria mais estudada, superando consideravelmente a discussão a respeito das ferramentas de interpretação da *scientia interpretandi*, de modo que ela constituirá, na prática, o corpo principal da disciplina para os gramáticos latinos tardios e medievais (Beccari, 2007, p. 18).

As partes da oração, durante o período de produção da *Ars grammatica*, estariam consolidadas em uma determinada ordem de apresentação: nome, pronome, verbo, advérbio,

⁴ First it was seen to fulfil the practical aim of teaching its students the ratio recte scribendi et loquendi. Secondly, as scientia interpretandi, grammar served a higher purpose in opening the doors to literary criticism and, later, to biblical exegesis; this is a tradition that goes back ultimately to Dionysius Thrax.

particípio, conjunção, preposição, interjeição (Luhtala, 1995, p. 122). Elas se tornaram o principal objeto das reflexões metalinguísticas latinas, nas quais imperava a análise morfológica, e a estrutura da gramática se construía geralmente ao redor dessas categorias. Por boa parte das gramáticas, tanto do período tardio latino, quanto da primeira metade da Idade Média, possuem como principal e mais abundante assunto as partes do discurso, como é o caso da *Ars minor*, de Donato. Freitas (2016, p. 51-52) comenta que a noção da gramática produzida com foco ao redor das partes da oração fez com que o seu estudo fosse considerado a principal função do *grammaticus*:

A fixação de um modelo de *ars grammatica* proporcionou inúmeras indagações acerca do trabalho do gramático, uma vez que as partes orationis (partes da oração) (...) passaram a ser consideradas por alguns gramáticos como o único e principal ofício do profissional de letras.

2.1.2 Donato e Prisciano

As principais obras que representam melhor a *Ars grammatica* latina foram escritas pelo gramático Élio Donato (c. 310-363 d.C.), que exerceu seu ofício em Roma entre os anos de 354 e 363 d.C. (Fortes, 2016) e por Prisciano de Cesaréia (séc. V-VI d.C.). Por isso, apresentaremos um breve comentário sobre esses dois autores e sua relevância no contexto da *Ars grammatica*. Achamos importante esta seção pois esses autores são relevantes no que concerne à gramática medieval e ao conteúdo textual das *Excerptiones de prisciano*.

2.1.2.1 Donato

A *Ars grammatica* de Donato, escrita cerca do ano 350 d.C (Law, 2003, p. 65) era dividida em duas partes, a *Ars minor* e a *Ars maior*. A primeira, orientada para estudantes iniciantes, era organizada em formato catequético, de perguntas e respostas, e lidava exclusivamente com as oito partes do discurso. Reproduzimos, abaixo, o começo da *Ars minor* demonstrando a abordagem do gramático das partes do discurso e o caráter conciso de sua obra:

quantas são as partes da oração? oito
quais? nome pronome verbo advérbio particípio conjunção preposição
interjeição.

A RESPEITO DO NOME

o que é o nome? é a parte da oração com caso, significando pessoa ou coisa de modo particular ou geral.

(Keil, 1864, IV, p. 355, 1-6, t.n.)⁵

Como podemos observar no exemplo acima, o texto da *Ars minor* era bastante acessível por sua abordagem direta da língua sem explicações muito detalhadas e com uso conciso de exemplos. Um fator que demonstra a característica tão direta da obra é o fato de Donato conjugar apenas um verbo, *lego*, *-ere* (leio, ler) em toda a *Ars minor*. Sua obra se direcionava a falantes nativos de latim, de forma que as características morfológicas do verbo em questão poderiam ser aplicadas de modo geral aos outros com relativa facilidade pelos estudantes romanos (Law, 2003, p. 79). A fama e autoridade adquiridas por Donato e sua *Ars* contribuem para que seu texto seja o principal exemplo do gênero de texto chamado *Schulgrammatik*⁶, e consolidam definitivamente as oito partes da oração como base das reflexões sobre a gramática pelo resto do período da Antiguidade Tardia e pela Idade Média (Freitas, 2016).

A *Ars maior* de Donato divide-se em três partes e é organizada de modo que se tem uma estrutura hierárquica ascendente (Law, 2003), iniciando, na primeira parte, por questões preliminares (Law 1982): voz, letra, sílaba, métrica, acento e pontuação; na segunda, trata das partes da oração; na terceira, fala de barbarismos, solecismos, outros vícios, irregularidades, figuras retóricas e tropos. Algumas das características que encontramos em sua obra, como o tratamento direto da língua e a falta de exemplos paradigmáticos da morfologia latina, como a presença da conjugação de um único verbo, por exemplo, algo que nem mesmo a própria *Ars maior* “remediou”, nos termos de Law (1982), contribuíram para a confecção de obras pertencentes a outros gêneros gramaticais além da *Schulgrammatik*. Isso fazia com que Artes como as de Donato se tornassem insuficientes ou mesmo deficientes para o ensino de latim a alunos não falantes do idioma, como mostra Law (2003, p. 80, t.n.):

O que as gramáticas de Donato conseguiram foi prover um inventário de

⁵ Partes orationis quot sunt? Octo. Quae? Nomen pronomen verbum adverbium participium coniunctio praepositio interiectio.

DE NOMINE.

Nomen quid est? Pars orationis cum casu corpus aut rem proprie s communiterve significans.

⁶ Trata-se de obras organizadas em uma estrutura sistemática na qual se define cada parte do discurso e suas propriedades, que são também discutidas uma a uma (Law, 1997, p. 54). Law (2003, p. 65, t.n.), cita quatro características que representam esse gênero gramatical: estrutura rigorosamente hierárquica; estrutura sistemática em capítulos; organização lógica refletindo a estrutura lógica presumida da linguagem; tendência de categorias semânticas de primeiro plano e correspondentemente para relegar categorias formais ao segundo plano ou omiti-las todas completamente. - rigorously hierarchical structure; systematic structure within chapters; logical organisation reflecting the presumed logical structure of language; tendency to foreground semantic categories and correspondingly to relegate formal categories to second place or omit them altogether.

noções básicas como gênero, derivação, composição (...). O que elas não conseguiram foi prover uma descrição compreensiva da morfologia flexional do latim. Os paradigmas são insuficientes para exemplificar tantos padrões flexionais dos nomes, verbos e participios latinos (...) Em resumo, qualquer falante não nativo tentando aprender latim como língua estrangeira a partir dessas gramáticas sozinho iria falhar (se não fosse desencorajado de vez pelo fato de que elas estão em latim do começo ao fim).⁷

Outro gênero gramatical comum desse período são as *regulae*, regras, ou ainda, mais semelhante à nossa terminologia, paradigmas (Law, 2003). Elas eram constituídas por listas de flexão de palavras, apresentando, portanto, os paradigmas morfológicos que muitas vezes faltavam às gramáticas da *Schulgrammatik*, organizadas sob critérios como ordem alfabética, gênero, declinação, conjugação (Law, 1986). De fato, as *Regulae* muitas vezes serviam como materiais de consulta, complementares às gramáticas escolares. Elas apareceram em grande número entre os séculos V e VI, como resposta à necessidade emergente a partir do contato entre o latim e novos povos bárbaros que entravam no território do Império que se fragmentava. É interessante também ressaltar que, segundo Law (2003, p. 83), “virtualmente todos os textos sobreviventes das *regulae* foram escritos em áreas onde o latim não era a primeira língua da população”,⁸ o que evidencia a necessidade de complementaridade às gramáticas do tipo *Schulgrammatik*.

2.1.2.1 Prisciano

Prisciano nasceu no norte da África, na província da Mauritânia, e viveu entre a última metade do século V e a primeira do século VI. Sua vida encontra-se em um momento de transição entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, do mesmo modo como sua obra liga o período antigo ao medieval, representando “o cume e o fim da linguística romana” (Hovdhaugen, 1995, p. 115). Na introdução do livro “Priscien Transmission et refondation de la grammaire” (Baratin, 2009, p. IX), encontramos: “ele é um elo entre a Antiguidade que termina e o mundo medieval que vai nascer: ele representa um, e será uma das principais

⁷ What Donatus's grammars achieve is to provide an inventory of such basic notions as gender, derivation, composition (...). What they do not do is to provide a comprehensive description of the inflectional morphology of Latin. There are insufficient paradigms to exemplify the many different inflectional patterns of Latin nouns, verbs and participles (...) In short, any non-native speaker attempting to learn Latin as a foreign language from these grammars alone would fail (if not already discouraged by the fact that they are in Latin from start to finish).

⁸ virtually all the surviving *regulae* texts were written in areas where Latin was not the first language of the population

fontes de conhecimento do outro”.⁹ Sua obra é considerada o ápice da *Ars grammatica*, coletando e sistematizando séculos dos estudos linguísticos latinos (Hovdhaugen, 1995).

Exerceu seu ofício de gramático em Constantinopla (491-518), sob o imperador Anastácio. Lecionava latim para um público falante nativo de grego, porém, proficiente na língua latina, de acordo com Law (2003, p. 86). Verificamos, então, que o latim chegou a ser estudado por um povo falante de grego no que agora se tornou a parte mais poderosa do Império Romano. Fortes (2010, p. 53) ressalta essa informação ao afirmar que:

Gramáticas latinas destinadas a falantes não-nativos pressupunham, em geral, um conhecimento já avançado da língua – o que não nos permite reiterar, portanto, o argumento comum de que o latim falado nunca tivesse se concretizado em ambientes de fala grega, até à época de Prisciano, no início do século VI. (...) por ser um grande centro difusor da cultura romana, pelo menos para determinadas camadas sociais, existia uma situação de bilinguismo,”

Ao analisarmos a composição das obras de Prisciano, especialmente sua mais importante obra, *Ars Prisciani*, ficam claras as razões para as edições e cortes que sua obra, ao chegar ao ocidente, sofreu a fim de se adequar ao contexto pedagógico. A obra se divide em dezoito livros, dos quais os dois primeiros lidam com assuntos preliminares: *uox, littera, syllaba, dictio, oratio, partes orationis*. Os livros II a VII tratam a respeito do nome, enquanto VIII a X lidam com o verbo. O livro IX trata sobre o particípio, os livros XII e XII, dos pronomes, XIV cuida da preposição e XV do advérbio e interjeição, enquanto, por fim, o livro XVI se ocupa da conjunção. Os últimos dois, XVII e XVIII, tratam a respeito da sintaxe. É interessante notar que estes últimos dois costumavam ser copiados e circular separadamente do restante da obra (Law, 1982).

A primeira coisa que podemos notar ao observarmos a composição dos capítulos é a ordem de sua apresentação. Diferenciando-se da ordem adotada pelos romanos, com destaque para a influente obra de Donato (nome, pronome, verbo, advérbio, particípio, conjunção, preposição, interjeição), Prisciano escolhe seguir uma ordem diferente na composição de sua gramática: nome, verbo, particípio, pronome, preposição, advérbio, interjeição, conjunção. Tal escolha, especialmente quanto ao lugar do nome sendo seguido imediatamente pelo verbo, se deve à influência do gramático grego Apolônio Díscolo. A justificativa apresentada para se assumir tal ordem é, na verdade, filosófica: Apolônio defendia tal organização se tratava de uma ordem racional natural (Luhtala, 2009, p. 110, t.n.), uma vez que o nome e o verbo podem

⁹ À ce titre, il est un maillon entre l'Antiquité qui s'achève et le monde médiéval qui va naître: il représente l'un, il va être l'une des principales sources de connaissance de l'autre.

formar uma sentença completa e que o nome representa um corpo, propriedade da qual depende o verbo:

A ordem de Apolônio atribui um papel maior às principais partes do discurso, o nome e o verbo, pois eles podem formar uma sentença completa por si mesmos, sem as outras partes. Ele relaciona suas respectivas naturezas à corporeidade.

O nome é colocado antes do verbo, Argumenta Apolônio, pois o nome representa os corpos, nos quais a propriedade dos verbos depende, i.e., ação e passividade.¹⁰

Observa-se no texto de Prisciano a presença de um fundo filosófico que justifica a sua doutrina gramatical. Ao analisarmos trechos de sua obra, identificamos não um tratamento direto de cada assunto gramatical, mas a presença de explicações com relação à natureza das categorias gramaticais, tratando a respeito de seu conceito e até mesmo justificando a sua ordenação com relação a outros elementos na gramática. Vemos também que o gramático considera que muitas características dos elementos que acabamos de citar são originadas da própria natureza, semelhante ao modo como Prisciano cita Apolônio. O trecho abaixo, retirado da *Institutiones Grammaticae*, do segundo volume dos *Grammatici latini* (Keil, 1855, P. 421, 20-26; 422, 1-5) e contido nas *Excerptiones de prisciano*, ilustra bem essa característica do discurso gramatical de Prisciano:

23. O indicativo é o modo pelo qual indicamos ou definimos o que é feito por nós ou por outros; é colocado primeiro porque é perfeito em todas as coisas, tanto nas pessoas quanto nos tempos, e porque a partir dele próprio todos os modos recebem sua regra (...) e porque a primeira posição do verbo, que parece ser originada da própria natureza, está nesse modo, da mesma forma que o caso nominativo está nos nomes, e porque ele significa a substância ou a essência da coisa, que não está nos outros modos. Nem quem ordena, nem quem opta, nem quem duvida no subjuntivo representa a substância do ato ou da paixão, mas apenas as várias vontades da alma sobre algo sem a substância.¹¹

¹⁰ Apollonius' ordering assigns a major role to the principal parts of speech, the noun and the verb, because they can form a complete sentence on their own, without the other parts. He relates their respective natures to corporeality. The noun is placed before the verb, Apollonius argues, as nouns signify the bodies, on which the property of the verb depends, i.e. action and undergoing of action

¹¹ Indicativus, quo indicamus vel definimus, quid agitur a nobis vel ab aliis, qui ideo primus ponitur, quia perfectus est in omnibus tam personis quam temporibus et quia ex ipso omnes modi accipiunt regulam et derivativa nomina

Embora seja um assunto pertinente para o desenvolvimento da gramática carolíngia (Law, 1982, p. 103), o caráter filosófico da obra de Prisciano não é o nosso foco, como também não pretendemos abordar a fundo os próprios gramáticos latinos. Nosso objetivo agora foi apenas tratar a respeito da ordem das partes da oração em Prisciano. Como essa ordem será apresentada nas *Ep* e o que isso representa para o pensamento gramatical medieval é o que nos importa. Para abordagens mais aprofundadas dos temas tratados nesta seção, conferir: Fortes (2008; 2010), Fortes *et* Burghini (2021), Householder (1995), Hovdhaugen (1995), Martinho (2007).

sive verba vel participia ex hoc nascuntur, ut 'duco ducens duxi ductus dux', 'rego regens rexi rectus rex', 'ferveo fervens fervesco fervor', 'horreo horrens horresco horror', 'intellego intellegens intellexi intellectus', 'laedo laedens laesi laesus lacsio', et quia prima positio verbi, quae videtur ab ipsa natura esse prolata, in hoc est modo, quem admodum in nominibus est casus nominativus, et quia substantiam sive essentiam rei significat, quod in aliis modis non est. neque enim qui imperat neque qui optat neque qui dubitat in subiunctivo substantiam actus vel passionis significat, sed tantummodo varias animi voluntates de re carente substantia.

2.2. A *ARS GRAMMATICA* E OS MANUSCRITOS MEDIEVAIS

A outra categoria gramatical, das que comentamos anteriormente, cujas ferramentas possuem um importante papel nos estudos gramaticais e na abordagem aos textos denomina-se *scientia interpretandi*. Ela apresenta quatro subdivisões que atuam no estudo dos textos, tanto para os latinos tardios quanto para os medievais, e deixaram um registro concreto na forma de se produzir os manuscritos medievais, como as *Excerptiones*. Por isso, dedicamos este subcapítulo para estudá-la.

2.2.1 As ferramentas gramaticais de interpretação

A *Ars grammatica* proporcionava um modelo que poderia ser utilizado para “organizar e classificar as outras *artes*, posicionando a *grammatica* como a fundação e juíza de toda a ordem do conhecimento”¹² (Irvine 1994, p. 63, t.n.). Como o ensinamento dessas artes era transmitido em forma escrita, em textos, de forma que a habilidade de ter um mínimo acesso a seu conteúdo pela leitura e de interpretá-lo necessitava da gramática e de suas ferramentas. Dessa forma, diversas gramáticas medievais iniciavam com uma apresentação das outras artes liberais (Irvine, 1994, p. 65-66, t.n.):

Esses tratados mostram que a *Grammatica* era considerada uma introdução a todas as artes liberais por ao menos três motivos: o discurso racional ou discursividade como tal foi modelado pelo discurso escrito, as artes racionais foram transmitidas por escrito e entendia-se que a escrita necessitava conhecimento gramatical para sua interpretação. Vários tratados gramaticais medievais começaram com uma introdução a outras artes - *De Grammatica* de Isidoro de Sevilha (Livro 1 do *Etymologiae*), o tratado anônimo *Nunc de Grammatica dicamus*, o *Anonymus ad Cuimnanum*, a *Grammatica* de Alcuíno e a *Ars* de Clemente - e a inclusão deste assunto em tratados gramaticais produzidos nas Ilhas Britânicas e na Europa Carolíngia é baseado no modelo fornecido pelas artes enciclopédicas do final do Império.

Um dos principais textos utilizados como referência na primeira metade da Idade Média, as *Etymologiae*, de Santo Isidoro de Sevilha (560-636 d.C), apresenta a disciplina assim: *Grammatica est scientia recte loquendi, et origo et fundamentum liberalium litterarum*. Isso significa gramática pode ser dividida em categorias porque “era uma das *artes* racionais, ou

¹² (...) organise and classify the other *arts* positioning *grammatica* as the foundation and arbiter of the whole order of knowledge.

seja, uma das artes baseadas na em princípios sistemáticos e universais capazes de serem reduzidos em regras formais”¹³ (Irvine, 1994, p. 63).

As categorias que formam a *grammatica* estão relacionadas à leitura e escrita e à interpretação, oferecendo um aparato de análise do conteúdo literário presente nas obras consideradas canônicas e um instrumento de crítica textual para se julgar a transmissão dos textos literários zelando pela preservação de seu texto. Entre as categorias da *Ars grammaticae* a referente à *Scientia interpretandi* se divide em outras 4, que seguem os princípios da leitura, interpretação, correção e crítica: *lectio*, *enarratio*, *emendatio* e *iudicium*. Muitos autores medievais apresentaram essas ferramentas de interpretação gramatical no início de suas obras. Citamos aqui o modelo da *Ars grammatica* de Mário Vitorino (Irvine, 1994, p. 4, t.n.):¹⁴

O que é a gramática? A ciência de compreender os poetas e os historiadores e de escrever e de falar corretamente. Dita από των γραμμάτων, (isso é, a partir de suas letras) (...). Quantas são as funções da gramática? Quatro. Quais são? Leitura, interpretação, correção e criticismo. O que é a leitura? A pronúncia correta de acordo com a entonação e a necessidade do sentido. O que é a interpretação? A explicação de cada descrição de acordo com a intenção do poeta. O que é a correção? A correção dos erros dos poetas e falsidades. O que é o criticismo? A aprovação das coisas bem expressas.¹⁵

Essa divisão apresentada por Vitorino também pode ser encontrada na obra de outros gramáticos cristãos, e constitui o modelo gramatical utilizado durante a Idade Média. Apresentamos, na tabela abaixo, um modelo apresentando as categorias da *Ars grammatica*, fornecido por Irvine (1994, p. 69):

TABELA 2 - O modelo gramatical medieval

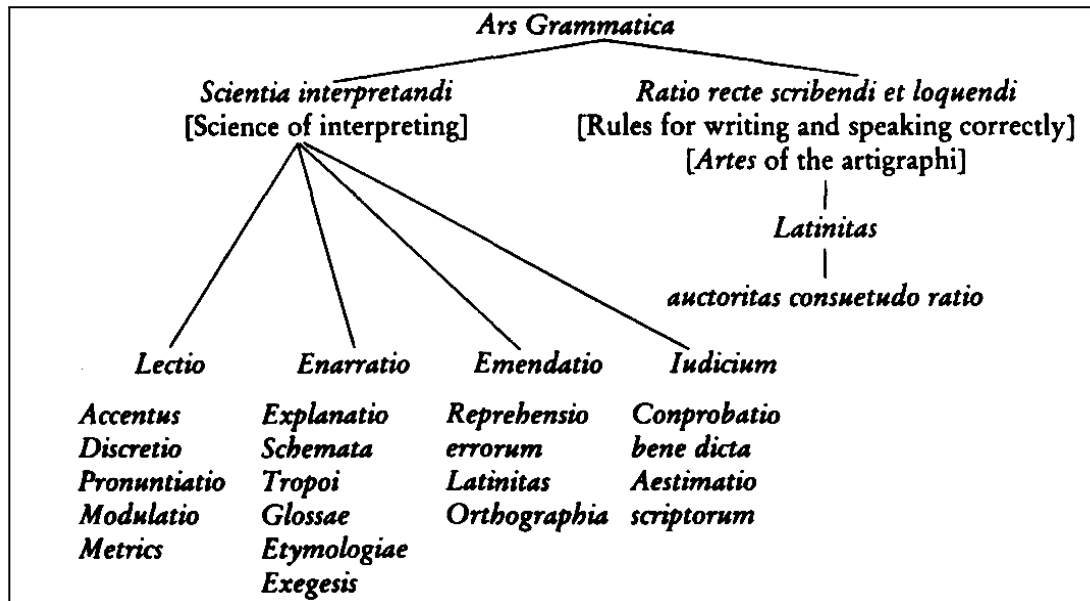
¹³ one of the rational arts, that is, an art based on universal and systematic principles capable of being reduced to formal rules.

¹⁴ As categorias da *scientia interpretandi* encontradas na obra de Dionísio são as seguintes:

1. Competência para ler alto e observar a prosódia [= acento e tamanho da vogal];
2. Interpretação, com atenção particular nas figuras de discurso encontradas no texto;
3. Explicação em termos simples de palavras e alusões difíceis;
4. Investigação do verdadeiro significado (etimologia) das palavras;
5. Análise de analogia
6. Criticismo de poemas o ramo mais sofisticado desse assunto.

(Law, 2006, p. 55, t.n.)

¹⁵ Grammatica quid est? Scientia interpretandi poetas atque historicos et recte scribendi loquendique ratio. dicta autem από των γραμμάτων, [id est ab bis litteris] (...). Grammaticae autem officia quot sunt? Quattuor. Quae sunt? Lectio, enarratio, emendatio, iudicium. Lectio quid est? Secundum accentus et sensuum necessitatem propria pronuntiatio. Enarratio quid est? Secundum poetae voluntatem unius cuiusque descriptionis explanatio. Emendatio quid est? Errorum apud | poetas et figmentorum reprehensio. Iudicium quid est? Bene dictorum comprobatio.



Essas categorias se aplicavam a diversas circunstâncias dos estudos gramaticais medievais, seja na educação gramatical, na formação dos textos das gramáticas e na própria formação dos manuscritos (Irvine, 1994). Por isso, vamos apresentar uma pequena explicação de algumas dessas categorias, pois veremos o papel de algumas delas no decorrer desse trabalho, a saber, *lectio*, *emendatio* e *enarratio*.

A categoria *lectio* está relacionada aos princípios que regulam a habilidade mais básica para o acesso não só à disciplina *grammatica*, como também a todas as artes liberais. Deve-se lembrar que essas habilidades não se referem apenas a “aprender a ler”, mas envolvem uma série de passos para que se realize a leitura de um manuscrito, e ainda, a leitura em voz alta. Trata-se do entendimento primário fundamental de um texto, que precede a própria interpretação deste. Dessa forma, *lectio* envolve a pronúncia correta de sílabas e palavras de acordo com a acentuação (*accentus*), a separação correta de palavras e frases do ponto de vista sintático, semântico e métrico, envolvendo a noção de espaços entre as palavras e pontuação¹⁶ (*discretio*), a reprodução da escrita pela voz de acordo com o tipo de falante (*pronuntiatio*) e a modulação da voz para uma apresentação agradável do discurso (*modulatio*) (Irvine, 1994, p.69-70).

Levando em consideração as categorias definidas acima, não é difícil estabelecer porque essas categorias gramaticais seriam importantes para uma comunidade textual cristã,

¹⁶ Pontuação e outros sinais diacríticos como acentos não foram aparentemente utilizados em publicações de textos antes das eras anglo-saxã e carolíngia; eles eram utilizados para preparar manuscritos para a leitura, ou seja, *lectio*, leitura em voz alta. - Punctuation and other diacritical signs like accents do not appear to have been used in the publication of texts before the Anglo-Saxon and Carolingian eras; they were used to prepare manuscripts for reading, that is, *lectio*, reading aloud (Irvine 1994, p. 72).

especialmente monástica ou eclesiástica. A leitura das Escrituras na liturgia, dos textos no refeitório, a prática dos sermões e a récita dos salmos no Ofício Divino são todas ocasiões que envolvem a leitura em voz alta de um texto. *Lectio*, portanto, se aplica de maneira prática em uma comunidade textual latina medieval. Leclercq (2012, p. 25-26) comenta sobre *lectio* estar associado ao uso da voz, significando leitura em voz alta, especialmente com relação à *lectio divina*.

A *Emendatio* oferece regras para estabelecer a autenticidade de um texto e corrigir erros na transmissão do texto (Irvine, 1994, p. 6). Ela está relacionada ao cuidado com o estilo e autenticidade textual, uma latinidade normativa e uma ortografia correta. Trata-se da correção de erros em manuscritos, sejam de ortografia, estilo e gramática de acordo com uma norma definida, levando-se em consideração o conhecimento prévio do texto do autor. O objetivo, portanto, dessa ferramenta, é a preservação do texto (Irvine, 1994, p. 75).

Esse aspecto da educação gramatical é muito importante para um copista cristão, por exemplo, dada a preocupação de se preservar corretamente os textos bíblicos e os escritos de autoridades religiosas e eclesiásticas. Luhtala (1995, p. 122) comenta que questões de adequação gramatical e correção ortográfica eram importantes para exegetas que buscassem definir o texto bíblico original e para os escribas responsáveis por copiar esses textos de maneira fiel. Assim, encontramos diversos exemplos de obras produzidas por gramáticos cristãos relativas a essa categoria, como os tratados de ortografia de Cassiodoro, Beda e Alcuíno. Além disso, podemos observar durante o desenvolvimento dos estudos latinos no Renascimento Carolíngio a preocupação com a correta cópia e transmissão dos textos bíblicos, como menciona Irvine (1994, p. 76):

Uma ortografia normativa também era necessária para a transmissão correta das Escrituras e dos escritos cristãos, que era o objetivo final da obra de Cassiodoro sobre ortografia e de escritores posteriores de tratados ortográficos, como Beda e Alcuíno. As diretrizes de Cassiodoro sobre ortografia destinam-se principalmente aos escribas (*antiquarii*), cuja formação era essencial para a cultura gramatical. *Emendatio* ou *orthographia* era, portanto, uma preocupação central: a exegese dependia de textos copiados de acordo com uma ortografia normativa e latinidade, e a preservação da tradição baseava-se na transmissão correta do que estava escrito.¹⁷

¹⁷ A normative orthography was also a necessity for the correct transmission of the Scriptures and Christian writings, the ultimate purpose of Cassiodorus's work on orthography and of later writers of orthographic treatises like Bede and Alcuin. Cassiodorus's guidelines on orthography are intended mainly for scribes (*antiquarii*), whose training was essential for grammatical culture. *Emendatio* or *orthographia* was, therefore, a central concern:

Mário Vitorino, como mostrado anteriormente, descreve *enarratio* do seguinte modo: “*Enarratio quid est? Secundum poetae voluntatem unius cuiusque descriptionis explanatio*”. *Enarratio* se trata de ferramentas de interpretação de textos e autores, explicando o significado de palavras, frases, figuras de linguagem. Cassiodoro descreve os seguintes itens, entre outros, como parte de *enarratio*: explicação gramática e linguística, comentário sobre estilo e linguagem poética, exposição de palavras incomuns (*glossae*)¹⁸ e comentários sobre tradição literária (Irvine, 1994, p. 132).

Essas ferramentas são introduzidas nos próprios manuscritos como recursos de compreensão do texto dentro do próprio texto, de forma que ajudaram a formar a própria configuração física dos manuscritos medievais. Por isso trataremos dessa categoria abordando os aspectos que surgem como elementos físicos na composição dos manuscritos medievais. *Expositio* ou *explanatio* se trata de comentários que acompanham um determinado texto (Irvine, 1994, p. 121). O uso de comentários a uma determinada obra são um recurso muito frequente, e formam um gênero textual próprio (Taylor 1995, p. 110). Durante os primeiros séculos, por exemplo, podemos encontrar diversas obras que constituem comentários à obra de Donato, e o próprio Donato escreveu comentários (Law, 1982, p. 14).

A categoria das *glossae* é a ferramenta que oferece uma das discussões mais interessantes. As *Ep* contém a descrição de Santo Isidoro de Sevilha, retirada das *Etymologiae*, que dizem: Glossa é a interpretação de um determinado nome ou verbo (Porter, 2002, p.320, t.n.).¹⁹ Glosas constituíam um recurso utilizado abundantemente na confecção dos manuscritos. Os glossários foram recursos criados para interpretar determinadas palavras e poderiam ser aplicados a diferentes textos.

É possível encontrarmos comentários do compilador das *EP* entre o texto de Prisciano, e os *scholia* apresentam diversos comentários marginais. Tais comentários e *glossae* fazem parte de glossários comuns, que eram transmitidos para diferentes manuscritos por um estudioso ou um conjunto de estudiosos e copistas. De fato, podemos encontrar os mesmos glossários em diferentes manuscritos, identificando inclusive a mão que os produziu. Dois manuscritos das *EP* compartilham o mesmo glossário, que também foi encontrado em outros textos (Porter, 1999, p. 170). Porém, abordaremos este tema na seção seguinte.

exegesis depended on texts copied according to a normative orthography and latinity, and the preservation of tradition was based on the correct transmission of what was written.

¹⁸ Cassiodoro coloca *glossae* dentro da categoria de *explanatio*. Deve-se atentar, portanto, que as divisões apresentadas na tabela como categorias podem ser classificadas como parte da outra.

¹⁹ *Glossa est unius nominis uel urbi interpretatio.*

2.2.2 A configuração da página dos manuscritos

Irvine (1994, p. 421) menciona também que a disciplina *grammatica* e a produção dos livros manuscritos constituíam a condição para a formação de uma cultura monástica e eclesial, e todos os manuscritos estavam codificados como instrumentos da cultura gramatical. Não é possível, portanto, separar os textos que constituem o objeto da historiografia da linguística dos manuscritos onde eles estão contidos. O texto e os conhecimentos que são pesquisados pela historiografia estão inseparavelmente ancorados em livros físicos, produzidos por estudiosos (sejam gramáticos, escribas, compiladores, etc...) que pertencem a um determinado contexto cultural e intelectual que, com as ferramentas intelectuais e editoriais existentes, teve parte na configuração física desses manuscritos. Dessa forma, o conhecimento e as ideias presentes na Idade Média no período anglo-saxão e carolíngio, por exemplo, que formou o conjunto de textos gramaticais que formaram as *Excerptiones* estava unido ao design e à configuração das páginas do manuscrito. Irvine (1994, p. 371, t.n.) comenta:

Um estudo dos textos associados à *grammatica* leva, por necessidade, a um estudo dos manuscritos gramaticais como artefatos significativos ou eventos culturais por si só. Os manuscritos revelam em sua forma física um sistema de significação que codifica amplos pressupostos culturais sobre textos, escrita e interpretação.

Consideramos aqui três elementos que compõem um manuscrito gramatical: a escrita e a diferença de estilo em títulos, texto principal e glosas marginais e interlineares; decoração das letras, decoração não verbal e decoração pictórica; a configuração da página com relação ao uso de seu espaço pelo texto. Esses elementos constituem um sistema que poderia ser reconhecido por um leitor desse texto naquele contexto cultural e linguístico, atuando na semiologia da página (Irvine, 1994, p. 371-372).

Enquanto diversos manuscritos das obras dos autores clássicos eram mais ricamente decorados, manuscritos referentes às *artes* (incluindo Donato e Prisciano) geralmente possuem pouca decoração, reservando-se às letras iniciais e capitulares. O tipo de escrita empregado no texto principal é a minúscula, que sofria alterações regionais até a introdução da minúscula carolíngia no fim do séc. VIII e início do séc. IX d.C.; mesmo que a escrita insular e anglo-saxã tenha perdurado até o século X, eventualmente a escrita carolíngia a substituiu. (Irvine, 1994, p. 372).

O surgimento e evolução da escrita minúscula constitui um importante processo para a cultura gramatical, pois revela a relação entre o aspecto interpretativo e estilístico com relação

a um texto. O desenvolvimento dos estilos de escrita minúscula ocorreu em antigas províncias romanas a partir da escrita cursiva local, que se diferenciava da escrita antiga da escrita antiga. Esses sistemas foram aprimorados por escribas irlandeses para facilitar a legibilidade da minúscula e facilitar o acesso à informação. Uma série de convenções e regras foram desenvolvidas relativas à legibilidade e à hierarquização de unidades de texto, incluindo o uso de espaços e pontuação (Parks, 1991, p. 1-2).²⁰ Além disso, o estilo da escrita também apresentava variações dentro de um mesmo manuscrito. Letras capitulares em títulos, palavras e letras iniciais de um texto eram geralmente mais estilizadas, enquanto o texto principal seria composto por minúsculas canônicas, enquanto glosas e comentários marginais eram escritos com minúsculas menos formais.

Abordando outros elementos presentes na configuração da página do manuscrito medieval, encontramos glosas e comentários. Como descrevemos anteriormente, as glosas fornecem a explicação do significado de uma determinada palavra. Trata-se de uma ferramenta que é produto de uma metodologia gramatical, e sua presença constitui um sinal de que o texto em questão é parte da cultura gramatical (Irvine, 1994, p. 372).

As glosas estão encontradas em duas das categorias gramaticais que consideramos dentro da *scientia interpretandi*. As chamadas glosas interlineares e marginais apresentam um nível de diferença mais profundo do que simplesmente a sua posição com relação ao texto principal. Elas se encaixam nas categorias *lectio* e *enarratio*, respectivamente: glosas interlineares apresentavam um auxílio de caráter lexical, sintático e métrico a ser utilizado durante o processo da leitura, enquanto glosas marginais e comentários ocupariam os espaços laterais da página como ferramentas interpretativas, apresentando explicações de conteúdo e significado com relação ao texto principal. Assim, esses elementos auxiliaram a incorporar as categorias *lectio* e *enarratio* na própria configuração da página do manuscrito (Irvine, 1994, p. 384).

A partir do séc. IX d.C., a maioria dos manuscritos apresentavam uma configuração padrão das páginas dos manuscritos, feita da seguinte maneira: a página era dividida em três colunas de tamanhos diferentes, com a coluna central, reservada ao texto principal, sendo a mais larga e as outras duas margens com largura variada. O escriba então dividiria as colunas em linhas, com uma proporção de duas linhas reservadas às glosas e comentários marginais

²⁰ Parks (1991, p. 2-5) descreve esse desenvolvimento como “gramática da legibilidade”. O autor também comenta que os critérios para o desenvolvimento desse estilo de escrita (como critérios morfológicos para o reconhecimento de uma palavra) foram adotados com base no estudo dos próprios gramáticos latinos. Os anglo-saxões aprenderam práticas como a separação de palavras e pontuação dos irlandeses (Parks, 1991, p. 12). Um estudo mais aprofundado do desenvolvimento da escrita irlandesa em manuscritos latinos pode ser encontrado em “Scribes, Scripts and Readers: Insular scribes and the Grammar of Legibility”, Parks (1991, p. 1-33)”

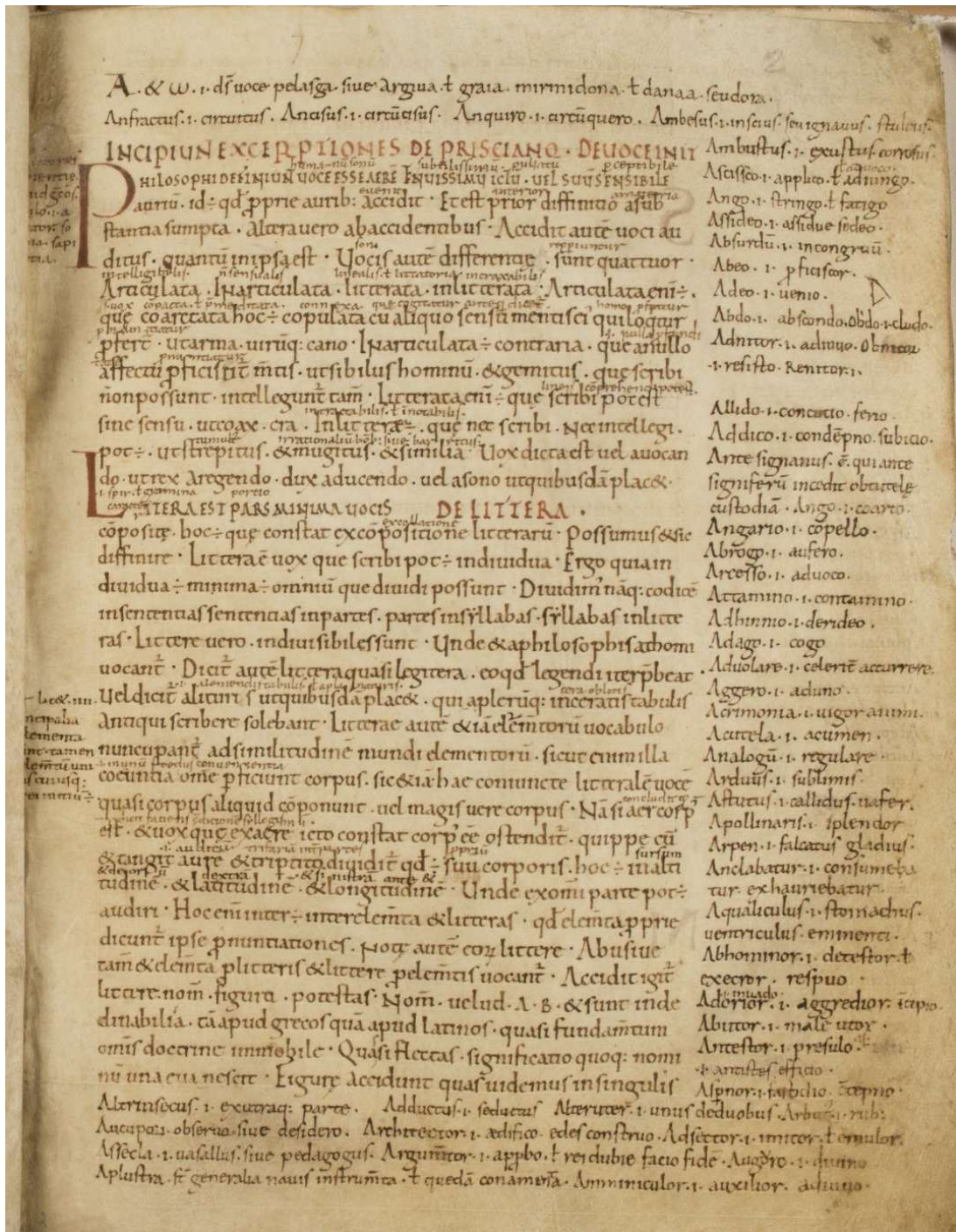
para cada uma do texto principal.

Abordando agora um aspecto mais paleográfico, queremos comentar sobre a ocorrência de glossários, conjuntos de glosas e *scholia*, que constituíam grupos até certo ponto independentes dos textos principais em manuscritos. Isso porque há glossários que são encontrados em diferentes manuscritos, copiados posteriormente à escrita do texto principal, por exemplo, porque é possível identificar ocasiões em que a mão responsável pelas glosas é diferente da mão do texto principal; ou ainda, encontrar a mesma mão (ou grupo de mãos) em glossários registrados em diferentes manuscritos.

É o caso de um dos manuscritos das *Excerptiones*, 775. Antwerp, Plantin-Moretus Museum, M. 16. 2 (47) + London, British Library, Add. 32246). Um grupo de copistas, provavelmente na abadia de Abbingdon, fez uma cópia de seis glossários no manuscrito das *EP*, em uma cópia de *De consolatione philosophiae*, de Boécio, e em *De virginitate* de Adelmo, somando milhares de entradas em latim-latim e latim-inglês antigo distribuídas pelos manuscritos. Trata-se de duas mãos, que registraram um glossário no MS de Bruxelas e cinco no de Londres (Porter, 1999, p. 170-171).

Abaixo, reproduzimos uma foto da primeira página de um dos MSS das *Excerptiones*, a fim de exemplificar o que aqui foi exposto a respeito da participação das ferramentas de escrita e interpretação na configuração da página:

IMAGEM 2: *Ep*, Ms B, f2r



Fonte: <https://dams.antwerpen.be/asset/Q28RhuEjmAPacEZNfvMbqqHO/SZkdWPYIUoghfdckMDcTKMTC>

Observe-se inicialmente a presença de três colunas. Uma principal para o texto das *EP* e outras duas, menores e de tamanhos diferentes. Observamos também a presença de glosas marginais ao lado direito, na parte superior e inferior da página (note-se que pertencem a um glossário em ordem alfabética). Glosas interlineares se fazem presentes dentro do texto principal, e do lado esquerdo podemos verificar dois comentários marginais. Ainda, o estilo da

escrita é diferente. Os títulos de cada capítulo são rubricados e escritos em letras maiúsculas. As letras capitulares estão escritas em vermelho e possuem um tamanho muito maior que as outras. As primeiras frases de cada capítulo também estão em letras maiúsculas. Por fim, podemos observar a caligrafia presente nas glosas, que, apesar de utilizar um estilo parecido, possuem letras de tamanho significativamente menor que as do texto principal. Além disso, observando cuidadosamente, é possível verificar uma diferença de coloração na tinta e mesmo na escrita de determinadas letras, refletindo o comentário de Porter (1999) a respeito dos escribas dos glossários terem acrescentado as glosas posteriormente.

Os elementos que observamos nesta seção foram oficializados em centros institucionais influentes no período anglo-saxão e carolíngio. O uso de glosas, por exemplo, essas ferramentas gramaticais de interpretação textual, não eram aplicadas a qualquer tipo de texto, mas era reservado àqueles que eram considerados canônicos, que possuíam *auctoritas*, entre os quais as *artes*, assim como os textos bíblicos, estavam contidos. Entre esses centros, Irvine (1994, p. 392, t.n.) cita alguns dos centros responsáveis por essa institucionalização. Tenha-se especial atenção a Fleury, Cantuária e Abingdon, que possuem ligações com as *Excerptiones*:

O formato de texto e glosa também é uma imagem de autoridade textual. Livros com glosas, portanto, pertencem a uma classe especial: apenas textos que eram instrumentos ou produtos de autoridade — especialmente artes e auctores, as Escrituras e obras jurídicas e científicas — recebiam comentários ou glosas. Esse formato foi instituído e perpetuado em centros de poder institucional — por exemplo, Tours, Corbie, Fleury, Reims, Auxerre, St. Gall, Canterbury, Abingdon, Worcester, Durham — e atendeu às necessidades das escolas e bibliotecas nesses centros de aprendizagem e autoridade. A universalidade desse formato manuscrito e do sistema de significado e valor que ele codificava é outro efeito global da gramática na cultura medieval.²¹

A partir das informações tratadas nesta seção, vimos como o modelo da *Scientia interpretandi* da *Ars grammatica* esteve presente também nos estudos gramaticais medievais e, para além disso, influenciaram no formato do textos que guardavam essas informações, oferecendo um modelo de interpretação gramatical para os medievais, que foi desenvolvido em alguns principais centros educacionais e institucionais da época, inclusive aqueles relacionadas às *Ep*, como observado na análise do *folio* de um de seus manuscritos.

²¹ Glossed books therefore belong to a special class: only texts that were instruments or products of authority — especially artes and auctores, the Scriptures, and legal and scientific works — received commentary or glosses. This format was instituted and perpetuated in centers of institutional power — for example, Tours, Corbie, Fleury, Reims, Auxerre, St. Gall, Canterbury, Abingdon, Worcester, Durham — and served the needs of the schools and libraries in these centers of learning and authority. The universality of this manuscript format and of the system of meaning and value that it encoded is another global effect of grammatica in medieval culture

2.2.3 A gramática no ambiente escolar medieval: o *scriptorium* e a biblioteca

Os diferentes ambientes aos quais a produção e o uso de manuscritos medievais dizem um pouco sobre a função cultural e educacional que esses textos exerciam na cultura medieval. Portanto, trataremos a respeito de alguns locais que são relevantes dentro do contexto escolar de produção dos manuscritos medievais, especialmente com relação à gramática latina.

2.2.3.1 O *scriptorium*

A produção de manuscritos envolvia elementos de interpretação gramatical e crítica textual na própria estrutura da página. Para a produção de um livro, eram necessárias outras cópias, a aplicação dos critérios de interpretação e criticismo textual, como comentamos, além de considerável proficiência na escrita e, é claro, do conhecimento da língua latina, sem contar o elemento material, como tintas, pergaminhos, materiais de escrita, etc. Deve-se notar também que *scriptoria* eram comuns em mosteiros, de forma que todo o processo de produção textual era realizado e controlado por monges. Destacamos também que editores e copistas deveriam conhecer essas ferramentas gramaticais para produzir um manuscrito de forma que podemos considerar que o *scriptorium* medieval era um local onde aspectos da gramática e da cultura textual se misturavam à cultura monástica.

Scriptorium se refere ao grupo que era responsável pela produção dos manuscritos, contando o chefe da oficina, copistas, corretores, pintores, encadernadores, etc, de forma que um considerável número de monges participava da compilação de um único livro. Leclercq (2012, p. 148) comenta que o processo de fabricação de um livro envolvia um elemento santificante com relação a cada etapa da produção: o trabalho do copista de decifrar um manuscrito pouco preservado, prestando atenção ao que se está escrevendo na nova cópia e se concentrando no trabalho tanto mental quanto físico era uma tarefa difícil e meritória, constituindo uma obra de ascese.

Abbo de Fleury comenta que o trabalho de copiar um livro era um meio de correção das paixões, assim como a oração e o jejum. Uma obra, ao ser completada, era muitas vezes oferecida a Deus como um sacrifício de uma liturgia. Em uma cópia de Flávio Josefo consta: *Suscipe, Sancta Trinitas, oblationem huius codicis*. Note-se que o restante da oração recorda não só os monges que produziram o códice, mas também menciona os futuros leitores e proprietários daquelas obras, encomendando suas almas a Deus (Leclercq, 2012, p. 148).

2.2.3.2 *Grammatica* na biblioteca

As gramáticas, enquanto entidades físicas, exerciam um papel essencial na organização de uma biblioteca medieval. Sua localização nas prateleiras dos mosteiros e nos catálogos das bibliotecas revelam sua posição e importância na ordem das disciplinas latinas. Catálogos e inventários assim surgiram enquanto gênero textual no final do século VIII d.C. nos mosteiros e catedrais anglo-saxões e carolíngios e, até o século XI., se desenvolveram de maneira a organizar o conhecimento escrito de forma sistemática, considerando o lugar de cada gênero textual dentro da biblioteca (Irvine, 1994, p. 334).

As *grammaticae* possuíam um *status* proeminente nesse sistema, pois eram a chave para todas as outras *artes*, constituindo os únicos livros que estavam relacionados com a própria biblioteca. Trata-se de um local que armazenava o conhecimento em forma escrita, do qual a gramática era a porta de entrada (Irvine, 1994, p. 334-335).²²

“eram os únicos livros *sobre* a própria biblioteca, fornecendo acesso à linguagem e gêneros dos outros livros assim como monitorando e regulando a sua textualidade. *Grammatica* era compreendida como a disciplina autorizada a abrir os próprios livros da biblioteca. Nos termos de Rabano Mauro, *grammatica* era *omnium iudex librariorum*, “a juíza de todos os livros”, e Ælfric definiu *grammatica* como a “chave para destrancar o significado dos livros”.²³

Dessa forma, é possível ver a relevância da *grammatica* na formação e da vida intelectual e, indiretamente, espiritual, dos religiosos que habitavam o monastério. Devido ao seu *status*, os manuscritos gramaticais ocupavam um lugar definido nos catálogos e nas estantes das bibliotecas. Tal disposição, segundo Irvine (1994, p. 335) serve para ilustrar a cultura textual medieval e a sua recepção dos textos latinos:

A biblioteca pode ser analisada ao nível material (...) e ao nível abstrato do próprio sistema da biblioteca, no qual os textos não são compreendidos como objetos discretos, isolados, mas como partes de um

²² Como mencionamos, a gramática constituía o início da instrução, com seu estudo sempre presente nas salas de aula nos mosteiros. Dessa forma, como lembra o próprio Irvine (1994, p. 334), a biblioteca, que guardava esse conhecimento disposto de forma física, era o ponto de interseção entre a sala de aula e o scriptorium, onde os livros eram produzidos para uso no monastério.

²³ “they were the only books *about* the library itself, providing access to the language and genres of the other books as well as overseeing or regulating their textuality. *Grammatica* was understood to be the discipline authorized to open the library bookcases themselves. In Rabanus Mauru’s terms, *grammatica* was *omnium iudex librariorum*, ‘the judge of all the books,’ and Ælfric defined *grammatica* as ‘the key which unlocks the meaning of the books.’”

sistema interrelacionado. Uma vez que a função do sistema é organizar e interpretar, a inclusão de um texto na categoria de *grammatica* na biblioteca constitui uma importante dimensão de recepção textual”.

Sobre a organização dos manuscritos nas bibliotecas, embora não houvesse uma uniformidade absoluta nos catálogos e estantes, organizavam-se os livros de acordo com assuntos, obedecendo a uma certa hierarquia. Manuscritos da Bíblia e, em seguida, escritos patrísticos e tratados de exegese e teologia recebiam lugar de honra na organização dos códices, e eram listados primeiro nos catálogos (Irvine, 1994, p. 335). Já manuscritos da categoria *grammatica* eram apresentados por último.

Não se deve considerar, porém, que embora os textos religiosos sejam posicionados primeiro nos catálogos por seu lugar de honra, as gramáticas eram desvalorizadas por ficarem na última posição. Pelo contrário, a gramática constituía a chave para todo o conhecimento, sem o qual nenhum outro livro poderia ser decifrado, de forma que sua localização era convencional (Irvine, 1994, p. 335). Podemos também considerar o fato de que, ao serem colocadas na última posição em um catálogo, há um elemento facilitador de consulta às obras gramaticais presentes em uma biblioteca.

Não sabemos como era a prática organizacional em bibliotecas anglo-saxãs entre os séculos VII e IX, algo que se pode apenas inferir de acordo com a atividade literária de importantes centros educacionais da época, mas a partir do século X, as bibliotecas anglo-saxãs seguem o sistema estabelecido pelos carolíngios no continente.

2.2.4 *Compilatio*: o gênero escrito medieval

Neste subcapítulo, queremos apresentar uma discussão a respeito do tipo de texto que constitui as *EP* e consideraremos um pouco sobre o processo do desenvolvimento dessas gramáticas. Assim, discutiremos a respeito do gênero textual dentro do qual podemos classificar as *Excerptiones*.

O título da obra que aqui estudamos, *Excerptiones de Prisciano* por si só já revela alguns elementos de sua confecção, ou seja, o fato de se tratar de excertos. Isso se dá pelo fato de a obra de Prisciano, a *Ars Prisciani* ser extensa e complexa, rica em exemplos da literatura tanto latina quanto grega, apresentando discussões morfológicas e sintáticas. Sendo assim, é razoável supor que a obra passe por um processo de edição para torná-la mais acessível, utilizando-se apenas os trechos que contenham os elementos mais essenciais do ensinamento gramatical (Law, 1982, p. 53).

Entretanto, as *Excerptiones* não são apenas um resumo de uma determinada obra, pois seu conteúdo utiliza outras obras do próprio Prisciano e de outros autores: Donato, Isidoro, e Beda também entram para o manuscrito (Law, 1987, p. 54). O fenômeno de se unir diferentes obras em um mesmo manuscrito para se fazer um compilado da doutrina gramatical é algo comum durante a Idade Média, e podemos encontrar diversos exemplos entre os manuscritos produzidos pelos anglo-saxões e pelos carolíngios, constituindo um verdadeiro gênero gramatical, a *compilatio*. Nesta seção, portanto, analisaremos esse gênero e o seu papel no pensamento linguístico medieval anglo saxão e carolíngio.

Law (1982, p. 53-54) menciona que, no início da formação da cultura gramatical insular, professores e gramáticos apresentavam dificuldade em utilizar as gramáticas feitas para falantes nativos de latim na educação de seus pupilos irlandeses e anglo-saxões. Embora tivessem acesso a esses textos, seu conteúdo era demasiado denso e complexo para iniciantes no idioma latino. Um recurso utilizado por esses educadores seria a compilação de uma nova gramática, utilizando apenas as informações necessárias para seus estudantes, dando origem às gramáticas elementares, cuja principal característica era a apresentação das oito partes do discurso. Embora esse tipo de gramática medieval pertença a um contexto diferente das gramáticas compiladas após o Renascimento Carolíngio, elas ainda constituem um exemplo de compilação como meio de produção gramatical medieval.

No período carolíngio, uma glosa comum para *compilare* era “unir, ou juntar em um”, e haviam até mesmo metáforas para a reunião e edição de material retirado da “biblioteca da cultura textual” (Irvine 1994, p. 344). Irvine ainda menciona (p. 345) que um autor de um tratado anônimo reconhecia a gramática como a “arte baseada na compilação e regras e exemplos textuais previamente escritos”. Essa noção estava muito profundamente enraizada na cultura gramatical, uma vez que o ato de compilar implica uma noção mais profunda do que apenas juntar diferentes textos.

Irvine (1994, p. 344), menciona que a *compilatio* de textos relacionados era “o contexto manuscrito normativo tanto das *artes* gramaticais quanto dos *auctores* transmitidos no início da Idade Média”.²⁴ Embora o termo *compilatio* possa se aplicar ao uso de textos de autores anteriores na confecção de um novo texto para apropriar sua autoria, com a conotação negativa de plágio (Irvine, 1994), de acordo com o processo de desenvolvimento das gramáticas medievais, o termo também passou a se referir a manuscritos físicos que reuniam *artes* e *auctores*.

²⁴ The normative manuscript context for both grammatical *artes* and standard *auctores* transmitted in the early Middle Ages was the compilation or anthology of related texts.

Embora compilações do tipo *grammatica* não fossem as únicas, uma vez outros gêneros textuais como sermões e escritos sobre as outras *artes*, manuscritos de compilações gramaticais são muito mais numerosos que manuscritos de outros gêneros (Irvine, 1994, p. 345). Isso ilustra o lugar da gramática na cultura intelectual e possuía um lugar de destaque na instrução em geral, tanto pela sua prioridade na ordem dos estudos quanto pelos numerosos exemplos de manuscritos sobreviventes.

Além disso, mesmo que muitos manuscritos contenassem apenas um texto, e a própria *Ap* é um exemplo, grande parte das obras gramaticais foram transmitidas através de compilações. Os textos eram copiados e editados separadamente em livretos menores, para depois serem juntados em uma única cópia. Posteriormente, era acrescentado todo um aparato de glosas e comentários. Dessa forma, a união de textos de diferentes obras e autores, somadas a essas ferramentas, fazia com que um manuscrito fosse posicionado em um contexto interpretativo mais amplo e profundo (Irvine, 1994, p. 345). Assim, a reunião dos elementos do *corpus* canônico de diferentes *artes* e *auctores*, do conteúdo da disciplina da gramática como um todo, da configuração do texto, somada às ferramentas de interpretação, como glosas e comentários, representa o entendimento que os medievais possuíam da disciplina da gramática (Irvine, 1994, p. 345):

Esses códices comunicam dois tipos de informação cultural. Primeiramente, as compilações gramaticais representam o *corpus* dos textos e a gama de assuntos que formavam a disciplina da *grammatica* como um todo. Segundo, as características físicas e visuais dos manuscritos gramaticais - texto, decoração, configuração, arranjo das unidades textuais dentro do *codex*, estavam codificados para inteligibilidade na leitura assim como uma função cultural: os livros previamente auxílio interpretativa para o leitor e estavam marcados pela sua forma como livros que serviam um certo tipo de competência literária e textual.²⁵

Dentro do contexto da produção manuscrita, aparato gramatical e presença de diferentes obras e autores, cada texto da compilação era lido sob uma estrutura que auxiliava a moldar sua

²⁵ These codices convey two kinds of cultural information. First, the grammatical compilations represent the corpus of texts and range of subject matter that formed the discipline of grammatica as a whole. Second, the physical and visual features of the grammatical manuscripts - script, decoration, layout, arrangement of textual units within a codex - were encoded for readerly intelligibility as well as for cultural function: the books provided interpretative aids for the reader and were marked by their form as books that served a certain kind of literacy and textual competence.

interpretação, o que seria diferente do texto em outros contextos. Uma compilação da abadia de que possuísse a *Ars maior* de Donato junto com outras obras como as *Etymologiae*, de Isidoro e *De Schematibus et tropis*, de Beda, tornava-se mais do que uma simples junção de partes e, a depender dos excertos do texto original escolhidos e da organização editorial, elas representavam “uma rede de pressuposição textual e referência mútua” (Irvine, 1994, p. 346)²⁶. Sendo assim, Donato lido à luz de Isidoro, de Beda, das glosas e comentários muitas vezes já estabelecidos têm como resultado uma leitura diferente de um estudante do próprio Donato ou dos primeiros comentários de sua obra. Vemos assim como o contexto no qual cada autor é apresentado auxilia na interpretação do texto em questão: “uma compilação implicava em uma síntese de conhecimento e autoridade, aberta a reinterpretação e rearranjo em cada instância concreta do uso de um texto” (Irvine, 1994, p. 346)²⁷.

Trata-se da mesma situação que vemos na compilação das *Excerptiones de prisciano*, como comenta Porter (2002, p. 12), uma vez que temos a obra de Prisciano vista através das lentes de Donato. Além da organização do conteúdo da *Ap*, podemos considerar a presença de textos gramaticais de autores cristãos e alterações do texto e intervenções do compilador da gramática, de forma que a *Ap* difere das *Excerptiones de prisciano*, pertencendo ao contexto cultural específico da gramática latina carolíngia e anglo-saxã tardia. Tratamos dos aspectos editoriais das *EP* no subcapítulo reservado à organização da obra.

²⁶ a network of textual presupposition and mutual reference.

²⁷ A compilation implied a synthesis of knowledge and authority, open to reinterpretation and rearrangement in each concrete instance of a text's use.

3. A RECEPÇÃO DA GRAMÁTICA PELOS BENEDITINOS ANGLO-SAXÕES E CAROLÍNGIOS

Neste capítulo, faremos uma contextualização histórica a respeito da recepção da gramática latina entre os beneditinos anglo-saxões e carolíngios, apresentando como alguns dos principais personagens históricos relacionados à gramática medieval contribuíram para a produção gramatical. Primeiramente, porém, uma vez que estamos tratando de monges beneditinos na maior parte dos casos, dissertaremos um pouco a respeito do papel da gramática na formação monástica a partir dos ensinamentos contidos na Regra de São Bento. É oportuno trazer essa discussão porque, considerando os aspectos de um texto mencionados por Swiggers (2013, p. 41), podemos considerar o “papel dinâmico” da Ordem Beneditina na ampliação do conhecimento e da cultura letrada, transmissão dos autores latinos, como Donato e Prisciano, e a utilização de textos como a Regra e a Vida de São Bento, além das Escrituras e textos patrísticos.

3.1 Os Beneditinos e a recepção da gramática

São muitas as figuras da Antiguidade Tardia e do início da Idade Média que souberam absorver o pensamento gramatical à doutrina cristã, aplicando-o em favor dos estudos dos textos cristãos. Personagens como Santo Agostinho, Cassiodoro e Santo Isidoro souberam retirar da *grammatica* as ferramentas necessárias para os estudos cristãos. Em um contexto no qual a doutrina e vivência da fé se baseava significativamente na transmissão dos textos bíblicos e da doutrina, a gramática surge como meio de cultivo da religiosidade cristã, assumindo grande importância na formação e educação religiosas (Irvine, 1994, p. 14, t.n.).

O fato de essa cultura se basear nas Escrituras e, portanto, ser uma cultura essencialmente textual desde seus primórdios, mudou o status da escrita, da língua latina e, conseqüentemente, da própria gramática. Para a cultura do livro, isto é, a cultura do Livro — *hai Graphai/Scriptura* (“As Escrituras”), *sacrae litterae* — e um cânone de textos tradicionais tanto cristãos quanto clássicos, a gramática não era meramente uma disciplina auxiliar, mas uma pré-condição para a cultura cristã.²⁸

²⁸The fact that this culture was based on Scripture, and therefore was an essentially textual culture from its very beginnings, changed the status of writing, the Latin language, and consequently of grammatica itself. For the culture of the book, that is, the culture of the Book — *hai Graphai/Scriptura* (“The Writings”), *sacrae litterae* — and a canon of traditional texts both Christian and classical, grammatica was not merely an ancillary discipline but a precondition for Christian culture.

Os autores cristãos que citamos conseguiram absorver o elemento cultural da gramática, que dava respaldo a muitos aspectos da cultura latina através do cânon de textos cristãos, que a legitimava, aplicando esses elementos nas Escrituras e outros textos, constituindo um cânon cristão e uma gramática cristã.

Santo Agostinho seria responsável por sintetizar gramática, retórica, filosofia e teologia, principalmente em suas obras *De ordine*, *De doctrina christiana*, *De Trinitate*, estabelecendo um modelo de *grammatica* que seria empregado na educação e na literatura cristãs na Europa por toda a Idade Média (Irvine, 1994, p. 162).

Cassiodoro teria parte na inserção significativa das disciplinas latinas na vida monástica de maneira explícita e estruturada. Embora não fosse de fato monge, Cassiodoro levava uma vida monástica no mosteiro de *Vivarium*, fundado por ele mesmo, onde inscreveu a educação gramatical e os estudos como parte oficial da formação monástica. Em *Expositio Psalmorum*, Cassiodoro utiliza a analogia do estudo das *artes* e da literatura clássica como os “espólios do Egito”, argumentando em favor da utilidade dos estudos seculares em favor do conhecimento espiritual. Já nas suas *Institutiones Divinarum et Saeculorum Litterarum*, Cassiodoro institui o que seriam as *lectiones* a serem estudadas pelos monges cristãos, apresentando os autores que deveriam ser lidos e, assim, definindo uma comunidade textual cristã. Dessa forma, ele apresenta um currículo, um programa que deve ser aplicado e seguido pelas comunidades religiosas para a melhor compreensão dos textos sagrados e, sendo essa compreensão central para a vida monástica, a disciplina da gramática se torna o “centro da vida monástica” (Irvine, 1994, p. 202).

Já Santo Isidoro foi um dos autores mais prolíficos de seu tempo, e o “último polímata da tradição gramatical romana-helenística, cumprindo a prescrição de Agostinho em *De doctrina christiana* de que um exegeta deveria ser um Varrão cristão, aplicando um conhecimento textual enciclopédico ao estudo das Escrituras e da literatura cristã. (Irvine, 1994, p. 210, t.n.). As *Etymologiae*, de caráter enciclopédico, continham definições sobre as artes liberais, as categorias gramaticais (incluindo aquelas que vimos no modelo da gramática medieval elencadas sob *scientia interpretandi* e *ratio recte loquendi*) as Escrituras, doutrina, filosofia e história. Tornou-se uma das obras mais utilizadas nos estudos gramaticais medievais nos séculos seguintes, presente em centenas de manuscritos e diversos excertos foram utilizados em outras compilações. Considerava-se que era um dos textos que, junto com as Escrituras e Donato, estava contido em todas as bibliotecas (Irvine, 1994, p. 210).

Entre os principais autores cristãos latinos, entretanto, a figura de São Bento, ainda que não tenha deixado obras de caráter gramatical, não é menos importante para a formação da

cultura gramatical medieval, tão cultivada nas comunidades monásticas. São Bento seria responsável por escrever uma das obras que seriam o principal fundamento da vida monástica, a *Regula Sancti Benedicti* (Leclercq, 2012, p. 19).

A vida de São Bento é conhecida principalmente pela biografia escrita por São Gregório Magno. Nela, Gregório nos conta que São Bento abandonou as escolas de Roma para constituir uma “escola de serviço ao Senhor” (Irvine, 1994, p. 191).²⁹ Não se sabe ao certo qual foi o alcance da carreira de estudos de São Bento, mas certamente podemos supor que a gramática fez parte de sua instrução, especialmente sendo a principal dos estudos liberais, como comenta São Gregório em sua *Vita* (Leclercq, 2012, p. 20).

São Bento não teria abandonado os estudos devido a um fracasso em sua carreira, nem por uma rejeição dos estudos liberais. São Bento, na verdade, abandona o mundo por causa dos perigos morais que existiam no meio em que vivia (a vida de São Bento, Gregório Magno, séc. VI). Por isso, Bento se recolhe no monte Subiaco, abandonando o mundo, a fim de viver completamente para Deus (Leclercq, 2012, p. 20).

Assim, o ingresso de homens cultos como São Bento na vida religiosa trazendo a vida intelectual e os estudos permitiriam que a tradição beneditina pudesse aplicar ao ideal do monge o epíteto dado por São Gregório a São Bento: *Scienter nescius et sapienter indoctus*. (conscientemente ignorante e sabiamente inculto) Irvine (1994, p. 191) e Leclercq (2012, p. 21). Na Regra, a vida de estudos do monge não constitui um fim em si mesmo, mas um meio para se alcançar algo superior. De qualquer maneira, ainda que um meio, o “estudo das letras” e, por consequência, da gramática, latina não deixa de fazer parte substancial da vida religiosa nos mosteiros beneditinos (Irvine, 1994, p. 191, t. n.):

“A simplicidade da vida monástica, com seu desapego das instituições seculares, é a simplicidade das classes cultas, letradas (...). A oposição monástica à cultura secular e ao cânon secular literário, portanto, deve ser visto em seu contexto social mais amplo. (...) em sua oposição à comunidade textual secular como poder social competidor, o monasticismo necessariamente pressupõe essa cultura textual, com suas afiliações políticas tradicionais, contra o que define a si mesmo e avança sua própria autoridade e agenda social.

A própria Regra de São Bento constitui um texto escrito e, por isso, pressupõe o conhecimento das letras. Embora em seu texto não trate explicitamente da educação nem se possa encontrar uma sistematização dos estudos, podemos encontrar em seu texto, de maneira implícita, a prática da leitura e dos estudos. Irvine chega a dizer que “a cultura monástica pode

²⁹ Dominici scola servitii.

ser sumarizada pela *grammatica* e por *quaerere Deum*, o estudo dos textos e a busca por Deus” (Irvine, 1994, p. 191).³⁰ Há um precedente, portanto, para a necessidade da vida intelectual para os monges, e podemos procurar na própria Regra deixada por São Bento. Referências à leitura e aos estudos podem ser encontradas nos capítulos nos capítulos 8, 9, 18, 38 e 48 da Regra. Leclercq (2012, p. 16), menciona:

A esse respeito ainda, isto é, sobre a atitude de São Bento para com as letras e os estudos, diversos juízos foram expressos. Uns veem no mosteiro uma espécie de academia. Outros concebem que São Bento dá pouco espaço ao trabalho intelectual: e é verdade que ele não legifera a esse respeito, sem dúvida alguma porque ele o supõe, enquanto regulamenta o trabalho manual à medida que este permite ou requer um horário fixo. Há, no entanto, ainda a esse respeito, divergência entre espíritos bem informados, pois há na Regra elementos para justificar interpretações diversas: na Regra já existe um "problema dos estudos". Tentemos formulá-lo segundo a própria Regra por meio da comparação com o ensinamento de um contemporâneo de Bento, Cassiodoro

Era necessário que os monges estivessem familiarizados com as Escrituras e outros textos religiosos, e deveriam praticar a sua leitura, com a aplicação de suas potências intelectuais, como a memória e a meditação (Leclercq, 2012, p. 27):

Como vemos, essa atividade fundamental da vida monástica possui uma base literária: para os monges em seu conjunto, o primeiro instrumento das boas obras é um texto, pois é ele que permite a leitura meditada da Palavra de Deus, e isso será pleno de consequências no domínio da exegese monástica, toda orientada para a vida, não para o conhecimento abstrato; disso trataremos mais adiante. Mas desde já aparece a importância das letras, e das atividades psicológicas das quais elas são o princípio, em razão da leitura e da meditação, desde as origens da tradição beneditina: não há vida beneditina sem literatura. Não que a literatura seja um fim, ainda que secundário, da vida monástica, mas é uma de suas condições. A fim de poder entregar-se a uma das principais ocupações do monge, é necessário conhecer, aprender e, para alguns, ensinar a *grammatica*.

Assim, é possível observar como toda a educação gramatical e secular, para São Bento, é utilizada em favor da formação espiritual, subordinando-se à vida religiosa. Então, após termos estudado um pouco sobre a presença da vida de estudos e, consequentemente, da

³⁰ Monastic culture can be summed up by *grammatica* and *quaerere Deum*, the study of texts and the search for God.

gramática na vida monástica, vamos analisar como essa realidade se encontra em alguns dos estatutos da Regra. Abaixo, seguem trechos de alguns dos capítulos citados que demonstram elementos da cultura textual:

Capítulo IX: Quantos Salmos Devem Ser Ditos Nas Horas Noturnas

No tempo de inverno acima citado, diga-se em primeiro lugar o versículo, repetido três vezes: *Senhor, abrirei os meus lábios e minha boca anunciará vosso louvor* (Sl 50,17), ao qual deve ser acrescentado o salmo terceiro e o Glória. Depois desse, o salmo nonagésimo quarto, com antífona, ou então cantado. Segue-se o ambrosiano e depois seis salmos com antífonas. Recitados esses e dito o versículo, o Abade dê a bênção; depois achando-se todos sentados nos bancos sejam lidas pelos irmãos, um de cada vez, três lições do livro que está sobre a estante. Entre elas cantem-se três responsórios. Dois destes responsórios são ditos sem Glória, porém, depois da terceira lição, quem está cantando o diga o Glória. Quando esse começar, levantem-se logo todos de seus assentos em honra à Santíssima Trindade.

Leiam-se, nas vigílias, os livros de autoria divina, tanto do Antigo Testamento como do Novo Testamento, e também as exposições que sobre eles fizeram os Padres católicos conhecidos e ortodoxos.

A essas três lições com seus responsórios sigam-se os seis salmos restantes cantados com Aleluia. Vêm, em seguida, a lição do Apóstolo, que deve ser recitada de cor, o versículo e a súplica da litania, isso é, “Kyrie eleison”, e assim terminem as Vigílias noturnas.

A vida religiosa estava condicionada à vivência litúrgica, seja na missa ou do ofício divino, quando os monges se reuniam sete vezes por dia para cantar os salmos, uma vez que a vida do monge era dar louvor a Deus em todos os momentos (Regra de São Bento, prólogo/capítulo 4). Ora, o ofício divino era contado a partir da leitura dos salmos, requerendo, portanto, a habilidade de se ler, em latim e, considerando que a Regra trata o estudo como trabalho manual, de forma que o lema beneditino *Ora et Labora* evidencia a união da vida de oração com a vida de estudos. Assim, o letramento e a vida de estudos possuem uma presença constante na vida monástica para todos, mesmo os iletrados, como menciona Irvine (1994, p. 192):

A força social e institucional da *grammatica* na vida monástica é também demonstrada pelo requerimento que os membros iletrados da comunidade participem na cultura letrada. A cultura monástica é frequentemente caracterizada como sendo principalmente oral, baseada na leitura e instrução oral, mas essa cultura oral era essencialmente textual, e aqueles incapazes ou apenas aprendendo a ler tinham os textos necessários lidos para si: as orações do início diário e as Escrituras eram lidas e cantadas (8-9), a Regra mesma deveria ser lida para toda a comunidade (66.8), o saltério completo deveria ser lido uma vez por semana (18.22-25), e outros textos muito valorizados deveriam ser lidos em voz alta durante as refeições e

momentos apropriados durante a liturgia (38,9.8,73.4). A própria Regra é um mosaico de referências da Escritura com comentários e era tratada como uma extensão do texto bíblico.³¹

Outro fator importante é o papel das bibliotecas na vida monástica (Leclercq 2012, p. 22). São Bento já considera como certa a presença de uma biblioteca no mosteiro, e podemos encontrar essa realidade de maneira implícita nos capítulos 33, 48 e 55 da Regra. Várias passagens na Regra mencionam o uso de textos escritos: a leitura das Escrituras, de Cassiano e São Basílio, além das leituras feitas durante as refeições e no coro. Algo de grande interesse para nós, porém, é que “naturalmente, de modo a possuir livros, eventualmente se torna necessário saber como escrevê-los. Todos os monges, por uma questão de rotina e sem exceção, deveriam saber escrever.” (Leclercq, 2012, p. 22).³²

A Regra também deixa transparecer elementos relacionados à prática da leitura (*lectio*), escrita e produção de livros em um *scriptorium* e escribas. Assim, vemos que São Bento já reconhece que o mosteiro também deve ser capaz de prover a si mesmo com relação aos livros necessários para a leitura e estudo. Dessa forma, os mosteiros se tornam também centro de produção de obras manuscritas. Além disso, vemos também evidências da circulação e transmissão³³ de manuscritos, pois o mosteiro pode adquirir os livros que vieram de fora e também pode vender obras produzidas no próprio mosteiro (Leclercq, 2012, p. 22-23):

Ora, para possuir livros é preciso que se saiba, eventualmente escrevê-los. Normalmente, todos os monges, salvo exceção, devem saber escrever. O abade e o celeireiro devem anotar aquilo que é dado e o que é recebido; conserva-se nos arquivos documentos escritos. Uma das coisas exigidas dos monges é que peçam autorização para escrever cartas; outra é que não possuam material de escrita sem permissão; no mais, cada um deve receber um estojo com o material para escrever." Ao menos alguns devem saber fabricar livros, isto é, copiá-los, encaderná-los, decorá-los, e isso em vista de duas destinações diferentes. As imprecisões da Regra a esse respeito são esclarecidas à

³¹The institutional and social force of grammatica in monastic culture is also demonstrated by the requirement that illiterate or unlearned members of the community participate in literate culture. Monastic culture is frequently characterized as being highly oral, based on oral reading and instruction, but this oral culture was essentially textual, and those unable or just learning to read had the necessary texts read to them: the prayers of the daily office and the Scriptures were read and chanted (8-19), the Rule itself was to be read to the whole community (66.8), the entire Psalter was to be read through once weekly (18.22-25), and other highly valued texts were read aloud at meals and at appropriate times in the liturgy (38, 9.8, 73.4). The whole course of an individual life was to be “schooled” by Christian texts and discourses (Prol. 45-46). The Rule itself is a mosaic of Scriptural references with commentary and was treated as an extension of the biblical text.

³² Naturally, in order to possess books, it eventually becomes necessary to know how to write them. All the monks, as a matter of course and without exception, are supposed to know how to write.

³³ Leclercq, 2012, p. 153 menciona a formação de um sistema de empréstimos e trocas entre bibliotecas de mosteiros visando a obtenção de bons manuscritos.

luz de outras regras contemporâneas. Em primeiro lugar, é preciso fazer livros para o mosteiro: sem dúvida, poderiam ser recebidos como doação - tais casos são conhecidos. Mas, normalmente, eram copiados no mosteiro: o fato é atestado explicitamente em muitas regras da mesma época, sendo suposto por Bento, assim como eram copiados livros para serem vendidos. Isso também é dito em outras regras antigas, em termos que reencontramos em São Bento, não podendo possuir senão o mesmo sentido.

Os monges beneditinos, através de seu plano de educação constituíram um verdadeiro “programa de investigação”, nos termos de Swiggers (2013, p. 48). Ao apresentar as Escrituras, obras patrísticas e a Regra em seu currículo, em um contexto associado fortemente à gramática latina, os beneditinos, ao disseminarem seu modo de vida e pensamento monástico, ampliaram significativamente o alcance da tradição gramatical latina.

Nesta subseção, vimos alguns aspectos relacionados à vida e formação monástica, especialmente com relação aos mosteiros beneditinos, responsáveis por uma verdadeira corrente de pensamento monástica que se desenvolveria no contexto anglo saxão e do Renascimento Carolíngio. Também apresentamos um breve elemento biográfico de São Bento e discutindo passagens da sua Regra monástica que trazem elementos de cultura textual. A partir das informações que discutimos, podemos verificar o quanto a cultura letrada e gramatical fazia parte do itinerário de um mosteiro beneditino, com respaldo na própria Regra. Dessa forma, podemos compreender como a dispersão das comunidades monásticas, especialmente dos beneditinos, durante os primeiros séculos da Idade Média no Ocidente europeu contribuiu para a formação da cultura textual.

3.2 A formação da cultura gramatical anglo-saxã

As *Excerptiones de Prisciano* são um texto do século X (Porter, 2002, p. xii), cujos manuscritos mostram elementos de origem anglo-saxã e carolíngia, como seu conteúdo, com a adaptação³⁴ da obra de Prisciano, glossários encontrados em outros manuscritos anglo-saxões e o tipo de escrita, que apresentam grafias aglo-saxãs e carolíngias (Porter, 2002, p.3), além de ter sido o texto base para um dos mais importantes documentos em inglês antigo, a *Excerptiones de arte grammatica*. Sabemos que se trata de uma obra nascida no contexto da

³⁴ As *Excerptiones* ilustram o que Swiggers (2013, p. 47-48) discute sobre os conceitos da historiografia linguística quanto à organização e classificação dos dados. Assim, a “entidade individual” (*Excerptiones de Prisciano*), que se encontra em uma “linha de desenvolvimento” que se inclina à conservação, continuidade, pode ser compreendida como uma adaptação quanto à “estratégia” empregada pelo compilador ao editar a obra de Prisciano, sem introduzir de fato uma mudança em seu pensamento.

Reforma Beneditina, um movimento de restauração da cultura latina no séc. X na Inglaterra em um período pós Renascimento Carolíngio onde havia grande troca de informação entre os mosteiros anglo-saxões e carolíngios (Porter, 2002, p. 29).

Porém, a formação de uma cultura gramatical por monges anglo-saxões precede em alguns séculos a Reforma Beneditina, e é essencial compreendermos alguns aspectos do desenvolvimento da cultura letrada na Inglaterra e, posteriormente, no continente. Por isso, apresentaremos uma breve contextualização histórica sobre o desenvolvimento da cultura textual e gramatical entre os anglo-saxões e, posteriormente, entre os carolíngios.

Abaixo, reproduzimos um mapa da Inglaterra no período anglo-saxão. Embora o mapa não possa representar as divisões territoriais do espaço de tempo que aqui retratamos, que envolve alguns séculos, queremos chamar a atenção ao menos para a localização dos principais centros institucionais que mencionamos neste subcapítulo:

IMAGEM 3 – A Inglaterra anglo-saxã



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9f/Anglo-Saxon_Heptarchy.jpg

Os anglo-saxões que se instalaram na Inglaterra vieram da Saxônia, território que hoje estaria no norte da atual Alemanha. Embora realizassem incursões ao território britânico desde o século terceiro, começaram a se estabelecer permanentemente antes do último quarto do século V. Falavam variantes do idioma germânico da Saxônia e da Frísia e eram pagãos (Gilson, 2001).

O Cristianismo já estava presente na Inglaterra desde o século III, e os povos celtas da ilha já foram estabelecidos no Cristianismo. Apesar disso, não tiveram nenhuma iniciativa missionária para a conversão dos anglo-saxões, pois a brutalidade das invasões teriam deixado um ressentimento profundo entre os anglo-saxões pagãos e os cristãos celtas (Mcluhan, 2005, p. 102). Assim, os missionários beneditinos de Agostinho teriam que iniciar um processo de conversão com os anglo-saxões totalmente novo. Isso é abordado em um dos principais relatos da invasão anglo-saxã às ilhas britânicas, *De excidio et conquestu britannia*, de Gildas (c. 450/500 – c. 570 d.C.), na qual o autor coloca as causas da invasão nos pecados dos próprios bretões. São Beda também comenta que sua ruína ocorreu graças à recusa dos celtas em converter os germânicos invasores (Gilson, 2001, p. 213):

Roma não esperara as invasões anglo-saxãs para enviar missionários à Grã-Bretanha, e as populações celtas da ilha já haviam sido parcialmente cristianizadas. No entanto, os anglo-saxões mesmo eram pagãos, e nem os bretões, nem seus sacerdotes parecem ter sentido o menos desejo de ajudar seus invasores a irem para o céu. À lista dos crimes que, segundo seu historiador Gildas, lhes atraíram o castigo celeste, Beda acrescenta sua negligência em ensinar a fé cristã.

Assim, foi Roma que se encarregou da conversão dos anglo-saxões. São Gregório Magno enviou missionários beneditinos para a Inglaterra no ano 596, a fim de trazê-los para o Cristianismo, sob a liderança de um monge beneditino chamado Agostinho (534-604) (Irvine, 1994, p. 190). Assim escreve Beda (*Hega*, XXIII):

Assim, no ano quingentésimo octogésimo segundo (...), o décimo do reinado de Gregório, homem de particular ortodoxia e ação, escolhido para o pontificado da Sé Romana e Apostólica, reinou treze anos, seis meses e dez dias. Este, movido por um inspiração divina, no ano décimo quarto de seu próprio reinado, , a chegada dos ingleses à Britânia aproximadamente no ano centésimo quinquagésimo, enviou o servo de Deus Agostinho e, com ele,

muitos outros monges tementes a Deus, para pregar a palavra de Deus aos ingleses.³⁵

A Missão se desenvolveu de maneira rápida, e logo no ano de 601 Agostinho já era bispo de Cantuária. Depois, como conta Beda, Gregório enviou em seu auxílio muitos ministros e objetos necessários à liturgia, entre os quais se encontravam *codices plurimos* “muitos livros”³⁶. Gilson (2001, p. 214) e (Mcluhan, 2005, p. 82) argumentam que, embora Beda não apresente uma lista desses livros, é possível que não se reduzissem a apenas livros litúrgicos, de modo que é plausível que alguns desses tenham sido também gramáticas. Vemos, afinal, a formação de um clero nativo, cujos membros deveriam ter aprendido latim eventualmente, uma vez que era estritamente necessário:

Beda não diz que obras eram essas, o que também não descobrimos a partir de outras fontes. Contra qualquer suposição de que seriam apenas livros religiosos, é bastante adequado insistir no fato de que os missionários romanos precisavam aprender anglo-saxão por conta própria e ensinar latim para aqueles que se tornariam padres.

A religião cristã se espalhou de maneira muito rápida no território anglo-saxão, e embora tenham ocorrido retornos pontuais ao paganismo, como Beda comenta, foi possível uma integração cada vez mais significativa dos recém-convertidos em posições eclesiásticas (Law, 1982, p. 4), iniciando a formação de um clero local. Em 644, um padre inglês se torna bispo de *East Anglia* e Deusdedit, também de origem anglo-saxã, torna-se arcebispo de Cantuária, sendo o sexto sucessor de Agostinho (Gilson, 2001, p. 214). É nesse processo, relativamente rápido, do crescimento do clero indígena na Inglaterra, que vemos o início do desenvolvimento da cultura latina (Gilson, 2001, p. 214): “foi preciso começar por ensinar a esses pagãos a língua da Igreja, e deve ter sido assim que a importação de um rudimento de cultura latina entre as novas populações da Inglaterra se iniciou”.

Quando Deusdedit morre, Roma começa a enviar não apenas missionários, mas homens de alta cultura (Mcluhan, 2005, p. 103). O papa Vitalino envia à Inglaterra como seu sucessor

³⁵ Siquidem anno ab incarnatione Domini quingentesimo octogesimo secundo. (...) regni decimo Gregorius, vir doctrina et actione praecipuus, pontificatum Romanae et Apostolicae sedis sortitus, rexit annos tredecim, menses sex, et dias decem. Qui divino admonitus instinctu, anno decimo quarto ejusdem principis, adventus vero Anglorum in Britanniam anno circiter centesimo quinquagesimo, misit servem Dei Augustinum, et alios plural cum eo monachos timentes Dominum, pradiicarem verbum Dei genti Anglorum.

³⁶ Praeterea idem papa gregorius Augustino episcopo, quia suggesserat ei multam quidem ibi esse messem, sed operários poucos, misit cum praefatis legatariis suis plures cooperatores ac verbi ministros (...); et per eos generaliter universal, quae ad cultum erant ac ministerium ecclesia necessaria, visa, videlicet, sacra et vestimenta altarium, ornamenta quoque ecclesiarum, et sacerdotalia vel clericalia indumenta, sanctorum etiam apostolorum ac martyrum reliquias, nec non et codices plurimos

Teodoro, um monge grego que estudara em Atenas³⁷ e era versado nas artes profanas e sacras, nas línguas grega e latina. Com Teodoro, foi enviado Adriano, um africano, de cultura igualmente ampla.

Enquanto Teodoro sobe à Sé de Cantuária (*Canterbury*), Adriano se torna o primeiro abade do mosteiro de São Pedro, também na Cantuária (Gilson, 2001 p. 214) e assim, ambos constróem o que se tornou a primeira escola na Inglaterra (Mcluhan, 2005, p. 103). Com esse início da formação das escolas monásticas na Inglaterra, Teodoro e Adriano estabeleceram um currículo de fundação e grande parte da estrutura curricular era a *grammatica*. Além disso, ambos trouxeram livros, professores e escribas, institucionalizando a cultura gramatical na Inglaterra anglo-saxã. Irvine (1994, p. 272, t. n.), comenta: “Essa segunda missão à Inglaterra, restabelecendo os laços institucionais com Roma iniciados por Agostinho de Cantuária quase um século antes, foi decisiva para a história da *grammatica* e para a cultura textual no mundo Anglo-saxão e Carolíngio”.³⁸

Para dar continuidade à nossa descrição da educação anglo-saxã, vamos falar um pouco sobre Beda, o Venerável (673-735), um dos autores anglo-saxões mais importantes, tratando um pouco de sua obra gramatical e o que seus escritos revelam sobre os centros educacionais de seu povo. Beda é uma das principais figuras que representam o modelo gramatical estudado na Inglaterra anglo-saxã, cuja obra exerceu uma influência notável nos séculos seguintes na Inglaterra e, eventualmente, no continente, através de Alcuíno, o modelo de gramática que estudamos neste trabalho pode ser observado no decorrer de sua obra (Irvine, 1994, p. 273).

A cultura gramatical está inscrita em toda a obra de Beda em vários níveis. Seus comentários, histórias e tratados gramaticais demonstram o amplo trabalho cultural realizado pela *grammatica* nas primeiras comunidades monásticas e instituições políticas anglo-saxônicas. Os escritos de Beda, portanto, fornecem exemplos especialmente reveladores da construção gramatical da textualidade e dos efeitos mais amplos da *lectio* e da *enarratio*.³⁹

A obra notável de Beda foi possível graças à grande biblioteca à qual tinha acesso no mosteiro de Wearmouth-Jarrow, cujas terras foram doadas pelo rei Ecgfrith em 674, e que começou a ter seu acervo montado pelo seu primeiro abade, Bento Bispo. Bento fez três

³⁷ Ver Law (1982, p. 7).

³⁸ This second Roman mission to England, re-establishing the Roman institutional ties initiated by Augustine of Canterbury almost a century earlier, was decisive for the history of *grammatica* and textual culture in the Anglo-Saxon and Carolingian world.

³⁹ Grammatical culture is inscribed throughout Bede's works at several levels. His commentaries, histories, and grammatical treatises demonstrate the broad cultural work performed by *grammatica* in early Anglo-Saxon monastic communities and political institutions. Bede's writings thus provide especially revealing examples of the grammatical construction of textuality and the larger effects of *lectio* and *enarratio*.

viagens a Roma antes de se tornar abade, e acompanhou o arcebispo Teodoro para a Cantuária. Sua vasta biblioteca pessoal se tornaria o núcleo da biblioteca utilizada por Beda, e ainda aumentaria de volume após uma quarta viagem para Roma (Irvine, 1994, p. 273). A formação desta biblioteca se tornaria um tema trazido na obra de Beda *Historia Abbatum*: “(Bento)⁴⁰ ordenou que a biblioteca nobilíssima e vastíssima que trouxera de Roma para a instrução necessária da Igreja, fosse conservada íntegra, para que não fosse danificada por negligência nem fosse amplamente dispersada”.⁴¹ Assim, Beda tinha acesso a uma grande quantidade de livros, possuindo os recursos necessários para a produção de sua obra e que, devido à vastidão e ecletismo de seu conteúdo, além da futura adoção de sua *opera* como texto “canônico” nos estudos linguísticos em diversos centros nos séculos seguintes, Beda e sua obra se tornaram um modelo para a cultura gramatical latina medieval.

Dentre as obras escritas por Beda, encontramos gêneros gramaticais, hagiógrafos, comentários sobre as Escrituras, teológicos e de contagem do tempo. Embora nunca tenha escrito uma gramática abrangendo a totalidade ou boa parte da *Ars grammatica*, mas produziu obras sobre ortografia (*De Orthographia*), métrica (*De arte Metrica*), e figuras e tropos (*De Schematis et tropis Sacrae Scripturae*) (Law, 2003, p. 116). Cada uma dessas obras pode ser classificada em uma categoria da *scientia interpretandi* vista anteriormente (Irvine, 1994, p. 274, t.n.):

As obras gramaticais de Beda são melhor compreendidas no contexto cultural fornecido pela estrutura da metodologia gramatical no prefácio em *Anonymus*. Os tratados de Beda são exemplos de, e contribuições para os *officia grammaticae* tradicionais. *De Orthographia* pertence à *emendatio*, *De Arte Metrica* à *lectio*, principalmente, mas inclui alguns princípios da *enarratio* e *iudicium*, e *De Schematibus et tropis* pertence à *enarratio*. Os trabalhos de Beda podem ser prontamente inseridos no modelo dos estudos gramaticais no século VIII.⁴²

Queremos aproveitar este final de sessão para tratarmos um pouco do caminho feito pela obra de Prisciano para chegar aos anglo-saxões. Porter (2002, p. 14) menciona que a *Ars Prisciani*, publicadas entre 526-527 em Constantinopla, rapidamente chegaram à Itália e foram

⁴⁰ Bispo Bento (c. 628 – 690) foi o fundador da abadia de Wearmouth e Jarrow (MOBEELY, 1881)

⁴¹ Bibliothecam quam (Benedictus) de Roma nobilissimam copiosissimamque advexerat, ad instructionem ecclesiae necessariam, sollicite servari integram, nec per incuriam foedari, aut passim dissipari praecepit. *Historia Abbatum* (séc. VIII) ed.: 1888.

⁴² Bede's grammatical works are best understood in the cultural context provided by the outline of grammatical methodology in the Anonymus's preface. Bede's treatises are examples of, and contributions to, the traditional *officia grammaticae*. *De orthographia* belongs to *emendatio*, *De arte metrica* mainly to *lectio* but includes some principles of *enarratio* and *iudicium*, and *De schematibus et tropis* to *enarratio*. Bede's works can be readily inserted in the model of grammatical studies used in the eighth century.

resumidas por Casiodoro, tendo chegado à Inglaterra no século VII d.C. De acordo com Gneuss (1990, p. 6), quase todas as obras de Prisciano eram conhecidas na Inglaterra anglo-saxã. Porter cita alguns autores anglo-saxões que utilizaram a obra de Prisciano em seu trabalho: Adelmo, que conhecia a *Ars prisciani* e obras menores, como a *Npv*, *Partitiones* e *De accentibus*, utiliza o Gramático em seu *De pedum regulis*; Prisciano contribui também para *De orthographia*, de Beda. Na época de Adelmo Prisciano já fazia parte de uma tradição crítica, especialmente entre os irlandeses, responsáveis pelo manuscrito mais antigo encontrado da *Ars* completa, o Prisciano de Saint Gallen. A influência de Beda é sentida também na confecção das *Excerptiones*. O capítulo *Triginta divisiones grammaticae artis* contém parte de *De schematibus et tropis* e *De arte metrica* ao tratar de *pedes*, *schemata* e *tropi* (Law, 1987, p. 54).

Levando em consideração as informações apresentadas acima, conclui-se uma grande influência dos anglo-saxões para a formação da cultura gramatical medieval. Entretanto, sua parte nessa produção não ficaria restrita à Inglaterra apenas, mas também seria exercida no continente, entre os carolíngios, especialmente através da figura de Alcuíno (Irvine, 1994; Law, 1982;1997), de quem vamos tratar na seção seguinte.

3.3 Alcuíno e o Renascimento Carolíngio

A principal figura relacionada ao Renascimento Carolíngio, além do próprio Carlos Magno, é Alcuíno (c. 731-804), o principal mentor intelectual do movimento. Sua formação ocorreu na abadia de York. Em seu período de permanência lá, a biblioteca e a escola de York estavam sobre a supervisão de Egberto, Arcebispo de York. Vale notar que Egberto era conhecido de Beda e recebia instruções com relação à educação em sua arquidiocese, de forma que podemos concluir a influência de Beda na educação da escola de York (Leach, p. 53). Além disso, Egberto e seu pupilo, Alcuíno, haviam viajado a Roma e retornaram com muitos novos volumes para a biblioteca.

Alcuíno, que se tornou superior da escola e da biblioteca de York, menciona no poema *De pontificibus et panctis eboracensis ecclesiae* uma longa lista de autores cristãos e clássicos presentes no catálogo (Irvine, 1994, p. 315), entre os quais encontram-se Donato, Prisciano, Agostinho, Cassiodoro, Adelmo e Beda, como menciona Sandys (1906, p. 471-472) e Page (1909, p. 71-72). Sandys chega a comentar (p. 472) que a biblioteca de York na época de Alcuíno superava qualquer biblioteca na Inglaterra e França.⁴³ Essas informações apresentam

⁴³ Among prose authors he mentions Jerome, Hilary, Ambrose, Augustine, Athanasius, Orosius; Victorinus and Boëthius; Gregory and Leo; Basil and Chrysostom; Cassiodorus and Fulgentius; Aldhelm and Bede; among earlier writers, in prose or verse, Pompeius (Trogus) and Pliny; Aristotle (doubtless, in Latin) and Cicero; Virgil, Lucan and Statius; among later poets, Sedulius and Juvenius, and, among grammarians, Donatus and Priscian. His

evidências que corroboram em favor da qualidade da educação recebida por Alcuíno, dada a riqueza do acervo disponível, fundamentando a importância de sua participação essencial no processo de renovação da cultura latina durante o reinado de Carlos Magno.

Antes de continuar a tratar de Alcuíno e sua participação na reforma carolíngia, vamos tratar um pouco a respeito do próprio Império para fornecer uma breve contextualização histórica. O período Carolíngio (751-877), com sua sucessão de líderes, passando por reis como Carlos Martel, Pepino, o Breve, Carlos Magno e Luís, o Piedoso, viu um grande desenvolvimento político e cultural através das ações desses governantes, especialmente entre 751-877, no qual vemos uma grande transformação política e administrativa que se deu especialmente devido à necessidade de se administrar um território das proporções que o Império Carolíngio tomou. Embora fosse aumentar consideravelmente sob o poder de Carlos Magno, e só fosse ser chamado “Império” ao final de seu reinado, o imperador se baseou nas políticas de seus predecessores (Wickham, 1998, p. 512), desenvolvendo-as em um projeto político com a grandeza necessária para manter a unidade política e cultural em seu território em constante crescimento.⁴⁴

O chamado Império Carolíngio constituiu o maior território político na Europa desde a queda do Império Romano até o Império Napoleônico⁴⁵ (Whickham, p. 523), resultado das conquistas territoriais militares empreendidas por Carlos Magno. Alguns dos aspectos da política de Carlos Magno seriam o patrocínio da Igreja, protegida pelo rei e eventualmente imperador e a cultura entre o clero e o povo (Luhtala, 1995, p. 126). Os territórios da antiga Gália, porém, encontravam-se em um estado intelectual, cultural e religioso lamentável, de forma que os governantes carolíngios tenham viram a necessidade de uma renovação cultural e educacional (Gilson, 2001, p. 223) e McLuhan (2005, p. 111). Portanto, a agenda política de

enumeration of all these and other authors shows that, in the last quarter of the eighth century, the Library at York far surpassed any, even in the twelfth century, in England or France (...). Alcuin himself had copied text- books at York in his youth, and scribes were afterwards sent there to copy Mss for his monastery at Tours (Sandys, 1906, p. 471-472). “Entre os autores de prosa que ele (Alcuíno) menciona, estão Jerônimo. Hilário, Ambrósio, Agostinho, Atanásio, Orósio; Vitorino e Boécio; Gregório e Leão; Basílio e Crisóstomo; Cassiodoro e Fulgêncio; Adelmo e Beda; entre outros autores mais antigos, em prosa e verso, Pompeu (Trogus), e Plínio; Aristóteles (em latim, sem dúvida) e Cícero; Virgílio, Luciano e Statius; entre os poetas Sedúlio e Juvêncio, e, entre os gramáticos, Donato e Prisciano. Sua enumeração de todos esses e outros autores mostra que, no último quarto do século VIII, a biblioteca em York superava de longe qualquer outra, mesmo no século XII, na Inglaterra ou na França (...) O próprio Alcuíno copiou livros didáticos em York em sua juventude, e escribas foram posteriormente enviados para lá para copiar manuscritos para seu mosteiro em Tours.”

⁴⁴ Carlos Magno seguiu a senda política de Pepino, porém, ao largo de seu grande reinado, transformou-a e, nesse ínterim, modificou os parâmetros da política europeia para um período mais prolongado - cerca de três séculos, no mínimo - coisa não sem comparação com qualquer outro governante alto-medieval. (Wickham, 1998 p. 512)

⁴⁵ Por volta de 804, as terras governadas por Carlos Magno eram 50% mais extensas do que em 768, e tinham duas vezes o tamanho daquelas governadas por Carlos Martel, quando de sua morte. Praticamente todas as fronteiras ficaram mais distantes do que haviam sido em 768 (Wickham, 1998 p. 515)

Carlos buscava estabelecer em seus territórios uma unidade cultural e religiosa, um exemplo a ser seguido pelo estado cristão ideal.

IMAGEM 4 – O Império Carolíngio



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Carolingian_Empire_map_1895.jpg

O processo de recepção das disciplinas, obras e autores latinos por parte dos intelectuais cristãos a partir do séc. IX se destacou por ter consolidado institucionalmente, através do poder real, o percurso dos estudos das artes e disciplinas, renovando de maneira significativa o seu estudo. Tal impulso consolidou as bases de uma transformação não só no próprio estudo da gramática, mas também em todo o ambiente intelectual (Irvine, 1994, p. 306).

A *grammatica* forneceu as tecnologias especiais de autoridade: latinidade normativa, conhecimento de um cânone literário, as artes da escrita, produção de livros que se tornou parte de uma ideologia mais ampla. Sem a Gramática, leis e cartas não poderiam ser escritas, as Escrituras não poderiam ser lidas, copiadas ou interpretadas, a autoridade e a tradição eclesiásticas não poderiam ser mantidas, e toda a cultura textual da igreja e do mosteiro não poderia ser praticada. Um amplo conjunto de textos dos séculos VIII e IX –

leis, tratados sobre as artes, poemas, cartas, florilégios – revela o papel da Gramática na constituição de todos os aspectos da cultura textual.⁴⁶

De fato, vemos que tal projeto buscava uma *renovatio*, uma reforma ou correção da “vida privada bem como dos atos públicos de todos os súditos, tanto laicos como eclesiásticos” (Wickham, p. 218). O que vimos a respeito da necessidade do aprendizado da gramática latina para as funções litúrgicas e para a vida espiritual, como na cultura monástica, possui, além desses elementos, um grande papel exercido em funções públicas. As reformas necessitavam da língua latina como base, uma vez que o idioma latino e, conseqüentemente, a disciplina da *grammatica*, estava presente em praticamente todos os aspectos da vida religiosa, além de sua presença no poder político pela escrita de leis e decretos e documentos oficiais. Dessa forma, a gramática era o substrato necessário para que se levasse a cabo as reformas carolíngias. Assim estava a cultura textual gramatical imersa no projeto carolíngio (Irvine, 1994, p. 305-306):

A codificação carolíngia da *grammatica* estabeleceu fundações para a subsequente cultura textual: a maioria do *corpus* dos tratados gramaticais clássicos e das obras da literatura clássica está preservada em manuscritos copiados na era Carolíngia. No despertar do programa para unificar e normalizar a cultura textual, uma nova escrita, a minúscula carolina, foi desenvolvida para auxiliar a leitura e a cópia (a mão). O desenvolvimento dessa escrita atendeu às demandas da *grammatica* pela legibilidade dos textos e satisfaz as necessidades de unificação política através da palavra escrita. O prestígio dos livros copiados e disseminados nessa escrita teve o efeito de promover e estender a cultura gramatical carolíngia pela Europa durante os séculos IX e X e na Inglaterra anglo-saxã após a escrita ter sido adotada lá.⁴⁷

As reformas foram empreendidas principalmente a partir de leis que regulavam o ensino nos mosteiros e escolas, das quais as mais importantes são a *Admonitio generalis* e *De litteris collendis* (Irvine, 1994, p. 305). A *Admonitio* pede em um cânon o estabelecimento de escolas e *scriptoria* em todas as catedrais e mosteiros para o ensino da a leitura, que ensinariam os

⁴⁶ *Grammatica* supplied special technologies of authority normative latinity, knowledge of a literary canon, the scribal arts, book production which became part of a larger ideology Without grammatica laws and charters could not be written, the Scriptures could not be read, copied, or interpreted, ecclesiastical authority and tradition could not be maintained, and the entire textual culture of church and monastery could not be practiced. A wide arrango of eighth- and ninth-century texts - laws, treatises on the artes, poems, letters, florilegia - disclose the role of grammatica in constituting all aspects of textual culture.

⁴⁷ The carolingian codification of grammatica established the foundations for subsequent textual culture: most of the corpus of classical grammatical treatises and classical literary works is preserved in manuscripts copied in the Carolingian era.¹² In the wake of the program for unifying and normalizing textual culture, a new script, caroline minuscule, was developed to aid reading and copying. The development of this script met the demands of grammatica for the legibility of texts and fulfilled the need for political unification through the written word. The prestige of books copied and disseminated in this script had the effect of promoting and extending Carolingian grammatical culture throughout Europe during the ninth and tenth centuries and in Anglo-Saxon England after the script had been adopted there.

Salmos, o canto litúrgico, gramática e a cópia de textos cristãos. Também pode-se perceber uma preocupação com o trabalho do copista, uma vez que a transmissão dos textos dependia da cópia dos manuscritos, sendo valorizados especialmente os textos sagrados (Irvine, 1994, p. 307):

Alguns desejam bem invocar Deus, mas O invocam mal através de livros incorretos. Não permita a seus garotos corromper os livros ao ler ou escrever. Se o trabalho a ser copiado é um Evangelho, saltério ou missal, que homens de idade madura os escrevam com toda diligência.⁴⁸

A *Admonitio* deixa transparecer um aspecto da gramática medieval que já discutimos. Ao escrever aos bispos para não permitir que seus jovens corrompem os textos, mas que estes sejam escritos por copistas experientes com diligência, vemos uma preocupação com a transmissão correta dos textos no *scriptorium*. Trata-se de uma aplicação do princípio da emendatio.

Já a epístola *De litteris collendis*, enviada a Baugulf, arcebispo de Fulda, em uma admoestação aos bispos dos territórios sob Carlos Magno. Nessa carta, destaca-se a importância do latim correto e do falar bem, e na qual as habilidades gramaticais, *recte loquendi*, são consideradas necessárias para se honrar a Deus corretamente (Wallach, 1951 p. 290):

Que seja conhecido para a vossa devoção agradável a Deus que nós, junto com nossos fiéis, consideramos ser útil que, nos episcopados e monastérios entregues à nós para governar pela graça de Cristo, além da ordem da vida regular e da conversação da santa religião, também devem ter zelo na meditação das letras com aqueles que, com a graça do Senhor, podem aprender, cada um segundo a sua capacidade, assim como a norma regular transmite a honestidade de costumes, também ordene e adorne a necessidade de ensinar e aprender a organização das palavras, para que aqueles que desejem agradar a Deus vivendo corretamente também não negligenciem agradá-IO falando corretamente.⁴⁹

⁴⁸ some desire well to call upon God, but they call upon Him badly through uncorrected books. And do not allow Your boys to corrupt the books by reading or writing. If the work to be copied is a gospel, psalter, or missal, let men of mature age write them with all diligence.

⁴⁹Notum igitur Deo placitae devotioni vestrae, quia nos una cum fidelibus nostris consideravimus utile esse, ut per episcopia et monasteria nobis christo propitio ad gubernandum commissa praeter regularis vitae ordinem atque sanctae religionis conversationem etiam in litterarum meditationibus eos, qui donante Domino discere possunt, secundum uniuscuiusque capacitatem discendi studium debeant impendere, qualiter, sicut regularis norma honestatem morum, ita quoque docendi et discendi instantia ordinet et ornet seriem verborum, ut, qui Deo placere appetunt recte vivendo, ei etiam placere non neglegant recte loquendo.

A carta, portanto, evidencia o papel do aprendizado gramatical ao se falar bem *recte loquendo*, com certeza tratando das ocasiões nas quais o latim seria utilizado, desde a liturgia até a própria produção textual.⁵⁰ Como foi apresentado na discussão a respeito das categorias gramaticais, observamos aqui uma alusão também à *ractio recte loquendi et scribendi*, observando a importância de categorias gramaticais como a ortografia, a morfologia, sintaxe, etc.

Durante as décadas de 770 e 780, Carlos Magno convidou intelectuais proeminentes que fossem capazes de levar a cabo o florescimento da cultura e da intelectualidade. Entre estes, podemos enumerar Pedro de Pisa e Paulo Diácono, da Itália, Teodolfo de Orleans, da Espanha e o próprio Alcuíno (Luhtala, 1995, p. 126). Alcuíno chegou à corte de Carlos Magno em 782, e foi introduzido no círculo intelectual a cargo da escola da corte, que incluía membros de famílias nobres para serem preparados para funções importantes no reino, além de intelectuais e poetas. Alcuíno exerceu uma importante autoridade

Desde o início do séc. IX, encontramos, com o Renascimento Carolíngio, um retorno significativo às obras latinas, como menciona Law (1982, p. 103). No mesmo período, vemos o crescimento em popularidade da *Ars Prisciani*, desconhecidas até então, ao menos no continente (Luhtala, 1995, p. 128), de forma que começa a se dar mais atenção a Prisciano. Enquanto essa obra era pouco lida antes do período carolíngio, com Donato predominando em cópias da época até o ano 800, no século IX a *Ap* passa a apresentar cópias mais numerosas, apresentando cerca de cinquenta cópias sobreviventes (Law, 1997, p. 82).

Os carolíngios, portanto, foram os maiores responsáveis pela ampla adoção de Prisciano de Cesaréia como principal objeto das reflexões gramaticais a partir do séc. IX d.C, e principal componente relacionado à gramática no que viria a ser o currículo escolástico até o século XV (Bursill-Hall, 1995, p. 130). O principal responsável por essa adoção foi o próprio Alcuíno, que através de sua influência, tendo ele organizado o currículo dos estudos em algumas das escolas carolíngias, como Aachen e Tours (Irvine, 1994, p. 317).

Duas de suas obras produzidas no continente revelam seu trabalho com Prisciano. Em *Dialogus franconis et saxonis de octo partibus orationis*, Alcuíno apresenta um diálogo entre dois estudantes, um franco e um saxão, na qual ambos discutem a doutrina apresentada na *Ap*. Ocasionalmente, Alcuíno também confronta o ensino de Donato com o de Prisciano. Outro trabalho seu constituía uma série de excertos da *Ars* tratando a respeito de problemas sintáticos,

⁵⁰ Com “falar bem” deve-se entender também a leitura, escrita e interpretação. O termo é utilizado em um sentido genérico, significando “expressão”, “discurso” (Irvine, 1994, p. 307).

embora não tenha alcançado o sucesso do *Dialogus*. Entretanto, foi uma obra precursora de outros excertos da mesma gramática antiga (Law, 1997, 137):

Alcuíno também tentou popularizar a doutrina de Prisciano ao compilar uma coleção de extratos das *Institutiones grammaticae*, principalmente em problemas sintáticos. Esta foi muito menos lida do que sua gramática, mas foi a antecessora de um grande número de tentativas similares para recortar o vasto volume das *Institutiones* para um tamanho manejável, como a *Adbreuiatio* de Ursus de Benevento. As *Excerptiones de Prisciano* utilizadas por Ælfric como a base de sua gramática de latim em inglês antigo é uma versão abreviada de tamanho substancial.⁵¹

Outro exemplo desse tipo de obra é a de Habranus Maurus, com seu *Excerptio de arte grammatica Prisciani*, uma coleção de excertos da *Ap* relacionados à prosódia (Law, 1982, p. 103-104), enquanto Walafrido Strabo suplementa as obras de Donato com material da *Ap* (Law, 1997, p. 138). Além da *Ars*, a *Npv* também foi resumida (Law, 1982, p. 104). Considerando essas informações, vemos surgir durante o Renascimento Carolíngio uma tendência a resumir a obra de Prisciano, entre outros gramáticos clássicos, em volumes menores e mais acessíveis, através de excertos de sua doutrina, ilustrando ao menos a origem do procedimento de resumir autores clássicos, especialmente Prisciano, que é observada na obra que apresenta em seu próprio título esse processo, *Excerptiones de Prisciano*.

3.4 Os anglo-saxões após o Renascimento Carolíngio

Após termos investigado a respeito do papel dos carolíngios no desenvolvimento da gramática, vamos tratar um pouco dos anglo-saxões após o Renascimento, uma vez que sua história está relacionada de maneira mais próxima à composição das *EP*. A cultura gramatical, e, no geral, intelectual, em boa parte do século IX na Inglaterra anglo-saxã sofreu uma interrupção e, conseqüentemente, um declínio (Law, 1997, p. 201), devido às invasões dinamarquesas entre 793 e 878 - embora Gneuss (1990, p. 5) afirme que essa não poderia ser a única razão desse declínio, uma vez que já vinha acontecendo antes das invasões. Em resposta ao declínio da cultura textual, algumas autoridades incentivaram e conduziram reformas para o

⁵¹ Alcuin also attempted to popularise Priscian's doctrine by compiling a collection of extracts from the *Institutiones grammaticae*, mostly on syntactic problems. This was far less widely read than his grammar, but was the forerunner of a large number of similar attempts to cut the vast bulk of the *Institutiones* down to a manageable size, such as the *Adbreuiatio* of Ursus of Beneventum. The *Excerptiones de Prisciano* used by Ælfric as the basis of his Old English grammar of Latin is an abbreviated version of substantial size in its own right.

restabelecimento dessa cultura. Trata-se das reformas de Alfredo, o Grande e a Reforma Beneditina. Foi possível uma estabilidade que permitisse alguma retomada significativa dos estudos com o reinado de Alfredo de Wessex (849-899 d.C.), que fez paz com o líder dinamarquês Guthrum em 878. Com a consolidação do poder de Alfred e de sua dinastia, foram reconstruídas igrejas, escolas e mosteiros e bibliotecas, além da renovação da cultura letrada (Irvine, 1994, p. 406).

A preocupação de Alfred pode ser encontrada em documentos oficiais divulgados pelo reino, à semelhança das cartas de Carlos Magno. No prefácio de sua tradução da obra *Cura pastoralis*,⁵² de São Gregório Magno, enviada para cada bispo em seu reino (Tomkins, 1876, p. 26), o rei reclama a respeito do desconhecimento da língua latina por parte do clero e da destruição de muitos livros antes de seu reinado (Bullough, 1972, p. 457), relembrando que “outrora havia homens sábios presentes na raça inglesa, de condição espiritual e secular (...), como as ordens religiosas eram zelosos com sua doutrina e com seu aprendizado e com todos os serviços que deveriam prestar para Deus” (Tomkins, 1876, p. 26, t.n.).⁵³ Pode-se supor que Alfred queria que essa obra fosse lida pelos bispos para seus sacerdotes, e a tradução para o vernáculo permitiria mais facilmente a instrução de clérigos ignorantes do latim. Embora a prática da tradução de documentos para o anglo-saxão não se inicie com Alfred, certamente o rei se aproveitou desse recurso para tornar determinados textos mais acessíveis. O rei escreve: “parece melhor para mim, se parecer melhor para vós, traduzir alguns livros que são os mais necessários para o conhecimento de todos os homens para a língua que nós todos podemos compreender (Bullough, 1972, p. 457-458).⁵⁴

Assim, a Reforma de Alfred abriu um precedente para um cultivo maior de uma cultura textual bilíngue. Essa cultura foi codificada por Alfred e seus sucessores, de forma que seria desenvolvida uma textualidade própria do inglês antigo, atuando inclusive na tradução, interpretação e em glosas dos textos latinos (Irvine, 1994, p. 420). Glosas, glossários, comentários e textos inteiros seriam escritos no idioma anglo-saxão servindo de aparato para textos latinos. A respeito dessa cultura bilíngue, Irvine (1994, p. 495, t.n.) comenta:

⁵² Bullough (1972, p. 457) comenta que a escolha para traduzir essa obra é significativa, uma vez que, em sua obra, São Gregório trata a respeito das responsabilidades pastorais dos bispos e do clero, demonstrando a preocupação educacional de Alfred.

⁵³ formerly were throughout the English race, both of the spiritual and of the secular condition, (...) and also the religious orders, how earnest they were both about their doctrine and about their learning, and about all the services they should do to God.

⁵⁴(...) it seems better to me if it seems so to you that we also turn some books which are most necessary for all men to know into the tongue which we can all understand;

Na Inglaterra do final do século IX e do século X, surgiu uma nova gramática híbrida, formada por uma síntese das tradições gramaticais insular e carolíngia e de uma cultura textual inglesa autorizada que havia assumido uma identidade nacional. A cultura inglesa vernacular apropriou-se dos valores textuais e de alguns gêneros da cultura gramatical latina, que ela paralelizava e frequentemente interpretava em uma forma inglesa. Embora a cultura latina permanecesse o modelo primário de textualidade — até mesmo a palavra do inglês antigo para escrita ou letras, "bocstafas", significava o tipo de letras em livros latinos — a interação dialógica entre as tradições latina e inglesa produziu um tipo distinto de cultura gramatical.⁵⁵

Assim, vemos o desenvolvimento da presença do idioma inglês antigo nos manuscritos anglo-saxões tardios. Esse é o caso da gramática e glossário de Ælfric (Law, 1982, p. 203). Nas próprias *Excerptiones* encontramos uma ocorrência tímida de glosas em anglo-saxão, que aparecem em meio a centenas de glosas latinas e algumas em francês medieval (Porter, 2002, p. 3).

Entretanto, sem conseguir estabelecer de maneira definitiva o cultivo do latim, a reforma de Alfred não teve sucesso permanente. A restauração seria levada a cabo pela Reforma Beneditina (Law, 1987, p. 49, t.n.):

A decisão de Alfred em promover a tradução de importantes textos latinos para o vernáculo foi uma resposta pragmática: se o esforço para dominar o latim era demais para a maioria dos jovens, então pelo menos eles poderiam ser incentivados a aprender a ler sua própria língua. No entanto, até esse ímpeto parece ter diminuído após a morte de Alfred. Somente com o movimento da Reforma Beneditina a partir de meados do século X é que o ambiente educacional para o estudo do latim foi firmemente estabelecido.⁵⁶

A Reforma Beneditina trouxe a monasticização de toda a vida eclesiástica, reforçando a Regra de São Bento e centralizando a autoridade religiosa, sob o apoio do rei Edgar. Trata-se

⁵⁵ In late ninth- and tenth-century England, a new, hybrid grammatica appeared, formed of a synthesis of Insular and Carolingian traditions of grammatica and an authorized English textual culture that had taken on a national identity. The vernacular, English culture appropriated the textual values and some of the genres of Latin grammatical culture, which it paralleled and often interpreted in an English form. Although Latin culture remained the primary model for textuality - even the Old English word for writing or letters, "bocstafas," meant the kind of letters in Latin books — the dialogic interplay between Latin and English traditions produced a distinctive kind of grammatical culture.

⁵⁶ Alfred's decision to promote the translation of important Latin texts into the vernacular was a pragmatic response : if the effort of mastering Latin was too much for most young people, then at least they could be encouraged to learn to read their own language. Even this impetus seems to have faltered after Alfred's death, however. Only with the Benedictine reform movement from the middle of the tenth century was the educational background for Latin scholarship firmly established.

de um movimento que obteve considerável sucesso na renovação da educação latina. Como evidência, pode-se verificar que sobreviveu um número considerável de manuscritos gramaticais relacionados às *artes* e *auctores* entre a metade do século X até o fim do século XI, utilizando especialmente fontes continentais. Alguns dos centros responsáveis por uma parte significativa da produção manuscrita em latim e inglês antigo nessa época são locais centrais para a Reforma: Glastonbury, Worcester, Abingdon, Winchester e Cantuária (Irvine, 1994, p. 406-407).

Os principais promotores da Reforma foram os abades e bispos Dunstan, Æthelwold e Oswald. Dunstan foi abade de Glastonbury, onde também estudou. Posteriormente, foi escolhido bispo de Worcester e também arcebispo de Cantuária. Era um intelectual, poeta, escriba e calígrafo. Também promoveu a educação e produção gramatical em Glastonbury e em Cantuária (Irvine, 1994, p. 406-407).

Dunstan compilou e corrigiu um manuscrito que passou a ser conhecido como seu livro escolar. A primeira parte dessa compilação contém a obra *Ars de verbo*, de Eutico, escrita em minúscula carolíngia e provavelmente de origem continental; a segunda parte, uma adição posterior, contém uma homilia; a terceira parte, escrita em minúscula insular e originada de Gales, possui textos escolares, incluindo um excerto de Santo Isidoro sobre números e um alfabeto comparando letras rúnicas, latinas e gregas; a quarta parte contém um trecho da *Ars amatoria*, de Ovídio (evidência da valorização de textos clássicos), contando com glosas e marcas de sintaxe para auxílio à leitura, provavelmente escrito por Dunstan mesmo, em minúscula de Gales (Irvine, 1994, p. 407-409). É interessante notar a existência de uma ilustração no manuscrito da compilação. Trata-se de Dunstan se ajoelhando diante de Cristo, representando a Sabedoria, carregando uma folha de pergaminho, acompanhada de uma oração pedindo misericórdia. Irvine (1994, p. 409, t.n.) comenta que a obra evidencia a união da temática cristã à latinidade clássica, ilustrada pela representação de Cristo como Sabedoria:

A ilustração de Cristo como Sabedoria adicionada na primeira folha de um tratado gramatical (...) reafirma o papel da grammatica em manter e produzir *sapientia* e *philosophia*, a tradição escrita da cultura cristã conforme entendida na grammatica carolíngia.⁵⁷

Queremos citar também a figura de Abbo de Fleury, que é mencionada neste trabalho na seção sobre a origem dos manuscritos da *EP*. Abbo foi um grande responsável pela

⁵⁷ The illustration of Christ as Wisdom added on the first leaf of a grammatical treatise (...) reaffirms the role of grammatica in maintaining and producing sapientia and philosophia, the written tradition of Christian culture as understood in Carolingian grammatica.

transmissão insular da obra de Prisciano no século X (Porter, 2002, p. 30). No período que viveu na abadia de Ramsey, transmitiu a seus alunos ingleses a tradição gramatical de Fleury, assim como os ensinamentos do movimento continental da Reforma. Fleury, já mencionada, possuía uma das melhores bibliotecas na Europa com relação a obras gramaticais e aos autores latinos (Irvine, 1994, p. 410-411)

Como mencionado acima, a escola de Æthewold, Winchester era um importante centro intelectual para a reforma, e manuscritos associados a essa escola são exemplos do alto nível de educação adquirido lá. Æthewold, que foi educado por Dunstan em Glastonbury, foi famoso pela educação gramatical que transmitia e pela promoção da tradução de textos latinos para o inglês antigo. Fruto dessa educação é, sem dúvida, uma das mais importantes personagens do período anglo-saxão tardio: Ælfric (Irvine, 1994, p. 410-411). Ælfric nasceu por volta da metade do séc. X em Wessex, e iniciou sua carreira monástica na década de 970. Tornou-se professor em 987 em, Cerne, e abade de Eynsham em 1005 (Irvine, 1994, p. 412). O próprio Ælfric nos conta que estudou com Æthewold na introdução de sua *Eaga*, e utiliza a educação que teve como argumento de defesa de sua tradução do latim para o inglês antigo: “Se alguém discordar de nossa interpretação, diga o que quiser. Nós estamos satisfeitos do modo como aprendemos na escola de Æthewold, sacerdote venerável, que bem instruiu muitos”.⁵⁸ Além disso, também estudou por um tempo com Dunstan, sendo ordenado sacerdote por ele, de forma que se verifica que Ælfric é um verdadeiro fruto da Reforma Beneditina. A enorme produção de Ælfric carrega o traços da tradição bilíngue anglo-saxã, sendo lembrado principalmente por suas obras inglesas, como homiliários, vidas de santos e uma tradução de *De temporibus anni*, de Beda (Law, 1997, p. 202).

Entre suas obras, a mais famosa é de fato a *Excerptiones de Arte Grammatica Anglice* (*Grammatica* ou *Excerptiones Prisciano Anglice* nos utilizados por Irvine). Com a *Grammatica*, Ælfric também escreveu um glossário e um colóquio, obras que foram destinadas a seus estudantes em Cernel, compostas entre 992 e 1002 d.C. e que se complementa como materiais pedagógicos, de forma que, ao aprender a morfologia latina, seus estudantes utilizariam o *Colloquium* e o Glossário para aumentar seu vocabulário. Ele justifica sua tradução também afirmando que a gramática é a chave que abre o significado dos livros, ecoando a noção tão cultivada na educação medieval. Ælfric também justifica a gramática inglesa considerando que o cultivo da fé depende do aprendizado e de professores, e que servos de Deus e monges devem cuidar para que o aprendizado sagrado não se perca (Irvine, 1994, p.

⁵⁸ *si alicui tamen displicuerit, nostram interpretationem dicat, quomodo 15 uult: nos contenti sumus, sicut didicimus in scola Adelwoldi, uenerabilis praesulis. qui multos ad bonum imbuat* (Zupita, 1880, p. 1, 14-17).

413). Assim, Ælfric ecoa a noção da necessidade da *Ars grammatica* para o aprendizado cristão e para a formação monástica, e sua obra, produto das *Excerptiones de prisciano*, dá continuidade à cultura gramatical medieval.

4. AS *EXCERPTIONES DE PRISCIANO*

4.1 Origem e Autoria

Sabendo também que as *Ep* surgiram no contexto da Reforma Beneditina, podemos obter uma ideia mais clara do clima de opinião por trás de sua confecção e de como seria seu eventual propósito na educação gramatical monástica. Vimos ainda sobre a prática de cópia, edição e compilação de livros, e como a configuração física dos manuscritos e o modo de sua compilação espelhavam algumas das categorias que definiam a *Ars grammatica*, e o papel dos monges na produção dessas obras nos *studios* dos mosteiros e na disseminação das mesmas, irradiando de algum centro de estudos e produção para outros mosteiros ou escolas.

Informações como essas podem ser inferidas a partir do conteúdo do texto e da maneira como ele foi organizado, bem como de aspectos paleográficos contidos nos manuscritos sobreviventes. Assim, determinados detalhes com relação à origem e autoria do documento podem dar informações mais precisas sobre o alcance ou continuidade das práticas de recepção, edição e ensino das correntes intelectuais que influenciaram a compilação das *EP*, e até mesmo os locais onde qual a obra foi compilada e onde passou.

Portanto, apresentaremos, baseado nas observações de Porter (2002) e Law (1997), qual foi a sua origem, seu possível autor e em quais centros elas foram lidas e utilizadas na educação monástica. Dessa forma, apresentaremos as informações paleográficas contidas nos três manuscritos sobreviventes das *EP* e comentadas por Porter (2002) e, com o apoio de seu estudo paleográfico e de seus comentários, elencaremos possíveis origens e autores para a compilação que aqui estudamos.

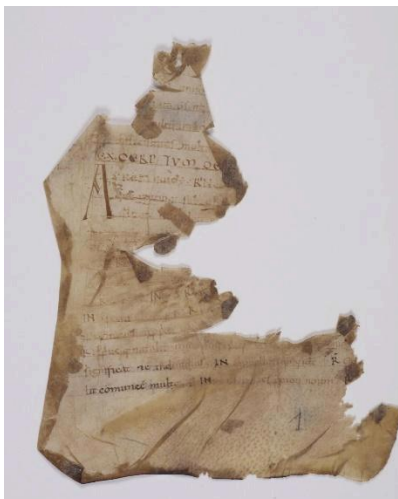
4.2 *Relatio* e origem dos manuscritos das *Excerptiones*

Há apenas três manuscritos conhecidos das *Excerptiones de Prisciano*. Eles são os seguintes: Paris, Bibliothèque Nationale de France, Nouv. Acq. Lat. 586, que Porter (2002, p. xvi) identifica como manuscrito B; um manuscrito dividido em dois, chamado manuscrito P: Antuérpia Platin-Mouretus Museum 16.2 com London, British Library Additional 32246, e Chartres, Bibliothèque municipale, 56.⁵⁹ Apenas os dois primeiros estão completos, enquanto o terceiro, de Chartres, encontra-se em estado fragmentário e fortemente danificado. A edição crítica das *Excerptiones* utilizada no presente trabalho fez uso apenas dos dois primeiros, uma

⁵⁹ Informações sobre os manuscritos P e B, incluído conteúdo e proveniência, podem ser encontradas em Gneuss (2014, p. 557, 651-652). Há informações sobre todos os manuscritos, incluindo o acesso a versões digitalizadas, em <https://www.mirabileweb.it/title/excerptiones-de-prisciano-title/171851>. Acesso em 12.11.2024.

vez que a biblioteca de Chartres desconhecia sua existência, de modo que seu texto não aparece na edição (Porter, 2002, p. 4). Segue abaixo a imagem de um folio do manuscrito danificado:

IMAGEM 5: *Ep*, Ms de Chartres, *f*?



Fonte: <https://arca.irht.cnrs.fr/ark:/63955/md67wm11b06r>

O manuscrito de Paris é do séc. XI, escrito por uma única mão anglo-carolina, muito legível, com exceção dos dois primeiros cadernos, substitutos, do séc. XII, escritos por uma mão angular continental, que imitou alguns elementos insulares (Porter, 1999, p. 89). Possui 131 *folios*, com diversas glosas interlineares e marginais, sendo a maioria feita pela mão principal. Em seus *scholia*, apresenta treze anotações em inglês antigo⁶⁰ e oito em francês antigo⁶¹, constituindo o único manuscrito pré-conquista normanda a reunir os dois elementos (Porter, 2002, p. 3).

Antuérpia-Londres também data do séc. XI. Foi escrito, porém, por um grande número de mãos, possuindo originalmente possuía 74 folios⁶² / 75 *folios*, como mostra o Apêndice IV da edição das *EP* que utilizamos (Porter, 2002, p. 397). As *Excerptiones* constituem seu principal texto, mas possui um número de outros textos escritos marginalmente ou em folhas soltas⁶³. Atualmente, o manuscrito está dividido em dois. Como mostra sua designação atual,

⁶⁰As glosas em inglês antigo são as que seguem: eftsona, æftsona V.17; beheonan V.11; dalc; II.215 distæf; II.184; fastlice V.18; fic II.184; hula II.198; langlice V.3; mæplice melscea; I.200 nahweðer V.5; naþer anes betwux twam V.11; on þreo geyht X.8; pin II.184; spinl II.184; spir I.3; swearn I.209; pyder v.11; æftsona, eftsona V.17 (Porter, 2002, p. 378).

⁶¹As glosas em francês medieval são: catolliers IV.122; ceners (duas vezes) IV.90; desmentirs IV. 12, merchier IV.122; porfumers IV.122; soioirners IV.122; sufulcirs IV.119; surmonter IV.85 (Porter, 2002, p. 379).

⁶²Um folio foi perdido (Porter, 2002, p.3).

⁶³Porter (2002, p. 3-4) enumera os referidos textos: um comentário de Donato de Remígio de Auxerre; um olóquio de Aelfric revisado por Aelfric Bata; 5 listas de glossário; 4 hexâmetros de Aethelthyth, Aelfgigu e Edith seis hexâmetros latinos de Eduardo, Eustáquio e Kenelm; 8 linhas de dísticos elegiacos sobre a morte de Aelfric,

uma parte se encontra em Antuérpia, Museu Plantin-Moretus, na Bélgica, e outra em Londres, a Biblioteca Britânica, na Inglaterra.

O manuscrito de Chartres, ainda do séc. XI, está preservado em pequenos fragmentos, o que foi resultado de um incêndio em 1944⁶⁴. Seu conteúdo, porém, foi descrito em um catálogo do séc. XIX: o manuscrito completo se trata de uma cópia das *EP* (fols. 1-89) e um outro resumo de Prisciano intitulado *Scalprum Prisciani* (fols. 89-128). Porter (2002) afirma que o manuscrito parece ter recebido um grande número de glosas, e muitos dos *scholia* não são encontrados nem no manuscrito de Paris, nem no de Antuérpia-Londres. O texto aparenta corresponder de maneira próxima ao texto dos outros dois MSS, com citações entre as seções II e X sendo legíveis no MS de Chartres e seguindo a mesma ordem das cópias insulares (Porter, 2002, p. 5).

De acordo com a descrição dada por Porter (2002, p. 5), o fogo se iniciou no topo do manuscrito e se espalhou pelo meio, de forma que a maior parte do texto legível se encontra na parte de baixo, direita e esquerda das páginas, muitas das quais restam apenas pequenos fragmentos, enquanto outras, ainda que ilegíveis e muito danificadas, mantêm boa parte da página⁶⁵.

Uma análise dos MSS de Paris e Antuérpia-Londres mostra a sua proximidade, possuindo a mesma organização textual com os mesmos títulos de seções e pontuação, além de apresentarem muitas *scholia* semelhantes, tanto em latim quanto em inglês antigo. Um número desses *scholia* é encontrado também nos títulos da gramática de Ælfric. De acordo com Porter, isso indica com certa certeza que ambas as cópias estariam relacionadas de modo próximo à cópia que Ælfric teria utilizado para compilar a sua gramática em anglo-saxão (Porter, 2002, p. 6). A divisão de sentenças, assim como *signes de renvoi*⁶⁶, também concordam.

Além disso, quase todos os textos das glosas e *scholia* do MS Antuérpia-Londres podem ser encontrados nas glosas mais numerosas do MS de Paris (Porter, 1999, p. 90). Apesar da “proximidade em tempo e (...) lugar” (Porter, 1999, p. 90) dos dois manuscritos, nenhum foi copiado um do outro. O MS de Paris se trata de uma cópia cuidadosa de um bom exemplar. Também não contém vários dos erros e omissões encontrados no MSS de Antuérpia-Londres,

arcebispo de Cantuária (1005); uma charada em duas linhas de hexâmetros duplos; Elegia de Herbert e Wulfgar; uma carta em prosa para Ælf, de um autor anônimo.

⁶⁴ Trata-se de um bombardeio em 26 de maio de 1944, no qual a Biblioteca de Chartres foi acidentalmente atingida, danificando gravemente 518 manuscritos, entre eles, as *Excerptiones*. Para mais informações sobre o ocorrido, consultar Rabel (2016, p. 161-166).

⁶⁵ O manuscrito pode ser consultado no link: <https://arca.irht.cnrs.fr/ark:/63955/md67wm11b06r>

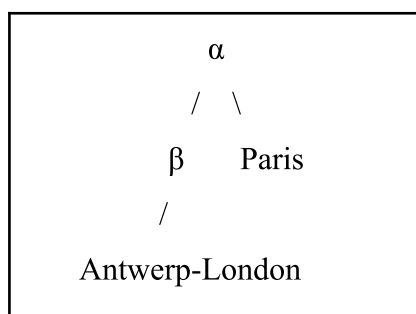
⁶⁶ Uma marca no texto indicando uma correção e o local dessa correção.

de modo que não poderia ter sido copiado deste⁶⁷. Já o MS de Antuérpia-Londres, apesar de seus erros, preserva mais corretamente determinadas formas⁶⁸ (Porter, 2002, p. 6)

Outro exemplo é o paradigma encontrado entre verbos da terceira conjugação, *diripio*, *-pui*, *-reptum*, presente no MS Antuérpia-Londres mas não no MS Paris. Ainda, o primeiro apresenta, por exemplo, *et* no lugar da desinência *-e* do ablativo da terceira declinação neutra. O escriba copiou duas vezes a mesma página (11r e 11v), e o erro aparece em ambas, de modo que tal erro deve pertencer ao exemplar que estava sendo copiado (Porter, 1999, p. 91). Mais um exemplo seria a ocorrência frequente incorreta de *or* no lugar de *m*, o que mostraria que *m* teria uma forma com uma haste descendente à direita e as hastes da esquerda e do meio unidas em um círculo, enquanto o MS Paris utiliza o *m* da caligrafia carolina convencional (Porter, 2002, p. 5-6). Assim, Porter conclui que ambos são “testemunhas independentes de um ancestral comum” (Porter, 2002, p. 6).

Entre outras considerações, as informações apresentadas acima levam nosso editor a formular uma *relatio* dos dois manuscritos, chegando à conclusão de que os MSS não poderiam ser uma cópia direta um do outro, e que as corrupções encontradas no MSS Antuérpia-Londres e não no de Paris indicariam ao menos um manuscrito intermediário entre as duas cópias. Apresentamos na tabela abaixo a *Relatio* dos manuscritos das *EP*, como trazidas por Porter (2002, p. 7):

TABELA 3: *Relatio* dos manuscritos das *EP*.



Podemos ver na tabela, com base nas observações de Porter, que o manuscrito α constitui o arquétipo e seria exemplar relacionado ao próprio Ælfric. O manuscrito de Paris seria uma cópia direta deste; Haveria ao menos um manuscrito intermediário entre Antuérpia-Londres e o arquétipo. Porter então coloca o MSS β entre esse último e o arquétipo.

⁶⁷ Porter (2002 p. 6) dá como exemplo a omissão de *homuncio*, *EP* II. 75, e a omissão de um bloco de texto ‘ut tignum... ante um’, *EP* II.81-2.

⁶⁸ *Tanton*, diferentemente de como aparece no MS de Paris, *Tantonus* (X.13) Porter (2002 p. 6).

Porter (2012, p.7) menciona, apesar da distância entre os dois manuscritos atuais, a possibilidade de que eles estivessem presentes na mesma escola monástica. O editor argumenta que as semelhanças textuais entre eles, como o fato de os *scholia* do MS de Paris serem encontrados entre os glossários de Antuérpia-Londres. Porém, Porter (2002, p. 7, tradução nossa) aponta uma série de outras informações que podem auxiliar a localizar a origem de cada um deles:

Os *scholia* do exemplar de Paris são encontrados em grupos discretos entre os glossários do exemplar de Antuérpia-Londres. A questão de onde essa escola pode ficar é de importância considerável. O de Antuérpia-Londres e manuscritos associados possuem não somente um dos maiores volumes de cultura anglo-saxã, mas também uma coleção significativa de versos anglo-latinos; o manuscrito de Paris, enquanto isso, registra as primeiras interações dos vernáculos inglês e francês. Ainda assim, a evidência da proveniência é tampouco clara, apontando para dois centros separados.⁶⁹

Apesar de considerar a possibilidade de que os dois manuscritos estivessem na mesma escola, Porter afirma que as evidências apontam para dois centros distintos. B está relacionado a outros dois manuscritos contemporâneos: Antuérpia, Plantin-Moretus 16.8⁷⁰ e Bruxelas, Royal Library 1650⁷¹. Os três manuscritos possuem tamanho e formato de páginas em comum e, segundo Porter (2002 p. 7), compartilham a mesma história moderna⁷².

Há referências a uma medida de cerveja da abadia de Abingdon chamada “bacia de Æthelwold” em um poema nas folhas de guarda de Antuérpia e Londres. Além disso, há também uma elegia de autoria de um sacerdote francês, Herbert, homenageando Wulfgar, abade de Abingdon (989-1016)⁷³, menciona que Gwara (1997, *in* Porter, 2002, p. 8), discute sobre uma relação entre as glosas do manuscrito de Adelmo e o MS Londres, BL Royal, 7.D.XXIV, que se trata de um manuscrito de Cantuária, apontando para uma possível origem nessa abadia.

Levando em conta essas evidências, Porter (2002, p. 8) enumera alguns fatos: é certo o elemento francês nos dois manuscritos das *EP*, com glosas em francês; esse fato se une à

⁶⁹ the *scholia* of the Paris copy are found in discrete batches among the glossaries of the Antwerp-London copy. The question of where that school might be, moreover, is one of considerable moment. The Antwerp-London and associated manuscripts hold not only one of the largest bodies of native Anglo-Saxon scholarship but also a significant collection of Anglo-Latin verse; the Paris manuscript, meanwhile, records the earliest interaction of the English and French vernaculars. Yet evidence of provenance is hardly clearcut, pointing as it does to two separate centers.

⁷⁰ Uma cópia de *De Consolamine Philosophiae*, de Boécio, acompanhada de comentários.

⁷¹ Uma cópia com numerosas glosas de *De Virginitate*, de Adelmo.

⁷² O editor comenta, ainda, sobre a possibilidade de os três manuscritos terem pertencido ao mesmo volume. Entretanto, há evidências contrárias à hipótese (Porter, 2002, p. 7-8).

⁷³ Londres, British Library Additional 32246, f. 1v.

presença do poema de um autor francês que dá a sua localização como sendo Abingdon, confirmando uma conexão do MS com essa abadia. Gwara (1997), portanto, sugere haver uma conexão entre as abadias de Cantuária e Abingdon, na qual um monge que habitava em um local trabalharia no outro, possivelmente transportando manuscritos (Porter, 2002, p. 8). Porter continua dizendo que essa evidência pode ser testada, pois os poemas do manuscrito de Antuérpia-Londres apresentam a mesma mão presente nas glosas do texto de Adelmo, de Bruxelas.

O mesmo escriba aparece nos *scholia* e comentários marginais das *Excerptiones* de Antuérpia-Londres, tendo escrito as primeiras camadas das glosas, além de ser o rubricador. Embora não fosse o escriba principal, as evidências paleográficas sugerem que tomou parte no planejamento dos volumes (Porter, 1999, p. 102). Tudo isso indicaria um papel proeminente no *scriptorium* onde trabalhou. Entretanto, não há informações que revelem sua identidade (Porter, 2002, p. 9).

Na edição moderna das *EP* que usamos, Porter (2002, p. 29-30) trata a respeito das conexões entre monastérios na Inglaterra e no Continente. Como veremos na seção seguinte, havia uma comunicação entre os beneditinos insulares e os do continente, na qual tradições escolares continentais foram adotadas pelos ingleses. Porter aponta que é possível determinar com mais exatidão o canal dessa comunicação. Trata-se do mosteiro beneditino de Fleury⁷⁴, que mantinha relações próximas com beneditinos na Inglaterra.

Essa conexão possui evidência a partir de determinados elementos presentes no MS de Paris, que pode ser, na verdade, um produto de Fleury. Além disso, esse manuscrito, juntamente com o de Antuérpia e Londres, utiliza em certa quantidade uma abreviação idiossincrática do referente ao mosteiro de Fleury para *est.*⁷⁵ Além disso, Abbo de Fleury, pertencente à tradição continental, tinha relações próximas com Dustan, arcebispo de Cantuária, a quem dedicou sua *Passio Sancti Edmundi* (séc. X). Abbo é responsável pela transmissão insular da obra de Prisciano, tendo também vivido por um tempo no mosteiro de Ramsey. Sua própria obra gramatical, *Quaestiones grammaticales*, cita em sua introdução os gramáticos que compuseram as *Excerptiones*, Prisciano, Donato, Isidoro, Sérgio e Sérvio, o que indicaria uma influência continental com relação à transmissão de textos através do Canal Inglês (Porter, 2002, p. 30). Considerando o limite dos acervos das bibliotecas, a citação dos autores em comum pode sugerir o acesso aos mesmos manuscritos.

⁷⁴ Irvine (1994, p. 341) apresenta uma lista do inventário da biblioteca do mosteiro, na qual constam as *Excerptiones de Prisciano*.

⁷⁵ Porter descreve como um traço horizontal seguido de um ponto.

4.3 A origem das *EP*

Tendo apresentado algumas informações a respeito da proveniência dos manuscritos, abordaremos agora a questão da origem da obra em si, ou seja, o local no qual o manuscrito autógrafo teria sido compilado. Ao contrário da obra que originou, as *Excerptiones de Arte Grammatica Anglice*, na qual o autor, Ælfric, imediatamente se nomeia no prefácio,⁷⁶ as *Excerptiones* não apresentam detalhes exatos a respeito do seu compilador ou do local de sua produção.⁷⁷ Apesar das evidências paleográficas apontarem possíveis origens para os manuscritos, o texto mesmo das *EP* se dedica apenas ao seu conteúdo gramatical, deixando muito pouca evidência de sua própria história (Porter, 2002, p. 23).

Sabemos que se trata de um texto do século X (Porter, 2002), descoberto há 50⁷⁸ anos, e suas únicas menções são encontradas na gramática de Ælfric, tradução das *EP* para inglês antigo, e em uma lista (Porter, 2002, p. 23). Levando em consideração o que observamos no capítulo a respeito do clima de opinião, as *EP* estão inseridas em duas culturas: o período carolíngio, no qual vemos a ampla circulação das obras de Prisciano e sua adoção como principal texto gramatical, e entre os anglo saxões, uma vez que sabemos que foram a origem da gramática inglesa de Ælfric (Law, 1997, p. 203).

Sendo assim, duas opções se apresentam para a origem de nossa obra: uma origem continental carolíngia ou uma origem insular anglo saxã. Porter (2002, p. 23) comenta que, no caso de uma origem continental, trata-se de “um trabalho maduro de intelectualidade carolíngia que incidentalmente preparou o cenário para a primeira obra prima inglesa no gênero gramatical”, enquanto que “se for Insular, trata-se de um esforço Insular inicial sobre uma nova tradição, ainda que imperfeitamente assimilada, uma peça de estudos avançada”. Portanto, uma determinação entre essas duas alternativas seria uma conjectura, de forma que nossa análise não pretende apresentar uma resposta definitiva.

Uma possível origem carolíngia é muito plausível, dado os antecedentes continentais das *EP*. Como explicamos acima, encontramos grande parte do *corpus* de Prisciano no século IX, com uma tradição carolíngia especializada em Prisciano e bem treinada em resumir e

⁷⁶ *Ego Ælfricus, ut minus sapiens, has excerptiones de Prisciano minore uel maiore uobis puerulis tenellis ad uestram linguam transferre studui, quatinus perlectis octo partibus Donati in isto libello potestis utramque linguam, uidelicet latinam et anglicam, uestrae teneritudini inserere interim, usque quo ad perfectiora perueneritis studia.*

⁷⁷ Ao utilizar o termo “compilador”, seguimos Porter (2002), que indica, entre outras possibilidades, a autoria de Ælfric de Eynsham. Não significa, porém, a asserção de que apenas um compilador atuou na composição da obra, nem que as *EP* são um produto completo de um único momento. Textos como as *EP* são o resultado de muitos estágios de edições, recortes e comentários na produção dos manuscritos. Conferir Porter (2002, p. 15).

⁷⁸ 25 anos antes da escrita da edição moderna das *EP* (Porter, 2002, p. 23).

compilar seus textos, desde Alcuíno até Remígio de Auxerre,⁷⁹ aproximadamente no período do século IX (Porter, 2002, p. 24).

Outra evidência para o continente é o fato de a localização do material da *Npv* nas *Excerptiones*,⁸⁰ embebida dentro da discussão de nomes das *Institutiones*, lembrar uma organização semelhante de outros dois manuscritos continentais do séc. IX relacionados, Reims, Bibliothèque municipale 1094 e Paris, BNF, lat. 7503, que posicionam a própria *Npv* entre os livros VII e VIII de Prisciano (*De ceteris obliquis casibus*, ainda seguindo o conteúdo de *De Nomine*, e *De verbo et eius accidentibus*).

Além disso, o texto compartilhado das *Excerptiones* e os comentários de Remígio demonstram uma possível origem em comum. Law (1987, p. 52, tradução nossa) menciona que “a existência de um manuscrito francês (o de Chartres) contemporâneo a duas cópias inglesas que não possui as adições destes favorece levemente uma origem continental”⁸¹.

Porém, admitir uma origem Continental não exclui a possibilidade de uma proveniência insular. Law (1987, p. 52) menciona um trecho do prefácio de Ælfric em sua gramática,⁸² no qual afirma ter estudado na escola de Æthelwold, em Winchester. A linguista, porém, comenta que isso não necessariamente se refere à fonte utilizada pelo gramático inglês, mas apenas à interpretação de terminologia gramatical de modo geral.

Os mestres de Ælfric, Dunstan (909 – 988 d.C.) e Æthelwold (904/9 – 984 d.C.), mantinham estabelecida uma forte relação para além do Canal da Mancha, de forma que foram bastante influenciados pelas tradições escolares continentais, e no período em que as *Excerptiones* foram compiladas, as vertentes insular e continental da composição latina teriam se tornado de tal modo entrelaçadas que não seria fácil diferenciá-las, como menciona (Porter, 2002, p. 24).

Outros vestígios demonstrariam uma possível origem insular. Porter (2002, p. 24-29) dedica seis das oito páginas da seção *Origin of the Excerptiones* para tratar a respeito de uma possível autoria do próprio Ælfric de Eynsham. O autor continua, tratando de diversas evidências que apontariam para o próprio Ælfric de Eynsham, sozinho ou em conjunto com outros. A mais clara evidência viria a partir da comparação entre as fontes utilizadas pelo compilador das *EP* e Ælfric em sua Gramática. Ælfric, em seu prefácio, demonstra conhecer os

⁷⁹ Remígio de Auxerre (c. 841-908) foi um monge beneditino carolíngio.

⁸⁰ Conferir Porter (2002, p. 333-343). *EP*, II. 163, 164, 167, 168, 169, 170,

⁸¹ The existence of a French manuscript contemporary with the two English copies which lacks their additions and so cannot be copied from them slightly favours Continental origin.

⁸² Se nossa interpretação desagradar a alguém, que diga o que quiser. Nós estamos contentes com o que aprendemos na escola de Æthelwold, venerável prelado, que instruiu muitos ao bem (tradução nossa). *Si alicui tamen displicuerit nostra interpretatio, dicat quomodo uult: nos contenti sumus sicut didicimus in scola Aðelwoldi uenerabilis presulis, qui multos ad bonum imbuit.*

livros que foram utilizados na compilação das EP, ao mencionar: “(...) me dediquei a transferir estes excertos de Prisciano Maior e Menor, para vós, jovens, na vossa língua”.⁸³ O educador inglês parece citar autores como Isidoro de Sevilha, Prisciano, Donato e seus comentadores, Sérvio e Sérgio, o que indicaria que os documentos utilizados na compilação das EP estariam disponíveis para Ælfric durante o processo de produção de sua gramática.

Ælfric utiliza “exemplos lexicais assim como paradigmas” (Porter, 2002, p. 24) de Donato e, à semelhança do compilador, utiliza exemplos ocasionais da *Ars*. O compilador das EP utiliza Donato para tratar da conjunção e no capítulo X, em *Triginta Divisiones Grammaticae Artis*. As EP e a Gramática ainda apresentam citações de diferentes tratados de Donato, dando suporte à menção de Porter (2002) à possibilidade de Ælfric utilizar as mesmas fontes do compilador:

Interiectio est pars orationis indeclinabilis, que ceteris partibus orationis interiacet, plenam motus animi significationem... demonstrans. (EP IX.1)

Interiectio est pars orationis significans mentis affectum voce incondita. (Grammatica 227,25-16)

Interiectio est pars orationis interiecta aliis partibus orationis ad exprimendos animi adfectus... (Donatus, *Ars mai.* 625.5-6)

Interiectio quid est? Pars orationis significans mentis affectum voce incondita. (Donato, *Ars min.* 602.2).

Em um exemplo lexical as EP citam a *Ars Maior* ao invés de Prisciano, enquanto a Gramática toma exemplos da *Ars Minor* em uma seção relacionada. Com relação a Santo Isidoro, Ælfric utiliza, além das passagens contidas nas próprias *Excerptiones*, citações independentes do Livro I das *Etymologiae*.⁸⁴ Já as obras de Prisciano utilizadas na composição das *Excerptiones* são consultadas de modo independente por Ælfric. Inclusive, ao escrever em sua Gramática determinadas adaptações de Prisciano, o texto do inglês se aproxima mais do original de Prisciano do que as EP. Um exemplo disso seria a restauração do texto das NPV que, nas *Excerptiones*, se misturam ao texto da *Ars* de Prisciano.

Quarta declinatio terminationes habet in nominativo duas, in us correptam et in u (*Inst. gram.* 362.4-5)

Quarta declinatio duas habet terminationes, us et u ... (NPV 447.10)

⁸³ (...) *has excerptiones de Prisciano minore uel maiore uobis puerulis tenellis ad uestram linguam transferre studui.*

⁸⁴ 8.11-13, das *Etymologiae* I. VIII.I e 10.8-15, *Etymologiae*, I.XII.I.

Quarta declinatio terminales habet litteras duas, -u et -s, terminationes quoque duas, -us et -u. (*EP* II.307).

Ælfric: Quarta declinatio habet terminationes duas ...us and u. (*Gramática* 78.2-3)

Ælfric também evita, em uma seção sobre nomes da terceira declinação, alguns comentários das *EP*, restabelecendo a ordem na qual Prisciano apresenta seus exemplos.⁸⁵

Porter (2002, p. 27), apresenta, finalmente, uma outra série de semelhanças nos métodos editoriais de Ælfric e do compilador. A prática de um resumo radical a partir do longo texto de Prisciano, com a junção de temáticas separadas no original, rearranjos do texto, ênfase em vocabulário e semelhança na ordenação de listas do léxico, que se apresentam recorrentemente em ordem alfabética. Porter comenta que os exemplos cristianizados de Ælfric já estariam em “forma embrionária” nas *EP* que, apesar de não substituir frequentemente exemplos pagãos por cristãos, de fato evita o uso de nomes pagãos.

Porém, as evidências acima não são conclusivas nem suficientes para uma conclusão definitiva da autoria do gramático inglês, e Porter também oferece evidências contrárias a isso. Apesar de ser claro o conhecimento de Ælfric a respeito das fontes das *Excerptiones*, “a dependência textual não é nem extensiva nem sistemática o bastante por si mesma para provar sua autoria definitiva” (Porter, 2002, p. 27, tradução nossa)⁸⁶. O “elemento hermenêutico” das *EP*, que ainda preserva palavra gregas difíceis, vai contra a prática mais simples de Ælfric. Além disso, as *Excerptiones*, como mencionamos acima, não apresenta claramente os mesmos elementos pessoais que Ælfric demonstra em obras de sua autoria.

Por fim, de acordo com Clemons (2019) in Porter (2002, P. 28) a redundância compartilhada pelas duas obras vai de encontro ao método de planejamento de Ælfric. A extensão de ambas as obras sugeriram, também, um esforço intenso e longo demais para um autor tão prolixo quanto Ælfric. Além disso, a depender da cronologia da vida de Ælfric, a possibilidade de uma compilação de anos anteriores seria improvável para um jovem aprendiz.

Como um último elemento a favor da autoria de Ælfric, Porter (2002, p. 28) menciona a pesquisa de Christopher Jones, que estuda os métodos de compilação do inglês e compara seus escritos latinos com obras latinas originais e compilações latinas anônimas associadas a ele. Nessa pesquisa, encontram-se três pontos principais: há motivos para se crer que Ælfric produziu abreviações de textos fonte latinos e as utilizou para suas produções em inglês antigo;

⁸⁵ Ver *EP* II.194-287 e *Gramática* 32.14-74.6 (Porter, 2002, p. 27). Trata-se de situações nas quais as *EP* acrescentam ao texto de Prisciano discussões sobre palavras com *e* longo, ou com a desinência *-or* longa ou palavras da terceira declinação em *-x*, enquanto Ælfric preserva melhor o texto de Prisciano.

⁸⁶ But the textual dependency is neither extensive enough nor systematic enough by itself to prove his authorship definitively.

nessas abreviações, Ælfric faz um rearranjo do material e acrescenta outras fontes; no nível do parágrafo e da frase, Ælfric faz excertos e rearranjos sem necessariamente alterar o vocabulário, “aderindo às fontes, citando ou reciclando sua linguagem o quanto possível” e “formando novas sentenças a partir de antigas” (Jones, 1998, p. 19, 41) *in* Porter (2002, p. 28)”. De acordo com Porter (2002, p. 28), esses seriam precisamente os métodos utilizados pelo compilador das *Ep*.

Queremos também acrescentar a opinião de Knappe (2013, p. 30, t.n.), que menciona que “Assim, Ælfric traduziu um excerto anônimo da extensa obra de Prisciano *Institutiones grammaticae*, conhecida pelo título *Excerptiones de prisciano*, para o inglês antigo. Não há provas de que o próprio Ælfric foi o compilador das *Excerptiones*, mas ele pode ter preparado uma versão especial para a tradução.”

Outra descoberta de Jones (1998) seria o uso errôneo das conjunções co-coordenadas *namque* e *igitur* ao conectar frases que não estão casualmente relacionadas umas com as outras (Jones, 1998, p. 40) *in* Porter (2002, p. 29), uma característica recorrente nas *Excerptiones*.⁸⁷

4.4 Estudo da Obra

As *Excerptiones de prisciano* são uma gramática latina, escrita no século X, consistindo primariamente em excertos da obra magna de Prisciano, a *Ars prisciani* (ou *Institutiones Grammaticae*), entre outros autores. É conhecida principalmente por ser a obra na qual o monge anglo saxão Ælfric de Eynsham se baseou para escrever sua própria *Excerptiones de Arte Grammatica Anglice*, famosa por ser a primeira gramática escrita em um idioma vernáculo. Embora não seja uma tradução direta das *EP*, esta foi utilizada como seu texto base para a educação dos jovens monges de seu mosteiro. Seguindo o currículo educacional monástico, Ælfric se utilizou das *EP* para compor uma adaptação em inglês antigo a fim de introduzir seus alunos na doutrina de Prisciano, após estudarem Donato.

Sobre as próprias *Excerptiones de prisciano*, seu compilador segue a tendência iniciada com o Renascimento Carolíngio que, graças aos anglo-saxões e, ainda que indiretamente, aos irlandeses, introduziu o gramático de Constantinopla à corrente de pensamento gramatical no Ocidente.

Tendo em mente o que foi visto a respeito da produção e compilação gramatical e da recepção dos gramáticos latinos pelos anglo-saxões e carolíngios, vamos agora tratar de determinadas informações sobre a obra, de modo que possamos entender, segundo o princípio

⁸⁷ Ver *EP* I.6, 10, 49 etc. para *igitur*, II.262, IV.124 e VII.4 para *namque*.

dado por Koerner (1995, p. 41) ao tratar da imanência. Após termos visto as correntes de pensamento linguístico que influenciaram e levaram à compilação dessa obra, vamos analisar os fatos referentes à própria *EP*, como sua origem, possível autoria, o que se pode descobrir de seu processo de compilação, seu texto e o conteúdo de seus manuscritos, bem como o seu possível uso nas escolas monásticas.

As *Excerptiones de prisciano*, além de excertos da obra magna de Prisciano, trazem também em seu texto elementos de Donato, Santo Isidoro, Sérgio e Servius, comentadores de Donato, e mais um autor medieval desconhecido (Porter, 2002). Porter, na introdução à sua edição das *Ep* que aqui utilizamos, fornece uma breve descrição geral do conteúdo da obra. Comparando-a ao texto original, diz que o escrito medieval compartilha da “varredura abrangente” do latim trazida pelas *IG*, falando a respeito de fonologia, morfologia e estrutura das frases, além de apresentar todas as oito partes do discurso de forma detalhada. O texto é prolixo ao descrevê-las, entregando a todas as declinações nominais em todos os gêneros e todas as conjugações verbais. Aparecem também, além das formas dos supinos e participípios, os advérbios, conjunções e interjeições mais comuns.

4.5 Conteúdo e organização das *Ep*: uma comparação

As *Excerptiones de Prisciano*, embora constituam uma parte bem menor da principal obra na qual foi inspirada, a *Ars prisciani*, é uma obra relativamente longa. O Manuscrito de Paris, por exemplo, o maior dos três existentes, é constituído por 131 folios. Como menciona Law (1997, P. 137, tradução nossa), as *Ep* são “uma versão abreviada de tamanho por si só substancial”.

Não obstante, nossa edição compartilha com a *Ars* de Prisciano seu caráter abrangente, tratando sobre fonologia, morfologia, a estrutura da frase e estudos lexicais (Porter, 2002, p. 12). Embora se trate de um recorte, as *Ep* contém “quase todos os componentes importantes e interessantes do corpo da obra de Prisciano e, ao organizá-los de maneira inteligente e habilidosa, tornou-o eminentemente mais acessíveis do que eram em suas formas originais”.

Efetivamente, as *Ep* cobrem todas as partes do discurso e todas as declinações nominais e conjugações verbais completamente, assim como supinos e participípios, como menciona o mesmo autor. Também encontram-se os advérbios, conjunções e interjeições mais comuns. Law (1987, p. 52) comenta que excertos de todos os 18 livros da *Ap* são encontrados nas *Ep*.

Como verificaremos na análise de excertos do texto, exemplos da literatura utilizados por Prisciano são, em sua maioria, drasticamente diminuídos, totalmente eliminados ou recortados. Não obstante, o compilador das *EP* fornece uma amostra razoável de excertos dos

autores latinos *antiqui*: Virgílio, Salústio, Horácio, Catão, Terêncio e Plínio (Porter, 2002, p. 12). Os termos gregos utilizados na *Ars prisciani* são praticamente inexistentes nas *Excerptiones*. Não se encontram em nossa obra os inúmeros exemplos e comparações com autores gregos tão proeminentes no original de Prisciano, sendo totalmente eliminados, como cita Law (1987, p. 53)⁸⁸. Sobrevivem apenas alguns exemplos esparsos de termos individuais, inclusive com a descrição de terminações de palavras em grego (Porter, 2002, p. 13), mas raros.

As *EP*, porém, não foram compiladas apenas a partir das *Ars prisciani*, mas também a partir de trechos das *Institutio de nomine, pronome et verbo* e das *Partitiones*, também de Prisciano, de *De accentibus*, um tratado de fonologia do latim atribuído ao mesmo gramático, de *De figuris numerorum*, um tratado latino de terminologia matemática, o capítulo *Triginta divisiones grammaticae artis*, das *Etymologiae*, de Santo Isidoro de Sevilha, e pequenos trechos de outros gramáticos, além de um autor medieval desconhecido.

Trechos de Donato também são muito utilizados pelo compilador como material suplementar, como citam Bender-Davies (1985, p. 6) e Law (1997, p. 204). As duas obras dos gramáticos antigos, Prisciano e Donato, iniciam seu conteúdo por *vox*, *littera* e *silaba*. Prisciano trata muito brevemente a respeito da propriedade do *accentus*; o compilador das *EP*, portanto, recorre à *Ars Maior* para complementar essa falta (Law, 1997, p. 204). Logo depois, enquanto as *IG* seguem com seções dedicadas à *dictio* e à *oratio*, as *EP* não mencionam esses elementos, não estando eles presentes na *Ars* de Donato.

Também podemos encontrar rearranjos da parte do compilador na ordem de exemplos dadas por Prisciano. Sendo assim, também observaremos alguns desses rearranjos. Vale lembrar que o compilador não necessariamente utilizou apenas obras gramaticais, pois os manuscritos circulavam com listas de glosas que eram disseminadas e copiadas em diferentes manuscritos. Assim, é possível que alguns dos rearranjos ou outros elementos sejam da parte dessas glosas (Porter, 2002, p. 20, 33,34).

Sobre a organização e a destinação a ambientes escolares, o compilador da obra medieval dá um caráter mais pedagógico às *EP* ao coletar passagens que tratam a respeito de um mesmo assunto em mais de um livro das *IG* em uma só seção, tornando o uso do texto mais fácil. Com relação a isso, Law (1987) menciona que o autor foi capaz de acrescentar uma ordem à estrutura repetitiva do original ao reorganizar a ordem do material, inclusive tomando material de outras obras de Prisciano. Porter (2002, p. 12) destaca que a *Ars Priscini* apresentava uma certa dificuldade aos leitores devido a sua organização, que poderia tratar de

⁸⁸ Law (1987, p. 67) comenta que a eliminação do grego já pode ter sido feita pelo próprio escriba do manuscrito utilizado pelo compilador.

um determinado tópico em mais de uma seção e de maneira descontínua, ou, ao tratar da declinação de um nome ou conjugação de um verbo, ter cada flexão em uma seção diferente. Essa questão, porém, é remediada pelo compilador das *EP* que reuniu os tópicos de determinado assunto em tratados contínuos, uma maneira certamente mais eficiente e mais simples para o aprendizado do jovem monge medieval:

Em termos de coerência, as *Excerptiones* se comparam favoravelmente aos originais de Prisciano. Onde a discussão de Prisciano vaga por dois ou mais livros das *Institutiones*, ou entre tratados separados, as *Excerptiones* os reúne frequentemente em um único tratado. Essa vantagem é palpável. Law chamou as inovações das *Excerptiones* de simplificação, o que é certamente verdade, mas a coerência e continuidade adicionais são também uma grande melhora. (...) E apesar das modificações organizacionais das *Institutiones*, o arranjo superior da Gramática de Ælfric mostra que as *Excerptiones* ainda deixavam espaço para melhorias.⁸⁹

Analisaremos, portanto, os elementos que discutimos acima, ou seja, a ordem utilizada pelo compilador, os excertos tomados da *Ars* de Prisciano e as edições feitas, como a exclusão de trechos possivelmente desinteressantes para o compilador, de exemplos longos da literatura latina e palavras gregas. Mostraremos também a utilização dos outros autores mencionados, apresentando como foram inseridos no texto de Prisciano, comparando a versão das *EP* aos textos antigos. Também mostraremos as reordenações ocorridas com relação aos exemplos de vocabulário fornecidos por Prisciano e pelo compilador, considerando a circulação de glosas. Além disso, consideraremos algumas substituições de vocabulário e sua origem, por exemplo, em outros autores, ou sua possível edição da parte do compilador ou do escriba dos exemplares utilizados por motivos religiosos.

4.6 A ordem dos conteúdos

As *Excerptiones* apresentam dez capítulos. Abaixo, apresentamos o índice da obra, no qual podemos ver o assunto de cada capítulo. Também apresentamos o índice da *Ars prisciani*, montado a partir de uma lista feita pelo próprio Prisciano em uma carta a Juliano, cônsul e patrício, presente no volume II da obra *Grammatici Latini* (Keil, 1855, p. 1-4), enquanto a segunda mostra o índice das *EP* com as principais categorias, retirados da edição de Porter

⁸⁹ In terms of coherence, the *Excerptiones* compares favourably with Priscian's originals. Where Priscian's discussion of a topic may ramble over two or more books of the *Institutiones*, or between separate treatises, the *Excerptiones* will often gather these together in an unbroken treatment. This advantage is palpable. Law has called the *Excerptiones*' organizational innovations a simplification, which is certainly true, yet the added coherence and continuity are also a major improvement. [...] And despite the organizational modifications to the *Institutiones*, the superior arrangement of Ælfric's Grammar shows that the *Excerptiones* still left room for improvement.

(2002, p. v-ix). Abaixo, disponibilizamos os índices das *Excerptiones* juntamente com o título dos livros da *Ars prisciani*, a fim de realizar uma comparação.

TABELA 4: Índices das *Ep* e *Ap*

Excerptiones de prisciano

I. INCIPIVNT EXCERPTIONES DE
PRISCIANO
DE VOCE
DE LITTERA
DE PARTIBVS
II. DE NOMINE
III. INCIPIT PRONOMEN
IV. INCIPIT VERBVM
V. INCIPIT ADVERBIVM
VI. PARTICIPIVM INCIPIT
VII. INCIPIT CONIVNCTIO
VIII. INCIPIT PRAEPOSITIO
IX. DE INTERIECTIONE
X. DE NOMINIBVS NVMERORVM
SECVNDVM PRISCIANVM TRIGINTA
DIVISIONES GRAMMATICAE ARTIS

Ars prisciani

I - De voce; de litera
II - De syllaba; de dictione; de oratione; de
nomine; de patronymicis; de
possessivorum terminationibus.
III - De comparativis et superlativis et
eorum diversis extremitatibus; de
diminutivis
IV - De denominativis et verbalibus et
participialibus et adverbia
V - De generibus dinoscendis; de numeris;
de figuris; de casu.
VI - De nominativo casu; de genetivorum.
VII - De ceteris obliquis casibus.
VIII - De verbo et eius accidentibus.
IX - De regulis generalibus omnium
coniugationum.
X - De praeterito perfectu.
XI, XII - De participio.
XIII - De pronome.
XIV - De praepositione.
XV - De adverbio et interiectione.
XVI - De coniunctione.
XVII, XVIII - De constructione sive
ordinatione partium orationis inter se

Logo abaixo, também disponibilizamos os índices da *Ars Maior* e *Ars Minor*, de Donato, a fim de compará-los com a *Excerptiones*.

TABELA 5: Índices da *Ars minor* e *Ars maior*

<i>Ars minor</i>	<i>Ars maior</i>
DE PARTIBVS ORATIONIS	<i>Ars Maior</i>
DE NOMINE	DE VOCE
DE PRONOMINE	DE LITTERA
DE VERBO	DE SYLLABA
DE ADVERBIO	DE PEDIBUS
DE PARTICIPIO	DE TONIS
DE CONIUNCTIONE	DE POSITVRUS
DE PRAEPOSITIONE	DE PARTIBUS ORATIONIS
DE INTERIECTIONE	DE NOMINE
	DE PRONOMINE
	DE VERBO
	DE ADVERBIO
	DE PARTICIPIO
	DE CONIUNCTIONE
	DE PRAEPOSITIONE
	DE INTERIECTIONE
	DE BARBARISMO
	DE SOLECISMO
	DE CETERIS VITIIS
	DE METAPLASMO
	DE TROPIS

A primeira coisa que podemos notar é que a obra de Prisciano, dividida em livros, dedica um número considerável de livros apenas ao assunto dos nomes e dos verbos, enquanto as *EP* tratam de cada assunto no mesmo livro, de modo que temos uma considerável redução no conteúdo. Uma informação muito mais significativa, talvez, a respeito do pano de fundo teórico do compilador do texto medieval, é a alteração na ordem das categorias gramaticais, substituindo a de Prisciano pela ordem apresentada pela *Ars* de Donato. Enquanto as *EP*, *AP* e *Ars Maior* apresentam um início em comum, com *de voce*, *de sillaba* e *de littera*, as *EP* trazem, à semelhança de Donato, *De Pronomine* logo após *De Nomine*. Prisciano, por sua vez, já trata

dos verbos logo em seguida aos livros dedicados ao nome, colocando o pronome, que nas outras obras seguem ao nome, apenas após a discussão dos participípios.

Porém, apesar de utilizar um autor relativamente recente para principal corrente intelectual no Continente, especialmente se comparada à obra de Donato, não vemos nas *Ep* nenhuma das questões filosóficas adotadas após o Renascimento Carolíngio sobre a obra de Prisciano, como as reflexões sobre a lógica. O que de fato vemos é a continuidade com a tradição gramatical latina tardia (Law, 1987), pela qual Prisciano visto é através das lentes de Donato (no contexto da gramática medieval anglo saxã do sec X), com a organização e estruturação da obra sendo inspirada na *Ars maior* e na *Ars minor* de Donato (Porter, 2002, p. 2):

O caráter da gramática resultante é bem diferente daquele da original. Ela não se destaca mais dos outros trabalhos da tradição latina tardia nos tópicos abordados e no método de lidar com eles, como as *Institutiones*; ao contrário, as *Excerptiones* são uma tentativa de alinhar Prisciano à tradição latina tardia. O objetivo do compilador era descobrir o que Prisciano tinha a dizer sobre os assuntos incluídos na *Ars maior* de Donato. A *Ars maior* forneceu tanto a estrutura quanto o programa para a sua própria composição. (Law, 1987, p. 52, t.n.).⁹⁰

Prisciano adota uma ordem diferente da ordem latina convencional enquanto segue os gramáticos gregos (Law, 1987), especialmente a de Apolônio Díscolo, como já dito, e o faz baseando-se em conceitos filosóficos. Como menciona Luhtala (1993, p. 146, t. n.):⁹¹ “A estrutura de descrição de Prisciano, embora em princípio similar à de seus predecessores, é diferente à medida que sua análise gramatical é baseada em conceitos filosóficos, notavelmente, nas categorias de Aristóteles”. Assim, Prisciano introduz para os carolíngios a relação entre gramática e filosofia, e tal relação seria muito explorada por esses gramáticos. Luhtala (1993, p. 146, t. n.), explica que Prisciano, trazendo a relação entre sintaxe e conceitos gramaticais, na qual “o nome, a substância, precede o verbo, a ação, que é um dos acidentes da substância”⁹². Por isso, na *Ars prisciani*, o verbo vem imediatamente após o nome.

Tal questão não interessa ao compilador das *EP*. Desviando de Prisciano, o compilador do texto medieval recorre à ordem tradicional das gramáticas latinas, mais especificamente

⁹⁰ The character of the resulting grammar is quite distinct from that of its parent. No longer does it stand apart from other works in the Late Latin tradition in the topics covered and the method of handling them, like the *Institutiones*; rather, the *Excerptiones* is an attempt to bring Priscian into line with the Late Latin tradition. The compiler's aim was to discover what Priscian had to say about the subjects included in Donatus's *Ars maior* (12). The *Ars maior* furnished him with both a framework and a programme for his own composition. Thus, both the *Ars maior* and the *Institutiones grammaticae* begin with sections on uox, littera and syllaba.

⁹¹ Priscian's framework of description, though in principle similar to that of his predecessors, is different in that his grammatical analysis is based on philosophical concepts, notably on the Aristotelian categories.

⁹² The noun, the substance, precedes the verb, the action, which is one of the accidents of the substance.

àquela utilizada por Donato, a principal autoridade nos estudos gramaticais na primeira metade da Idade Média. Porter (2002, p. 12 tradução), afirma que: ‘Se as *Artes* de Donato foram a lentes pelas quais a gramática era vista, forçar as *Institutiones* de Prisciano dentro dessa estrutura familiar era um meio fácil de comunicar um texto longo e complexo’⁹³. Porter (2002, p. 12-13) continua, afirmando que o compilador “mergulhou a si mesmo na educação tradicional das escolas, e não pode haver dúvida de que ele era um professor com uma habilidade para a comunicação em sala de aula”. Portanto, podemos observar que a organização das *Excerptiones* divergem do texto original por razões pedagógicas, para facilitar o acesso ao texto de Prisciano, como também cita Vivian Law (1987, p. 53, tradução nossa):

“Tanto na seção preliminar quanto no corpo principal do texto, as partes do discurso são discutidas na ordem popularizada por Donato: *nomen pronomen uerbum aduerbium participium coniunctio praepositio interiectio*, a invés da sequência diversa de Prisciano derivada de fontes gregas: *nomen uerbum participium pronomen praepositio aduerbium interiectio coniunctio*. Tal mudança sinaliza um passo para trás no nível do público almejado: foi feita uma tentativa de tornar a doutrina das *Institutiones Grammaticae* acessível àqueles que tinham avançado pouco além do nível da *Ars Maior*”⁹⁴.

Portanto, apesar de se utilizar do texto de Prisciano, quase um século após o seu estabelecimento no currículo educacional, o conteúdo de sua *Ars* foi adaptado à ordem tradicional do autor que era agora estudado nos períodos iniciais da educação latina da época, para introduzir estudantes em nível intermediário ao gramático de Constantinopla.

4.7 Análise e comparação entre as *Ep* e a *Ap*

O texto das *EP* é constituído por recortes da *Ap*, quase inalterados. Entretanto, isso não deixa de fornecer informações a respeito das intenções e motivações de seu compilador, ainda que sejam apenas de brevidade do texto, além, é claro, das fontes utilizadas, pois lançam luz à escola de pensamento medieval carolíngia e anglo-saxã e o pensamento gramatical medieval.

Considerando isso, faremos uma análise de alguns trechos selecionados de cada obra, a fim de verificar o pesado processo de edição feito pelo compilador, além de alguns comentários

⁹³ If Donatu's *Artes* where the lens through which grammar was viewed, forcing Priscian's *Institutiones* into that familiar framework was an easy means of conveying a long and complex text.

⁹⁴ Both in this preliminary section and in the body of the text the parts of speech are discussed in the order popularised by Donatus: *nomen pronomen uerbum aduerbium participium coniunctio praepositio interiectio*, rather than in Priscian's deviant sequence derived from Greek sources: *nomen uerbum participium pronomen praepositio aduerbium interiectio coniunctio*. Such a change signals a step down in the level of the intended audience: an attempt has been made to render the doctrine of the *Institutiones grammaticae* accessible to those who had advanced little beyond the level of the *Ars maior*.

sobre o conteúdo gramatical desses trechos. Abaixo, mostramos os textos de ambas as gramáticas, a fim de observar, a partir dos cortes, o processo da compilação das *EP*, verificando qual tipo de informação foi omitida. O texto das *IG* é retirado do volume II dos *Grammatici Latini*, Keil (1855).

Buscamos observar quais foram os trechos que o compilador escolheu e quais os que rejeitou, seja na discussão gramatical, nos excertos literários apresentados por Prisciano e ainda, no caso dos exemplos literários, a ocorrência do grego. Na edição das *EP* que usamos, Porter indica, em seu comentário, a origem de cada excerto a partir da obra mais antiga. O primeiro trecho que mostramos, portanto, é encontrado em *Inst. gram.* 1.5.1-4 e I.5.5-6.5.

Ars prisciani, DE VOCE.

Philosophi definiunt, vocem esse aerem tenuissimum ictum vel suum sensibile arium, id est quod proprie auribus accidit. et est prior definitio a substantia sumpta, altera vero a notione, quam Graeci ἔννοιαν dicunt, hoc est ab accidentibus. accidit enim voci auditus, quantum in ipsa est.

Vocis autem differentiae sunt quattuor: articulata, inarticulata, literata, illiterata. articulata est, quae coartata, hoc est copulata cum aliquo sensu mentis eius, qui loquitur, profertur. inarticulata est contraria, quae a nullo affectu proficiscitur mentis. literata est, quae scribi potest, illiterata, quae scribi non potest. inveniuntur igitur quaedam voces articulae, quae possunt scribi et intellegi, ut:

Arma virumque cano,

quaedam, quae non possunt scribi, intelleguntur tamen, ut sibili hominum et gemitus: hae enim voces, quamvis sensu aliquem significant proferentis eas, scribi tamen non possunt. aliae autem sumunt, quae, quamvis scribantur, tamen inarticulae dicuntur, cum nihil significant, ut ‘coax’, ‘cra’. aliae vero sunt inarticulae et illiteratae, quae nec scribi possunt nec intellegi, ut crepitus, mugitus et similia. scire autem debemus, quod has quattuor species vocum perficiunt quattuor superiores differentiae generaliter voci accidentes, binae per singulas invicem coeunt. ‘vox’ autem dicta est vel a vocando, ut ‘dux’ a ducendo, ut ἀπὸ τοῦ βοῶ, quibusdam placet.

AP (Keil, 1855, p. 5-6)

Excerptiones de prisciano, DE VOCE:

1. Philosophi definiunt vocem esse aerem tenuissimum ictum vel suum sensibile aurium, id est quod proprie auribus accidit. Et est prior definitio a substantia sumpta, altera vero ab accidentibus. Accidit autem voci auditus, quantum in ipsa est.

2- Vocis autem differentie sunt quatuor: articulata, inarticulata, litterata, inlitterata. Articulata enim est que coartata, id est copulata cum aliquo sensu

mentis eius qui loquitur, profertur, ut ‘Arma uirumque cano’. Inarticulata est contraria, que a nullo affectu proficiscitur mentis, ut sibilus hominum et gemitus, que scribi non possunt. Intelliguntur tamen. Litterata enim est que scribi potest sine sensu, ut ‘coax’, ‘cra’. Inlitterata est que nec scribi nec intellegi potest, ut strepitus et mugitus et similia. ‘Vox’ dicta est uel a uocando, ut ‘rex’ a regendo, ‘dux’ a ducendo, uel a sono, ut quibusdam placet.

EP (Porter, 2002, p. 44)

O primeiro recorte que podemos observar é relativo ao termo grego ἔννοιαν. O compilador (ou o escriba do manuscrito utilizado, como Law (1987) sugere), não apenas elimina o texto com a palavra grega em: “quam Graeci ἔννοιαν dicunt”, mas também retira o termo latino “notione” apresentada por Prisciano. Há também a alteração de alguns pronomes, como, por exemplo, “hoc est” por “id est”, além do uso da conjunção “enim” por “autem”.⁹⁵

Podemos ver, ainda, uma reorganização das frases. Prisciano apresenta antes uma definição para os quatro tipos de vozes, *articulata*, *inarticulata*, *litterata*, *inlitterata*. Depois disso, apresenta exemplos para cada uma. O compilador, porém, apresenta os exemplos antes. Portanto, *vox articulata* já apresenta o exemplo do começo da Eneida de Virgílio, *Arma uirumque cano*, preservado pelo compilador; *vox inarticulata* retira do segundo parágrafo “ut sibilus hominum et gemitus, que scribi non possunt. Intelliguntur tamen”; *vox litterata* apresenta ‘coax’, ‘cra’ (note-se a mudança de “cum nihil significant” para “sine sensu”); para *inlitterata* “quae nec scribi possunt nec intellegi, ut crepitus, mugitus et similia”. *Crepitus* é substituído por *strepitus*. Perceba-se também a diferença na grafia de *illiterate*, de Prisciano, para *inlitterata* (como aparece também na glosa correspondente). A reordenação também traz a exclusão de uma parte mais prolixa do material. Além disso, Prisciano apresenta uma origem em onomatopeia do grego para o termo *vox*⁹⁶, ἀπό του βοω ‘a partir de som’. O texto das *Excerptiones*, porém, ignora novamente o grego, apenas traduzindo a frase como *a sono* “a partir do som”. A seguir, apresentamos o primeiro parágrafo do capítulo II das *Ep*, *De nomine*, seguida de uma breve observação:

II. DE NOMINE

1. Nomen est pars orationis, que unicuique subiectorum corporum seu rerum communem uel propriam qualitatem distribuit. Dicitur autem nomen uel a Greco, quod est ‘noma’, et adiecta o ‘onoma’, dictum a tribuendo, quod ‘nemein’ dicunt; uel ut alii nomen quasi notamen, quod hoc notamus nomine uniuscuiusque substantie qualitatem. Et communem quidem corporum qualitatem demonstrat, ut ‘homo’, propriam, ut ‘Virgilius’, rerum autem communem, ut ‘disciplina’, ‘ars’, propriam, ut ‘arithmetica Nichomaci’, ‘grammatica Aristarchi’.

⁹⁵ Algumas mudanças sutis, como essa, podem ser devido ao MS utilizado.

⁹⁶ Porter (2002, p. 327).

EP (Porter, 2002, p. 60)

DE NOMINE.

Nomen est pars orationis, quae unicuique subiectorum corporum seu rerum communem vel propriam qualitatem distribuit. dicitur autem nomen vel a Graeco, quod est ‘νόμα’ et adiecta o ‘ὄνομα’, dictum a tribuendo, quod “νέμεειν” dicunt, vel, ut ali, nomen quasi notamen, quod hoc notamus uniuscuiusque substantiae qualilatem. et communem quidem corporum qualitatem demonstrat, ut 'homo', propriam vero, ut ‘Virgilius’, rerum autem communem, ut ‘disciplina’, ‘ars’, propriam, ut ‘arithmetica Nicomachi, grammatica Aristarchi’.

AP (Keil, 1855, I. p.56.29-57.7)

No exemplo acima, podemos observar mais um excerto que preserva quase completamente o texto de Prisciano. No parágrafo, Prisciano dá uma definição de caráter filosófico, um pouco mais elaborada que a de Donato, embora semelhante, definindo nome como a parte do discurso que “distribui uma qualidade comum ou própria a cada corpo ou coisa” (Porter, 2002, p. 60, t.n.). Logo em seguida, traz uma explicação etimológica, afirmando ou uma origem grega para a palavra latina *nomen*, significando “distribuir”, “repartir”, ou latina, a partir de *notamen* “sinal”, com o qual se identifica a característica de cada substância. Note-se, ainda, que nesse exemplo o compilador preservou as referências de Prisciano ao grego, porém, transcrevendo-as para o latim. Por fim, Prisciano traz exemplos da categoria que acabou de descrever, com uma distinção entre uma qualidade comum (homem) ou particular (Prisciano).

A Npv

Tendo observado os trechos da *Ars prisciani*, iremos agora comparar as *Excerptiones* com a *Npv*, também de Prisciano, observando os locais nos quais o compilador insere os trechos dessa obra. A primeira ocorrência da obra é apresentada abaixo:

Omnia nomina, quibus Latina utitur eloquentia, quinque declinationibus flectuntur, quae ordinem acceperunt ab ordine vocalium formantium genitivos. prima igitur declinatio est, cuius genitivus in ae diphthongon desinit, ut liic poeta huius poetae; secunda, cuius in i productam supradictus finitur casus, ut hic doctus huius docti. tertia in is brevem, ut hic pater huius patris; quarta in us productam, ut hic senatus huius senatus; quinta in ei divisas syllabas, ut hic merities huius meridiei.

Npv (Keil, 1855. II.443.1-9)

163. Omnia nomina, quibus Latina utitur eloquentia, quinque declinationibus inflectuntur, que ordinem acceperunt ab ordine uocalium formantium genitiuos. Prima igitur est declinatio, cuius genitius i -ae dyptongon desinit, ut ‘hic poeta, huius poete’; secunda, cuius in -i productam supradictus finitur

casus, ut ‘hic doctus, huius docti’; tertia declinatio in -is breuem, ut ‘hic pater, huius patris’; quarta in -us productam, ut ‘hic senatus, huius senatus’; quinta declinatio in -ei diuisas syllabas mittit, ut ‘hic merities, huius meridiei’.
EP (Porter, 2002, p. 100. 7-14)

Mais uma vez, trata-se de um exemplo de um recorte direto, sem alterações realizadas no texto. Percebe-se a diferença no uso de *inflectuntur*, que no texto de Prisciano aparece como *flectuntur*, na introdução à discussão da primeira declinação.

164. Habet igitur prime declinationis nominatiuus litteras quidem terminales duas, a et s, terminationes uero tres, -a, -as, -es. Omnis enim nominatiuus Latinus -a terminalem corripit, nam -as et -es producuntur.
EP (Porter, 2002, p. 100. 15-22)

Prima declinatio habet terminationes in nominativo tres, 'a as es': in a tam Latinorum quam Graecorum, tam masculinorum quam femininorum et communium, in 'as' uero et in 'es' Graecorum tantum et masculinorum, ut 'hic scriba, poeta', 'haec Roma, Musa', 'hic' et 'haec advena', 'hic Aeneas', 'hic Anchises'.
AP (Keil, 1855. II.284.12-16)

Habet ergo primae declinationis nominativus litteras quidem terminales duas, a et s, terminationes uero tres, a as es productam, ut haec syllaba, huius syllabae, hic Aeneas huius Aeneae, hic Anchises huius Anchisae.
Npv (Keil, 1855. II.443.10-11)

Já no parágrafo seguinte, podemos ver um exemplo de uso das *Npv* substituindo praticamente toda a versão da *AP*, ao menos do ponto de vista textual, embora ambos os textos tratem das terminações do nominativo da primeira declinação. A informação a respeito do tamanho das sílabas é retirada da *Npv*. A única informação exclusiva do trecho das *AP* que podemos observar é a menção ao nominativo latino, sendo a ignorada a referência à língua grega apresentada por Prisciano, como aponta Porter (2002, p. 333).

In passivis et communibus et deponentibus, id est in omnibus verbis in ‘or’ terminantibus, desunt tempora praeteriti perfecti et omnia, quae ex his nascuntur. participia tamen coniuncta verbo substantivo (id est 'sum') et omni eius tempore eorum vice funguntur. quod Graeci quoque solent facere in multis verbis temporis perfecti et plusquamperfecti et maxime in modo optativo et subiunctivo, ut ‘τέτυμμαι, τέτευσαι, τέτυπται, τετύμμεθα, τέτυφθε, τετυμμένοι εισίν’, “τετυμμένος εἶην, εἶης, εἶη, τετυμμένοι εἶημεν, εἶητε, εἶησαν, ἐὰν τετυμμένος ᾦ, ἦς, ἦ; ἐὰν τετυμμένοι ᾤμεν, ἦτε, ᾤσιν. sed cum apud Graecos paene innumerabilia sint verba, quae vel litterarum inconsonantia vel regularum quibusdam rationibus impediuntur vel usu, ut habeant declinationem plenam per omnia tempora, apud nos pauca hoc patiuntur. inveniuntur tamen etiam in o desinentia, sed non multa, in quibus praeteritum perfectum per participium solet demonstrari, quae ‘neutropassiva’ artium

scriptores nominant. sunt autem haec sola: 'gaudeo gavisus sum', 'audeo ausus sum', 'soleo solitus sum', 'fido fisis sum', 'fio factus sum', quorum tamen antiquissimi solebant etiam praeteritum perfectum proferre hoc modo: 'gaudeo gavisi', 'audeo ausi', 'soleo solui', 'fido fisi', 'fio fii', sed nunc his non utimur. (Keil, 1855, p. 419-420)

130. In omnibus etiam passivis et communibus et deponentibus desunt tempora praeterita perfecta et omnia, quae ex his nascuntur. Participia tamen coniuncta uerbo substantiuo, id est 'sum et omni eius tempore eorum uice funguntur, quod Graeci quoque solent facere. Inveniuntur quoque quinque uerba quorum praeteritum perfectum et plusquam perfectum per participium solet demonstrari, quae 'neutrapassiva' scriptores artium nominant. Secunde quidem coniugationis tria: 'gaudeo, gavisus sum'; 'audeo, ausus sum'; 'soleo, solitus sum'. Tertiae autem duo, 'fido, fisis sum', 'fio, factus sum' quae tamen aliis temporibus neutraliter declinantur. Nam 'odi' et 'noui' et 'memini' idem habent praesens et praeteritum perfectum. 'Odi' participium praeteritum habet 'osus', unde et 'osor', nomen uerbale, et in composita figura 'exosus' et 'perosus'. 'Noui', nomen tantum, 'notus' facit. 'Memini' uero imperatium habet 'memento' et 'mementote' et secundum Priscianum participium praesens 'meminens', quod tamen Donatus negat. In futuro enim infinitiui modi et in sopinis deficiunt. 'Coepi' autem non habet praesens nec futurum nec participium, nisi tantum praeteritum 'coeptus'. (Porter, 2002, p. 246)

No final do capítulo IV das *EP*, no parágrafo 130, observamos outro grande excerto das *AP*. O compilador mantém o material de Prisciano da linha 19, p. 419 até a linha 23. Uma longa citação de termos em grego é, então eliminada nas *EP* e o texto de Prisciano é retomado na p. 420, linha 7. No texto das *EP*, observamos uma possível intervenção do compilador. Primeiramente, ele enumera os exemplos que são dados por Prisciano, além de separá-los por conjugação: *Secunde quidem coniugationis tria (...) Tertiae autem duo*. Não nos foi possível localizar o restante da citação.

Outra intervenção do compilador, ainda mais clara, pode ser vista, na qual cita Prisciano por nome, comparando-o ao texto de Donato. Ele afirma que Prisciano diz que o verbo *memini* teria participio presente, mas Donato o negaria. O trecho em questão é: "*Memini* uero imperatium habet *memento* et *mementote* et secundum Priscianum participium praesens *meminens*, quod tamen Donatus negat" (Porter, 2002, p. 246, 20-22). Porter, nos comentários de sua edição, afirma que o termo está na *Ars maior*. Entretanto, não localizamos a versão utilizada pelo editor. Acreditamos que se refere ao trecho: *defectiva interdum alicuius sunt temporis, ut soleo sol ens solitus, interdum nullius, ut ab eo quod est memini nullum participium reperitur*:

Law (1987, p. 53) menciona que o compilador das *Excerptiones* eliminou praticamente todos os trechos referentes à literatura clássica, e Porter (2002, p. 27) menciona uma eliminação esporádica de nomes pagãos. Entretanto, como vimos em alguns dos exemplos acima, as *Excerptiones* preservam em muito trechos e citações dos autores clássicos. Até

mesmo nomes gregos são mantidos dentro da discussão de Prisciano, incluindo a análise de determinados elementos morfológicos.

Podemos encontrar ainda algumas ocorrências de termos e nomes cristãos. No capítulo II. *De Nomine*, no qual podemos ver a menção de nomes bárbaros, o compilador acrescenta os nomes bíblicos Daniel e Rafael. Curiosamente, Prisciano mesmo fornece nomes de origem bíblica, *Michael*, *Gabriel* e *Abel*. O compilador provavelmente acrescenta o nome Rafael a fim de completar o grupo dos arcanjos nomeados na Bíblia. Porém, exclui o nome *Abel*, como podemos ver abaixo:

In 'el' productam barbara masculina inveniuntur: 'hic Michael', 'Gabriel', 'hic Abel'. (Keil, 1855, p. 147)

204. In -el productam masculina inueniuntur propria, ut 'hic Daniel, Michael', 'Gabriel', 'Raphael', que assumpta -is nominatiu formant genitium, producentia e in obliquis casibus. (Porter, 2002, p. 112)

O compilador também excluiu o termo *barbara* que Prisciano utiliza para esses nomes. Podemos supor que, por serem nomes bíblicos, já seriam bastante conhecidos e estariam longe de serem considerados “bárbaros” por um gramático religioso anglo-saxão ou carolíngio.

4.7.1 Análise dos verbos nas *Ep*

Uma vez que nossa tradução foi feita a partir do capítulo sobre os verbos das *EP*, achamos conveniente apresentarmos também um trecho desse capítulo, comparando-o com a obra de Prisciano. O capítulo IV das *Ep*, *Incipit Verbum*, é dividido em subcapítulos, tratando das categorias verbais. Como mencionamos anteriormente, no comentário à introdução aos verbos, Prisciano apresenta oito acidentes: significado ou voz, tempo, modo, espécie, forma, conjugação, pessoa e número, o que pode ser lido no segundo parágrafo do capítulo. Além disso, há subcapítulos que também abordam as quatro conjugações verbais latinas e casos particulares da conjugação dos verbos, com um subcapítulo para os verbos no pretérito perfeito e um para os verbos defectivos. Prisciano trata a respeito dos verbos nos livros VIII e X, que são divididos da seguinte maneira:

Liber Octavus-De Verbo; De Significatione; De Temporibvs Verborvm; De Modis; De Specie Verborvm; De Figvra; De Conivgationibvs; De Personis; De Nvmero Liber Nonvs-De Generali Verbi Declinatione; De Praeterito Perfecto; De Praeterito Perfecto Primae Conivgationis; De Praeterito Perfecto Secvndae Conivgationis; Liber Decimus-De Praeterito Perfecto Tertiae Conivgationis; De Praeterito Perfecto Quartae Conivgationis.

O compilador das *Ep* resumiu o conteúdo do capítulo *De Significatione* já no primeiro capítulo, e *De Modis* encontra-se no subcapítulo *De Tempore* nas *Ep*, enquanto os outros capítulos seguem uma ordem parecida. De resto, segue-se a mesma ordem de Prisciano, embora de maneira resumida, como abordamos no subcapítulo anterior. Nas *Ep*, o capítulo IV se divide assim: *De Tempore*, *De Speciebus*, *De Figura*, *De Personis Incipit*, *De Numero Verborum*, *De Coniugatione Actiui Verbi*, *De Verbis Passivis*, *Incipit Octo Forme Praeteriti Perfecti Omnium Verborum*, *Prima Coniugatio*, *Secunda Coniugatio*, *Tertia Coniugatio*, *De Si, Quarta Coniugatio*, *De Verbis Defectiuis*.

Agora, apresentaremos a introdução que Prisciano faz aos verbos latinos na *Ap* e o recorte das *Ep*, seguindo-se um comentário:

Verbum est pars orationis cum temporibus et modis, sine casu, agendi vel patiendi significativum. hac enim definitione omnia tam finita quam infinita verba comprehenduntur. et neutra enim [quae dicuntur absoluta] et deponentia omnimodo naturaliter vel in actu sunt vel in passione. verbum autem quamvis a verberatu aeris dicatur, quod commune accidens est omnibus partibus orationis, tamen praecipue in hac dictione quasi proprium eius accipitur, quae frequentius utimur in omni oratione. licet tamen pro omnibus dictionibus dicere verba frequentique usu hoc approbatur, nec non etiam nomina, sed raro, ut Virgilius in III:

foliisque notas et nomina mandat.

Terentius in adelphis:

verbum de verbo expressum extulit.

idem in Andria:

Bona verba quaeso.

Verbo accidunt octo: significatio sive genus, tempus, modus, species, figura, coniugatio et persona cum numero, quando affectus animi definit.

Ap (Keil, 1855, p. 369)

Significatio vel genus, quod Graeci affectum vocant verbi, in actu est proprie, ut dictum est, vel in passione, et omnia verba perfectam habentia declinationem et aequalem vel in o desinunt vel in ‘or’.

Et in o quidem terminantia duas species habent, activam et neutralem.

Et activa quidem semper actum significat et facit ex se passivam abque duobus verbis, ‘metuo’ et ‘metuor’, ‘timeo’ et ‘timeor’;

Ap (Keil, 1855, p. 373)

INCIPIT VERBUM

1. Verbum est pars orationis cum temporibus et modis sine casu, agendi uel patiendi significativum. Hac enim diffinitione omnia tam finita uerba quam infinita comprahenduntur. Et neutra enim, quae dicuntur absoluta, et deponentia omni modo naturaliter et in actu sunt uel in passione. Verbum enim, quamuis a uerberatu aeris dicatur, quod commune accidens est omnibus partibus orationis, tamen praecipue in hac dictione quasi proprium eius

accipitur, qua frequentius utimur in omni oratione. Licet tamen pro omnibus dictionibus dicere 'uerba'; frequenti usu hoc approbatur nec non etiam nomina, sed raro.

2. Verbo accidunt octo: significatio siue genus, tempus, modus, species, figura, coniugatio, et persona cum numero, quando affectus animi diffinit.

3. Significatio uel genus, quod Greci affectum uocant uerbi, in actu est propriae uel in passione. Et omnia uerba perfectam habentia declinationem et aequalem uel in -o desinunt uel in -or.

4. Et in -o quidem terminantia duas species habent, actiuam et neutralem.

5. Et actiua quidem species semper actum significat, et facit ex se passiuam, absque duobus uerbis, 'metuo et metuor', 'timeo et timeor'.

EP (Porter, 2002, p.181-2)

Inst. gram. I.369.1-10; I.369.16-17; I.373.10-12; I.373.13-14; I.373.15-17.

Analisando o excerto das *Ep* acima, podemos ver que se trata de um recorte claro a partir da *Ars prisciani*. Não foram feitas muitas alterações, e o texto foi copiado da maneira como está na obra de Prisciano, sendo retirada do texto a frase “ut dictum est”, além do exemplo de Virgílio. Observe-se que Prisciano faz uma introdução ao conceito de verbos (que significam ação ou passividade) e, em seguida apresenta uma explicação etimológica da palavra, trazendo os acidentes pertencentes ao verbo. Isso se assemelha à introdução aos nomes no capítulo II das *Ep*, e é de fato um modelo encontrado através dessa obra.

A partir da semelhança na apresentação inicial do conceito de verbos nas *Ep* e na *Ap*, podemos inferir que o compilador concorda com Prisciano em sua definição, na qual verbos são uma categoria das partes do discurso, com tempo e modo, mas sem caso, podendo representar ação e passividade. Apontamos ainda que o compilador apresenta os oito acidentes verbais: significado, tempo, modo, espécie, figura, conjugação e pessoa com número. Pode-se também concluir, a partir do que observamos quanto ao estudo de Prisciano na Idade Média, que tal definição de verbo era adotada na educação latina carolíngia e anglo-saxã tardia, preservando-se a noção apresentada por Prisciano.

Há, porém, uma grande lacuna entre os parágrafos 2 e 3 das *Excerptiones*. Comparando com o texto de Prisciano da edição de Keil, há um salto de pouco mais de três páginas, com o conteúdo dos parágrafos 1 e 2 retirados da página 396 e os parágrafos 3, 4 e 5 da página 373. Parte do trecho cortado é a seguinte:

Sciendum autem, quaedam verba inveniri defectiva quorundam supra dictorum accidentium et hoc vel naturae necessitate fieri vel fortunae casu. Ergo naturae necessitas bipertita est in significatione et in commoditate, id est in consonantia elementorum. sunt enim quaedam non solum in verbis, sed etiam in aliis partibus orationis, quae significationis causa dici non debent, ut,

si velimus masculinum dicere ab eo quod est ‘nupta’ ‘nuptus’ vel a ‘puerpera’ ‘puerperus’, oppugnat ipsa rerum natura propter significationem, quae solis accidit feminis, nisi figura vel auctoritas intercedat: figura, ut si dicam: ‘bonus animus uxoris mihi nuptus est’ pro ‘bonum animus habens uxor mihi nupta est’; auctoritas, ut Plautus in Casina:

Libet Charinum quid agat scire novum nuptum, pro ‘maritum’.

Ap (Keil, 1855, p. 369.18-20; 370.1-13)

Aqui, Prisciano está tratando a respeito da natureza de verbos defectivos. Porém, mudando um pouco a direção da discussão sobre verbos, ele aborda o gênero dos nomes, tratando da possibilidade de sua concordância desobedecer a regra lógica gramatical de acordo com o desejo do autor, o que chama de *necessitatem* ou *auctoritatem*. A discussão, é claro, vai muito além do nível de um estudante intermediário que está sendo introduzido a Prisciano após ter passado por Donato.

No parágrafo 3, Prisciano trata sobre a *significatio* (voz) (Porter, 2002, p. 180, t.n.): “O significado ou voz, que os gregos chamam de afeto do verbo, está na ação dos mesmos (verbos) ou na passividade.”⁹⁷ Depois, ele introduz a morfologia relacionada à categoria da voz (Porter, 2002, p. 180, t.n.): “Todos os verbos que possuem uma flexão perfeita e uniforme terminam em -o ou em -or.”⁹⁸

No parágrafo 4, Prisciano esclarece que há duas espécies para verbos de terminação em -o, a transitiva e a intransitiva (sempre significam ação) enquanto no parágrafo 6 menciona três espécies de verbos em -or, passiva (nasce da ativa e sempre significa passividade), comum (significa tanto ação quanto passividade na mesma terminação) e depoente (que é uma raiz independente). Além disso, o gramático também cita exceções à regra: *metuo* e *metuor*, *timeo* e *timeor*. Agora, no parágrafo 8 das *Ep* (Porter, 2002, p. 182), vemos a primeira vez exemplos de verbos para ilustrar as noções gramaticais mencionadas anteriormente:

8. São chamados ativos ou diretos os que (terminando) na desinência -o e, acrescida a letra -r, forma a (voz) passiva a partir de si. Assim que são ditos, podem passar para quem faz a ação e se unem aos casos genitivo, dativo ou acusativo, como *Abstineo irarum* “Abstenho-me das iras”, “Ordeno a ti”, “Abençoo a ti”, “Não conheço a ti”, “Invejo a ti”, “Peço-te”, “Amo-te”. Unem-se também o ablativo com outro caso, como em *Video solem oculis* “Vejo apenas com os olhos”, *Prohibeo filium turpitudine* “Proíbo a torpeza ao filho”. Estes formam passivos a partir de si mesmos, como dissemos, e (os passivos) costumam se unir ao caso ablativo com a preposição “a” e “ab” como *Abstineor a te* “Sou evitado por ti” ou *ab illo* “por ele”, *Imperor a te* “Sou ordenado por ti” ou *ab illo* “por ele”, *Benedicor a te* “Sou abençoado por ti”, *Inuideor a te* “Sou invejado por ti”, *Oror a te* “Sou suplicado por ti”, *Amor a*

⁹⁷ *Significatio uel genus, quod Greci affectum uocant uerbi, in actu est propriae uel in passione.*

⁹⁸ *Et omnia uerba perfectam habentia declinationem et aequalem uel in -o desinunt uel in -or.*

te “Sou amado por ti”. Podem também se unir a dativo, como *Seruor tibi* “Sou protegido para ti”; e ao acusativo também, figuradamente, como “É cortada a mão”, “É quebrado o pé”, “É curado o olho”, “Rompem-se os ouvidos”.

Observe-se que os exemplos que Prisciano fornece para tratar das formas ativa e passiva são postos no contexto de seu uso, seja a possibilidade de se utilizar esses verbos na voz ativa com nomes nos casos genitivo, dativo, acusativo e ablativo quanto na voz passiva com nomes no ablativo antecedidos pelas preposições *a* e *ab*, no dativo e no acusativo. Os exemplos na voz ativa são novamente repetidos, porém, na voz passiva, com os nomes no ablativo acompanhados por *a*, *ab*.

Ao explicar a categoria dos tempos verbais, Prisciano mostra como o tempo pode ser identificado nas primeiras, penúltimas e últimas letras da palavra, enquanto nomes apenas realizam flexão apenas no final, e apresenta exemplos que ilustram essa identificação (*ago egi*, *perficio perfeci*, *amo amabam*), sem especificar o tempo de cada uma. Em seguida, introduz as categorias do tempo verbal: “Há, portanto, três tempos de acordo com a natureza: o presente, o pretérito e o futuro. Mas, por sua vez, o pretérito é dividido em três: pretérito imperfeito, pretérito perfeito e pretérito mais que perfeito” (Porter, 2002, p. 188, t.n.), explicando cada um deles.

Logo em seguida, as *Ep* apresentam os modos verbais no mesmo subcapítulo, dedicando um parágrafo para cada um: indicativo, imperativo, optativo e subjuntivo, explicando cada um a ilustrando com poucos exemplos. Abaixo, reproduzimos o parágrafo que aborda o modo imperativo:

24. O imperativo é (o modo) pelo qual comandamos os outros, para que façam ou sofram algo; este possui o segundo lugar, pois é livre por si mesmo, assim como o indicativo, e não necessita do auxílio de outra parte para um significado pleno, embora seja naturalmente defeituoso em tempo e em pessoas. Por ele apenas ordenamos o que queremos que se faça imediatamente no presente sem qualquer demora ou no futuro. Embora os gregos possuam imperativos no tempo pretérito, nós não podemos possuí-los em verbos transitivos ou intransitivos. Já nos passivos e em todos que possuem tempos pretéritos participípios podemos possuí-los por circunlocução, como *doctus es* “és”, ou *esto* “torne-se douto”, *doctus sit* “seja (ele)” *esto* “torne-se (ele) douto”, *ornatus sit* “seja” ou *esto* “torne-se decorado” e outros. Costumamos ainda frequentemente utilizá-lo não apenas ao comandar, mas também ao rogar.

Ep (Porter, 2002, p.206)

Prisciano inicia a explicação apresentando a função do modo imperativo (comando). Prisciano também o classifica em segundo lugar por ser independente, assim como o modo

indicativo, porém, defeituoso em tempo e pessoa. Novamente, vemos uma comparação com o idioma grego. Vejamos que os exemplos dados não são exaustivos, mas apenas ilustram um pouco o modo imperativo aqui introduzido.

Sobre as pessoas do verbo, observaremos o trecho recortado pelo compilador e o da própria *Ap.*

DE PERSONIS

Sunt igitur personae verborum tres. prima est, quae de se loquitur vel sola vel cum aliis, ut “dico dicimus”, secunda, ad quam loquitur, de ipsa vel sola vel cum aliis, ut “dicis dicitis”, tertia, de qua extra se et illam, ad quam dirigit sermonem, posita loquitur prima, ut “dicit dicunt”. et prima quidem et secunda verborum personae finitae sunt, praesentes enim demonstrantur, tertia vero infinita est itaque eget plerumque pronomine, ut definiatur. et prima quidem et secunda persona verborum pronomine iungunt possunt solis, tertia vero etiam nominibus, quae per se tertiae sunt personae, absque vocativo casu, quod ante diximus, ut “lego ego”, “legis tu”, “legit ille” vel “legit Cicero”. nam si dicam “lego Cicero”, soloecismus est, nisi addidero pronomen, flicens “lego ego Cicero” vel “legis tu Cicero”, exceptis illis verbis, quae sunt substantiae vel vocandi, ut “Priscianus sum, Priscianus vocor, Priscianus nominor, Priscianus nuncupor”. et prima quidem potest sibi et secundam et tertiam coniungere “ego et tu facimus, ego et ille facimus”, secunda vero non potest coniungere sibi nisi tertiam, ut “tu et ille facitis”, tertia vero nec primam nec secundam, sed alteram tertiam, ut “iste et ille faciunt”. et prima quidem potest etiam secunda et tertia absentibus per se loqui, ut saepissime apud comicos videmus induci personas, quae ipsae ad se loquantur, ut Simo in Andria:

Non dubium est, quin uxorem nolit filius.

secunda vero vel tertia sine prima non potest esse; potest tamen prima o secunda sine tertia, et prima et tertia sine secunda inveniri. est enim ubi ipsa prima persona ad se quasi ad secundam loquitur personam, sed figurate, ut Dido in IIII Virgilii:

Infelix Dido! nunc te facta impia tangunt?

Tunc decuit, cum sceptrum dabas.

Et quoniam sunt quaedam verba, in quibus naturaliter vel omnes vel quaedam deficiunt personae, de his breviter dicamus.

(Keil, 1855, p. 448-449)

De Personis Incipit

52. Sunt igitur personae verborum tres. Prima est quae de se loquitur uel sola uel cum aliis, ut “dico dicimus”, secunda ad quam loquitur de ipsa uel sola uel cum aliis, ut “dicis dicitis” tertia, de qua extra se et illam, ad quam dirigit sermonem, posita loquitur prima, ut “dicit dicunt”. Et prima quidem et secunda persona verborum finite sunt; praesentes enim demonstrantur. Tertia uero infinita est; itaque eget plerumque pronomine, ut definiatur. Et omnes tres aequaliter pronomine solis iungi possunt, ut “Lego ego”, “Legis tu”, “Legit ille”. Nomina uero et participia in omni casu tertiae sunt personae,

absque uocatiuo, qui solus ad secunda profertur personam. Nam si dicam 'Lego Cycero', solocismus est, nisi addidero pronomen, dicens 'Lego ego Cycero' uel 'Legis tu Cycero'. Excipiuntur illa uerba, que sunt substantiae uel uocandi, ut 'Priscianus sum', 'Priscianus uocor', 'Priscianus nominor', 'Priscianus nuncupor'. Et prima quidem potest sibi et secundam et tertiam coniungere, ut 'Ego et tu facimus' et 'Ego et ille facimus'. Secunda uero non potest coniungere sibi nisi tertiam, ut 'Tu et ille facitis'. Tertia uero nec primam nec secundam, sed alteram tertiam, ut 'Iste et ille faciunt'. Est enim ubi ipsa prima persona ad se quasi ad secundam loquitur personam, sed figurate, ut 'Infelix Dido, nunc te facta impia tangunt'.

Neste trecho, observa-se que o compilador preserva quase todo o trecho, excluindo o exemplo da peça *Andria* e sua explicação. O exemplo da Eneida, porém, foi conservado. Aqui, Prisciano introduz as três pessoas verbais, explicando-as (quando se fala de si, a quem se fala, de quem se fala) e as distinguindo (primeira e segunda pessoas sendo finitas e a terceira infinita), seguindo-se os exemplos (*dico dicimus, dicis dicitis, dicit dicunt*), além de se unirem a pronomes nominais (*Lego ego, legis tu, legit ille*). Por fim, Prisciano explica alguns casos particulares de uso da pessoa em latim (como a ordem na qual as pessoas poderiam aparecer em uma construção), ilustrando com exemplos.

Prisciano aborda as formas do pretérito perfeito em cada conjugação, fornecendo um grande número de exemplos. O compilador acrescenta exemplos um exemplo cristão de sua parte, podemos ver um claramente cristão, *euangelizo, euangelizaui, -zatum*. Porter (2002, p. 347) afirma que a primeira seção do referido parágrafo aparentemente parafraseia Prisciano, *AP*, I.468-9. Trata-se de um parágrafo onde ocorre uma pesada edição da parte do compilador, como é possível observar abaixo:

DE PRAETERITO PERFECTO PRIMAE CONIUGATIONIS. Quoniam igitur de generalibus praeteriti perfecti temporis verborum formis collectini docuimus, mine separatim per singulas coniugationes de variis eiusdem temporis speciebus, cuius difficillima est tractatio omnium verbi quaestionum, disserere conemur. Primae coniugationis verba a secunda persona indicativi modi, quae in 'as' desinit, tam in activa quam in neutrali significatione abiecta s et addita 'vi' faciunt praeteritum perfectum, ut 'amo amas amavi', 'oro oras oravi', 'accuso accusas accusavi', 'meo meas meavi', 'hio hias biavi', 'flo flas flavi', 'no nas navi'. excipiuntur haec, quae in 'ui' divisas faciunt praeteritum subtracta a: 'domo domas domui', 'crepo crepas crepui', 'frico fricas fricui', 'mico micas micui', 'seco secas secui', 'sono sonas sonui', 'tono tonas tonui', 'veto vetas vetui'. 'plico plicas plicui' vel 'plicavi', quod maxime ex compositis dinoscitur. nam cum praepositione magis per 'ui' divisas, cum nomine vero compositum per 'avi' terminat perfectum, ut 'implico implicui', 'applico applicui', 'explico explicui', 'replico replicui', 'complico complicui'; 'duplico

vero 'duplicavi', 'triplico triplicavi', 'mulliplico mulliplicavi'. invenitur tamen etiam cum praepositione in 'avi' faciens praeteritum, sed in raro usu. (Keil, 1855, II, p. 468, 15-27; 469, 1-6)

Prima Coniugatio

79. Vniuersa uerba, quorum secunda persona -as syllaba producta terminatur, actiua siue neutra primae sunt coniugationis. Et quattuor formas praeteriti perfecti habent, quarum prima est que nascitur a secunda persona, abiecta -s et addita -ui syllaba, que iterum in -tum conuersa facit sopina uel participialia, ut 'amo, amas, amauui, amatum', producta penultima a tam in praeterito quam in sopino: 'beo, beas, beaui, beatum'; 'lanio, -niaui, -niatum'; 'hio, hiaui, hiatum'; 'inchoo, inchoaui, -choatum'; 'uacuo, -cuauui, -cuatum'; 'tenuo, tenuaui, -atum'; 'turbo, -baui, -batum'; 'sedo, -daui, -datum'; 'suo, -daui, -datum'; 'nauigo, -gaui, -gatum'; 'triumpho, -phaui, -phatum'; 'flo, flauui, flatum'; 'armo, -maui, -matum'; 'orno, -naui, -natum'; 'no, nauui, natum'; 'palpo, pauui, patum'; 'aro, -raui, aratum'; 'cribro, -braui, -bratum'; 'quasso, -saui, -satum'; 'praecipito, -taui, -tatum'; 'uexo, uexaui, uexatum'; 'euangelizo, euangelizaui, -zatum'. (Porter, 2002, p.222)

Os exemplos que observamos nos mostram a maneira como o latim era abordado por Prisciano e nas *Ep*. A partir dos recortes do texto, vimos que apenas uma quantidade pequena das muitas frases retiradas da literatura latina e utilizadas por Prisciano são preservadas pelo compilador. Entretanto, as *Ep* mantém muitos dos exemplos que o gramático apresenta ao tratar de elementos da morfologia latina, os quais são mais ou menos numerosos a depender do parágrafo ou subcapítulo. O recorte acima nos mostra uma quantidade significativa de exemplos morfológicos que poderiam ilustrar para um leitor ou estudante anglo-saxão cada categoria gramatical.

A partir dos recortes acima, foi possível analisarmos a grande semelhança entre as *Excerptiones* e a *Ars Prisciani*, uma vez que o compilador preservou considerável parte do texto, realizando apenas recortes. Apesar disso, também foi possível verificarmos intervenções da parte do editor monástico anglo-saxão ou carolíngio, seja ao rejeitar determinados exemplos, seja ao realizar alterações no texto que, embora pequenas, estão em conformidade com o círculo intelectual monástico no qual a gramática foi produzida, além de comentários muito pontuais do compilador. Também analisamos a maneira como o conteúdo linguístico é abordado nas *Ep*, ou ainda, no próprio Prisciano, dada a enorme semelhança entre o original e o texto medieval.

Vimos que Prisciano segue um certo padrão na apresentação de cada categoria gramatical, explicando-a de modo simples, fornecendo possíveis etimologias e as comparando com o grego. Depois, trata de determinados acidentes relacionados àquela categoria e nos

fornece exemplos mais ou menos numerosos. Por fim, queremos apontar que a abordagem de Prisciano é bem diferente do que se encontra nas gramáticas modernas, com uma explicação de cada categoria gramatical que, no entanto, se apoia consideravelmente em tabelas que reúnem juntas diferentes aspectos gramaticais em um mesmo tópico, contrastando com a abordagem detalhada e quase exclusiva de cada categoria gramatical.

5. TRADUÇÃO

Abaixo, apresentamos uma tradução do capítulo das *EP* que trata sobre os verbos. O texto latino foi retirado da transcrição feita por Porter (2002), a partir dos manuscritos de Paris e Londres-Antuérpia. O editor fornece um aparato crítico para essa versão, que resolvemos disponibilizar também para consulta nas notas de rodapé a fim de apresentar uma visão melhor da tradição.

Seria muito interessante para nós disponibilizar uma tradução completa da obra, mas como isso não seria possível devido ao tempo disponível da pós-graduação ou porque extrapolaria em demasiado os objetivos de uma dissertação de mestrado, decidimos traduzir apenas um recorte do texto. Além disso, cremos ter cumprido nosso objetivo ao apresentar tanto a análise linguística da obra, examinando os recortes da doutrina de Prisciano aos olhos medievais, quanto a descrição paleográfica de seus respectivos manuscritos.

Para esta dissertação, apresentaremos o capítulo IV das *Excerptiones, Incipit Verbum*, uma vez que seria um objeto de comparação adequado com as *Excerptiones de Arte Grammatica Anglice*, de Ælfric de Eynsham. Pretendemos realizar tal comparação, porém, em uma futura tese de doutorado, na qual analisamos a mencionada acima gramática de Ælfric.

Com relação à postura adotada nesta tradução, decidimos manter os termos latinos nos trechos que concernem a questões morfológicas da gramática latina, ainda que apresentando uma tradução destes. Trata-se, afinal, de uma gramática latina e, embora tenhamos nos esforçado para preservar a estrutura latina no texto em português, queremos que o texto continue voltado para as realidades gramaticais da língua latina.

Apresentamos também o aparato textual relativo aos verbos, presente na edição de Porter (2002, p. 388-389), a fim de mostrar as diferenças entre cada manuscrito, uma vez que tais diferenças foram tão significativas na discussão do capítulo anterior.

É no processo de tradução que se aplica o Princípio da Adequação, mencionado no capítulo 1, pois ao traduzir termos gramaticais, estamos lidando com mais de uma nomenclatura gramatical possível, a de Prisciano. Por isso, seguimos Schadd (2007) em nossa tradução, além de nos basearmos na tradução de Porter (2002, p. 44-326) para termos duvidosos.

EXCERPTIONES DE PRISCIANO

EXCERTOS DE PRISCIANO

IV. INCIPIT VERBUM⁹⁹

IV. INICIA-SE O VERBO

1. Verbum¹⁰⁰ est pars orationis cum temporibus et modis sine casu, agendi uel patiendi significatiuum. Hac¹⁰¹ enim diffinitione omnia tam finita uerba quam infinita comprahenduntur. Et neutra enim, quae dicuntur absoluta, et deponentia omni modo naturaliter et in actu sunt uel in passione. Verbum enim, quamuis a uerberatu aeris dicatur, quod commune accidens est omnibus partibus orationis, tamen praecipue in hac dictione quasi proprium eius accipitur, quia¹⁰² frequentius utimur in omni oratione. Licet tamen pro omnibus dictionibus dicere 'uerba'; frequenti usu hoc approbatur nec non etiam nomina, sed raro.

1. Verbo é a parte da oração com tempos e modos sem caso, com sentido ativo ou passivo. Essa definição abarca tanto os verbos finitos quanto os não finitos. Tanto os neutros, que são chamados absolutos, quanto os depoentes em cada modo são naturalmente ativos ou passivos. O termo *uerbo* (verbo), apesar de ser assim nomeado a partir do golpear do ar, que é um acidente comum a todas as partes da oração, é aceito especialmente nessa declaração como próprio deste, que usamos frequentemente em toda oração. Convém ainda chamar “*uerba*” (palavras) a todas as declarações; no uso frequente isso é permitido também aos nomes, mas raramente.¹⁰³

2. Verbo accidunt octo:¹⁰⁴ significatio siue genus, tempus, modus, species, figura,

2. Os verbos têm oito acidentes: o significado ou voz, tempo, modo, espécie,

⁹⁹ INCIPIT VERBUM *maiúsculas rubricadas P, om., com espaço deixado para o rubricador*

¹⁰⁰ *Maiúscula rubricada V P*

¹⁰¹ Hae *P*

¹⁰² Quas *B*

¹⁰³ Nesse comentário, Prisciano distingue dois significados que *verbum* pode ter a partir da noção de *uerberatu aeris* “golpear do ar”, que se aplica tanto a todas as palavras, pelo seu modo de produção através da voz humana quanto pelo nome da categoria gramatical dos verbos. Schad (2007, p. 417, t.n.) apresenta também ambos os termos: “1. ‘palavra’ em geral 2. ‘verbo’ ” (“1. ‘word’ in general 2. ‘verb’”).

¹⁰⁴ VIII^{to} *P*

coniugatio, et persona cum numero, quando affectus animi diffinit.^{105*}

3. Significatio uel genus, quod Greci affectum uocant uerbi, in actu est propriae uel in passione. Et omnia uerba perfectam habentia declinationem et aequalem uel in -o desinunt uel in -or.

4. Et in -o quidem terminantia duas species habent, actiuam et neutralem.

5. Et actiua quidem species semper actum significat, et facit ex se passiuam, absque duobus uerbis, 'metuo et metuor',¹⁰⁹ 'timeo et'¹¹⁰ 'timeor'. Haec enim contrarias suis uocibus habent significationes.

6. In -or uero terminantia tres species habent: passiuam, que ex actiuis nascitur et semper passionem significat, exceptis supradictis; communem, quae una¹¹¹ terminatione tam actionem¹¹² quam passionem significat; deponentem, quae

forma, conjugação, pessoa e número, quando define o estado da consciência.¹⁰⁶

3. O significado ou voz,¹⁰⁷ que os gregos chamam de afeto do verbo, está na ação dos mesmos (verbos) ou na passividade.¹⁰⁸ Todos os verbos que possuem uma flexão perfeita e uniforme terminam em -o ou em -or.

4. Em -o, há duas espécies de terminação, a transitiva e a intransitiva.

5. A forma ativa sempre significa uma ação, e faz a partir de si uma forma passiva, exceto em dois verbos, *metuo* “tenho medo” e *metuor* “sou amedrontado”, *timeo* “temo” e *timeor* “sou temido”. Essas, de fato, possuem significados contrários às suas vozes.

6. Em -or, há três tipos de terminação: a passiva, que surge das formas ativas e sempre significa passividade, exceto os verbos supracitados; a comum, que a mesma terminação significa tanto ação quanto passividade; a deponente, que

¹⁰⁵ Diffinit: penitus finem facere, definire.i. finem facere de aliqua re *ponta seca P*

¹⁰⁶ Perceba-se que a estrutura do capítulo dos verbos segue essas categorias de modo geral. Assim, são dedicados subcapítulos para quase todas essas categorias.

¹⁰⁷ Schad (2007, p.185, t.n.) traz a tradução: 3. “diathesis, voz” i) *de verbis* Significatio é utilizada como sinônimo de *genus* nesse sentido (...). A maioria dos gramáticos reconheceram cinco categorias de diathesis: ativa, passiva, neutra, comum e deponente. 3. ‘diathesis, voice’. - i) *of verbs* Significatio is used synonymously with genus in this sense. Most grammarians recognised five categories of verbal diathesis: active, passive, neuter, common and deponent.

¹⁰⁸ Schad (2007, p. 219, t.n.) traduz por “passividade, estar na posição de receptor de uma ação” (I. *passivity, being on the receiving end of an action*).

¹⁰⁹ Om. B

¹¹⁰ Om. B

¹¹¹ Una a B

¹¹² Actione P

cum similem habeat communibus positionem in -or desinendi, tamen deponens uocatur quasi simplex et absoluta, quae per se ponitur, uel quod deponit alteram¹¹³ significationem et unam per se tenet, quomodo positius gradus dicitur, qui absolutus per se ponitur, non egens alterius coniunctione.

7. Actiua¹¹⁴ igitur et passiuia et communia certam et praefinitam habent significationem, neutra uero et deponentia uariam.

8. Actiua enim propriae uel recta¹¹⁵ uocantur, quae in -o desinentia et, assumpta -r littera, facientia ex se passiuia. Confestim cum dicuntur, possunt transire in quem fit actus. Et coniunguntur uel genitiuo uel datiuo uel acusatiuo casui, ut ‘Abstineo irarum’,¹¹⁶ ‘Impero tibi’, ‘Benedico tibi’, ‘Noceo tibi’, ‘Inuideo tibi’, ‘Oro te’, ‘Amo te’. Iunguntur etiam ablatiuo cum alio casu, ut ‘Video solem oculis’, ‘Prohibeo filium turpitudine’.¹¹⁷ Haec enim faciunt ex se passiuia, ut¹¹⁸ diximus, quae ablatiuo casui

possui uma disposição semelhante às comuns ao terminar em -or, e é chamada depoente simples e absoluta, que se mantém por si mesma, ou porque depõe outro significado e possui um significado próprio, que assim é chamado grau positivo, que é posicionado como absoluto por si mesmo, não necessitando da combinação de outro.

7. Os verbos ativos, passivos e comuns possuem um significado específico e predeterminado, já os intransitivos e depoentes, variado.

8. São chamados ativos ou diretos os que (terminando) na desinência -o e, acrescida a letra -r, forma a (voz) passiva a partir de si. Assim que são ditos, podem passar para quem faz a ação e se unem aos casos genitivo, dativo ou acusativo, como *Abstineo irarum* “Abstenho-me das iras”, “Ordeno a ti”, “Abençoo a ti”,¹²¹ “Não conheço a ti”, “Invejo a ti”, “Peço-te”, “Amo-te”. Unem-se também o ablativo com outro caso, como em *Video solem oculis* “Vejo apenas com os olhos”,

¹¹³ Altera B

¹¹⁴ Espaço deixado para o rubricado antes de Actiua B

¹¹⁵ Certa B

¹¹⁶ Em Prisciano, o exemplo *Abstineo irarum* não é apresentado com os outros que se seguem, mas introduz um recorte de Horácio: *Haec autem verba proprie activa vel recta vocantur, quae in o desinentia et assumpta r facientia ex se passiva, confestim cum dicuntur, possunt transire in quem fit actus et coniunguntur vel genetiui vel datiuo vel accusatiuo casui, ut "abstineo irarum?" - Horatius carminum libro III: Mox ubi lusit satis, abstinet, Dixit, irarum* (AP, Keil, 1855, p. 369).

¹¹⁷ Turpentine B, apagado antes de d P

¹¹⁸ Om. B

¹²¹ *Benedico tibi* se apresenta como outra alteração feita pelo escriba ou compilador monástico, enquanto o texto de Prisciano apresenta o termo *maledico tibi* (AP, Keil, 1855, p. 369).

cum prepositione ‘a’ et ‘ab’ solent iungi, ut ‘Abstineor a te’ uel ‘ab illo’, ‘Imperor a te’ uel ‘ab illo’, ‘Benedicor a te’, ‘Inuideor a te’, ‘Oror a te’, ‘Amor a te’. Possunt etiam datiuo coniungi, ut ‘Seruor¹¹⁹ tibi’; acusatiuo quoque sed figurate¹²⁰, ut ‘Absciditur manum’, ‘Frangitur pedem’, ‘Sanatur oculum’, ‘Rumpitur aures’.

Prohibeo filium turpitudine “Proíbo a torpeza ao filho“. Estes formam passivos a partir de si mesmos, como dissemos, e (os passivos) costumam se unir ao caso ablativo com a preposição “a” e “ab como *Abstineor a te* “Sou evitado por ti” ou *ab illo* “por ele”, *Imperor a te* “Sou ordenado por ti” ou *ab illo* “por ele”, *Benedicor a te* “Sou abençoado por ti”, *Inuideor a te* “Sou invejado por ti”, *Oror a te* “Sou suplicado por ti”, *Amor a te* “Sou amado por ti”. Podem também se unir a dativo, como *Seruor tibi* “Sou protegido para ti”; e ao acusativo também, figuradamente, como “É cortada a mão”, “É quebrado o pé”, “É curado o olho”, “Rompem-se os ouvidos”.

9. Quae uero in -o desinentia, nihil ex his, quae propria esse actiuorum docuimus, habent, neutra propriae uocantur uel absoluta, ut est ‘uiuo’, ‘spiro’, ‘ditesco’, ‘ambulo’, ‘sedeo’, ‘pergo’. Haec enim non egent supradictis casibus ad complendam sententiam (quia neutra propriae uocantur), unde iuste passiuus quoque carent. Ex his etiam sunt quaedam, quae quamuis actiuam significationem habeant, passiuam tamen non habent, quia nec in homines eorum actus transit, nec sempre egent supradictis casibus necessario, ut ‘prandeo’, ‘ceno’, ‘curro’, ‘ambulo’. In tertia uero persona

9. Os que terminam com a desinência –o não possuem nada daquilo que dizemos ser próprio dos ativos, e são chamados apropriadamente intransitivos ou absolutos, como *uiuo* “vivo”, “respiro”, “enriqueço”, “ando”, “sento”, “vou”. Esses não precisam dos casos supracitados para completar uma sentença (pois são apropriadamente chamados intransitivos), por isso corretamente carecem dos passivos. Dentre esses existem também alguns que, embora possuam significado ativo, não possuem significado passivo, pois sua ação não passa por homens, nem

¹¹⁹ Seruo B

¹²⁰ Figurante B

sepe passiuum solet inueniri, etiam ex huiusmodi uerbis, sed ad muta et carentia anima pertinens. Dicimus enim 'Aratur terra', 'Inseritur arbor', 'Curritur spatium', 'Bibitur uinum', 'Manducatur'¹²² panis',¹²³ 'Laboratur uestis',¹²⁴ 'Conditur holus', 'Cenatur piscis', 'Prandetur ouum'. Itaque horum primas personas natura prohibet propriae dicere. Quis enim dicit 'aror', 'inseror', 'curror', nisi poetica confirmatio¹²⁵ introducatur? Ergo propriae illa possunt habere primam et secundam personam passiuorum, in quibus et fateri possunt hae aedem personae quod in se fit, ut est 'Amo te', consequitur, ut¹²⁶ ille, ad quem dixi, dicat confitendo id quod a me audiuit, ut 'Amor a te'.

10. Nam 'facio' uim habet actiuam (licet passiuam non faciat), et ex eo cum infinitis uerbis composita, ut 'Facio te', 'Calefacio te', 'tepefacio', 'stupefacio' et similia; pro cuius passiuo 'fio' accipitur, et ex eo

sempre precisam do necessário dos casos supracitados, como *prandeo* “como”, “janto”, “corro”, “ando”. Na terceira pessoa, costuma-se encontrar frequentemente (o significado) passivo, também a partir desse tipo de verbo, mas que pertence a coisas mudas e isentas de animação. Dizemos então *Aratur terra* “A terra é arada”, “A árvore é plantada”, “O vinho é bebido”, “O pão é comido”, “A veste é trabalhada”, “O vegetal é temperado”, “O peixe é jantado”, “O ovo é consumido”. Portanto, a natureza proíbe as primeiras pessoas desses (verbos) de falar por si. Quem diz então *aror* “Sou arado”, “Sou inserido”, “Sou corrido”, a não ser levado por licença poética? Logo, essas coisas podem apropriadamente ter primeira e segunda pessoa dos passivos, nos quais essas mesmas pessoas podem admitir aquilo que se faz em si, como em *Amo te* “Amo-te”, onde ocorre que aquele a quem eu proferi diga, ao acreditar aquilo que ouviu de mim, “sou amado por ti”.

10. Já *facio* “faço” possui força ativa (embora não forme o passivo), e também os compostos a partir de sua junção com verbos infinitivos, com *Facio* “Faço-te”, *Calefacio te* “Aqueço-te”, *tepefacio*

¹²² *Manducatur sobre um apagamento P, mendicatur B*

¹²³ *om. B*

¹²⁴ *om. B*

¹²⁵ IV.9 confirmatio: Confirmatio poetica est quando introducunt inrationabiles creaturas quasi aliquid agant.

¹²⁶ *Om. P*

similiter composita, ut ‘calefio’, ‘tepefio’, ‘obstupefio’ et similia. Cum praepositionibus¹²⁷ enim compositum ‘facio’ plerumque habet passivum, ut ‘perficio et perficior’, ‘conficio et conficior’, ‘afficio et afficior’, ‘efficio et efficior’ et similia. Quaedam uero ex eisdem neutralibus uerbis passivam significationem habent, ut ‘Vapulo a te’¹²⁸, ‘Veneo a te’, ‘Fio a te’. Sunt quoque neutralia intrinsicus in se ipsis habentia passionem et non ab alio extrinsecus, ut ‘rubeo’, ‘ferueo’, ‘ardeo’,¹²⁹ ‘caleo’, ‘tepeo’, ‘marceo’, ‘egroto’, ‘titubo’, ‘uacillo’ et similia.

“Faço-te aquecido”, *stupefacio* “Faço-te pasmo” e similares; por isso aceita-se o passivo *fio* “Sou feito”, e, similarmente, compostos a partir dele, como *calefio* “Sou aquecido”, “Sou feito aquecido”, “Sou feito pasmo” e similares. Quando se faz composto com preposições geralmente *facio* “faço” possui forma passiva, como *perficio et perficior* “Aperfeiçoo e sou aperfeiçoado”, “Completo e sou completado”, “Influencio e sou influenciado”, “Produzo e sou produzido” e similares. Alguns, a partir dos mesmos verbos intransitivos possuem significado passivo, como *Vapulo a te* “Sou flagelado por ti”, “Sou vendido por ti”, “Sou feito por ti”. Há também verbos intransitivos que possuem a passividade intrinsicamente em si mesmos e não a partir de outro agente extrínseco, como *rubeo* “torno-me rubro”, “fervo”, “ardo”, “torno-me quente”, “aqueço-me”, “enfraqueço-me”, “torno-me doente”, “tropeço”, “falho” e similares.

11. Sunt enim alia uerba, quae quamuis non¹³⁰ ab actiuis¹³¹ proficiscentia, tamen passivam semper habent formam, et ex his quaedam eadem uoce utrumque¹³² significant, id est actionem et passionem,

11. Há ainda outros verbos, que embora não se origem de ativos, sempre possuem forma passiva, e alguns dentre esses significam a mesma voz, isso é, ação e passividade, que nomeamos comuns,

¹²⁷ Propositionibus B

¹²⁸ IV.10 Vapulo a te:... flagella... *ponta seca* P

¹²⁹ arceo B

¹³⁰ Corr. de abtius, com ac adicionado acima, a primeira parte apagada P; ab om. B.

¹³¹ Corr. de abtius, com ac adicionado acima, a primeira parte apagada P; ab om. B.

¹³² utrumque B

quae ¹³³communiamus ¹³⁴, ut est ‘Osculor te’ et ‘Osculor a te’, ‘Criminor te’ et ‘Criminor a te’.

12. Alia uero, quae similiter eandem terminationem habentia nec ab actiuis nata, unam dumtaxat habent significationem, sed non omnia eandem. Haec deponentia uocamus, cum quaedam actiuam uim posident, ut ‘Conspicor’¹³⁵ te’, ‘Praestolor’¹³⁶ te et tibi’, ‘Sequor te’, ‘Insidior te’. Ex his multa antiqui tam actiua quam passiuam significatione protulerunt, et maxime ea quae apud Grecos actiua habentur et passiuam, ut ‘Auxilior te’ et ‘Auxilior a te’. Similiter ‘adulor’, ‘amminiculator’,¹³⁷ ‘auguror’,¹³⁸ ‘abhorreor’, ‘consequor’,¹³⁹ ‘amplector’, ‘adorior’,¹⁴⁰ ‘abutor’,¹⁴¹ ‘miror’, ‘antestor’,¹⁴² ‘execror’, ‘machinor’, ‘polliceor’, ‘adgredior’,¹⁴³ ‘asperno’,¹⁴⁴ ‘architector’,¹⁴⁵ ‘assector’,¹⁴⁶ ‘argumentor’, ‘arbitror’, ‘blandior’, ‘consolor’, ‘conspicor’, ‘commiscescor’,¹⁴⁶ ‘consequor’, ‘consector’, ‘tueor’, ‘contestor’,

como *Osculor te* “osculo-te” e *Osculor a te* “sou osculado por ti”, “acuso-te” e “sou acusado por ti”.

12. Outros ainda, que similarmente possuem a mesma terminação que não é originada dos ativos, possuem não mais que um significado, mas não todas a mesma. A esses, chamamos deponentes, pois possuem força ativa, como *Conspicor te* “vejo-te”, “espero-te e por ti”, “sigo-te”, “faço-te uma armadilha”. Desses, os antigos¹⁵⁶ mencionaram muitos com significado tão ativo quanto passivo, como *Auxilior te* “auxílio-te” e *Auxilior a te* “sou auxiliado por ti”. Similarmente, “adulo”, “apoio”, “profetizo”, “abomino”, “sigo”, “abraço”, “ataco”, “abuso”, “admiro”, “testemunho”, “detesto”, “invento”, “prometo”, “aproximo-me”, “desprezo”, “construo”, “acompanho”, “discuto”, “bajulo”, “consolo”, “vejo”, “fabrico”, “sigo”, “persigo”, “vejo”, “tomo como testemunha”, “agarro”,

¹³³ communiamus B

¹³⁴ communiamus B

¹³⁵ Conspicor: i. conspicio P

¹³⁶ Praestolor: exspecto P

¹³⁷ amminiculator: .i. auxiliator P

¹³⁸ auguror: augurium exerceo P

¹³⁹ adorior: i. aggredior uel incipio loqui P (Cf. Grammar 219.1-2)

¹⁴⁰ abutor: .i. male utor P

¹⁴¹ antestor: i. testimonium fero P

¹⁴² adgredior: inuado, incipio P

¹⁴³ aspernor: i. contemno P

¹⁴⁴ architector: i. aedes construo P

¹⁴⁵ assector: i. imitator uel emulor P argumentor: approbo; rei dubie facio fidem P

¹⁴⁶ commiscescor: i. commentum facio uel excogito P

¹⁵⁶ Observe-se o uso do termo *antiqui* por Prisciano, repetido diversas vezes, para exemplificar alguma categoria gramatical ou termos a partir dos escritos dos *auctores*, os autores latinos, considerados o exemplo da correta latinidade. Ver Irvine (1994, p. 106-108) e Shad (2007, p. 35).

‘complector’, ‘calumnior’, ‘carnificor’,¹⁴⁷
 ‘dignor’, ‘detestor’,¹⁴⁸ ‘despicor’,¹⁴⁹
 ‘demolior’,¹⁵⁰ ‘meditor’, ‘dominor’,
 ‘depeculior’, ‘dilargior’, ‘ementior’,¹⁵¹
 ‘exordior’,¹⁵² ‘experior’, ‘frustror’,¹⁵³
 ‘hortor’, ‘for’,¹⁵⁴ faris, fatur’, ‘obliuiscor’,
 ‘metor’.¹⁵⁵ Haec plerique deponentia esse
 confirmant, ideo quia frequens usus eorum
 significationis est actiue. Communia uero
 esse defendit tam natura ipsius sensus,
 quam ueterum non improbanda auctoritas.

13. Sunt uero alia deponentia, quae
 passiuam solam significationem habent, et
 cum prepositionibus ‘a’ et ‘ab’ assumunt
 ablatiuum casum uel datiuum quomodo
 passiuam, ut ‘Nascor a te’ uel ‘tibi’, ‘Orior a
 te’, ‘Patior a te’, ‘Mereor a te’. Nam quae uim
 habent actiuam, genitiuum uel datiuum,
 pleraque autem accusatiuum casum
 assumunt, ut ‘Misereor tui’, ‘Medeor’ et
 ‘Medicor tibi’. Dicitur tamen et ‘Medico’ et
 ‘Medicor te’, ‘Loquor uerbum’, ‘Precor
 deum’. Sunt etiam ex his quaedam, quae
 absolute dicta non egent supradictis
 casibus, ut est ‘labor’, ‘mori’, ‘letor’,

‘calunio’, ‘mutilo’, ‘dignifico’,
 ‘detesto’, ‘desdenho’, ‘destruo’,
 ‘considero’, ‘domino’, ‘roubo’,
 ‘concedo’, ‘reparto liberalmente’,
 ‘falsifico’, ‘começo’, ‘testo’, ‘engano’,
 ‘encorajo’, ‘falo’, falas, fala’, ‘esqueço’,
 ‘meço’. Muitos confirmam que esses
 (verbos) são depoentes, pois o seu uso
 frequente é de significado ativo. A
 natureza desse mesmo sentido e a
 autoridade dos antigos (de rejeitá-los)
 proíbem (esses verbos) de serem comuns.

13. Existem outros depoentes que
 possuem apenas a significado passiva, e
 assumem o caso ablativo com as
 preposições “a” e “ab” ou dativo como (os
 verbos) passivos, como *Nascor a te* “sou
 nascido de ti”, “sou criado por ti”, “sofro”,
 “sofro (para longe) de ti”, “sou merecido
 por ti”. Os que possuem força ativa
 assumem os casos genitivo ou dativo, mas
 muitas vezes também o acusativo, como
Misereor tui “Tenho compaixão para
 contigo”, *Medeor* “Curo” e *Medicor tibi*
 “Trato a ti”. Diz-se ainda “Medico” e
 “Medico-te”, “Falo uma palavra”, “Rezo

¹⁴⁷ carnificor: i. excrucio *P*

¹⁴⁸ detestor: i. i. desmentirs *P*

¹⁴⁹ despicio: i. despicio *P*

¹⁵⁰ demolior: i. uasto *P* (Cf. Grammar 197.12) depeculior: i. depredor, peculium aufero *P*

¹⁵¹ ementior: i. ualde mentior *P*

¹⁵² exordior: i. incipio *P*

¹⁵³ frustror: i. prius, i. i. decipio *P* (Cf. Grammar 145.2)

¹⁵⁴ for: loquor *P*

¹⁵⁵ metor: i. termino uel designo *P*

'glorior', 'tumultuor', 'uagor', 'uaticinor'. Quedam genituo uel datiuo uel acusatiuo iunguntur, ut 'Obliuiscor'¹⁵⁷ tui' et 'tibi' et 'te', 'Misereor tui' et 'tibi' et 'te'. 'Videor a te' passiuum est, 'Videor esse bonus' absolutum. Item 'Moror te' actiuum est, 'Moror a te' passiuum. Quando uero pro se profertur, absolutum est, ut Virgilius: 'Quid moror?'.

(a) Deus”.¹⁵⁸ Há também alguns desses que, ao serem ditos, absolutamente não necessitam dos casos supracitados, como *labor* “deslizo”, “morro”, “mato”, “vanglorio”, “perturbo”, “vago”, “prevejo”. Alguns se unem ao genitivo ou ao dativo ou ao acusativo, como *obliuiscor tui* “esqueço-me de ti” e *tibi* “(esqueço) a ti” e *te* “esqueço-te”, “compadeço-me de ti”, “a ti” e “te”. *Videor a te* “Sou visto por ti” é passivo, *Videor esse bonus* “Pareço ser bom” é desligado. Igualmente, “atraso-te” é ativo, “sou atrasado por ti” é passivo. Quando, porém, (o verbo) é mencionado, é absoluto, como em Virgílio: *Quid moror?* “Quem atraso?”.

14. Solent etiam auctores actiua pro passiuis ponere, ut 'tondeo' pro 'tondeor', 'accingo' pro 'accingor' et alia plura, sicut econtra passiuia pro actiuis, ut 'bellantur' pro 'bellant', 'dispoliantur' pro 'dispoliant' et similia.

14. Autores costumam colocar ativos no lugar de passivos, como *tondeo* “raspo” no lugar de *tondeor* “sou raspado”, “cinjo” no lugar de “sou cingido” e muitos outros, como também o contrário, (colocam) passivos no lugar de ativos, como “são guerreados” no lugar de “guerreiam”, “são espoliados” no lugar de “espoliam”, e similares.

¹⁵⁷ obliuiscar B

¹⁵⁸ Encontramos *Precor deum* em Prisciano. Em seu contexto, o Gramático emprega esse termo provavelmente com um sentido de “rezo a uma divindade”, de modo genérico. Entretanto, essa terminologia provavelmente seria ressignificada por estudiosos medievais religiosos. Podemos observar, tanto no manuscrito de Paris das *Ep* como no texto de Porter que consta *precior deum*, com *d* minúsculo (Paris, f 65v). Apesar disso, observa-se que outros nomes próprios, inclusive bíblicos, são escritos com a inicial minúscula (ex.: MS Paris, pdf p. 69), já que durante os séculos X e XI maiúsculas e capitais eram utilizadas apenas para inícios de capítulos e em títulos rubricados. Dito isso, podemos inferir que, para um copista, escriba ou leitor monge, podemos inferir com certa segurança que esse verbo tenha sido lido em um contexto cristão, diferentemente do modo como Prisciano e seus alunos o teriam utilizado, considerando a influência da literatura clássica em sua gramática.

15. Sunt alia que in compositione mutant significationem, ut 'eo' neutrum et similiter 'facio', 'uenio', 'sedeo'. Faciunt enim actiua in compositione: 'adeo et adeor', 'subeo et subeor', 'ineo et ineor'. 'Facio' uero cum prepositionibus compositum passiuum facit, ut 'reficio et reficior', 'officio'¹⁵⁹ et officior'.

16. Cum infinitis uero uerbis compositum simplicis seruat significationem quomodo et accentum, ut 'calefacio'¹⁶⁰ et similia. 'Deficio', quando pro 'relinquo' accipitur, habet passiuum; quando uero pro 'deficiscor', neutrum est. A 'uenio' uero 'conuenio et conuenior', 'inuenio et inuenior'. A 'sedeo' quoque 'obsideo et obsideor'. 'Sentio' neutrum est, et ex eo 'assentio et assentior'. Et 'dissentio et dissentior' in una eademque significatione inueniuntur. 'Plecto'¹⁶¹ actiuum, unde Terrentius: 'Ego plectar pendens'¹⁶². Sed ¹⁶³ab eo¹⁶⁴ composita tam deponentia quam communia inueniuntur: 'amplector', 'complector'. 'Orior' et 'partior' deponentia,

15. Existem outros que mudam o significado a partir da composição, como o verbo intransitivo *eo* “vou” e, similarmente, “faço”, “venho”, “sento-me”. Fazem-se ativos com composição *adeo* “aproximo” e *adeor* “sou aproximado”, “elevo-me” e “sou elevado”, “entro” e “sou introduzido”. *Facio* “Faço” forma um (verbo) composto passivo com preposições, como *reficio* “restauro” e *reficior* “sou restaurado”, “impeço” e “sou impedido”.

16. Quando composto com verbos infinitivos, ele guarda o significado e o acento do verbo simples como em “aqueço” e semelhantes. “*Deficio*” possui (significado) passivo quando é entendido como “abandono”; quando, porém, (é entendido) como “enfraqueço”, é intransitivo. De *uenio* “venho” (surge) *conuenio* “encontro” e *conuenior* “sou encontrado”, *inuenio* “descubro” e *inuenior* “sou descoberto”. De *sedeo* “permaneço” *obsideo* “cerco” e *obsideor* “sou cercado”. *Sentio* “percebo” é intransitivo e, a partir dele, *assentio* “concordo” e *assentior* “sou concordado”. Também *dissentio* “discordo” e *dissentior*

¹⁵⁹ officio: noceo *drypoint P*

¹⁶⁰ calefacio: Accentum seruant simplicium in secunda et tertia persona composita cum uerbis infinitiuis ut calefacio calefacis calefacit, tepefacio tepefacis tepefacit. Similiter passiuia eorum: calefio calefis calefit, tepefio tepefis tepefit. (Cf. Grammar 218.5-6)

¹⁶¹ plectum *B*

¹⁶² pendens *B*

¹⁶³ habeo *B*

¹⁶⁴ habeo *B*

¹⁶⁵sed ex his composita tam deponentia quam neutra inueniuntur: 'adorior et adorio', 'impertior et impertio', 'bypertior et bypertio'. 'Verto' quoque actiuum et ab eo composita 'reuerto et reuertor', 'conuerto et conuertor' in una eademque significatione. 'Verso' similiter actiuum, ex quo componitur 'controuersor' deponens.³⁰

“sou discordado” são encontrados com uma e o mesmo significado. *Plecto* “agrido” é ativo, daí Terêncio (escreve): “Eu, pendurado, serei agredido”, mas (verbos) compostos tanto depoentes quanto comuns são encontrados: *amplector* “envolvo”, *complector* “abraço”. *Orior* “ergo” e *partior* “divido” são depoentes, mas a partir deles encontram-se tanto depoentes quando intransitivos: *adorior* “ataco” e *adorio*, *impertior* “sou dividido” e *impertio*, *bypertior* “divido” e *bypertio* “sou dividido em dois” “divido em dois”. *Verto* “viro” também é ativo e os compostos dele (saem) *revertor* “volto” e *revertor* “retorno” em uma e o mesmo significado. *Verso* “viro” é igualmente ativo, a partir do qual se compõe o depoente *controversor* “contesto”.

17. Sunt alia que et coniugationem mutant cum genere in eadem manentia significatione, ut 'labo labas' neutrum et 'labor laberis' deponens. Similiter 'lauo lauas' et 'lauo lauis'. Sed 'laui' magis pro humecto¹⁶⁶ dicitur. Sunt tamen que cum coniugatione mutant significationem, ut 'mando mandas'¹⁶⁷ et 'mando mandis';¹⁶⁸ 'fundo fundas'¹⁶⁹ et 'fundo fundis';¹⁷⁰ 'sero,

17. Ainda há outros verbos que mudam também a conjugação com o tipo mantendo o mesmo significado, como *labo* “caio”, *labas* “tu cais” intransitivo e “lavo”, “tu lavas” e “molho”, “tu molhas”. Mas “lavas” é mais pronunciado como *humecto* “umedeces”. Há ainda verbos que mudam o significado com a conjugação, como *mando* “ordeno”,

¹⁶⁵ Om. B

¹⁶⁶ humedo B

¹⁶⁷ das P

¹⁶⁸ dis P

¹⁶⁹ das P

¹⁷⁰ dis P

seras,¹⁷¹ seraut , 'sero, seris, seui'¹⁷² uel 'serui'; et ab eis composita, 'obsero, obseras, obsero, obseris';¹⁷³ 'appello, appellas,¹⁷⁴ appello, appellis';¹⁷⁵ 'uolo uolas';¹⁷⁶ uolo uis; e 'lego legas' et 'dico dicis', producta penultima; 'lego legis' et 'dico dicas', correpta penultima.

mandas “ordenas” e *mando* “mastigo”, *mandis* “mastigas”, “fundamento”, “fundamentas”, “derramo”, “derramas”, “conecto”, “conectas”, “conectei”, “planto”, “plantas”, “plantei” ou “plantei”; e os compostos por eles, “aperto”, “apertas”, “planto”, “plantas”; “chamo”, “chamas”; “conduzo”, “conduzes”, “voo”, “voas”, “desejo”, “desejas”; “leio”, “leias” e “digo”, “dizes”, com penúltimas (sílabas) longas; “leio”, “lês” e “digo”, “digas”, com penúltimas curtas.

18. Sunt et alia que, quamuis unius sint significationis, diuerse tamen sunt coniugationis in usu, ut 'denso densas' et 'denseo denses';¹⁷⁷ 'strideo strides', 'strido stridis';¹⁷⁸ 'ferueo ferues',¹⁷⁹ 'feruo feruis'; 'cieo cies',¹⁸⁰ 'cio cis' (id est 'uoco'); 'dureo (unde 'duresco') dures', 'duro duras'; 'tueor tueris' et 'tuor tueris'; 'oleo oles' et 'olo olis'; 'excelleo excelles' et 'excello excellis'; 'fulgeo fulges' ¹⁸¹et 'fulgo fulgis';¹⁸² 'sono sonas' et 'sono sonis'; 'uno unas' et 'unio unis'; 'orior oreris' et 'orior oriris'; 'moria'¹⁸³

18. Ainda há verbos que, embora possuam um só significado, possuem diversas conjugações em uso, como *denso* “condenso” *densas* e *denseo* “reuno”, *denses*; *strideo* “guincho” *strides*, *strido* *stridis*; *ferueo* “fervo” *ferues*, *feruo* *feruis*; *cieo* “invoco” *cies*, *cio cis* (id est *uoco*); *dureo* “endureço” (unde *duresco*) *dures*, *duro duras*; *tueor* “observo” *tueris* et *tuor tueris*; *oleo* “cheiro a” *oles* e *olo olis*; *excelleo* “excedo” *excelles* e *excello excellis*; *fulgeo* “fulguro” *fulges* e *fulgo fulgis*; *sono* “sôo” *sonas* e *sono sonis*; *uno*

¹⁷¹ ras P

¹⁷² serui B

¹⁷³ ris P

¹⁷⁴ apellas B, lis P

¹⁷⁵ apellis B, lis P

¹⁷⁶ las P

¹⁷⁷ Denso B

¹⁷⁸ dis P

¹⁷⁹ ues P

¹⁸⁰ om. B

¹⁸¹ om. B

¹⁸² om. B

¹⁸³ Repetido B

moreris' et 'mорий moriris'; 'potior poteris' et 'potior potiris',?

“uno” *unas* e *unio unis*; “levanto” *orior oreris* e *orior oriris*; *mорий* “morro” *moreris* e *mорий moriris*; “tomo” *potior poteris* e *potior potiris*.

19. Sunt alia uerba quae una uoce et una coniugatione diuersas habent significationes, ut 'torreo'¹⁸⁴ tam 'uro' quam 'uerto' uel 'uoluo' significat. 'Colo' quoque pro 'diligio' et 'habito' et 'aro' accipitur. 'Committo' etiam pro 'credo' et 'pecco'; nec non 'admitto' pro 'assumo' et 'pecco'; 'sapio' pro prudentia et sapore; 'deficio' pro 'desisto' et 'uincor'; 'condo', 'edifico' et 'celo'; 'gratulor', 'gaudeo'¹⁸⁵ pariter cum alio' et 'gratias ago'. Multa praeterea similiter tam in uerbis quam in aliis partibus orationis duplices habentia significationes inuenies.

19. Existem outros verbos que em uma voz possuem em uma voz e em uma conjugação diversos significados, como em *torreo*, que significa tanto *uro* “queimo” quanto *uerto* “viro” ou *uoluo* “giro”. *Colo* também é aceito como *diligio* “amo”, *habito* “habitar”, *aro* “arar”. *Committo* como *credo* “creio” e *pecco* “pecar”; e ainda *admitto* como *assumo* “assumir” e *pecco* “pecar”. *Sapio* como *prudentia* “prudência” e *sapere* “sabor”; *deficio* como *desisto* “cessar” e *vincor* “vencer”; *condo*, *edifico* “edificar” e *celo* “esconder”; *gratulor*, *gaudeo* “alegro-me” semelhante com alguém e *gratias ago* “dou graças”. Podes encontrar muitos outros que possuem igualmente, tanto em verbos quanto em outras partes da oração, duplo significado.

De Tempore¹⁸⁶

Sobre o Tempo

20. Tempus^{187188*} accidit uerbo ad diuersi actus significationem accommodatum,

20. O tempo se aplica ao verbo para significar várias ações. Geralmente é

¹⁸⁴ terreo B

¹⁸⁵ gaudio B

¹⁸⁶ DE TEMPORE maiúsculas rubricadas P; om. Com espaço para rubrica B

¹⁸⁷ Tempus: Tempus est praeteritarum rerum memoria aut praesens intuitus aut expectatio futurorum.

¹⁸⁸ T maiúscula rubricada P

quod plerumque ostenditur¹⁸⁹ in principalibus vel in penultimis uel in ultimis declinationis litteris, ut 'ago egi', 'perficio perfeci', 'amo amabam'; cum nominis declinatio in fine solo moueatur.

21. Sunt igitur tempora secundum naturam tria, praesens, praeteritum, et futurum. Sed rursus praeteritum diuiditur in tria: in praeteritum imperfectum, praeteritum¹⁹⁰ perfectum, praeteritum plusquam perfectum. Nec mirum tam¹⁹¹ late patere¹⁹² praeteritum tempus, cum in notitiam nostram nihil sic naturaliter a longo seculorum spatio potest uenire, quomodo actus praeteriti temporis. Itaque quod accidit ipsis rebus, quas agimus, nomen temporis ipsi inponimus: praeteritum imperfectum tempus nominantes, in quo res¹⁹³ aliqua cepit geri, necdum tamen est perfecta; praeteritum uero perfectum, in quo res perfecta monstratur; praeteritum plusquam perfectum, in quo iam pridem res perfecta ostenditur. Praesens autem indiuiduum est, quod uix stare potest, unde merito a quibusdam instans imperfectum nominatur, Nisi enim sit imperfectum, in eo

mostrado nas primeiras, nas últimas ou nas penúltimas letras da flexão, como em *ago egi* “ajo”, “agi”, *perficio perfeci* “completo”, “completei”, *amo amabam* “amo”, “amava”; enquanto a declinação dos nomes somente é alterada ao final.

21. Há, portanto, três tempos de acordo com a natureza: o presente, o pretérito e o futuro. Mas, por sua vez, o pretérito é dividido em três: pretérito imperfeito, pretérito perfeito e pretérito mais que perfeito. Não é de se admirar que o tempo pretérito se estenda tão largamente, já que nada pode ser reconhecido por nós naturalmente a partir de um longo espaço de séculos do modo como o é a ação do tempo pretérito. Então o que acontece aos próprios acontecimentos, as ações que praticamos, impomos o nome do próprio tempo: nomeando o pretérito imperfeito, no qual alguma ação começa a ser feita, mas não é completa; pretérito perfeito, no qual a ação mostra-se completa; pretérito mais que perfeito, no qual mostra-se que a ação já foi feita anteriormente. Já o presente é indivisível, pois dificilmente pode permanecer, por essa razão é

¹⁸⁹ ostenditur: Ostenditur dicit quia praeteritum imperfectum numquam principium mouet sed finem ut amo amas amabam et similia. Similiter futurum principium seruat. Finem autem mouet ut amo amas amabo. Praeteritum perfectum iii habet motus, in principio et in medio plerumque (sed non semper, ut caedo cecidi, cado, cecidi); in medio et in fine, decerno decreui, porrigo porrexii; in fine tantum ut pando pandi, defendo defendi. Nam plusquam perfectum nascitur a preterito perfecto.

¹⁹⁰ preteritus B

¹⁹¹ latere B

¹⁹² latere B

¹⁹³ três B

adhuc actus intelligi non potest. Futurum quoque, cum incertum sit et infinitum utrum paulo post an multo erit, non potuit discretis quibusdam finibus 'linationis uti, Itaque una uoce contentum fuit.

22. Modi sunt diuersae inclinationes animi, uarios eius affectus demonstrantes. Sunt autem quinque: indicatiuus siue diffinitiuus, imperatiuus, optatiuus, coniunctiuus uel subiunctiuus, infinitiuus.

23. Indicatiuus¹⁹⁴ quo indicamus uel diffinimus, quid agitur a nobis uel ab aliis; qui ideo primus ponitur, quia perfectus est in omnibus tam personis quam temporibus, et quia ex ipso omnis modi accipiunt regulam; et deriuatiua uerba siue nomina uel participia ex hoc nascuntur, ut a 'duco', 'ducens, aduxi, ductus et dux'; a 'rego', 'regens, arexi, rectus et rex'; 'horreo, horrens, horresco, horror' et cetera; et quia prima positio uerbi, que uidetur ab ipsa natura esse prolata, in hoc est modo, quemadmodum in nominibus est casus nominatiuus, et quia substantiam siue essentiam rei significat, quod in aliis modis non est. Neque enim qui imperat neque qui optat neque qui dubitat in subiunctiuo

nomeado presente imperfeito por alguns. A não ser que o presente seja incompleto, a ação não pode ser compreendida nele até o momento. Também o futuro, como é incerto e indefinido se ocorrerá em pouco ou muito (tempo), não se pode utilizar finais diferentes. Portanto, é contido em uma só voz.

22. Os modos são diferentes inclinações da consciência, demonstrando vários de seus afetos. São, portanto, cinco: indicativo ou definitivo, imperativo, optativo, conjuntivo ou subjuntivo e infinitivo.

23. O indicativo é o modo pelo qual indicamos ou definimos o que é feito por nós ou por outros; é colocado primeiro porque é perfeito em todas as coisas, tanto nas pessoas quanto nos tempos, e porque a partir dele próprio todos os modos recebem sua regra (de inflexão); também os verbos derivativos ou os nomes ou participios originam-se dele, como de *duco* “lídero” (surtem) *ducens* “líderando”, *aduxi* “líderei”, *ductus* “líderado” e *dux* “líder”; de “reino”, “reinando”, “reinei”, “reinado (governado)” e “rei”; de “temo”, “temendo”, “temo”, “temor” e outros; e porque a primeira posição do verbo, que parece ser originada da própria natureza,

¹⁹⁴ Indicatiuus: s. dicitur P

substantiam actus uel passionis significat, sed tantummodo uarias animi uoluntates de re carente substantia. Iure igitur indicatiuus omnibus praeponitur modis, sicut et praesens tempus ideo aliis praeponitur temporibus et primum obtinet locum, quod in ipso sumus dum loquimur de preterito et futuro, et quia ad praesens praeterita et futura intelleguntur; quod si¹⁹⁵ non sit, alia intellegi minime possunt; et quia positio indicatiui uerbi ab ipso¹⁹⁶ incipit; et quod ex ipso¹⁹⁷ cetera tempora trahunt regulas; et quod praeteritum non potest esse, nisi quod prius fuerit praesens. Similiter prima persona preponitur aliis, quia ipsa loquitur et per eam ostenditur secunda, ad quam loquitur, et tertia, de qua loquitur. Nisi enim prima sit quae proferat sermonem, aliae¹⁹⁸ esse non possunt.

está nesse modo, da mesma forma que o caso nominativo está nos nomes, e porque ele significa a substância ou a essência da coisa, que não está nos outros modos. Nem quem ordena, nem quem opta, nem quem duvida no subjuntivo representa a substância da ação ou da passividade, mas apenas as várias vontades da alma sobre algo sem a substância. Corretamente, portanto, o indicativo é anteposto a todos os modos, como o tempo presente é por essa razão anteposto aos outros tempos e recebe o primeiro lugar, pois estamos nele próprio enquanto falamos do pretérito e do futuro, e porque as coisas do pretérito e do futuro são compreendidas com relação ao presente; pois se não fosse assim, os outros dificilmente seriam compreendidos; e porque a posição do verbo indicativo começa com ele mesmo; e porque a partir dele os outros tempos recebem as regras (de flexão), e porque o pretérito não pode existir, a não ser que antes tenha sido presente. Igualmente, a primeira pessoa é anteposta às outras, porque ela que fala e por ela é mostrada a segunda, à qual se fala, e a terceira, da qual se fala. A não ser que seja a primeira (pessoa) que inicie a fala, as outras não podem existir.

¹⁹⁵ quod si: s. tempus *P*

¹⁹⁶ ab ipso: s. tempore *P*

¹⁹⁷ ex ipso: s. tempore *P*

¹⁹⁸ alia *B*

24. Imperatiuus est quo imperamus aliis, ut faciant aliquid vel patiantur; qui ideo secundum tenuit locum, quod per se absolutus, quemadmodum indicatiuus, non indiget auxilio alterius partis ad plenam significationem, licet per tempora et personas deficiat naturaliter. Ea enim sola imperamus que uel statim ¹⁹⁹in presenti²⁰⁰ uolumus fieri sine aliqua dilatione uel in futuro. Licet Greci habeant imperatiua praeteriti temporis, nos autem in actiuis²⁰¹ uel neutralibus uerbis penitus ea habere non possumus. In passiuis uero et in omnibus, que habent participia praeteriti temporis per circumlocutionem, possumus habere, ut 'doctus es' uel²⁰² 'esto', 'doctus sit' uel 'esto', 'ornatus es' uel 'esto', 'ornatus sit' uel 'esto' et cetera. Solemus tamen non solum imperantes sed etiam orantes sepiissime eo uti.

25. Tertius est optatiuus, qui quamuis quoque ad futurum uideatur pertinere, tamen etiam habet praeteritum tempus, quia euenit sepe de absentibus et ignotis²⁰³ rebus praecari, ut facta ante nobis potuerint in notitiam peruenire. Et licet temporibus et

24. O imperativo é (o modo) pelo qual comandamos os outros, para que façam ou sofram algo; este possui o segundo lugar, pois é livre por si mesmo, assim como o indicativo, e não necessita do auxílio de outra parte para um significado pleno, embora seja naturalmente defeituoso em tempo e em pessoas. Por ele apenas ordenamos o que queremos que se faça imediatamente no presente sem qualquer demora ou no futuro. Embora os gregos possuam imperativos no tempo pretérito, nós não podemos possuí-los em verbos transitivos ou intransitivos. Já nos passivos e em todos que possuem tempos pretéritos participios podemos possuí-los por circunlocução, como *doctus es* “és”, ou *esto* “torne-se douto”, *doctus sit* “seja (ele)” *esto* “torne-se (ele) douto”, *ornatus sit* “seja” ou *esto* “torne-se decorado” e outros. Costumamos ainda frequentemente utilizá-lo não apenas ao comandar, mas também ao rogar.

25. O terceiro é o optativo, que embora pareça também pertencer ao futuro, possui também o tempo pretérito, pois ocorre frequentemente a respeito de coisas ausentes e desconhecidas, para que coisas diante de nós pudessem chegar a ser

¹⁹⁹ *impraesenti P*

²⁰⁰ *impraesenti P*

²⁰¹ *actis B*

²⁰² *tibi B*

²⁰³ *om. P*

personis perfectior esse uideatur imperatiuo, eget tamen aduerbio optandi, ut plenum significet sensum. Et quod qui optat inferior uidetur esse imperanti, itaque iure post imperatiuum ponitur. In hoc autem modo dumtaxat et infinito coniuncta tempora habent Latini, praesens cum praeterito imperfecto et praeteritum perfectum cum plusquam perfecto, ad²⁰⁴ imitationem Graecorum. Dico enim 'Vtinam legerem'²⁰⁵ nunc' et 'Vtinam legerem heri' et 'Vtinam legerem ante quinquaginta annos' et 'Vtinam legissem ante horam'.

percebidas. Embora o imperativo pareça ser mais perfeito em tempo e pessoa, ele necessita de um advérbio para optar para que possua um sentido mais completo. E porque quem opta parece ser inferior ao que ordena, do mesmo modo convém que seja colocado após o imperativo. Apenas nesse modo e no infinitivo os latinos possuem tempos conectados, o presente com o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito com o mais que perfeito, à semelhança dos gregos. Digo então *Vtinam egerem nunc* “Queria ler agora” e *Vtinam legerem heri* “Queria ter lido ontem” e *Vtinam legerem ante quinquaginta annos* “Queria ter lido a cinquenta anos atrás” e *Vtinam legissem ante horam* “Gostaria de ter lido uma hora atrás”.

26. Quartus subiunctiuus, qui et dubitatuus dicitur. Et iure quartus, eget enim non modo aduerbio uel coniunctione, uerum etiam altero uerbo, ut perfectum significet sensum. Qui cum diuersas habeat significationes, non ab unam²⁰⁶ significatione earum sed a constructem nomen accepit. Est enim quando dubitationem significat, ut 'Si uideam intellego'. Est quando affirmationem, ut Cícero: 'Qui in causis iudiciisque ita'²⁰⁷ sim

26. O quarto é o subjuntivo, que é chamado dubitativo. Corretamente é o quarto, pois necessita não simplesmente de advérbio ou conjunção, mas sim de outro verbo, para que represente um sentido perfeito. Embora tenha diversos significados, não recebe seu nome de uma dos seus significados mas da sua construção. Há momentos em que significa dúvida, como *Si uideam intellego* “Se eu ver, compreenderei”. Há momentos

²⁰⁴ uel B

²⁰⁵ om. B

²⁰⁶ ima B

²⁰⁷ itaque ita B

uersatus, ut defenderim multos, leserim neminem'. Est quando suadentes hoc utimur, ut si dicam 'Prodest ut legas'. Est quando imperantes, ut 'ne dicas', 'ne facias', in quo non eget alio uerbo. Est quando ostendentes potuisse fieri, nisi quid impedimento fuisset, ut 'Facerem si placuisset', 'Dicerem si licuisset'.

em que significa uma afirmação, como em Cícero: *Qui in causis iudiciisque ita sim uersatus, ut defenderim multos, leserim neminem* “Embora eu seja versado em causas judiciais, defenderia muitos e não prejudicaria ninguém”. Há momentos em que utilizamos para persuadir, como quando se diz *Prodest ut legas* “É vantajoso que leias”. Há momentos em que, ao comandar, como *ne dicas* “Não fale”, “não faça”, em que não necessita de outro verbo. Há momentos em que ao mostrar o que podia ser feito, a não ser que ocorresse algum impedimento, como *Facerem si placuisset* “Faria, se agradasse”, “Diria, se fosse lícito”.

27. Et omnibus modis aliis sociari potest, ut 'Si doceam, discis' et 'Si doceam, disce', 'Vtinam discas, si doceam', 'Cum doceam, discas'. Similiter omnibus modis impersonalis uerbi potest coniungi, ut 'Cum ueniam, curritur' et 'Cursum sit', et 'Curratur' et 'Cursum erit' et similia.

27. Além disso, pode ser associado a todos os outros modos, como *Si doceam* “Caso eu ensine, tu aprendes” e “Caso eu ensine, aprenda”, “Gostaria que aprendas, caso eu ensine”, “Aprendas enquanto ensino”. Igualmente, pode se unir a todos os modos do verbo impessoal, como *Cum ueniam, curritur* “Quando eu venho, corre” e “seja apressado” e “que se apresse” e “será apressado” e similares.

28. Infinitiuus est qui et personis et numeris deficit, unde et nomen accepit infiniti, quod nec personas nec numeros diffinit.²⁰⁸ Et eget uno ex quattuor supradictis modis, ut 'legere

28. O infinitivo é (o modo) ao qual falta número e pessoa, por isso recebe o nome de infinito, pois não define nem pessoas nem números. Necessita de um dos quatro modos supracitados para que signifique

²⁰⁸ desinit B

propero, legere propera, utinam legere properarem, cum legere properem.

29. Qui modus, ut diximus, coniuncta habet tempora presens et praeteritum imperfectum,^{209*} praeteritum perfectum et plusquam perfectum, quomodo apud Grecos. Et nota quod uim nominis rei ipsius habet uerbum infinitum, unde quidam nomen uerbi hoc esse dicebant. Dico enim ‘Bonum est legere’, ut si por essa formadicam ‘Bona est lectio’. Itaque omnis modus finitus potest per hunc interpretari, ut si dicam ‘Lego’, quid indicaui? Legere-me. ‘Lege’, quid imperaui? Legere te. ‘Vtinam legere’, quid optaui? Legere-me. ‘Cum legam, uenio’, quid iunxi? Prius legere, post uenire.

30. Inpersonale uerbum suae cuiusdam est²¹⁰ significationis. Et solet plerumque uel a neutris non tamen passiuus nasci, ut ‘statur’, ‘curritur’, ‘uiuitur’, ‘ambulator’; vel ab actiuus, ut ‘amatur’, ‘legitur’; a passiuus uero uel - communibus vel deponentibus numquam nisi ab uno, ut ‘miseretur miseret’. Sed magis id quoque a

algo perfeitamente, como “Corro (para) ler”, “Corra (para) ler”, “Queria que corresse ao ler”, “Que eu corra ao ler”.

29. Esse modo, como dissemos, une os tempos presente e pretérito imperfeito, pretérito perfeito e mais que perfeito, assim como entre os gregos. Note ainda que o verbo infinito possui a força do nome em si mesmo, de onde diziam esse ser um nome do verbo. Digo então “Ler é bom”, como se dissesse “A leitura é boa”. Portanto, todo modo finito pode ser interpretado por essa forma, de modo que se eu dissesse *lego* (leio), o que indiquei? Que eu li. *Lege* (o que ordenei?) Que você lesse. *Vtinam legere* (gostaria que você lesse), o que desejei? Que eu lesse. *Cum legam, uenio* (Uma vez que li, venho), o que juntei? Ler primeiro, vir depois.

30. O verbo impessoal é de seu próprio significado. Ele costuma na maioria das vezes se originar dos intransitivos ao invés dos passivos, como *statur* “está estabelecido”, “apressado”, “vivido”, “andado”, “lido”; nunca surgem, porém, dos passivos ou depoentes a não ser de um, “apiedado”, “que se apiede”. Porém ele surge principalmente de “apiedo”.

²⁰⁹ presens et praeteritum imperfectum... Praesens cum praeterito dixit quia cum dicimus legere significamus rem imperfectam quae uel ad praesens uel ad praeteritum imperfectum attinet; cum uero legisse perfectam rem que sua est tam praeterita perfecti quam plusquam perfecti

²¹⁰ x B

‘misereo’²¹¹ est. Vetustissimi enim pro ‘misereor’, ‘misereo’²¹² dicebant.

31. Impersonale autem hanc habet differentiam ad infinitivum, quod infinitivus altero uerbo finito omni modo eget, ut ‘Legere uolo, uis, uult’ et cetera. Impersonale autem²¹³ actum quidem perfectum significat per omnes modos, sed persona sola²¹⁴ deficit. Quae si addatur, perfecti uice fungitur uerbi per omnis, quomodo diximus, modos: per indicativum, ut ‘Curritur a me’ pro ‘Curro’; imperativum, ut ‘Curratur a te’ pro ‘Curre’; optativum, ‘Vtinam curreretur a te’ pro ‘Vtinam curreres’; subiunctivum, ‘cum curratur a te’ pro ‘cum curras’ et cetera; infinitivum,²¹⁵ ‘Curri a te oportet’ pro ‘Currere te oportet’.²¹⁶ Hoc autem interest inter infinitum passivum et infinitum, qui fit ab impersonalibus, qui nascuntur a uerbis actiuis, quod infinitus passivus uerbo eget solo ad perfectam significationem, ut ‘Amari uolo’. Ostendo enim me pati uelle aliquid ab alio. Infinitus uero impersonalis non solum uerbo, sed etiam ablatiuo casu siue pronominis siue nominis per se indiget, ut ‘Amari a me uolo’ pro ‘Amare uolo’; ‘Amari a te uis’, pro ‘Amare uis’; ‘Amari a se uult’ pro ‘Amare uult’. Nam

Diziam, porém, antigamente, "misereor" no lugar de "misereo".

31. O verbo impessoal possui uma diferença do infinitivo, pois ele necessita de outro verbo finito em todos os modos, como *Legere uolo* “Quero ler”, “Queres ler”, “Quer ler”, etc. O verbo impessoal representa uma ação completa em todos os modos, mas lhe falta pessoa. Se esta fosse adicionada, une-se ao verbo perfeito em todos os modos, como dissemos: no indicativo, *Curritur a me* “é corrido por mim” no lugar de *curro* “corro”; no imperativo, “seja corrido por ti” no lugar de “corra”; no optativo, “Queria que fosse corrido por ti”, no lugar de “queria que corresses”; no subjuntivo, “se for corrido por ti” no lugar de “se correres” etc.; no infinitivo, “deve ser corrido por ti” no lugar de “deves correr”. Isso também existe entre o infinitivo passivo e o infinitivo, que se faz a partir dos impessoais, que surge dos verbos ativos, pois o infinito passivo necessita do verbo apenas para um significado completa, como em *Amari uolo* “Desejo ser amado”. Indico desejar sofrer algo de alguém. O infinitivo impessoal não necessita apenas do verbo, mas também do ablativo de um

²¹¹ misero B

²¹² misereor B

²¹³ om. B

²¹⁴ om. B

²¹⁵ Infinitum B

²¹⁶ infinitivum B

acusatiuum ei numquam possumus adiungere, quod si ad eum reddatur infinitiuum, necesse est eum pati, ut ‘Amari a me uolo filium’ et ‘Amari illum uolo a te’ et ‘Amari ille se uult a me’ uel ‘a te’. Ecce hic passiuum est sine dubio, quia acusatiuus cum ablatiuo ei adiungitur, quod si esset impersonale fieri non posset, in quo pati neminem significamus, sed agere. Sepe etiam non positus subauditur acusatiuus, ut si dicam ‘Doceri a te uolo’, et subaudiam ‘me’.

32. Sunt et alie tres forme impersonalium in -att in -it, in -et, ut ‘uacat’, ‘prestat’, ‘iuuat’, ‘restat’, ‘delectat’, ‘stat’, ‘constat’, ‘contingit’, ‘euenit’, ‘accidit’, ‘conuenit’, ‘expedit’, ‘explicit’, ‘placet’, ‘latet’, ‘liquet’, ‘attinet’. ‘Interest’ quoque et ‘refert’ impersonalia sunt, et diriuntur a uerbis declinabilibus, et actiuam regulam secuntur tertiarum personarum. Reliqua uero primitiua sunt: ‘penitet’, ‘piget’, ‘tedet’, ‘pudet’, ‘licet’, ‘libet’, ‘oportet’, quamuis ‘liceo’²¹⁷* et ‘libeo’²¹⁸* dicatur, sed alterius sunt significationis. Haec tamen omnia perfecte declinabantur apud antiquissimos, sed deficiente usu declinationis remanserunt sole tertie persone per omnes modos. Deficiunt tamen in futuro infinitiui modi et in sopino.

pronome ou de um nome, como em *Amari a me uolo* “Desejo (algo) ser amado por mim” no lugar de *Amare uolo* “desejo amar”, “Desejas (algo) ser amado por ti”. Aqui é passivo (um verbo) passivo sem dúvida, pois o acusativo é ligado a ele com ablativo. Se fosse impessoal, isso não poderia acontecer, pelo qual nada significamos sofrer, mas agir. Frequentemente, também, não é subentendido um acusativo, como quando se diz “Quero ser ensinado por ti” e subentende-se “eu”.

32. Existem outras três das formas impessoais em -at, -it, -et, como *uacat* “vaga”, “excede”, “agrada”, “permanece”, “deleita”, “fica”, “é evidente”, *contingit* “acontece”, “acontece”, “ocorre”, “convém”, “liberta”, “explicita”, *placet* “agrada”, “esconde”, “derrete”, “retém”. “Diferencia” também e “importa” são impessoais, e se originam de verbos declináveis, e seguem a regra ativa das terceiras pessoas. Os restantes são primitivos: “arrepende”, “incomoda”, “cansa”, “envergonha”, “é permitido”, “agrada”, “convém”, embora diga-se *liceo* “vender” e *libeo*, mas possuem outro significado. Esses todos ainda são declinados perfeitamente entre os antigos (latinos), mas por falta de uso da

²¹⁷ liceo: i. uendo *P*

²¹⁸ libeo: s. sacrifico *P*

Excipitur ‘liquet’, quod non declinatur nisi praesens tantum indicatiui. Nam ‘miseret’ praeteritum passiuise ‘misertum est’ facit. Ceteris deficit: ‘licuit’ quoque et ‘licitum est’, ‘libuit’ et ‘libitum est’. ‘Tedet’ etiam in composita figura praeteritum habet ‘pertesum est’.

33. Quaedam in -uit syllabas praeteritum faciunt, ut ‘puduit’, ‘piguit’, ‘penituit’, ‘decuit’, ‘oportuit’, ‘latuit’^{219*} Et alia casum nominatiuum trahunt, ut ‘restat’, ‘explicit’. Alia genitiuo iunguntur, ut ‘interest’ et ‘refert’; alia datiuo, ut ‘licet mihi, tibi, illi, nobis, uobis’; similiter ‘libet’, ‘liquet’, ‘placet’, ‘uacat’, ‘conuenit’, ‘euenit’, ‘accidit’, ‘expedit’; alia accusatiuo cum genitiuo, ut ‘Tedet me (uel ‘te’ uel ‘illum’) istius rei’,^{220*} similiter ‘pudet’, ‘piget’, ‘miseret’ (Terrentius: ‘Pudet me uanitatis’; idem: ‘Fratris me quidem pudet pigetque’); uel solo accusatiuo, ut Terrentius: ‘Ei mater non te haec pudet?’; similiter ‘piget’, ‘penitet’, ‘decet’, ‘oportet’, ‘latet’, ‘iuuat’, ‘delectat me, te, illum, nos, uos’.

declinação permaneceram apenas na terceira pessoa por todos os modos. São defectivos ainda no futuro do infinitivo e no supino. *Liquet* “derrete” é exceção, pois não é declinado a não ser que o presente esteja no indicativo. *Miseret* faz *misertum est* no pretérito passivo. O restante é defectivo: *licuit* e também *licitum est*, *libuit* e *libitum est*. *Tedet* possui um pretérito em forma composta *pertesum est*.

33. Alguns fazem as sílabas do pretérito em -uit, como *puduit* “foi vergonhoso”, *piguit* “foi desagradável”, *penituit* “arrependeu-se”, *decuit* “foi próprio”, *oportuit* “foi conveniente”, *latuit* “foi escondido”. Outros possuem o caso nominativo, como *restat* “permanece”, *explicit* “explicita”. Outros se unem ao genitivo, como *interest* “diferencia” e *refert* “importa”: outros, ao dativo, como *licet mihi, tibi, illi, nobis, uobis* “convém a mim, a ti, a ele, a nós, a vós, a eles”; similiter *libet* “agrada”, *liquet* “derrete”, *placet* “agrada”, *uacat* “está desocupado”, *conuenit* “convém”, *euenit* “ocorre”, *accidit* “acontece”, *expedit* “importa”; outras ao acusativo com genitivo, como *Tedet me* (ou *te* ou *illum*) *istius rei* “Essa questão me cansa”, “te”, “lhe”; similiter *pudet*, *piger*, *miseret*

²¹⁹ latuit: licuit P

²²⁰ stei i escrito acima de e B

(Terêncio: “A vaidade me envergonha”; igualmente: “Meu irmão me envergonha e me incomoda”; ou somente ao acusativo, como Terêncio: “Ó, mãe, essas coisas não te envergonham?”; similarmente “incomoda”, “arrepender”, “convém”, “é oportuno”, “esconde”, “agrada”, “deleita” “me” “te”, “lhe”.

34. Gerundia²²¹* uero uel sopina siue participalia (Tegendi, -do, -dum’, lectum lectu’),²²² cum nec personas discernant et temporibus careant, sine quibus uerbum esse non potest, et casus asumant. Et praepositionibus separatis adiungantur, cum uerbo separata praepositio per apositionem preponi non possit. Mihi magis nomina esse uidentur quam uerba, que tamen loco infinitiuorum ponuntur tam actiuorum quam passiuorum. Et illum secuntur casum quem et uerba ex quibus nascuntur, ut si dicam ‘Legendi Homerum causa uenio’ et ‘Amandi uirtutem causa laboro’ et ‘Emendi mancipium causa uenio’, quamuis rarus sit huiuscemodi constructionis usus. Similiter dicimus ‘Intellegendo Homerum profeci’, ‘Amando uirtutem legi’ et ‘Inuidendum nobis non est’ et ‘minime nocendum uirtuti’. Et cum sint generis neutri et semper singularia, coniunguntur diuersis generibus et numeris, ut ‘amando patrem’

34. Os gerúndios ou supinos ou participios (*legendi, -do, -dum, lectum lectu*), já que nem as pessoas se diferenciam e faltam os tempos, sem os quais o verbo não pode existir, e assumem o caso. Unem-se são às preposições separadas, já que a preposição separada do verbo não pode ser anteposta por aposição. A mim parecem ser mais nomes do que verbos, ainda que sejam colocados no lugar tanto de infinitivos quanto de ativos. Seguem esse caso também os verbos dos quais eles nascem, como quando se diz: *Legendi Homerum causa uenio* “Venho para ler Homero” e *Amandi uirtutem causa laboro* “Trabalho por amor à justiça” e *Emendi mancipium causa uenio* “Venho para comprar um escravo”, ainda que o uso da construção desse modo seja raro. Similarmente, dizemos *Intellegendo Homerum profeci* “Avancei para entender Homero”, *Amando uirtutem legi* “Li para amar a

²²¹ Gerundia: Gerundia dicuntur haec prefata uerba a gero .i. porto quia portant in se una uoce actiuam uim et passiuam. Sopina etiam nominatur eo quod resopinantur a uerbo in nomen uel in participium. Dicuntur et participalia quoniam participiis passiuis similia sunt, (uim om. B)

²²² Tu B

et ‘amando matrem’ et ‘amando fratres’ solent quoque pro omni tempore infinitiui uerbi accipi. Dicimus enim ‘Legendi causa in honore fui’ et ‘sum’ et ‘ero’. Ab actiuis autem et communibus uenientia communem habent significationem, ut ‘legendo doceo’ et ‘doceor’, ‘legendo proficio’, ‘legendo instrueris’. A neutris uero et deponentibus actiuam solam. Hanc enim formam tam corripunt quam producunt auctores, more uerborum siue aduerbiorum in -o terminantium. Illa enim forma, que in-dum exit sine praepositione, necessitatem ipsius rei significat. Et omni generi et numero et persone et tempori potest adiungi, ut ‘Legendum est mihi’ et ‘tibi’ et ‘illi, nobis, uobis’; et ‘Legendum est, legendum fuit, legendum erit poetam’ uel²²³ ‘carmen’.

virtude” e *Inuidendum nobis non est* “Não nos é necessário invejar” e *minime nocendum uirtuti* “em nada deve-se prejudicar à virtude”. Como esses verbos sejam sempre do gênero neutro e singulares, unem-se a diversos gêneros e números, como *amando patrem* “ao amar o pai” e “ao amar a mãe” e “ao amar os irmãos”, costumam ser aceitos para todo tempo do verbo infinitivo. Dizemos então *fui* “Fui”, *sum* “Sou” e *Legendi causa in honore ero* “Serei honrado por ler”. Verbos derivados dos transitivos e dos comuns possuem significado comum, como *legendo doceo* “ensino” e *doceor* “sou ensinado ao ler”, “Benefício-me ao ler”, “Ao ler, instruirás”. Verbos derivados dos transitivos e dos depoentes possuem significado ativo, apenas. Os autores tanto encurtam quanto prolongam, ao costume com os verbos ou advérbios que terminam em -o. Aquela forma que termina em -dum sem preposição, significa a necessidade da própria coisa, e pode ser unida em gênero, número, pessoa e tempo, como em *Legendum est mihi* “Para mim, é necessário ler”, e “Para você”, “Para ele”, “Nós”, “Vós”, “Eles”; e “É”, “foi”, “Será necessário ao poeta ler” ou “à canção”.

35. Praeterea due terminationes sunt, quarum prior in -um, altera²²⁴ in -u finitur,

35. Além disso, há duas terminações, das quais a primeira termina em -um e a outra

²²³ et B

²²⁴ alterum B

ut ‘uenatum uenatu’. Et in -um quidem eandam significationem fere habet, quam in -dum desinens cum ‘ad’ praepositione. Quid enim aliud est ‘uenatum’ nisi ‘ad uenandum’, ‘quesitum’ nisi ‘ad querendum’, ‘lectum’ nisi ‘ad legendum’? Virgilius: ‘Venatum Aeneas unaque miserrima Dido in nemus ire parant’, id est ‘ad uenandum’. Videtur tamen hoc quoque quasi ipsius rei esse accusatiuus et sine praepositione proferri, quod quasi ad locum habet significationem. Sequens quoque forma, que in -u terminatur, ablatiuus mihi uidetur ipsius nominis, quo ipsa res significatur carens similiter praepositione. Quid enim est ‘mirabile uisu’ nisi ‘uisione’? Sicut est hoc exemplum: ‘nec uisu facilis, nec dictu affabilis ulli’ pro ‘uisione’ et ‘dictione’. Accipitur enim pro ipsa re, sicut superius diximus, quod infinitiuorum uis in nomine rei soluitur. Hoc tamen uidetur inter gerundia supradicta et nomina, quorum nominatiuus in -dus profertur interesse, quod quando sunt absque dubitatione nomina, simili casui adiunguntur et discernunt genera, ut ‘Intellegendi Homeri feci gratiam’ et ‘Amande uirtutis causa uigilo’ et ‘Emendi mancipii studio ueni’ et ‘Ad docendam rethoricam festinaui’; et quod uerba tam actiuam quam passiuam habent significationem, nomina uero unam et magis passiuam. Solemus enim per uerbum

em -u, como em “venatu venatum”. A que termina em -um tem quase o mesmo significado que q que termina em -dum com a preposição *ad*. O que é este outro *uenatum* senão *ad uenandum* “para caçar”, “procurado” senão “para procurar”, “lido” senão “para ler”? Virgílio: *Venatum Aeneas unaque miserrima Dido in nemus ire parant* “Enéias junto com a misérrima Dido se prepara para ir para a floresta à caçada, isso é, “para caçar”. Parece ainda que este também é quase o acusativo da mesma coisa proferido sem preposição, que quase possui o significado “para um lugar”. O que então é “com vista admirável” senão “com visão”? Assim é esse exemplo: “nem fácil à vista, nem dito de modo afável” no lugar de “visão e fala”. Isso é aceito pela própria coisa, como dissemos anteriormente, pois a força dos infinitivos é desfeita no nome da coisa. Isso ainda parece ocorrer entre os gerúndios supracitados e os nomes, entre os quais se declara que está o nominativo em -dus, pois, quando são nomes sem dúvida, são unidos ao mesmo caso e se diferenciam os gêneros, como em *Intellegendi Homeri feci gratiam* “Dei graças de entender Homero” e *Amande uirtutis causa uigilo* “Vigio por amar a virtude” e *Emendi mancipii studio ueni* “vim por zelo de comprar um escravo” e *Ad docendam*

passiuum eam interpretaari. Quid enim est ‘Amanda est uirtus’ nisi ‘digna quae ametur’, et ‘munitissimus habendi senatus locus’ nisi ‘in quo habeatur senatus’? ‘Faciendus’, ‘qui debet fieri’, ‘sequendus’, ‘quem debent sequi’, ‘loquendus’, ‘quem debemus loqui’. Vnde raro inueniuntur a neutris absolutam significationem habentibus, ut ‘sto’, ‘sedeo’, ‘surgo’. Nemo enim dicit ‘standus’ nomen uel ‘sedendus’ uel ‘surgendus’; quorum sopina significationem seruant sui uerbi simplicem, ut praefati sumus. Quando enim gerundia sunt, loco infiniti accipiuntur uerbi. Nec genera discernunt nec numeros, quod suum est infinitiuorum uerborum. Et illum secuntur casum, quem et uerba ex quibus nascuntur.

rethoricam festinaui “Corri para ensinar retórica”; e porque os verbos possuem significado tão ativo quanto passivo, já os nomes possuem uma apenas, a passiva. Costumamos interpretá-la pelo verbo passivo. O que é, pois, *Amanda est uirtus* “A virtude deve ser amada” senão *digna quae ametur* “É digna que seja amada”, e “local seguríssimo para se ter o senado” senão “onde se tenha o senado”; “Faciendus”, “o que deve ser feito”; “sequendus”, senão “quem devem seguir”, “loquendus”, “o que devemos falar”? Por isso, raramente se encontra algo vindo dos intransitivos possuindo um significado absoluto, como “permaneço”, “sento”, “levanto-me”. Ninguém diz o nome “standus”, ou “sedendus” ou “surgendus”; dos quais os supinos guardam o significado simples do seu verbo, como mencionamos; Quando são gerúndios, são aceitos no lugar do verbo infinitivo. Não se distingue nem gênero nem número, pois é próprio dos verbos infinitivos e seguem o seu caso, e os verbos dos quais surgem.

De Speciebus²²⁵

Sobre os tipos²²⁹ de verbos

²²⁵ DE SPECIEBUS *maiúsculas rubricadas P*

²²⁹ Aqui, seguimos a tradução de Porter (2002). Schad (2007, p.376) traduz como ‘type, kind, category’ (tipo, gênero, categoria). Entretanto, a autor traz como tradução mais exata do termo utilizado aqui por Prisciano como *the characteristic of being basic/derived: this sense is unique to Prisc.* (a característica de ser básico/derivado: nesse sentido, particular de Prisciano) (Schad, 2007, p. 378, t.n.).

36. Species²²⁶ uerborum duae sunt, primitiua et diriuatiua, que²²⁷ inueniuntur fere in omnibus partibus orationis. Est igitur primitiua, quae primam positionem ab ipsa natura accepit, ut ‘lego’, ‘ferueo’, ‘domo’, ‘facio’, ‘garrio’, ‘albo’; diriuatiua, que a positiuis²²⁸ uerbis diriuatur, ut ‘lecturio’, ‘feruesco’, ‘domito’, ‘facesso’, ‘garrulo’, ‘albico’.

37. Sunt igitur diriuatiuorum diuerse²³⁰ species, ut inchoatiua, quae initium actus uel passionis significant, ut ‘caleo calesco’, ‘horreo horresco’, ‘tabeo tabesco’, quae plerumque a neutris absolutam uel intrinsecus natam significantibus passionem diriuantur. Et omnia secundae personae primitiui, addita -co, fiunt, ut ‘rubeo -bes rubesco’, ‘ardeo ardesco’, ‘palleo pallesco’, ‘marceo marcesco’, ‘areo aresco’, ‘luceo lucesco’, ‘pateo patesco’. Ideo autem diximus ‘plerumque’, quia inueniuntur etiam ex aliis uerbis sed raro, ut ‘cupio cupisco’, ‘dormisco’, ‘sentisco’, ‘labo labasco’, ‘integro integrasco’, quod in passiuam significationem positum est, cum primitiuum eius actiuum sit. Similiter ‘amo

36. Os tipos de verbos são dois, primitivos e derivativos, que são encontrados em quase todas as partes da oração. É primitivo, portanto, o que recebe a primeira posição a partir da própria natureza, como *lego* “leio”, *feruo* “feruo”, *domo* “domino”, *facio* “faço”, *garrio* “tagarelo”, *albo* “empalideço”; os derivativos, que são derivados dos verbos positivos, como *lecturio* “quero ler”, *feruesco* “esquento-me”, *domito* “domino”, *facesso* “performo”, *garrulo* “falo”, *albico* “empalideço”.

37. Há diversos tipos de derivativos, como os incoativos, que significam o início da ação ou da passividade, como *caleo calesco* “começo a me tornar quente”, *horreo horresco* “torno-me paralisado”, *tabeo tabesco* “torno-me decadente”; estes derivam geralmente dos intransitivos que significam uma passividade absoluta ou intrinsecamente nata. Todos os primitivos da segunda pessoa se fazem acrescentando -o, como *rubeo -bes rubesco* “enrubesco”, *ardeo ardesco* “ardo, começo a arder”, *palleo pallesco* “empalideço, começo a empalidescer”, *marceo marcesco* “enfraqueço, começo a enfraquecer”, *areo aresco* “resseco, começo a ressecar”, *luceo lucesco* “ilumino, começo a

²²⁶ maiúsculas rubricadas S P

²²⁷ Quod, com t escrito sobre d (?=quot) P; quae Inst. Gram. I.427.11

²²⁸ a positiuis: i. a primitiuis.

²³⁰ corr. a partir dediuers&, & expurgado P

amasco', 'tremo tremisco', 'misereo miseresco' (nam a 'misereor', quod est deponens, nec²³¹ inchoatium in -o desinens nec impersonale posset nasci), 'uiuo uiuisco' (unde 'reuiuisco'). 'Vesperasco' quoque uidetur quasi a 'uespero uesperas' uerbo diriuari. Excipitur 'hio hias', quod 'hisco' non 'hiasco' facit, ex quo componitur 'dehisco'. Et sunt omnia tertiae coniugationis. Sciendum tamen quod inueniuntur quedam positiua inchoatiuorum formam habentia, ut 'quiesco', 'pasco', 'compesco', 'disco', 'posco'.

iluminar", *pateo patesco* "esclareço, começo a esclarecer". Assim também dizemos "geralmente", porque são encontrados ainda (derivados) de outros verbos, embora raramente, como *cupio cupisco* "desejo, começo a desejar", *dormisco* "durmo, começo a dormir", *sentisco* "começo a perceber", *labo labasco* "caio, começo a cair", *integratio integrasco* "renovo, começo a renovar", que é posto na significação passiva, já que o seu primitivo é ativo. De modo semelhante, *amo amasco* "amo, começo a amar", *tremo tremisco* "tremo, começo a tremer", *misereo miseresco* "tenho compaixão, começo a ter compaixão" (pois de *mesereor* "tenho misericórdia", que é depoente, não poderia surgir nem um incoativo terminando em -o nem um impessoal), *vivo vivisco* "vivo, começo a viver" (de onde vem *revivisco* "revivo". *Vesperasco* "começa a anoitecer" também parece derivar do verbo *vespero uesperas* "anoitecer". É exceção *hio hias* "estar de boca aberta", pois forma *hisco* "começar a abrir a boca" (e não *hiasco*) do qual se forma *dehisco* "bocejar". Todos esses são da terceira conjugação. Deve-se saber, ainda, que existem alguns positivos que possuem a forma dos incoativos, como *quiesco* "aquieto-me", *pasco*

²³¹ nihil B

38. Est et altera species diriuatiuorum in -urio desinens, que meditationem significat, unde et meditativa nominatur. Et est quarte coniugationis, que a participio praeteriti temporis solet fieri, siue a sopino in -u terminante, assumptione -rio: a prima coniugatione, ut ‘amatus’ participium, ‘amatu’²³² sopinum, ex his ‘amaturio’; ‘dictatu dictaturio’; a secunda, ut ‘doctu docturio’; a tertia, ut ‘lectu lecturio’, ‘esus esu esurio’, ‘partu parturio’, ‘mictu micturio’, ‘scriptu scripturio’; a quarta, ut ‘auditu auditurio’, ‘dormitu dormiturio’. Et nulla alia forma inuenitur huic similis.

39. Est altera species diriuatiuorum in -to uel in -so uel in -xo desinens, que frequentiam actus significat faciuntque plerumque ex se passiva. Nam inchoativa et meditativa magis neutra sunt. Ea quoque (id est frequentativa) plerumque a sopinis

“alimentar-se”, *compesco* “restringir”, *disco* “aprender” e *posco* “pedir”.

38. Há outro tipo de flexão, terminando em -urio, que significa desejo, de onde é chamado desiderativo. Há, ainda, (uma espécie de verbo) da quarta conjugação, que costuma ser formada a partir do participio do tempo pretérito ou do supino terminando em -u, com a junção de -rio: da primeira conjugação, como o participio *amatus* “amado”, o supino *amatu* “amado”, a partir do seu *amaturio* “desejo de amar”; *dictatu dictaturio* “dito, desejo de dizer”; da segunda, como *doctu docturio* “ensinado, desejo de ensinar”; da terceira, como *lectu lecturio* “lido, desejo de ler”, *esus esu esurio*, “ter comido desejo de comer”, *partu parturio* “ter dado a luz, desejo de dar a luz”, *mictu micturio* “urinado, desejo de urinar”, *scriptu scripturio*; da quarta, como *auditu auditurio* “ouvido, desejo de ouvir”, *dormitu dormiturio* “dormido, desejo de dormir”. Nenhuma outra forma é encontrada semelhante a essa.

39. Há outro tipo dos derivativos que terminam em -to ou em -so ou em -xo, que significa a frequência da ação e forma geralmente a partir da voz passiva. Pois os inchoativos e os meditativos são, porém, intransitivos. Eles (os frequentativos)

²³² *amatus B*

diriuantur, mutatione extreme -u in -o, ut ‘scriptu scripto’, ‘cursU²³³ curso’, ‘mersu merso’; ‘quaero’ tamen ‘querito’ facit differentiae causa, quia a ‘queso’ ‘quaesito’ fit; ‘domitu domito’, ‘nexu nexo’, ‘flexu flexo’. Sin autem a uerbis prime coniugationis^{234*} diriuentur,²³⁵ que habent penultimam a,²³⁶ mutant eam quoque in i correptam, ut ‘imperatu imperito’, ‘rogatu rogito’, ‘uolatu uolito’. Ideo autem diximus plerumque a sopinis ea diriuari, quia in -gi terminantia praeteritum a praesentis secunda persona, abiecta -s et addita -to, faciunt frequentatiuum, ut ‘lego -gi, legis²³⁷ legito’, ‘fugio -gi, fugis fugito’, ‘ago aegi, agis agito’, ‘cogo coegi, cogis cogito’; ‘scitor -taris’ notandum, quomodo ‘sciscitor sciscitaris’, quod a primitiuo actiuo deponentia sunt nata. ‘Nosco’ quoque ‘noscito’ facit. Sunt quaedam deficientia in sopinis, que raro faciunt frequentatiua, ut ‘aegreo, aegresco, aegroto’. Nam ‘sequor’ ‘sector’ facit, differentiae causa, ne nomen putaretur, si ‘secutor’ secundum regulam diceretur. Raro tamen diriuationes huiusmodi specierum²³⁸ fiunt a uerbis in -or desinentibus, ut ab ‘amplector’ ‘amplexor’, a ‘comminiscor’ ‘commentor’.

derivam-se principalmente dos supinos, mudando-se o final em -u para -o, como *scriptu scripto* “escrevo frequentemente”, *cursu curso* “corro para lá e para cá”, *mersu merso* “mergulhar”, *quaero* “procurar” também se faz como *quaerito* “procurar constantemente” para diferenciação, pois se faz *quaesito* a partir de *queso* “perguntar”; *domitu domito* “conquistar”, *nexu nexo* “amarrar”, *flexu flexo* “dobrar”. Porém, se eles se derivam de verbos da primeira conjugação, que possuem a penúltima letra em a, mudam-na em um i curto, *imperato imperito* “ordenar”, *rogatu rogito* “perguntar frequentemente”, *volatu volitu* “voar para lá e para cá”. Por isso dizemos que eles geralmente se formam a partir dos supinos, pois os verbos com a terminação -gi dos pretéritos formam o frequentativo a partir do presente da segunda pessoa, retirando-se -s e acrescentando-se -to, como *lego -gi, legis legito* “ler”, *fugio -gi, fugis fugito* “fugir”, *ago aegi, agis agito* “agitar”, *cogo coegi, cogis cogito* “considero”; note-se *scitor -taris* “indagar”, como forma *sciscitor sciscitaris*, pois os depoentes nascem de um ativo primitivo. *Nosco* “conhecer”

²³³ curs B

²³⁴ a uerbis prime coniugationis: Cogito autem et dicto sicut et tracto atraho, si attentius inspicias, non penitus, teste Prisciano, absistunt a primitiuorum significatione, (como texto B)

²³⁵ diriuantur B

²³⁶ om. B

²³⁷ gis B

²³⁸ dispecierum B

também faz *noscito* “examinar”. Há alguns verbos que são defectivos no supino, que raramente formam frequentativos, como *aéreo*, *aegresco* “adoecer”. Já *sequor* “seguir” forma *sector* “seguir continuamente” por motivos de distinção, para que não se pense ser um nome caso se diga *secutor* *segundo a regra*. Raramente, ainda, se fazem as derivações desse modo das espécies a partir dos verbos terminados em *-or*, como *amplector* “abraçar” de *amplexor*, *commentor* “refletir” de *comminiscor* “inventar”.

40. Et sunt omnia frequentatiua prime coniugationis. Et seruant significationes primitiuorum, quamuis uideantur quedam ex his in alium sensum transire, ut ‘traho tracto’, ‘cogo cogito’, ‘dico dicto’. Sed si quis attentius inspiciat, non penitus absistunt haec a primitiuorum significatione.

40. Todos os frequentativos são da primeira conjugação. Eles guardam o sentido dos primitivos, embora alguns entre esses pareçam mudar para outro sentido, como *traho* “arrastar” *tracto* “puxar”, *cogo* “reuno” *cogito* “penso”, *dico* “dizer” *dicto* “ditar”, Mas se alguém examinar mais atentamente, esses sentidos não se afastam totalmente dos sentidos primitivos.

41. Sunt preterea aliae species diriuatiuorum uariae tam terminationis quam significationis, ut a ‘uideo’, ‘uiso uisis’ (id est ‘cupio uidere’). Simile est ‘facio facesso’, ‘capio capesso’, ‘lacero lacesso’, ‘arceo arcesso’, ‘accio accerso’, que si essent frequentatiua, prime utique coniugationis haberentur, non tertiae.

41. Há, ainda, outros vários tipos de derivativos tanto de terminação quanto de significado, como de *video* “ver”, *viso*, *visis* (isso é, “desejo ver”). Similarmente, há *facio facesso* “fazer ansiosamente”, *capio capesso* “tomar ansiosamente”, *lacero lacesso*, *arceo arcesso*, *accio accerso*, que, se fossem frequentativos,

Possumus tamen ea non incongrue desideratiua nominare.

42. Sunt alia in -lo desinentia, que diminutiua esse plane significationis ipse sensus ostendit, quod apud Grecos in uerbis inueniri²³⁹ non potest, ut ‘sorbeo sorbillo’, ‘garrus garrulus’,^{240*} ‘caluo’^{241*} ‘cauillus’ (pro ‘caluillus’).

43. Impersonalia quoque omnia uel ab actiuis uel a neutris deriuantur, exceptis paucis primitiuis, quomodo supra ostendimus.

44. Sunt et aliae deriuationes diuersas terminationes habentes tam a uerbis quam a nominibus nascentium uerborum, ut ‘albo’^{242*} ‘albus’, ‘albico’ ‘albicus’, ‘uello’ ‘uellicus’,^{243*} ‘fodio’ ‘fodicus’.^{244*} Itidem ‘nutrio’ ‘nutrico’ et ‘nutricor’, et a ‘patre’,^{245*} ‘patro’^{246*} ‘patras’ et ‘patrisso’;^{247*} a ‘greco’, ‘grecisso’ et ‘grecor’;²⁴⁸ a ‘philosopho’,^{249*} ‘philosophor

certamente seriam consideradas de primeira conjugação, não de terceira. Podemos, entretanto, não incorretamente nominá-las derivativas.

42. Há outros verbos que terminam em -lo, que o próprio sentido mostra ser claramente de significado diminutivo, que não pode ser encontrado em verbos gregos, como *sorbeo sorbillo* “sorvo”, *garrus garrulus* “tagarelo” *caluo cauillus* “engano” (no lugar de *caluillus*).

43. Todos os impessoais derivam-se ou de verbos transitivos ou de intransitivos, exceto uns poucos primitivos, como mostramos acima.

44. Há também outras derivações que possuem diversas terminações dos verbos que nascem tanto de verbos quanto de nomes, como *albo albus* “enbranquecer”, *albico albus* “embranquecer” *uello uellicus* “arrancar beliscar”, *fodio fodicus* “cavar”. Do mesmo modo, *nutrio nutrico* e *nutricor* “nutrir, ser nutrido” e de *patre* “pai”, *patro patras* e *patrisso* “paternizar”;

²³⁹ Correção a partir de. inuenire P, inuenire B

²⁴⁰ garrulus: *primae* P

²⁴¹ caluo: i. decipio, cum calumnia decipio P

²⁴² albo: albeo, ii coniugationis unde albesco P

²⁴³ uellico: -as P

²⁴⁴ fodico: -as P

²⁴⁵ patre: s. nomine P

²⁴⁶ patro: i. officio P

²⁴⁷ patrisso: prime P

²⁴⁸ crecor P

²⁴⁹ philosopho: nomine P

philosopharis;²⁵⁰²⁵¹*11 a ‘poeta’, ‘poetor poetaris’; et ab ‘architecto’, ‘architector architectaris’. Similiter omnia, in quibus naturaliter substantia nominis antecedit actum, uerba denominatiua sunt. Nam non possumus dicere ‘armo’, nisi prius sint arma quibus armamus aliquem, nec ‘munero -ras’, nisi prius sit munus, quod alicui damus. Similiter a ‘radice’, ‘eradico -cas’, ‘merx²⁵²* mercor -caris’, ‘limen, elimino eliminas’, ‘cor, concordo’ et ‘recordor’, ‘discors, discordo’, ‘os, oro oras’, ‘trutina, trutino trutinas’, ‘aurum, auro auras’, ‘aes, aero aeras’ et ab *cis* composita, ‘piscis, piscor piscaris’.⁶⁸

de *greco* “grego”, *grecisso* e *grecor* “helenizar”; de filósofo *philosophor philosopharis* “filosofar”; de *poeta poetor poetaris* “fazer poesia”; e de *architecto* “arquiteto”, *architector architectaris* “arquitetar”. Similarmente, todos os verbos nos quais a substância do nome antecede naturalmente a ação são denominativos. Não podemos dizer *armo* “armar” a não ser que antes haja armas com as quais armamos alguém, nem *munero -ras* “presentear” sem que antes haja um presente para dar a alguém. Similarmente, de *radice* “raíz”, *eradico -cas* “erradicar”, *merx* “mercadoria” *mercor -caris* “comerciar”, *limen* “limiar”, *elimino eliminas* “eliminar”, *cor* “coração”, *concordo* “concordar” e *recordor* “recordar”, *discors* “desacordo”, *discordo* “discordar”, *os* “boca”, *oro oras* “suplicar”, *trutina* “balança”, *trutino trutinas* “pesar”, *aurum* “ouro”, *auro auras* “dourar”, *aes* “bronze”, *aero aeras* “bronzear” e aqueles compostos por eles, *piscis* “peixe”, *piscor piscaris* “pescar”.

45. Contra autem a uerbo nascitur nomen, quod nequaquam potest esse in aliquo nisi prius actus uerbi in eo intellegatur. Denique nemo dicitur ‘doctor’, nisi prius doceat, et sic ei nomen doctoris imponitur, uel

45. Em oposição, porém, há nomes que nascem de verbos, que de forma alguma pode ser em outro a não ser que primeiramente a ação do verbo nele seja compreendido. Logo, ninguém é chamado

²⁵⁰ *philosophor philosopharis*: *philo* .i. amor, *sophia* .i. sapientia. *Philosophia*, amor sapientie *P*

²⁵¹ *Philosopharis P*

²⁵² *merx*: *merx mercis* dicitur quicquid uenale est

‘lector’ nisi prius legat. Similiter ab ‘amo’, ‘amator’, nomen uerbale, ‘piscor piscator’, ‘armo armator’, ‘moneo monitor’, ‘curso cursor’, ‘duco ductor’, ‘impero imperator’, ‘contionor contionator’, ‘rego rex’ (quod aliud a se peperit uerbum ‘regno regnas’).⁶⁹

doctor “professor” a não ser que antes ensine, e assim o nome de professor lhe é imposto, ou *lector* “leitor” a não ser que leia. Igualmente, de *amo* “amar”, surge *amator* “amante”, nome verbal, *piscor* “pescar”, *piscator* “pescador”, *armo* “armar”, *armator* “quem equipa” (com armas), *moneo* “aconselhar” *monitor* “conselheiro”, *curso* “correr” *cursor* “corredor”, *duco* “liderar” *ductor* “líder”, *impero* “comandar” *imperator* “comandante”, *contionor* “discursar” *contionator* “quem discursa”, *rego* “reger” *rex* rei (que origina de si outro verbo: “reinar”).

46. ²⁵³Sunt quoque in una eademque uoce tam uerba quam nomina, ut ‘palpo’, ‘comedo’, ‘uerbero’, ‘caligo’, ‘propago’, ‘lanio’, ‘cudo’, ‘formido’, ‘susurro’, ‘labor’, ‘furor’, ‘amor’, ‘nitor’, ‘liquor’ et similia, quae, si flectas per casus, nomina sunt, sin per²⁵⁴ modos, uerba.

46. Há ainda em uma mesma pronúncia tanto verbos quanto nomes, como *palpo* “bajular, bajulador”, *comedo* “comer, guloso”, *uerbero* “bater/canalha”, *caligo* “obscurecer, névoa”, *propago* “propagar, prole”, *lanio* “despedaçar, açougueiro”, *cudo* “forjar, ferreiro”, *formido* “temer, medo”, *susurro* “sussurro, sussurrar”, *labor* “cair, trabalho”, *furor* “roubar, fúria”, *amor* “ser amado, amor”, *nitor* “esforçar-se, brilhar”, *liquor* “fluir, fluído” e similares que, se flexionados por casos, são nomes, se por modos, verbos.

47. Ab aduerbiis etiam et ²⁵⁵praepositionibus inueniunturq diriuata

47. Encontram-se ainda verbos derivados de advérbios e de preposições, como

²⁵³ Suntque B

²⁵⁴ Pro B

²⁵⁵ Propositionibus inueniunt B

uerba, ut ‘perendie perendino’; ‘cras’, ex quo ‘crastinus’ et ‘procrastino procrastinas’; ‘intra’ uel ‘intro’, hinc ‘intro intras’; ‘supra’ uel ‘super’, ‘supero superas’.

De Figura²⁵⁶

48. Figura²⁵⁷ quoque accidit uerbo quomodo nomini. Alia enim uerborum sunt simplicia, ut ‘cupio’,²⁵⁸ ‘taceo’, alia composita,²⁵⁹ ut ‘concupio’, ‘conticeo’, alia decomposita,²⁶⁰ id est a compositis diriuata, ut ‘concupisco’, ‘conticesco’. Inueniuntur etiam ex tribus partibus composita, ut ‘perterrefacio’. Sunt alia que in compositione mutant coniugationes, ut ‘do das’, ‘reddo reddis’ et omnia ab eo composita. ‘Facio’ quoque ‘facis’, ‘amplifico amplificas’.^{261*} Sunt quedam composita, quorum simplicia in usu non sunt, ut ‘offendo’, ‘aspicio’, ‘aperio’. ‘Fendo’ enim et ‘spicio’ et ‘perio’ non repperi.

49. Sunt que genus mutant in compositione: ‘sperno spemis’ actiuum,

“depois de amanhã (advérbio) demorar até depois de amanhã”, “amanhã”, do qual surge “crástino (de amanhã)” e “procrastino”; “dentro” ou “interior” de onde vem “entrar”; “sobre” ou “acima”, “superar”.

Sobre a Forma

48. A forma ocorre ao verbo da mesma maneira que ao nome. Certas formas dos verbos são simples, como *cupio* “desejo”, *taceo* “calo”, outras são compostas, como *concupio*, *contigo*, outros decompostos, isso é, compostos de derivados, como *concupisco*, *conticesco*. Encontram-se ainda verbos compostos de três partes, como *perterrefacio* “aterroriso-me completamente”. Existem outros que mudam a conjugação pela composição, como *do das* “dou”, *reddo reddis* “devolvo” e todos os seus compostos. Também *facio* e *facis* “faço”, *amplifico* e *amplificas* “amplifico”. Há alguns compostos dos quais não há formas simples no uso, como *offendo* “ferir”, *aspicio* “vejo”, *apperio* “abro”. *Fendo*, *spicio* e *perio* não existem.

49. Há verbos que mudam sua voz em composições: *sperno spernis* “desprezo” é

²⁵⁶DE FIGURA maiúsculas rubricadas P; om., com espaço para o rubricador B

²⁵⁷Maiúscula rubricada F P

²⁵⁸cupeeo B

²⁵⁹om. B

²⁶⁰om. B

²⁶¹amplifico amplificas: mirifico, sanctifico P

‘asperor²⁶² asperaris’ deponens; ‘sedeo’ neutrum, ‘insidior insidiaris’ deponens; ‘obsideo’ uero et ‘assideo’ actiua sunt; faciunt enim ‘obsideor’ et ‘assideor’; ‘sterno sternis’ actiuum, ‘consternor consternaris’ deponens; ‘aspicio’ actiuum, et ex eo ‘conspicor’, ‘suspicio’ deponentia; ‘fero’ quoque actiuum, ‘uociferor’ deponens; ‘facio’ neutrum, ‘uersificor uersificaris’ et ‘gratificor gratificaris’ deponentia. ‘Fio’ passiuam significationem habet, quamuis neutrum sit; ‘suffio’, ex eo compositum, actiuum. Virgilius: ‘At suffire thimo caerasque recidere inanes’. Sunt et alia plura que in compositione mutant significationem, ut supra memorauimus.

ativo, *asperor asperaris* é depoente; *sedeo* “assentar-se” é intransitivo, *insidior insidiaris* “encurralar” é depoente; *obsideo* “sitiar” e *assideo* “cercar” são ativos; pois eles formam *obsideor* “ser sitiado” e *assideor* “ser cercado”; *sterno sternis* “estender” é ativo, *consternor consternaris* “consternar” é depoente; *aspicio* é ativo, e dele surgem os depoentes *conspicor* “perceber” *suspicio* “suspeitar”; também o verbo ativo *fero* “carregar” forma o depoente *uociferor* “vocifero”; o intransitivo *facio* “fazer” forma os depoentes *uersificor uersificaris* “versificar” os depoentes *gratificor gratificaris* “gratificar”. *Fio* “tornar-se” possui sentido passivo, ainda que seja intransitivo. Seu composto *suffio* “fumigar” é transitivo. Virgílio: *At suffire thimo caerasque recidere inanes* “Mas fumigar com tomilho e cortar as ceras vazias”. Existem ainda muitas outras que mudam o sentido em composições, como dissemos acima.

50. Quaeritur in compositis uerbis cur, cum sepe in praesenti corrupta sit aliqua pars orationis, in preterito integra inuenitur, ut ‘pergo perrexi’, ‘exigo exaegi’, ‘subigo subaegi’, ‘confringo confregi’, ‘infringo infregi’ et similibus. Ad hoc dicendum, quod huiusmodi uerba uel eorum

50. Caso se pergunte por que alguma parte da oração estar frequentemente e ser encontrada íntegra no corrompida no o pretérito, como *pergo perrexi*, *exigo exaegi* *subigo subaegi* *confringo confregi* *infringo infregi* e similares. Quanto a isso, dizemos que desse modo os verbos ou seus

²⁶² asperno B

participia passiva praeteriti temporis²⁶³ separatas habent compositiones per singula tempora. Anomala quoque uerba id possunt ostendere, ut ‘prosum, prodes, prodest, prosumus, -destis, prosunt, proderam, profui’ et cetera. Haec enim sine dubio per singula tempora siue etiam per personas componuntur. Nam in nominibus²⁶⁴ tota declinatio per omnes casus nominatiui figuras solet seruari, ex quibuscumque modis sint compositae, exceptis ‘alteruter’, ‘tantundem’, ‘quicquam’, ‘idem’, que in obliquis nominatiui figuras mutant.⁷⁸

51. Componuntur autem uerba cum nominibus, ut ab ‘amplo’, ‘amplifico -ficas’, a ‘signo’ ‘significo significas’: uel cum altero uerbo, ut ‘calefacio’, id est²⁶⁵ ‘calere facio’; uel cum aduerbio: ‘benedico’, ‘satisfacio’; uel cum prepositione: ‘indico -cas’ et ‘indico indicis’. Sicut enim casus nominatiuus numquam in appositione assumit prepositiones, sed in sola compositione, ut ‘impius’, sic quoque uerba, in quibus habetur²⁶⁶ uis casus nominatiui in omni persona et tempore, in compositione dumtaxat has possunt asciscere.

participios passivos do tempo presente têm as composições separadas por cada tempo. Verbos anômalos podem demonstrar isso, como *prosum, prodes, prodest, prosumus, -destis, prosunt, proderam, profui, etc. eram, profui etc...*. Esses, sem dúvida, são compostos em cada tempo e também em cada pessoa. Nos nomes, toda a declinação em todos os casos costuma manter a forma do nominativo, a partir de qualquer que seja a partir de qualquer que seja o modo do qual sejam compostos, exceto *alteruter, tantundem, quicquam, idem*, que mudam a forma do nominativo em casos oblíquos.

51. Verbos são ainda compostos com nomes, como de *amplo* “grande”, *amplifico -ficas* “aumentar”, de *signo* “sinal” *significo significas* “sinalizar”: ou com outro uerbo, como *calefacio* “aquecer”, isso é, *calere facio* “tornar quente”, ou com advérbio: *benedico* “bendigo”, *satisfacio* “satisfaço”, ou com preposição: *indico -cas* e *indico indicis* “indico” (primeira e terceira conjugações). Assim como o caso nominativo nunca assume preposições na aposição, mas apenas na composição, como em *impius* “ímpio”, também os verbos nos quais se possui a força do caso nominativo em toda

²⁶³ tepr B

²⁶⁴ omnibus B

²⁶⁵ calefacio B

²⁶⁶ om. B

pessoa e tempo, e podem apenas acomodar em composições.

De Personis Incipit ²⁶⁷

52. Sunt igitur persone uerborum tres. Prima est que de se loquitur uel sola uel cum aliis, ut ‘dico dicimus’, secunda ad quam loquitur²⁶⁸ de ipsa^{269*} uel sola uel cum alis, ut ‘dicis dicitis’ tertia, de qua extra se et illam, ad quam dirigit sermonem, posita loquitur prima, ut ‘dicit dicunt’. Et prima quidem et secunda persona uerborum finite sunt; praesentes enim demonstrantur. Tertia uero infinita est; itaque eget plerumque pronomine, ut diffiniatur. Et omnes tres aequaliter pronomibus solis iungi possunt, ut ‘Lego ego’, ‘Legis tu’, ‘Legit ille’. Nomina uero et participia in omni casu tertiae sunt persone, absque uocatiuo, qui solus ad secunda profertur personam. Nam si dicam ‘Lego Cycero’, solocismus est, nisi addidero pronomen, dicens ‘Lego ego Cycero’ uel ‘Legis tu Cycero’. Excipiuntur illa uerba, que sunt substantiae uel uocandi, ut ‘Priscianus sum’, ‘Priscianus uocor’, ‘Priscianus nominor’,²⁷⁰ Priscianus nuncupor’. Et prima quidem potest sibi et secundam et tertiam coniungere, ut ‘Ego et tu facimus’ et ‘Ego et ille facimus’.

Sobre a Pessoa

52. Há três pessoas dos verbos. A primeira é a que fala de si, ou sozinha ou com outros, como *dico dicimus* “digo, dizemos”; a segunda, a quem se fala a respeito dela, sozinha ou com outros, como em *dicis dicitis* “dizes, dizeis”; a terceira, de quem a primeira pessoa fala, fora de si e daquela a quem se dirige a fala, como *dicit dicunt* “diz, dizem”. Tanto a primeira quanto a segunda pessoa são dos verbos definidos; pois representam pessoas presentes. Já a terceira é indefinida, portanto geralmente necessita de um pronome que a defina. Todas as três podem ser unidas apenas a pronomes, como *Lego ego* “Eu leio”, *Legis tu* “Tu lê”, *Legit ille* “Ele lê”. Os nomes e participios ocorrem na terceira pessoa em todos os casos, exceto no vocativo, que se dirige apenas à segunda pessoa. Se eu disser, pois, *Lego Cycero* “Leio Cícero”, é um solecismo, a não ser que insira um pronome, dizendo *Lego ego Cycero* “Eu leio Cícero” ou *Legis tu Cycero* “Tu lê Cícero”. Excetuam-se aqueles verbos que são de substância ou de chamado, como

²⁶⁷ DE PERSONIS INCIPIT om., com espaço para o rubricador B

²⁶⁸ loquitur : s. prima P

²⁶⁹ de ipsa: s. secunda P

²⁷⁰ minor B

Secunda uero non potest coniungere sibi nisi tertiam, ut ‘Tu et ille facitis’. Tertia uero nec primam nec secundam, sed alteram tertiam, ut ‘Iste et ille faciunt’. Est enim ubi ipsa prima persona ad se quasi ad secundam loquitur personam, sed figurate, ut ‘Infelix²⁷¹ Dido, nunc te facta impia tangunt’.

Priscianus sum “Sou Prisciano”, *Priscianus uocor* “Sou chamado Prisciano”, *Priscianus nominor* “Sou nomeado Prisciano” e *Priscianus nuncupor* “Sou designado Prisciano”. E a primeira pode se unir à segunda e à terceira, como em *Ego et tu facimus* “Eu e tu fazemos” e *Ego et ille facimus* “Eu e ele fazemos”. A segunda não pode se unir a não ser na terceira, como *Tu et ille facitis* “Tu e ele fazem”. Já a terceira, não pode (se unir) nem à primeira nem à segunda, mas a outra terceira, como *Iste et ille faciunt* “Este e aquele fazem”. Ocorre ainda quando a primeira pessoa fala para si como se para uma segunda pessoa, mas de modo figurado, como *Infelix Dido, nunc te facta impia tangunt* “Ó infeliz Dido, agora os feitos ímpios te tocam”.

53. In imperatiuis uero prima persona singularis non potest esse, eo quod naturaliter imperans, ab eo, cui imperat, diuiditur.²⁷² Cum ergo prima persona est quae loquitur, ipsa sibi imperare non potest. Vnde hic modus uocatiuum casum asciscit, qui in secunda persona tantum inuenitur, ut ‘Doce, grammaticae’. Nam tertiae quoque personae imperantes, internuntia utimur secunda persona, ut ‘Grammaticae, legat discipulus tuus’. Ergo si absit secunda persona, non possumus

53. A primeira pessoa do imperativo singular não pode existir, pois naturalmente ao ordenar, separa-se daquele que ordena. Quando, então, a primeira pessoa é a que fala, ela não pode ordenar a si mesma. Daí, esse modo admite o caso vocativo, que é encontrado na segunda pessoa, como *doce, grammaticae* “ensina, ó gramático”. Agora, ao ordenar à terceira pessoa, pronunciamos a segunda pessoa como intermediária, como *Grammaticae, legat*

²⁷¹ palavra apagada antes de infelix P; infelix om. B

²⁷² diuiditur B

imperare tertiae, nisi figurate ad nosmetipsos loquentes quasi ad secundam personam. Pluralis uero numerus apud nos habet omnes personas. Potest enim per connumerationem aliquis sese illis, quibus imperat, adiungere, ut dux suos milites iubens committere praelium aptissime dicit, ‘Pugnemus, conflagamus’.

discipulus tuus. Logo, estando ausente a segunda pessoa, não podemos comandar na terceira, a não ser falando a nós mesmos figurativamente como para uma segunda pessoa. O número plural possui entre nós (os latinos) todas as pessoas. Alguém pode, ainda, por enumeração, se contar com aqueles que ordena, como um líder que, ordenando a seus soldados para se comprometer de maneira correta com a luta, diz: *Pugnemus, conflagamus* “Lutemos, combatamos”.

54. Infinita quoque et impersonalia et gerundia uel sopina carent personis naturaliter. Praeterea in uerbis a sono factis, ut ‘tinnit’ et similibus, non sunt querendi omnes motus declinationis.

54. Também, verbos infinitivos, impessoais e gerúndios ou supinos não possuem pessoas naturalmente. Principalmente em verbos feitos a partir do som, como *tinnit* “tilintar” e semelhantes, não se encontra todos os processos de flexão.

55. Similiter ‘pluit’ et ‘tonat’ et ‘fulminat’ et multa similia,^{273*274} quorum, quamuis prime persone proferri possint, tamen ad homines non pertinent, proprie quidem ad tertiam dicuntur personam.

55. Similarmente, existem *pluit* “chover” e *tonat* “trovejar” e *fulminat* “relampejar” e muitos verbos semelhantes, dos quais, embora possam ser proferidos na primeira pessoa, não pertencem a pessoas, e apropriadamente são expressos na terceira pessoa.

56. Repperiuntur etiam et alia uerba, que in usu deficiunt personis, ut ‘cedo’, ‘sodes’, ‘salve’, ‘furis’,⁸⁵ ‘aue’, ‘infit’, ‘foret’, (quamuis ‘infio’ et ‘furo’ inueniantur), et

56. Encontram-se também verbos que, em seu uso, não possuem pessoas, como *cedo*, *sodes*, *salve*, *furis*, *ave*, *infit*, *foret*, (às vezes encontra-se *infio* e *furo*) e *forem*,

²⁷³ multa similia: multa similia dicit ut est latrat, balat, ululat et similia (multa similia dicit *om. B*).

²⁷⁴ *om. B*

‘forem, fores, foret’; ‘fore’²⁷⁵ quoque infinitivum et ex quo ‘confore’ compositum.

De Numero Verborum²⁷⁶

57. Numerus²⁷⁷ accidit uerbis uterque, quomodo et omnibus casualibus: singularis, ut ‘lego’, pluralis, ut ‘legimus’. Necesse est autem in omnibus declinabilibus utrumque simul inueniri numerum et personam. Sciendum tamen quod, quamuis et in nominibus²⁷⁸ et pronomibus et in participiis inueniantur uoces communes singularis et pluralis numeri, in uerbo numquam hoc inuenitur apud Latinos, quomodo de nomine tractantes ostendimus.

De Coniugatione Activi Verbi²⁷⁹

58. Coniugatio²⁸⁰ est consequens uerborum declinatio, cuius regula cognoscitur solis uocalibus secunde persone, que per ordinem singulae locum apud Latinos optinent, quod in sequentibus mox tractabitur. Coniugatio autem nominatur, eo quod una eademque ratione declinationis plurima coniungantur uerba.

59. Omnia uerba, que secundum analogiam declinantur, in -o uel in -or desinunt, et coniugationes quattuor habent, cum apud

fores, foret; também o infinitivo *fore* e composto a partir dele, *confore*.

Do número dos verbos

57. O número ocorre aos verbos nas duas formas, como em todos os casos do singular, como “leio”, plural, como “lemos”. É necessário, porém, em todas as flexões de cada encontrar número e pessoa. Sabendo que embora se encontre vozes comuns nos números singular e plural nos nomes, pronomes e participios, no verbo nunca se encontra este entre os latinos, do modo como mostramos ao falar sobre os nomes.

Sobre a conjugação do verbo ativo

58. A conjugação é consequência da flexão dos verbos, cuja regra é conhecida apenas pelas vogais da segunda pessoa, que entre os latinos possuem uma ordem definida, o que será tratado em breve a seguir. É chamada conjugação porque através de uma só regra de flexão muitos verbos são conjugados (unidos).

59. Todos os verbos que são flexionados de forma regular terminam em -o ou em -or, e possuem quatro conjugações,

²⁷⁵ Foret B

²⁷⁶ DE NVMERO VERBORUM *maiúsculas rubricadas P, om. B*

²⁷⁷ *Maiúscula N rubricada P*

²⁷⁸ *corr. a partir de omnibus P*

²⁷⁹ DE CONIUGATIONE ACTIVI VERBI *maiúsculas rubricadas P, om., com espaço para o rubricador B*

²⁸⁰ C *maiúscula rubricada C P*

Grecos decem sint. Prima igitur est²⁸¹ coniugatio, cuius prima persona in -o desinens, mutat eam in-as productam, et facit secundam personam, ut ‘amo amas’. Secunda uero coniugatio est que -eo prime persone in -es productam conuertit in secunda persona, que semper in ea coniugatione una syllaba minor est, ut ‘doceo doces’. Tertia coniugatio est que in -io quidem desinens in prima persona, abiecta -o, assumit -s et facit secundam personam,²⁸² et minuitur una syllaba in secunda persona, ut ‘facio facis’. Alia uero quacumque littera antecedente -o in -is breuem conuertit in secunda persona, ut ‘ueho uehis’, ‘ruo ruis’, ‘lego legis’, ‘suo suis’. Quarta coniugatio primam personam in -io uel in -eo finit, quae in -is productam eis transuersis litteris facit secundam personam minorem una syllaba, ut ‘audio audis’, ‘eo is’.

60. -S uero finali secundae personae in -t conuersa, fit tertia persona in omni coniugatione, uocali tamen correpta ante t, ut est ‘amo amas amat’, ‘doceo doces docet’, ‘facio facis facit’, ‘Tego legis legit’, ‘audio audis audit’, ‘eo is it’. Interposita

embora sejam dez entre os gregos. A primeira conjugação é aquela cuja primeira pessoa termina em -o e que a muda para -as e assim forma a segunda pessoa, como *amo amas*. A segunda conjugação é aquela que transforma -eo, da primeira pessoa, em -es, convertendo-se em segunda pessoa e diminuindo uma sílaba na segunda pessoa, que sempre nessa conjugação tem uma sílaba a menos, como *doceo doces*. A terceira conjugação é a que, terminando em -io na primeira pessoa, retirando-se o -o, acrescenta-se -s e se faz a segunda pessoa, e se diminui uma sílaba na segunda pessoa, como *facio facis*. Qualquer outra letra antes de -o se converte em um -is breve na segunda pessoa, como *ueho uehis*, *ruo ruis*, *lego legis*, *suo suis*. A primeira pessoa da quarta conjugação termina em -io ou em -eo, pela qual trazida em -is, sendo transferidas as suas letras faz a segunda pessoa com uma sílaba a menos, como *audio audis*, *eo is*.

60. Sendo o -s final da terceira pessoa convertido em -t, faz-se a terceira pessoa em todas as conjugações, sendo reduzida a vogal antes do t, como é em *amo amas amat*, *doveo doces docet*, *facio faces facit*, *lego legis legit*, *audio audis audit*, *eo is it*.

²⁸¹ om.B

²⁸² om. B

uero *mu*, eadem secunda persona seruans -s suam primam personam²⁸³ pluralem facit, ut ‘amas amamus’, ‘doces docemus’, ‘legis legimus’, ‘audis audimus’. *Ti* uero interposita, secundam personam pluralem facit, ut ‘amas amatis’, ‘doces docetis’, ‘legis legitis’, ‘audis auditis’. Tertia uero persona pluralis in prima quidem et in secunda coniugatione, interposita *n* tertie personae singulari²⁸⁴ solet fieri, ut ‘amat amant’, ‘docet docent’. In tertia uero et in quarta coniugatione prime persone -o finalem in -unt conuertentes facimus tertiam personam pluralem, ut ‘facio faciunt’, ‘lego legunt’, ‘audio audiunt’, ‘eo eunt’.

61. Praeteritum imperfectum prime quidem et secundae coniugationis a secunda persona, abiecta -s finali et addita -bam syllaba, proferimus, ut ‘amas amabam’, ‘doces docebam’. Similiter fit in uerbis quarte coniugationis in -eo desinentibus, que aliter proferri non possunt, nisi *i* ante -bam seruetur,²⁸⁵ ut ‘eo is ibam’, ‘adeo adis adibam’, ‘exeo exis exhibam’, ‘ueneo uenis uenibam’, ‘queo quis quibam’. In aliis uero uerbis omnibus quarte coniugationis et tertie prime persone -o finalem in *e* productam conuertimus, et assumpta -bam facimus praeteritum imperfectum, ut ‘facio

Ao se interpor *mu*, com a segunda pessoa mantendo o -s, faz-se a primeira pessoa no plural, como *amas amamus, doces docemus, legis legimus, audis audimus*. Ao se interpor *ti*, a segunda pessoa faz seu plural, como *amas amatis, doces docetis, legis legitis, audis auditis*. A terceira pessoa do plural geralmente é feita na primeira e na segunda conjugação, ao interpor *n* na terceira pessoa do singular, como *amat amant, docet docent*. Nas terceira e quarta conjugações, convertendo-se o -o final da primeira pessoa em -unt, formamos a a terceira pessoa do plural, como *facio faciunt, lego legunt, audio audiunt, eo eunt*.

61. Expressamos o pretérito imperfeito da primeira e segunda conjugação da segunda pessoa retirando o -s final da segunda pessoa e adicionando a sílaba -bam, como *amas amabam, doces docebam*. Isso ocorre similarmente em verbos de quarta conjugação terminados em -eo, que não poderíamos pronunciar de outra maneira a não ser que se guardasse o *i* antes de -bam, como *eo is ibam, adeo adis adibam, exeo exit exhibam, ueneo uenis uenibam, queo quis quibam*. Em todos os outros verbos da quarta e terceira conjugação, convertemos o -o

²⁸³ Facit pluralem *B*

²⁸⁴ singularis *B*

²⁸⁵ corr. a partir de seruat *P*, seruat *B*

faciebam’, ‘audio audiebam’, licet nobis et maxime poetis etiam per sincopam in quarta coniugatione, ut ‘audibam’ et ‘munibam’ dicere et similia.

62. Omne igitur praeteritum perfectum primam personam in -i terminat, ut ‘amaui’, ‘docui’, ²⁸⁶‘legi’, ‘audiui’. Haec prima persona, assumpta -sti, facit secundam, ut ‘amaui amauisti’, ‘docui docuisti’, ²⁸⁷‘legi legisti’, ‘audiui-auiisti’. Prima item persona, -t assumpta sed correpta i, facit tertiam personam singularem, ut ‘amaui amauit’, ‘docui docuit’, ‘legi legit’, ‘audiui audiuit’ et reliqua. Haec prima persona, assumpta -mus, correpta i penultima, facit primam personam pluralem, ut ‘amaui amauimus’, ‘docui docuimus’, ‘legi legimus’, ‘audiui audiuiimus’. Secunda persona pluralis a sua singulari fit, addita -s, ut ‘amauisti amauistis’, ‘docuisti docuistis’, ‘legisti legistis’, ‘audisti audistis’, ‘comperisti comperistis’. Tertia autem a prima singulari nascitur, -i finali conuersa in e productam et addita -runt uel -re, ut ‘amauerunt’ uel ‘amauere’, ‘docuerunt docuere’, ‘legerent’ uel ‘legere’, ‘audierunt audiere,’ ‘compererunt’ uel ‘comperere’.

final da da primeira pessoa em e e, acrescentando -bam, formamos o pretérito imperfeito, como *facio faciebam, audio audiebam*, embora para nós e para os principais poetas se deva dizer por síncope na quarta conjugação, como *audibam, munibam* e similares.

62. Toda primeira pessoa do pretérito perfeito termina em -i, como *amavi, docui, legi, audiui*. Essa primeira pessoa, ao acrescentar -sti, faz a segunda pessoa, como *amaui amauisti, docui docuisti, legis legisti, audiui -diuisti*. A mesma primeira pessoa, acrescentando -t mas abreviando i, faz a terceira pessoa singular, como *amaui amauit, docui docuit, legi legit, audiui audiuit*, etc. A primeira pessoa, acrescentando -mus e abreviando o penúltimo i, faz a primeira pessoa do plural, como *amaui amauimus, docui docuimus, legi legimus, audiui audiuiimus*. A segunda pessoa do plural se faz a partir do seu singular acrescentando -s, como *amauisti amauistis, docuisti docuistis, legisti legistis, audisti audistis, comperisti comperistis*. A terceira surge da primeira do singular, transformando o -i final em e é acrescentando -runt ou -re, como *amauerunt* ou *amauere, docuerunt docuere, legerent* ou *legere, audierunt audiere, compererunt* ou *comperere*.

²⁸⁶ om. B

²⁸⁷ om. B

63. Praeteritum plusquam perfectum in omni coniugatione a preterito perfecto indicatiui fit, -i finali in e breuem conuersa et assumpta -ram, ut ‘amaui amaueram’, ‘docui docueram’, Tegi legeram’, ‘audii audieram’ uel ‘audiueram’, ‘comperi compereram’.

63. O pretérito mais que perfeito se faz em toda conjugação a partir do pretérito perfeito no indicativo, com o -i final se tornando um *e* breve e acrescentando-se -ram, como *amaui amaueram* “amei amara”, *docui docueram* “ensinei ensinara”, *legi legeram* “li lera”, *audii audieram* “ouvi ouvira” ou *audiueram*, *comperi compereram* “descobri descobrira”.

64. Futurum quidem primae et secunde coniugationis et quarte in -eo desinentibus a secunda persona, abiecta -s et assumpta -bo, solet fieri, ut ‘amas amabo’, ‘doces docebo’, ‘is ibo’, ‘uenis uenibo’, ‘quis quibo’.

64. Já (os verbos) no futuro da primeira e segunda e da quarta terminando em -eo costumam ser formados a partir da segunda pessoa, retirando-se -s e acrescentando-se *bo*, como *amas amabo* “amas, amarei”, *doces docebo* “ensinas ensinarei”, *is ibo* “vais irei”, *uenis uenibo* “vens, virei” *quis quibo* “és capaz, serei capaz”.

65. Tertiae uero coniugationis omnium uerborum futurum indicatiui et quartae coniugationis in -io desinentium a prima persona fit indicatiui presentis, -o finali in -am conuersa, ut ‘lego legam leges’, ‘audio audiam audies’.¹⁰⁰ Et notandum est quod in nullo alio modo in prima persona inuenies a uocalem ante m litteram, que transeat in aliam uocalem in secunda persona, nisi in supradicto futuro.¹⁰¹

65. A terceira conjugação de todos os verbos futuros do indicativo e da quarta conjugação (dos verbos) que terminam em -io se faz a partir da primeira pessoa do indicativo presente transformando o -o final em *am*, como em *lego legam leges* “leio lerei lerás”, *audio audiam audies* “ouço ouvirei ouvirás”. Note-se que em nenhum outro modo na primeira pessoa se encontra a vogal *a* antes da letra *m* e que se transforme em outra vogal na segunda pessoa, a não ser no futuro supracitado.

66. Omnis uero secunda persona imperatiui praesentis temporis fit a secunda persona indicatiui modi, abiecta -s. In tertia uero coniugatione etiam *i* in -e correptam conuertitur, ut ‘amas ama’, ‘doces doce’, ‘legis lege’ ‘audis audi’. Ideo autem *i* in *e* conuertit tertia coniugatio, quia tempus debens reseruare, quod habuit secunda persona indicatiui modi, non poterat finalem -i corripere.¹⁰²

67. Tertia uero persona eiusdem imperatiui a prima persona indicatiui fit, -o finali in prima coniugatione quidem in -et, in aliis uero coniugationibus in -at conuersa, ut ‘amo amet’, ‘doceo doceat’, ‘lego legat’, ‘audio audiat’. Haec autem eadem tertia persona, abiecta -t et producta *e* uel *a* et assumpta -mus, facit suam primam personam pluralem, ut ‘amet amemus’, ‘doceat doceamus’, ‘legat legamus’, ‘audiat audiamus’. Secunda uero persona pluralis a sua²⁸⁸ singulari fit, addita -te syllaba, ut ‘ama amate’, ‘doce docete’, ‘lege legite’, ‘audi audite’. Et notandum est quod in tertia coniugatione -e finalis, quae loco *i* correpte ponitur, in plurali numero eiusdem persone in penultimo loco, in quo licet inueniri *i* correpta, redit in *i*, ut ‘legite’, non ‘legete’. Tertia uero persona pluralis

66. Toda segunda pessoa do imperativo presente se faz a partir da segunda pessoa do modo indicativo, retirando-se -s. Na terceira conjugação, porém, *i* é convertido ainda em -e breve, como em *amas ama* “amas, ama”, *doces doce* “ensinas ensina”, *legis lege* “lês lê”, *audis audi* “ouves ouve”. Porém, a terceira conjugação transforma *i* em *e*, porque tendo que manter o tempo verbal, que teve a segunda pessoa do modo indicativo, não pôde abreviar o -i final.

67. A terceira pessoa do imperativo se faz a partir da primeira pessoa do indicativo mudando o -o final em -et na primeira conjugação e nas outras conjugações em -at, como *amo amet* “amo, que ele ame”, *doceo doceat* “ensino, que ele ensine”, *lego legat* “leio, que ele leia” *audio audiat* “ouço, que ele ouça”. Essa mesma terceira pessoa forma sua primeira pessoa no plural eliminando -t, alongando *e* ou *a* e acrescentando -mus, como *amet amemus* “que ame, amemos”, *doceat doceamus* “que ensine, ensinemos”, *legat legamus* “que leia, leiamos”, *audiat audiamus* “que ouça, ouçamos”. Já a segunda pessoa do plural se faz a partir do singular, acrescentando-se a sílaba -te, como *ama amate* “ama, amai”, *doce docete* “ensina ensinai”, *lege legite* “lê leiam”, *audi*

²⁸⁸ Sua a *P*

imperatiui modi in omni coniugatione a singulari sua fit, interposita *n* littera, ut ‘amet ament’, ‘doceat doceant’, ‘legat legant’, ‘audiat audiant’. Futurum imperatiui secundae et tertiae persone commune est. Et addita *-to* secundae personae presentis temporis syllaba, fit, ut ‘ama amato’, ‘doce doceto’, ‘lege legito’, ‘audi audito’. Hic quoque notandum est, quod *-e* finalis in *i* redit in penultima syllaba propter supradictam rationem, ut ‘lege legito’. Hic addentes *-te* syllabam, facimus secundam personam pluralem imperatiui futuri, ut ‘amato amatote’, ‘doceto docetote’, ‘legito legitote’, ‘audito auditote’. Tertia uero persona pluralis imperatiui tertia persona plurali indicatiui presentis temporis in omni coniugatione fit, adiecta *-o*, ut ‘amant amanto’, ‘docent docento’, ‘legunt legunto’, ‘audiunt audiunto’, ‘eunt eunto’.¹⁰³

68. Optatiui modi praesens tempus et praeteritum imperfectum in omni coniugatione fit a secunda persona imperatiui, assumpta *-rem* syllaba: ‘ama, utinam amarem’, ‘doce, utinam docerem’, ‘lege, utinam legerem’, ‘audi, utinam audirem’. Praeteritum uero perfectum et plusquam perfectum eiusdem modi fit a praeterito perfecto indicatiui, assumpta *s* et *-sem*, ut ‘amaui, utinam amauissem’, ‘docui, utinam docuissem’, ‘legi, utinam

audite “ouça, ouçam”. Deve-se notar que, na terceira conjugação, o *-e* final, que é colocado no lugar do *i* breve, volta a ser *i* no plural da mesma pessoa no penúltimo lugar, no qual se costuma encontrar um *i* breve, então se forma *legite* não *legete*. A terceira pessoa do plural do modo imperativo em toda conjugação se faz a partir do seu singular, acrescentando-se a letra *n*, como *amet ament* “que ele(a) ame, que eles (as) amem, *doceat doceant* “que ele(a) ensine, que eles (as) ensinem, *legat legant* “que ele (a) ensine, que eles (as) ensinem, *audiat audiant* “que ele (a) ouça, que eles (as) ouçam”.

O futuro do imperativo da segunda e terceira pessoas é comum. E se faz acrescentando-se a sílaba *-to* à segunda pessoa do tempo presente, como *ama amato* “ama, que ame”, *doce doceto* “ensina, que ensine”, *lege legito* “lê, que ele leia”

68. O presente e pretérito imperfeito do modo optativo em toda conjugação faz a partir da segunda pessoa do imperativo, acrescentando-se a sílaba *-rem*. *Ama utinam amarem* “ama Queria que você amasse”; *doce, utinam docerem* “ensina, queria que você ensinasse”, *lege, utinam legerem* “lê, queria que lesse”, *audi, utinam audirem* “ouve, queria que escutasse”. O pretérito perfeito e o mais que perfeito. Do mesmo modo se faz a

legissem’, ‘audiui, utinam audiuissem’ et reliqua. Futurum optatiui facimus a prima persona indicatiui, -o in -em conuertentes in prima coniugatione, in aliis uero coniugationibus in -am, ut ‘amo, utinam amem’, ‘doceo doceam’, ‘lego legam’, ‘audio audiam’. Simile est praesens coniunctatiuum futuro optatiui, ut ‘cum amem’, ‘cum doceam’, ‘cum legam’, ‘cum audiam’. Preteritum quoque imperfectum subiunctiui simile est praesenti et preterito imperfecto optatiui, ut ‘cum amarem’, ‘cum docerem’, ‘cum legerem’, ‘cum audirem’. Preteritum quoque perfectum subiunctiui a preterito perfecto indicatiui modi fit, quod mutat -i finalem in e correptam et assumpta -rim, ut ‘amaui, cum amauerim’, ‘docui, cum docuerim’, ‘legi, cum legerim’, ‘audiui, cum audiuerim’. Idem est et futurum eiusdem modi prima persona, tantummodo mutante -im in -o, ‘cum amauerim, amauero, amaueris, amauerit, amauerimus, amaueritis, amauerint’. Similiter ‘cum docuerim, cum²⁸⁹ docuero, cum²⁹⁰ docueris, docuerit, docuerimus, docueritis, docuerint’; ‘cum²⁹¹ legerim, legero, legeris, legerit, legerimus, legeritis, legerint’. Preterito perfecto et plusquam perfecto optatiui, preteritum plusquam perfectum subiunctiui simile est, ut ‘cum

partir do pretérito perfeito do indicativo, acrescentando-se *s* e *-sem*, como *amavi* “amei”, *utinam amarem* “gostaria que eu tivesse amado”, *docui* “ensinei” *utinam docuissem* “queria que eu tivesse ensinado”, *legi* “li”, *utinam legissem* “queria que eu tivesse lido”, *audiui* “ouvi”, *utinam audissem* “queria que eu tivesse ouvido” e o restante. O futuro do optativo fazemos com a primeira pessoa do indicativo, transformando -o em -em na primeira conjugação, mas em -am nas outras conjugações, como *amo, utinam amem* “que eu ame”, *doceo doceam* “que eu ensine” *lego legam* “que eu leia”, *audio audiam* “que eu ouça”. O presente conjuntivo é semelhante ao futuro do optativo, como *cum amem* “como eu ame”, *cum doceam* “como eu ensine”, *cum legam* “como eu leia”, *cum audiam* “como eu ouça”. Já o pretérito imperfeito do subjuntivo é semelhante ao presente e ao pretérito imperfeito do optativo, como *cum amarem* “como eu tivesse amado”, *cum docerem* “como eu tivesse ensinado”, *cum legerem* “como eu tivesse lido”, *cum audirem* “como eu tivesse ouvido”. O pretérito perfeito do subjuntivo se faz a partir do pretérito perfeito do modo indicativo, pois muda o -i final em *e* breve e acrescenta-se -rim, como *amaui, cum*

²⁸⁹ *om.P*

²⁹⁰ *om.P*

²⁹¹ *om.P*

amauissem’, ‘docuisssem’, ‘legissem’,
‘audiuissem’ et reliqua.

amaverim “como tivesse amado”, *docui, cum docuerim* “como eu tivesse ensinado”, *legi, cum lingerie* “como eu tivesse lido”, *audi, cum audiverim* “como eu tivesse ouvido”. Do mesmo modo pe o futuro do mesmo modo na primeira pessoa mudando *-im* em *o*, cum *amauerim, amauero, amaueris mauerit, amauerimus, amaueritis, amauerint*". Similarmente **cum docuerim cum' docuero, cum docueris, docuerit, docuerimus, docueritis, docuerint"* *cum' legerim, legero, legeris, legerit, legerimus, legeritis, legerint*. O pretérito mais que perfeito do subjuntivo é semelhante ao pretérito perfeito e o mais que perfeito do optativo, como *cum amauissem', docuisssem', 'legissem 'audiuissem'* e o resto.

69. Infinitiva in omni coniugatione fiunt presentis temporis a secunda persona imperatiui, addita *-re*, ut ‘ama²⁹² amare’, ‘doce docere’, ‘lege legere’, ‘audi audire’. Praeteritum perfectum infinitiui a preterito perfecto et plusquam perfecto optatiui fit, abiecta *-m*, ut ‘ama amauissem amauisse’, ‘docuisssem docuisse’, ‘legissem legisse’, ‘audiuissem audiuisse’ uel ‘audisse’ et reliqua. Futurum uero fit per sopinum in *-tum* desinens et per uerbum ‘ire’, ut ‘amatum ire’, ‘doctum ire’, ‘lectum ire’,

69. Os infinitivos, em toda conjugação, fazem do tempo presente a partir da segunda pessoa do imperativo, acrescentando-se *-re*, como *ama, amare* “ama, amar”, *doce docere* “ensina, ensinar”, *lege legere* “lê, ler”, *audi audire* “ouve, ouvir”. O pretérito perfeito do infinitivo se faz a partir do pretérito perfeito e mais que perfeito do optativo, retirando-se *-m*, como *ama amauissem amauisse, docuisssem docuisse, legissem*

²⁹² ma *P*

‘auditum ire’. Vel fit per participium futurum in -rum et per uerbum ‘esse’, ut ‘amaturum esse’, ‘docturum esse’, ‘lecturum esse’, ‘auditurum esse’.

70. Participalia²⁹³ uerba uel sopina uel gerundia, que tres casus uidentur habere et infinitiui loco cum articulo coniuncti apud Grecos accipiuntur, nascuntur a participio praesentis temporis, -s in d²⁹⁴ conuersa et addita -i uel -o uel -um, ut ‘amans, amandi, -do, -dum’. Sunt et alia duo ad formam participii praeteriti temporis in -um uel in -u, ut ‘amatum amatu’. Sed hoc interest inter ‘amandum’ et ‘amatum’, quod ‘amandum’ necessitatem amoris significat,²⁹⁵ ‘amatum’ uero initionem ad amorem significat.²⁹⁶ Similiter est ‘amando’, ‘in ipso amore’. ‘Amatu’ uero pro amatione uel amore, id est pro ipsa re, accipitur. Sed de his supra latius tractauimus.

De Verbis Passiuis²⁹⁷

legisse, audiuissem audiuisse ou *audisse* e o restante. Já o futuro é feito através do supino terminando em -*tum* e e pelo verbo *ire*, como *amatum ire, doctum ire, lectum ire, auditum ire*. Ou se faz pelo participio futuro em -*rum* e pelo verbo *esse*, como *amaturum esse, docturum esse, lecturum esse, auditurum esse*.

70. Verbos participios ou supinos ou gerúndios, que parecem possuir três casos, e no lugar do infinitivo com o artigo conjuntivo entre os gregos recebem do participio do tempo presente, -s transformada em *do* e adicionada -i ou -c ou -um, como *amans, amandi, -do, -dum*. Há ainda outras duas à forma do participio do tempo pretérito perfeito em -um ou em -u, como *amatum, amatu*. Mas esse está entre *amandum* e *amatum*, pois *amandum* significa “necessidade de amor” *amatum*, porém, significa intenção de amar. Similarmente é *amando, ipso amore*. *Amatu* de fato por *ação de amar* ou *amor*, isso é, é aceito no lugar da mesma coisa. Mas sobre isso acima tratamos mais largamente.

Sobre os verbos passivos

²⁹³ Participalia B

²⁹⁴ om. B

²⁹⁵ adicionado com marca de inserção P

²⁹⁶ adicionado com marca de inserção P

²⁹⁷ DE VERBIS PASSIVIS maiúsculas rubricadas P

71. Passiua²⁹⁸ uerba ex actiuis fiunt hoc modo: actiua uerba, cuiuscumque sint coniugationis, in quocumque tempore uel modo uel persona in -o desinentia, assumunt -r litteram et faciunt ex se passiua sua, ut ‘amo amor’, ‘amabo amabor’, ‘amato amator’, ‘amanto amantor’, ‘doceo doceor’, ‘docebo docebor’, ‘doceto docetor’, ‘docento docentor’, ‘lego legor’, ‘legito legitor’, ‘legunto leguntor’, ‘audio audior’, ‘audio auditor’, ‘audiunto audiuntor’. Omnis secunda persona passiu in presenti et in preterito imperfecto et in futuro indicatiui et optatiui ab actiua sua fit, interposita ri, sed in tertia coniugatione pro i penultima e correptam²⁹⁹ habet. Sed -ris etiam in -re conuersa, solet eadem secunda persona in omni coniugatione proferri, ut ‘amas amaris’ uel ‘amare’, ‘doces doceris’ uel ‘docere’, ‘legis legeris’ uel ‘legere’, ‘audis audiris’ uel ‘audire’. Tertia persona ab actiua sua, ³⁰⁰adiecta-ur, solet fieri,³⁰¹ ut ‘amat amator’, ‘docet docetur’, ‘legit legitur’, ‘audit auditur’. Sed penultima in omnibus coniugationibus producit syllaba, excepta tertia correpta coniugatione. Prima et secunda persona pluralis a secunda persona actiui, abiecta -s et addita -mur et -mini, fiunt, ut ‘amas, amamur, amamini’; ‘doces, docemur,

71. Os verbos passivos se fazem a partir dos ativos deste modo: os verbos ativos, de quaisquer conjugações que sejam, em qualquer tempi ou modo ou pessoa -*in desinentia*, acrescentam a letra -*r* e formam a sua passiva a partir de si mesmos, como *amo amor* “amo, sou amado”, *amabo amabor* “amarei, serei amado”, *amanto amantor* “devem amar, devem ser amados”, *doceo doceor* “ensino, sou ensinado”, *docebo docebor* “ensinarei, serei ensinado”, *doceto docetor* “ele deve ensinar, ele deve ser ensinado”, *docento docentor* “eles devem ensinar, eles devem ser ensinados”, *lego legor* “leio, sou lido”, *legito legitor* “ele deve ler, ele deve ser lido”, *legunto leguntor* “devem ler, devem ser lidos”, *audio audior* “ouço, sou ouvido”, *audio auditor* “ele deve ouvir, ele deve ser ouvido(a)”, *audiunto audiuntor* “devem ouvir, devem ser ouvidos”. Todos os verbos na segunda pessoa do passivo o presente é no pretérito imperfeito e no futuro indicativo é optativo se faz a partir de sua forma ativa, acrescentando-se -*ri*, mas na terceira conjugação possui *e* breve no lugar de *i*. Mas a mesma segunda pessoa, transformando -*ris*, em -*re*, pode ser pronunciada em todas as conjugações,

²⁹⁸ maiúscula P rubricada P

²⁹⁹ correctam P

³⁰⁰ Solet fieri *adiecta ur B*

³⁰¹ Solet fieri *adiecta ur B*

docemini'; Tegis, legimur, legimini'; 'audis, audimur, audimini'. Et in omni coniugatione penultima prime persone et antepenultima³⁰² uero secundae persone producitur syllaba, absque tertia coniugatione. Tertia uero persona pluralis passiuu uerbi ab actiua sua fit, addita -ur, ut 'amant amantur', 'docent docentur', Tegunt leguntur', 'audiunt audiuntur'. Quae uero uerba in -m desinunt ab actiuis prime persone per omnis coniugationes et per modos in praesenti tempore uel in praeterito imperfecto uel in futuro, -m in -r conuertentia faciunt passiuu, ut 'amabam, amabar, utinam amarem, amarer'; 'docebam, docebar, utinam docerem, docerer'; Tegebam, legebar, utinam legerem, legerer'; 'audiebam, audiebar, utinam audirem, audirer'; 'utinam amem, amer', 'doceam docear', Tegam legar', 'audiam audiar'. Ceteras uero personas secundum predictam regulam declinamus. Omne praeteritum perfectum et plusquam perfectum passiuorum uel similium passiuus per participium praeteriti temporis et per 'sum' uerbum declinantur. Passiua uerba imperatiui secundae persone in omni coniugatione similia sunt infinitiuis actiuis, ut 'amare', 'docere', 'legere', 'audire'. Tertia uero persona passiuu imperatiui a tertia persona actiui uerbi fit, addita -ur, ut 'amet, ametur, ament, amentur'; 'doceat,

como *amas amaris* ou *amare* "amas, és amado", *doces doceris* ou *docere* "ensinas, és ensinado", *legis legeris* ou *legere* "lês, és lido", *audis audiri* ou *audire* "ouves, és ouvido". A terceira pessoa costuma ser formada a partir de sua (forma) ativa, acrescentando-se -ur, como *amat amatur* "ama, é amado", *docet docetur* "ensina, é ensinado", *legit legitur* "lê, é lido", *audi auditur* "ouve, é ouvido". Mas a penúltima sílaba é longa em todas as conjugações, exceto a breve na terceira conjugação. As primeira e segunda pessoas do plural se fazem a partir da segunda pessoa ativa, retirando-se -s e acrescentando-se -mur e -mini, como *amas, amamur, amamini* "somos amados, sois amados", *doces, docemur, docemini* "somos ensinados, sois ensinados", *legis, legimur, legimini* "somos lidos, sois lidos", *audis, audimur, audimini* "somos ouvidos, sois ouvidos". E em toda conjugação a penúltima sílaba da primeira pessoa e a antepenúltima da segunda pessoa são longas, exceto na terceira conjugação. Já a terceira pessoa do plural do verbo passivo se faz a partir de sua (forma) ativa acrescentando-se -ur, como *amant amamur* "amam, são amados", *docent, docentur* "ensinam, são ensinados", *legunt, leguntur* "leem, são lidos", *audiunt, audiuntur* "ouvem, são

³⁰² antepenultim B

doceatur, doceant, doceantur'; Tegat, legatur, legant, legantur'; 'audiat, audiat, audiant, audiantur'. Pluralia uero tertiae persone secundum terminationem aequaliter declinantur, addita -m pro -t in prima persona, interposita n in tertia persona, ut 'amet, amemur, amentur'. Nam secunda persona imperatiui modi similis est indicatiui secunde persone, quomodo est et apud Grecos: 'amamini', 'docemini', 'legimini', 'audimini' et reliqua. Futurum imperatiui secundum supradictam regulam fit ab actiuo modo in -o desinente, addita -r, ut 'amato amator', 'doceto docetor', Tegito legitor', 'audito auditor' et cetera. Similiter declinantur in tertia persona plurali, ut 'amanto amantor', 'docento docentor', Tegunto leguntor', 'audiunto audiuntor'. Secunda uero persona pluralis fit a secunda persona plurali indicatiui, mutatione -i finalis in -or, ut 'amamini amaminor', 'docemini doceminor', Tegimini legiminor', 'audimini audiminor'. Omnium modorum praeteritum perfectum et plusquam perfectum, sicut supradictum est, per participium preteriti temporis et 'sum' uerbi declinationem proferuntur; subiunctiuui uero etiam futurum, ut 'amatus sum' uel 'fui', 'amatus eram' uel 'fueram', 'utinam amatus essem' uel 'fuissem', 'cum

ouidos". Esses verbos terminam em -m, surgindo a partir dos ativos da primeira pessoa, em todas as conjugações e modos no tempo presente ou no pretérito imperfeito ou no futuro, e fazem a passiva transformando em -m em -r, como *amabam, amabar* "amava, era amado", *utinam amarem, amarer; docebam, docebar, utinam docerem, docerer; legebam, legebar, utinam legerem, legerer; audiebam, audiebar, utinam audirem, audirer; utinam amem, amer; doceam docear; legam legar; audiam audiar*. Flexionamos as outras pessoas de acordo com a regra mencionada anteriormente. Todo pretérito perfeito e mais que perfeito dos passivos ou semelhantes aos passivos são flexionados pelo participio do tempo pretérito e pelo verbo *sum* "ser". Em todas as conjugações os verbos passivos do imperativo da segunda pessoa são semelhantes aos infinitivos ativos, como *amare, docere legere, audire*. Já a terceira pessoa do passivo imperativo se faz a partir da terceira pessoa do verbo ativo acrescentando-se -ur, como *amet, ametur, ament, amentur; doceat, doceatur, doceant, doceantur; legat, legatur, legant, legantur; audiat, audiat, audiant, audiantur*. Os plurais se

amatus sim' uel ³⁰³'cum amatus³⁰⁴ fuerim', 'cum amatus ero' uel³⁰⁵ 'cum amatus³⁰⁶ fuero'. Infinitiva uerba passiva ab actiuis fiunt mutatione-e finalis in -i (absque tertia coniugatione; in illa enim, abiecta extrema syllaba, penultima e in i conuertitur), ut 'amare amari', 'docere doceri', 'legere legi', 'audire audiri'. Infinitivi uero passivi fit preteritum perfectum per participium neutri generis et per uerbum 'esse' uel 'fuisse', ut 'amatum esse' uel 'amatum³⁰⁷ fuisse', 'doctum esse' uel 'fuisse', 'lectum³⁰⁸ esse' uel 'lectum' fuisse', 'auditum esse' uel 'fuisse'. Futurum tempus fit per participium simile et 'iri' uerbum, ut 'amatum iri', 'doctum iri', 'lectum iri', 'auditum iri'.

flexionam igualmente segundo a terminação da terceira pessoa, acrescentando-se *-m* no lugar de *-t* na primeira pessoa, entrepondo *n* na terceira pessoa, como *ametur*, *amemur*, *amentur*. Já a segunda pessoa do modo imperativo é similar ao indicativo da segunda pessoa, da forma como é entre os gregos: *amamini*, *docemini*, *legimini*, *audimini* e assim por diante. O futuro do imperativo se faz segundo a regra já mencionada a partir do modo ativo terminando em *-o*, acrescentando-se *-r*, como *amato*, *amator*, *doceto*, *doctor*, *legito* *legitor*, *audito*, *auditor* etc. Similarmente, são flexionados na terceira pessoa do plural, como *amanto*, *amantor*, *docento*, *docentor*, *legunto*, *leguntor*, *audiunto*, *audiuntor*. Já a segunda pessoa do plural se faz a partir da segunda pessoa do plural do indicativo, com a transformação do *-i* final em *-or*, como *amamini*, *amaminor*, *docemini* *doceminor*, *legimini* *legiminor*, *audimini* *audiminor*. De todos os modos, o pretérito perfeito e o mais que perfeito, como dito acima, são formados pelo participio do tempo pretérito e do verbo *sum*; ainda, o futuro do subjuntivo, como *amatus sum* ou *fui*, *amatus eram* ou *fueram*, *utinam*

³⁰³ *om.B*

³⁰⁴ *om.B*

³⁰⁵ *om.B*

³⁰⁶ *om.B*

³⁰⁷ *om.B*

³⁰⁸ *om.B*

amatus esses ou *fuissem*, *cum amatus sim* ou *cum amatus fuerim*, *cum amatus ero* ou *cum amatus fuero*. Os verbos infinitivos passivos se fazem a partir dos ativos pela transformação do *-e* final em *-i* (exceto a terceira conjugação); nela, retirada a última sílaba, a penúltima *e* se transforma em *i*), como *amare amari*, *docere doceri*, *legere legi*, *audire audiri*. Já o pretérito perfeito do infinitivo passivo se faz pelo particípio de gênero neutro e pelo verbo *esse* ou *fuisse*, como *amatum esse* ou *amatum fuisse*, *doctum esse* ou *fuisse*, *lectum esse* ou *lectum fuisse*, *auditum esse* ou *fuisse*. O tempo futuro se faz a partir do particípio igualmente e do verbo *iri*, como *amatum iri*, *doctum iri*, *lectum iri*, *auditum iri*.

72. Anomalorum quoque uerborum declinatio tractanda est. ‘Fero’ per concisionem i litterae facit secundam et tertiam personam, ut ‘fers fert’, differentiae causa, ne si ‘feris ferit’ diceremus, putaretur esse a ‘ferio’; similiter secundam pluralem ‘fertis’ pro ‘feritis’. In omnibus enim aliis modis tertiae coniugationis seruat regulam, exceptis illis que solent a secunda persona nasci, in quibus seruat eiusdem persone concisionem, ut ‘fers, fer, ferte, ferto, fertote, ferrem, ferre’.

72. A flexão dos verbos anômalos deve também ser tratada. *Fero* forma a segunda e terceira pessoas pela perda da letra *i*, como *fers fert* por causa de diferenciação, pois se disséssemos *feris ferit*, pensaria-se vir de *ferio*; similarmente, a segunda pessoa do plural *férteis* no lugar de *feritis*. Em todos os outros modos siga-se a regra da terceira conjugação, exceto naqueles que costumam vir da segunda pessoa, nos quais se mantém a mesma contração da pessoa, como *fers, fer ferte, ferto, fertote, ferrem, ferre*.

73. ‘Volo’ quoque secundam personam facit ‘uis’, ne si ‘uolis’ diceretur, dativus uel ablativus estimaretur nominis, quod est ‘haec uola’.^{309*} Tertia per concisionem i profertur ‘uult’ pro ‘uolit’, mutata³¹⁰ o in u. Prima pluralis pro i u habet penultimam, ‘uolumus’ pro ‘uolimus’. Secunda per concisionem i profertur tertie persone singulari, addita -is, ut ‘uultis’. Tertia regulam tertie coniugationis seruat; similiter in reliquis indicatiui modi. In imperatiuo deficit quippe³¹¹ corrupta secunda³¹² persona indicatiui, ex quo solet imperatiui secunda persona nasci. Sed utimur pro hoc subiunctiuo, ‘uelis uelit’. Iure tamen deficit imperativus in hoc uerbo, quia imperativus modus necessitatem significat. Voluntas autem libera esse debet. Itaque hoc uerbum, quod carere debet necessitate, caret imperatiuo. Ex hoc tamen, compositum habet imperativum in secunda persona in -i desinentem, ut ‘noli’. Optativus eiusdem uerbi in presenti et in³¹³ praeterito imperfecto et futuro corrumpit regulam, ut ‘uellem uelim’. Et presentis uel praeteriti imperfecti causa est corruptionis secunda persona indicatiui, ex qua oritur^{314*} futuri^{315*} anceps significatio, que fieret si

73. *Volo* faz *vis* na segunda pessoa, para que não se diga *volis*, dativo ou ablativo de um nome, que é *vola*. A terceira por perda do *i* é pronunciada *vult* no lugar de *volit*, transformando *o* em *u*. A primeira do plural possui *u* na penúltima (sílabas) no lugar de *i*, *volumus* no lugar de *volimus*. A segunda pronuncia o *i* da terceira pessoa do singular, acrescentando-se -is, como *uultis*. A terceira segue a regra da terceira conjugação: similarmente nos restantes do modo indicativo. No imperativo, a segunda pessoa irregular do indicativo é, naturalmente, defectiva, a partir do que costuma nascer a segunda pessoa. Mas pronunciamos no lugar deste o subjuntivo *velis velit*. Certamente é defectivo ainda o imperativo nesse verbo, pois o modo imperativo significa necessidade. A vontade, porém, deve ser livre. Por isso esse verbo, que deve carecer de necessidade, não possui imperativo. A partir disso, ainda, possui um composto imperativo na segunda pessoa terminando em -i, como *noli* “não queiras”. O optativo do mesmo verbo no presente e no pretérito perfeito e no futuro foge à regra, como *vellem velim*. E a causa (para) o presente e

³⁰⁹ uola: .i. ir *B*

³¹⁰ om. *B*

³¹¹ secunda corrupta *B*

³¹² secunda corrupta

³¹³ om. *P*

³¹⁴ oritur: s. corruptione

³¹⁵ futuri: optatiui

‘uolam uolas uolat’^{316*} diceremus. Alia uero omnia, quae a prima persona solent nasci, regulam tertiae coniugationis seruant.

74. ‘Edo’^{*317} quoque per sincopam, id est per concisionem d litterae, facit secundam personam, et per sineresin e et i in ei dyptongon coacta et ei dyptongo in e productam conuersa differentiae causa, ne si ‘edis’ diceremus, dubitatio fieret, quomodo deberemus pronuntiare e, productam an correptam.¹¹⁶ Verum ne dubitatio esset ad uerbum ‘eo is’, ideo concisio d in prima persona non est facta. Tertia nascitur a secunda, addita -t: ‘es est’, sicut et in uerbo ‘sum’. Id quoque differentiae causa fit, ne coniunctio ‘et’ putaretur, si secundum proportionem aliorum uerborum -s in -t conuerteretur.¹¹⁷ In plurali uero numero et in reliquis indicatiui uel omnibus, quae solent nasci a prima persona tertiae coniugationis, seruat regulam, id est in tertia persona imperatiui, ‘edat’, et futuro optatiui et praesente subiunctiui, ‘edam, edas, edat’. In omnibus uero, quae solent a secunda nasci persona, corrumpitur, ‘es’ tamen producta seruata

o pretérito imperfeito (serem irregulares) é da corrupção do indicativo na segunda pessoa, a partir da qual surge a significação ambígua do futuro, que ocorreria se disséssemos *volam uolas uolat*. Mas todas as outras costumam surgir da primeira pessoa, seguindo a regra da terceira conjugação.

74. *Edo* “comer” também por síncope, isso é, por perda da letra *d*, faz a segunda pessoa, e pela sinerese *e* e *i* transformada no ditongo *ei*, e o ditongo *ei* transformado em *e* longo por causa de uma diferença, para que se disséssemos *edis* não houvesse dúvidas sobre como deveríamos pronunciar *e*, se longa ou breve. Para que não houvesse dúvida quanto ao verbo *eo is*, da mesma forma a concisão de *d* na primeira pessoa não é feita. A terceira surge a partir da segunda, acrescentando-se *-t es est*, como no verbo *sum*. Isso também ocorre por diferenciação, para que não se pense ser a conjugação *e*, se converteria se segundo a proporção dos outros verbos *-s* em *-t*. No plural, de fato, para o número e para os outros do indicativo ou todos, que costumam surgir da primeira pessoa da terceira conjugação, segue a regra, isso é, na terceira do imperativo, *edat* “que ele coma” e no presente do subjuntivo, *edam*,

³¹⁶ Uolam...uolat: quod est prime coniugationis ad aues pertinens

³¹⁷ Edo: Edo quando scribet significat uel parturio *B*

ubique, sicut in secunda persona indicatiui, ex qua accepta est, ‘es, est, este, esto,’³¹⁸ estote, essem, esse’.

75. ‘Sum’ quoque ex Greco ‘heimi’³¹⁹* commutatur per abscisionem -i finalis et per additionem S in principio loco aspirationis, sicut ‘hex, sex’ ‘hepta septem’, ‘hemis semis’, et per mutationem ei in u: ‘heimi sum’. cuius declinatio haec est: sum, es, est’, et pluraliter sumus. estis. sunt’; praeterito imperfecto ‘eram, eras, erat’ et pluraliter ‘eramus, eratis, erant’. Nam praeteritum perfectum et cetera omnia declinatione passiuorum uerborum habentur. excepto futuro indicatiui modi, ‘ero, eris, erit’ et pluraliter ‘erimus, eritis, erunt’, et imperatiuo ‘sis’, uel ‘es, sit’, et pluraliter ‘simus, sitis,’³²⁰ sint’; tempore futuro ‘esto’ uel ‘sis, sit’, et pluraliter ‘estote, sunt’ uel ‘suntote’; futuro optatiui, ‘utinam sim, sis, sit’ et pluraliter ‘utinam simus, sitis, sint’ cui simile est praesens subiunctiui.

edas, edat. Em todos que costumam surgir da segunda pessoa, são irregulares, *es* mantida longa em todo lugar como na segunda pessoa do indicativo, da qual é tomada, *es, est, este, esto, etote, essem, esse*.

75. *Sum* ainda é alterado a partir do grego *heimi* pela retirada do -i final e pela adição de *s* no início do lugar de aspiração, como *hex, sex hepta septem, hemis semis*, e pela transformação de *ei* em *u*: *heimi sum*, cuja declinação é esta: *sum, es, est* e *sumus, estis, sunt* no plural; no pretérito imperfeito *eram, eras, erat* e *eramus, eratis, erant* no plural. Já o pretérito perfeito e todos os outros estão contidos na declinação dos verbos passivos, exceto o futuro do modo indicativo, *ero, eris, erit* e *erimus, eritis, erunt* no plural *erimus, eritis, erunt*, e no imperativo *sis* ou *es, sit*, e no plural *simus, sitis, sint*; no tempo futuro *esto* ou *sis, sit*, e no plural *estote, sunt* ou *suntote*; no futuro do optativo, *utinam sim, sis, sit* “queria que eu fosse, tu fosses, ele fosse” e *utinam simus, sitis, sint* “queria que fôssemos, fôsseis, eles fossem” no plural, o qual é semelhante ao presente do subjuntivo.

³¹⁸ *om. B*

³¹⁹ *heimi*: Quod latini dicunt sum, hoc Greci HEIMI, Latini uero breuiantes, s in principio loco h posuerunt, ei in u mutando et abscisa -i finali sum fecerunt.

³²⁰ *tis P*

Incipiunt Octo Forme Praeteriti Perfecti
Omnium Verborum³²¹

76. Iam³²² enim singulis accidentibus verbi transcursis, conemur nunc de praeterito perfecto eiusdem aliquid enucleatius disserere, in quo maxima uersatur ambiguitas.

77. Sunt³²³ igitur forme generales preteriti perfecti octo. Prima in -ui syllabam, secunda in -ii tertia in -ui diuisas, quarta in -si, quinta in -xi, sexta in -i, antecedente consonante (que in praesenti tempore ante -o uel -eo uel -io inuenitur), septima que in principio geminat consonantem, octaua que in fine.

78. Et in -ui quidem quattuor coniugationum^{324*} uerba terminant, in -ii uero tertiae^{325*} et quartae coniugationis.^{326*} In -ui diuisas^{327*} omnium coniugationum uerba inueniuntur terminantia. In -si secunde,^{328*} tertiae et quarte. In -xi similiter secundae^{329*} et tertiae et quarte.^{330*} -I habent post consonantem^{331*} positam ante -o uel -eo uel -io praesentis temporis

Começam as Oito Formas do Pretérito Perfeito de Todos os Verbos

76. Agora que todos os acidentes dos verbos foram transcorridos, tentaremos dizer algo mais detalhado sobre o próprio pretérito perfeito, no qual existem muitas ambiguidades.

77. Há, portanto, oito formas em geral do pretérito perfeito. A primeira na sílaba -ui, a segunda em -ii, a terceira pela desinência -ui, a quarta em -si, a quinta em xi, a sexta em -i, sendo antecedita por uma consoante (que no tempo presente é encontrada antes de -o, -eo ou io) a sétima que no início dobra a consoante, e a oitava no fim.

78. Verbos das quatro das conjugações terminam em -ui, em -ii nas terceira e quarta conjugações. Há verbos de todas as conjugações terminados em -ui. Em -si, da segunda, terceira e quarta. Em -xi similimente da segunda, terceira e quarta. Verbos de todas as conjugações possuem -i após uma consoante colocada antes de -o ou -eo ou -i do tempo presente.

³²¹ INCIPIVNT... VERBORVM *maiúsculas rubricadas P*

³²² *maiúscula I rubricada P*

³²³ *maiúscula S rubricada, precedida por uma lacuna para rubrica P*

³²⁴ quattuor coniugationum: amaui, faueo faui, ignosco ignoui, audio audiui

³²⁵ tertiae: cupio, cupiui uel cupii

³²⁶ quartae coniugationis: munio, muniui uel munii *P*

³²⁷ In -ui diuisas: seco secui, moneo monui, annuo annui, aperio aperii

³²⁸ In -si secunde: suadeo suasi, sumo sumpsit, haurio hausi

³²⁹ In -xi...secundae: augeo, auxi

³³⁰ et tertiae et uarte: diligo dilexi, uinco uinxi, iuuo iuui

³³¹ -I habent post consonantem: pauco paui, lego legi, comperio comperi

omnium coniugationum uerba. Geminant quidem consonantem in principio prima coniugatio^{332*} et secunda et tertia,^{333*} in fine uero tertia tantum,^{334*} quod mox expressius dicemus. Tres enim uocales tantummodo ante -o uel -or uerbi finales repperiuntur: e i u, quia nec a penitus, nec o ante o inuenitur, nisi in uerbo ‘reboo reboas’ (quod factum est a ‘boo’ Greco) et ‘inchoo inchoas’ (quod a ‘xoo’ Greco uerbo uidetur tractum). Et prima quidem coniugatio e et i et u ante -o terminalem³³⁵ habet, secunda e solam, tertia i et u, quarta i et e. Consonans uero ante finalem -o non habetur, nisi in prima et tertia coniugatione.

Prima Coniugatio

79. Vniuersa uerba, quorum secunda persona -as syllaba producta terminatur, actiua siue neutra primae sunt coniugationis. Et quattuor formas praeteriti perfecti habent, quarum prima est que nascitur a secunda persona, abiecta -s et addita -ui syllaba, que iterum in -tum conuersa facit sopina uel participialia, ut ‘amo, amas, amaui, amatum’, producta penultima a tam in praeterito quam in sopino: ‘beo, beas, beaui, beatum’; ‘lanio, -niaui, -niatum’; ‘hio, hiaui, hiatum’;

As primeira, segunda e terceira conjugação dobram a consoante no princípio, mas, no final, só a terceira, o que em breve expressarmos mais claramente. Três vogais apenas são encontradas antes das (sílabas) finais -o ou -or: e e u, pois nem a nem o são encontrados antes de o, a não ser no verbo *reboo reboas*, (que é feito a partir do grego *boo*) e *inchoo inchoas* (que parece ser traduzido a partir do verbo I). Além disso, a primeira conjugação possui e e i e antes do -o final; a segunda apenas e, a terceira, i e u; a quarta, i e e. Não há consoantes antes do -o final, a não ser nas primeira e terceira conjugações.

Primeira Conjugação

79. Todos os verbos, dos quais a segunda pessoa termina com a sílaba longa -as, são transitivos ou intransitivos da primeira conjugação, e possuem quatro formas do pretérito perfeito, das quais a primeira é a que surge da segunda pessoa, retirando-se -s e acrescentando-se a sílaba -ui, que novamente convertida em *tum* forma o supino ou o participípio, como *amo* “amo”, *amas* “amas”, *amaui* “amei”, *amatum* “amado”, sendo a penúltima a longa tanto no pretérito quanto no supino: *beo, beas*,

³³² Geminant... in principio prima coniugatio: sto steti

³³³ et secunda et tertia: tondeo totondi, disco didici

³³⁴ in fine . . . tertia tantum: credo credidi, reddo reddidi

³³⁵ terminabilem B

‘inchoo, inchoaui,³³⁶ -choatum’; ‘uacuo, -cuauī, -cuatum’; ‘tenuo, tenuaui, -atum’; ‘turbo, -baui, -batum’; ‘sedo, -daui, -datum’; ‘sudo, -daui, -datum’; ‘nauigo, -gaui, -gatum’; ‘triumpho, -phaui, -phatum’; ‘flo, flauī, flatum’; ‘armo, -maui, -matum’; ‘orno, -naui, -natum’; no, nauī, natum’; ‘palpo, paui, patum’; ‘aro, -raui, aratum’; ‘cribro, -braui, -bratum’; ‘quasso, -sauī, -satum’; ‘praecipito, -taui, -tatum’; ‘uexo, uexaui, uexatum’; ‘euangelizo³³⁷, euangelizaui, -zatum’. Omnia tamen, que praeteritum perfectum in -ui adiectam terminant, frequenter inuenimus per secundas et tertias personas sincopam penultime pati syllabae, cum ab u loco consonantis penultima incipit, ut ‘amaui, amauisti (uel ‘amasti’), amauit, amauimus, amauistis (uel ‘amastis’), amauerunt’ (uel ‘amarunt’)³³⁸; ‘neo, neuī, neuisti (uel nesti), neuit, neuimus, neuistis (uel ‘nestis’), neuerunt’ (uel ‘nerunt’). Ideo autem addidimus adiectam, quoniam si in positione sit, u consonans sincopam pati non potest, ut ‘lauo, laui, lauisti’. Non possumus dicere ‘lasti’, nec pro lauistis ‘lastis’, nec pro ‘lauerunt’ ‘larunt’, nec ‘fasti’ pro ‘fauisti’, uel ‘fosti’ pro ‘fouisti’.

beaui, beatum; lanio, -niaui, -niatum; hio, hiaui, hiatum; inchoo, inchoaui, a-choatum’; ‘uacuo, -cuauī, -cuatum; ‘tenuo, tenuaui, -atum’; ‘turbo, -baui, -batum’; ‘sedo, -daui, -datum’; ‘sudo, -daui, -datum’; ‘nauigo, -gaui, -gatum’; ‘triumpho, -phaui, -phatum’; ‘flo, flauī, flatum’; ‘armo, -maui, -matum’; ‘orno, -naui, -natum’; no, nauī, natum’; ‘palpo, paui, patum’; ‘aro, -raui, aratum’; ‘cribro, -braui, -bratum’; ‘quasso, -sauī, -satum’; ‘praecipito, -taui, -tatum’; ‘uexo, uexaui, uexatum’; ‘euangelizo, euangelizaui, -zatum’. Todos, porém, que finalizam o pretérito perfeito acrescentando -ui, frequentemente encontramos pelas segunda e terceira pessoas sofrer uma síncope da penúltima sílaba, como *amaui, amauisti* (ou *amasti*), *amauit, amauimus, amauistis* (ou *amastis*), *amauerunt* (ou *amarunt*); *neo, neuī, neuisti* (ou *nesti*), *neuit, neuimus, neuistis* (uel *nestis*), *neuerunt* (ou *nerunt*). Por isso então acrescentamos (a sílaba *ui*), pois se está nessa posição, a consoante *u* não pode sofrer síncope, como *lauo, laui, lauisti*. Não podemos dizer *lasti*, nem *lastis* no lugar de *lauistis*, nem *larunt* no

³³⁶ choaui P

³³⁷ Como mencionamos em nossa comparação entre o texto da *Ap* e das *Ep*, alguns termos foram acrescentados pelo copista ao texto de Prisciano. Observe-se o acréscimo de *Euangelizo*, ausente em Prisciano e acrescentado pelo compilador ou copista monástico para ilustrar a primeira conjugação, introduzindo uma conotação cristã no texto.

³³⁸ amauere B

80. II.³³⁹ Secunda forma est que in -ui diuisas facit preteritum, subtracta a, et si c ante o habuerint, mutant -ui in -tum, facientia sopina, ut ‘frico, -cas, -cui, frictum, correpta penultima preteriti ubique. Similiter ‘seco, -cui, sectum’. Mico etiam micui, ‘mictum’ debuit facere³⁴⁰ sopinum, sed³⁴¹ dubitationis causa, quia ‘mingo’ quoque ‘mictum’ facit, in usu non inuenitur. Ab eo tamen composita dupliciter proferuntur, ‘dimico, -caui, -catum’. ‘Emico uero ‘emicui’ facit.126

81. Alia uero in -ui diuisas desinentia -ui in -itum conuertunt in sopino, penultima correpta, ut ‘domo, domui, -mitum’; ‘sono, -nui, -nitum’; ‘tono, -nui, tonitum ; ueto, -tui, uetitum’; ‘crepo, -pui, -pitum’. ‘Plico’ enim plicas, plicui uel plicau, plicitum’ uel ‘plicatum’ facit, quod maxime ex compositis eius dinoscitur. Nam cum prepositione magis per -ui diuisas terminat praeteritum, ut ‘implico, -cas, implicui, implicitum’, ‘applico -cui-citum, explico -cui -citum’, ‘repplico -cui -citum’, ‘complico complicui complicitum (que tamen in -aui et in -atum proferuntur, sed in raro usu), cum nomine uero compositum

lugar de *lauerunt*, nem *fasti* no lugar de *fauisti*, ou *fosti* em vez de *fouisti*.

80. A segunda forma é a que faz o pretérito pela desinência -ui, retirando-se a e se possuísse c antes de o, transforma -ui em -tum, formando o supino, como *frico, -cas, -cui, frictum*, sendo sempre a penúltima sílaba do pretérito breve. Similarmente, *seco, -cui, sectum*. *Mico* ainda, *micui*, deve fazer o supino *mictum*, mas não se encontra em uso por uma ambiguidade, pois *mingo* também faz *mictum*. Dele ainda compostos duplamente são produzidos, *dimico -cavui, -catum*. *Emico* forma *emicui*.

81. Outros verbos terminando em -ui convertem essa sílaba em -itum no supino, com a penúltima (sílaba) breve, como *domo, domui, -mitum*; ‘sono, -nui, -nitum’; ‘tono, -nui, tonitum ; ueto, -tui, uetitum’; ‘crepo, -pui, -pitum’. Já *plico* faz *plicas, plicui* ou *plicau, plicitum* ou *plicatum*, pois se discerne o máximo possível dos seus compostos. Como a preposição termina o pretérito principalmente pela sílaba -ui, como *implico, -cas, implicui, implicitum, applico -cui-citum, explico -cui -citum, repplico -cui -citum, complico complicui complicitum* (a qual ainda é pronunciada

³³⁹ om. B

³⁴⁰ fare B

³⁴¹ se B

per -aui facit praeteritum, ut ‘duplico. dupplicauī dupplicatum’, ‘tripplico -caui -catum’, ‘multiplico -caui -catum’. ‘Cubo’ quoque ‘cubas cubui cubitum’ facit, a quo composita omnia tam prime quam tertiae coniugationis inueniuntur. Eundem tamen habent praeteritum, ‘incubo -bas’ uel, addita -m, ‘incumbo incumbis incubui’, ‘accubo -bas’ et ‘accumbo accumbis accubui’ et cetera. Quorum sopina sunt ‘incubitum’, ‘accubitum’, unde ‘cubitus’ dicitur. ‘Nexo’ etiam ‘nexas’ uel ‘nexis nexui’ tertie,³⁴² sed rationabilius prime est, quod ostendit eius primitiuum, ‘necto nectis’. Nam quomodo a participio ‘amplexus’, quod ex uerbo nascitur ‘amplector’, fit uerbum frequentatiuum ‘amplexor amplexaris’, sic a participio ‘nexus’, quod nascitur a uerbo ‘necto’, fit frequentatiuum ‘nexo nexas’. ‘Neco’ similiter ‘necauī necatum’ uel ‘necui nectum’. Sed propriae ‘necatus’ ferro, ‘nectus’ uero alia ui peremptus dicitur.¹²⁸

em -aui ou em *atum*, mas é raramente utilizada), como o nome forma o pretérito composto com *aui*, como *duplico. dupplicauī dupplicatum, tripplico -caui -catum, multiplico -caui -catum. Cubo* também forma *cubas cubui cubitum*, do qual todos os compostos que são encontrados tanto da primeira quanto da terceira conjugação. Os mesmos ainda possuem o pretérito, *incubo -bas* ou, acrescentando-se -m, *incumbo incumbis incubui, accubo -bas* e *accumbo accumbis accubui*, etc. Dos quais os supinos são *incubitum, accubitum*, de onde se diz *cubitus*. *Nexo* e *nexus* ou *nexis nexui* (são) da terceira, mas por regra são da primeira, o que mostra o seu primitivo, *necto nectis*. Agora, do modo o participio *amplexus* que nasce a partir do verbo *amplector*, forma o verbo frequentativo *amplexor, amplexaris*, assim a partir do participio *nexus*, que surge do verbo *necto*, faz o frequentativo *nexo, nexus*. *Neco*, similarmente, forma *necauī, necatum* ou *necui nectum*. Mas propriamente se diz *necatus* quando pela espada, *nectus* quando por outras maneiras.

82. III.³⁴³ Tertia forma est que i post consonantem seruat³⁴⁴ a prima persona nascens, et pares habet syllabas, tam in

82. A terceira forma é a que guarda *i* após a consoante surgindo a partir da primeira pessoa, e possui uma sílaba semelhante,

³⁴² om. P

³⁴³ om. B; precedido por uma lacuna para rubrica P

³⁴⁴ seruat add. Marginalmente P

presenti quam in preterito, ut ‘iuuo iuui iutum’ et ab eo compositum ‘adiuui adiutum’, ‘lauo³⁴⁵* laui lautum’ (quamuis uetustissimi etiam ‘lauatum’ solebant dicere). Producitur enim horum penultima ubique.

83. IIII³⁴⁶ Quarta forma est que geminat consonantem in principio, ut ‘do dedi datum’, ‘sto steti statum’.¹³⁰ Corripiunt enim penultimas preteriti et supini. A ‘do’ enim composita cum monosyllabis prepositionibus tertiae sunt coniugationis, ut ‘addo addis’, ‘reddo’, ‘trado’, ‘prodo’, ‘perdo’. Nam ‘circumdo’ ‘circumdas’ facit, quia ‘circum’ dyssillabum est et magis aduerbium. A ‘sto’ enim composita seruant duplicationem praeteriti, ut ‘resto, restas, restiti, restitum’, ‘consto, -stiti, -stitum’, ‘praesto, -stiti, -stitum’, ³⁴⁷‘adsto, -stiti, -stitum’, ‘absto, -stiti, -stitum’³⁴⁸ Nam ‘sisto’ tertiae coniugationis, quando actiuam habet significationem, in praeterito deficit tam simplex quam compositum. Quando uero absolutam et similem ‘sto’, communem cum eo habet praeteritum, ut ‘resisto resistis’ uel ‘resto restas’³⁴⁹ restiti; ‘consisto’ uel ‘consto, constiti; ‘persisto’ uel ‘persto, -stiti; ‘absisto’³⁵⁰ uel ‘absto, abstiti’.

tanto no presente quanto no pretérito, como *iuuo iuui iutum* e o composto a partir dele *adiuui adiutum*, *lauo laui lautum* (embora os antigos costumavam dizer *lauatum*). A penúltima dessas formas é sempre longa.

83. IIII A quarta forma é a que duplica a consoante no princípio, como *do dedi datum* “do, dei, dado”, *sto steti statum* “permaneço, permaneci, permanecido”. Tornam-se breves, porém, as penúltimas sílabas do pretérito e do supino. Compostos de *do* “dou” com preposições monossílabas são da terceira conjugação, como *addo addis*, *reddo*, *trado*, *prodo*, *perdo*. Já *circumdo* faz *circumdas*, porque *circum* é dissílabo e é mais um advérbio. Os compostos a partir de *sto* seguem a duplicação do pretérito, como *resto*, *restas*, *restiti*, *restitum*, *consto*, *-stiti*, *-stitum*, *praesto*, *-stiti*, *-stitum*, *adsto*, *-stiti*, *-stitum*, *absto*, *-stiti*, *-stitum*. Já *sisto* é da terceira conjugação quando possui significação ativa, e é defectivo tanto no pretérito simples quanto no composto. Quando é intransitivo e similar a *sto*, possui pretérito comum com ele, como *resisto resistis*’ ou *resto resta restiti* ;¹³²

³⁴⁵ lauo: A lauo quoque dicitur lotum per contrarietatem, dum lutum non sit mundum, sicut lucus qui non lucet.

³⁴⁶ IIII. om. B; precedeido por uma lacuna para rubrica P

³⁴⁷ om. B

³⁴⁸ om. B

³⁴⁹ -stas P

³⁵⁰ absisto om. B

‘consisto’ ou ‘consto, constiti; persisto ou persto, -stiti; absisto ou absto, abstiti.’¹³³

Secunda Coniugatio³⁵¹

84. Secunda³⁵² enim coniugatio non tantum secunda persona -es producta terminata,^{353*} sed etiam prima facile declaratur, quoniam omnia uerba que in-eo syllabis in prima persona finiuntur, secundae sunt coniugationis, exceptis paucis prime coniugationis: ‘meo meas’, ‘beo beas’, ‘laqueo laqueas’, ‘nauseo nauseas’, ‘enucleo enucleas’, ‘creo creas’, ‘screo screas’, ‘calceo calceas’, quod alii ‘calcio calcias’; et quarte duobus, ‘eo is’, ‘queo quis’ et que ex his componuntur.

85. Habet igitur secunda coniugatio sex formas preteriti perfecti. Prima est que nascitur a secunda persona, abiecta -s et assumpta -ui, ut ‘fleo fles fleui’. Et mutata -ui in -tum facit sopina, ut ‘fletum’. Et nota quod in -ui terminantium omnis penultima longa est uel natura uel positione: ‘defleo, defleui, defletum’; ‘cleo^{354*}355 cleui cletum’; 135 ‘neo neuui netum’. Et a ‘pleo’ uel ‘leo’ composita, que simplicia non legi, ‘impleo impleui’³⁵⁶ -pletum’; ‘compleo-ui

Segunda Conjugação

84. Pode-se facilmente declarar que a segunda conjugação não é apenas a que termina na segunda pessoa com -es breve, mas também a primeira, pois todos os verbos que terminam a primeira pessoa com a sílaba -eo são de segunda conjugação, exceto algumas da primeira conjugação: ‘meo meas’, ‘beo beas’, ‘laqueo laqueas’, ‘nauseo nauseas’, ‘enucleo enucleas’, ‘creo creas’, ‘screo screas’, ‘calceo calceas’, que alguns (dizem) ‘calcio calcias’; e dois da quarta, ‘eo is’, ‘queo quis’ e aqueles que são compostos deles.

85. A segunda conjugação possui seis formas do pretérito perfeito. A primeira é a que nasce da segunda pessoa, retirando-se -s e tomando -ui, como *fleo fles fleui* “choro choras chorei”. O supino se faz transformando -ui em -tum, como *fletum*. Note-se que dos verbos terminados em -ui todos a penúltima é longa ou por natureza ou em posição: *defleo, defleui, defletum*; *cleo, cleui, cletum*; *neo neuui, netum*. De *pleo* ou seus compostos, dos

³⁵¹ SECVNDA (II. P) CONIVGATIO maiúsculas rubricadas P

³⁵² Maiúscula S rubricada P

³⁵³ -es producta terminata: claud[?eo], trud[?ere] ponta seca P

³⁵⁴ cio: gloriór; excello, surmonter *ponta seca P*; cleo .i. gloriór, inde est nomen praecluis .i. gloriósus P

³⁵⁵ om. B

³⁵⁶ corr. *de implui P*, *pleui B*

-pletum'; 'suppleo -pleui -pletum'. Similiter 'oleo^{357*} oleui oletum'¹³⁶ uel 'olui -litum'; 'peroleo^{358*} peroleui peroletum'; 'exoleo^{359*} -leui -letum'; 'aboleo^{360*} -leui -letum' uel 'abolui -olitum'; 'deleo deleui deletum' (unde et 'letum', ipsa res quae delet uitam); 'releo^{361*} releui reletum', quamuis 'oleo^{362*} oleui et olui' faciat, et similiter 'redoleo -leui et redolui', quia³⁶³ mutauit significationem. 'Obsoleo'^{364*} quoque 'obsoleui obsoletum', quod ab 'obs' et 'oleo' est compositum, sicut 'obscenus'^{365*} ab 'obs' et a 'canendo' uel 'coeno'.

86. II.³⁶⁶ Secunda est que eo uocales prime persone in -ui diuisas conuertens facit praeteritum perfectum, ut 'habeo habui', 'prohibeo -bui'. Et -ui in i correptam conuertentia, assumunt -tum formando sopina, ut 'habitu', 'prohibitu', 'inhibeo -bui -bitum', 'exhibeo -bui -bitum', 'adhibeo -bui-bitum', 'prebeo -bui -bitum', 'taceo tacui tacitum', 'conticeo -cui -citum', 'moneo -nui -nitum'. Similiter et neutra 'candeo candui canditum',

quais não encontrei raízes, *impleo impleuid -pletum; compleo ui -p etum, suppleo -pleui -pletum*. Similarmente *oleo oleui oletum* ou *olui -htum; peroleo peroleui peroletum; exoleo -leui -letum* ou *abolui -olitum; deleo deleui deletum* (de onde também surge *letum*'), aquilo que retira a vida); 'releo* releui reletum',¹³⁸ embora 'oleo faça oleui e olui faciat, e similarmente 'redoleo -leui e redolui, pois muda a significação. 'Obsoleo' e 'obsoleui obsoletum', pois vem de 'obs' e *oleo* é composto, como 'obscenus'* de 'obs' e de 'canendo' ou *coeno*'.

86. A segunda é a que faz o pretérito perfeito convertendo as vogais -eo da primeira pessoa na desinência -ui, como *habeo habui* "tenho tive", *prohibeo -bui* proibi. Convertendo -ui em i breve, assumem -tum ao formar o supino, como *habitu, prohibitu, inhibeo -bui -bitum* "restringo, restringi, restrito", *adhibeo -bui -bitum', prebeo -bui -bitum', 'taceo tacui tacitum, conticeo -cui -citum moneo -nui -nitum*. Similarmente também os neutros

³⁵⁷ oleo: odorem emitto uel cresco

³⁵⁸ peroleo: unguo

³⁵⁹ exoleo: cresco

³⁶⁰ aboleo: deleo

³⁶¹ releo: disco, operio uel enudo

³⁶² oleo: odorem emitto

³⁶³ quia non B

³⁶⁴ obsoleo: ab usu recedo

³⁶⁵ obscenus: Obscenus, quando obscenas aues que malum omen ferunt significat, a cano componitur. Obscenus uero turpis a coeno .i. luto componitur.

³⁶⁶ P *rubricado*

‘studeo-dui -ditum’, ‘frondeo -dui -ditum’, ‘splendeo -dui -ditum’. Rarissime tamen ab omnibus neutris secunde coniugationis, que in -ui diuisas faciunt praeteritum, inuenio uel huiuscemodi sopinum uel participium futuri, ut ‘caleo calui’ (non facit ‘calitum’), ‘tepeo -pui’, ‘horreo -rui’, ‘flacceo’^{367*} ‘flaccui’,³⁶⁸ ‘rubeo’³⁶⁹ ‘rubui’, ‘palleo -lui’, ‘pareo -rui’, ‘iaceo -cui’, ‘caneo -nui’ (ex quo ‘canesco’ inchoatium, sicut a ‘liqueo licui’, ‘liquesco’), ‘floreo -rui’, ‘uireo -rui’, ‘areo -rui’, ‘calleo callui’,^{370*} ‘excelleo -lui’ (quod et ‘excello’ inuenitur), ‘stupeo -pui’. Et omnia in -gui desinentia, ut ‘langueo langui’, ‘uigeo -gui’, ‘rigeo -gui’, ‘egeo -gui’, ‘indigeo indigui’; siqua tamen inueniantur sopina facere, i breuem ante -tum habent, sicut supradictum est. Nam a ‘careo rui’ ‘caritum’ uel ‘cassum’ uidetur posse dici, quia futuri participium ‘cariturus’, praeteriti ‘cassus’ inuenitur.³⁷¹ A ‘ualeo’ etiam ‘ualui’, ‘ualiturus’ Cicero protulit.

87. Deficiunt etiam in sopinis ‘metuo metui’, ‘timeo’³⁷² -mui’, quae sunt actiua. Pauca autem ex actiuis -ui in -tum conuertunt, si consonantium natura non

candeo candui canditum, studeo -dui -ditum, frondeo -dui -ditum, splendeo -dui -ditum. Muito raramente ainda, a partir de todos os neutros da segunda conjugação, que fazem o pretérito em -ui, encontra-se ou o supino ou o participio do futuro, como *caleo calui* (não forma *calitum*), *tepeo -pui, horreo -rui, flacceo flaccui, rubeoh rubui, palleo -lui, pareo -rui, iaceo -cui, caneo -nui* (a partir do qual (surge) o incoativo *canesco* como *liquesco* de *liqueo licui*) *floreo -rui, uireo -rui, areo -rui, calleo callui, excelleo -lui* (que também encontra-se como *excello*), *stupeo -pui*. E todos terminando em -gui, como *langueo langui, uigeo -gui, rigeo -gui, egeo -gui, indigeo indigui*; se se descobre que estes formam algum supino, (então) possuem *i* breve antes de -tum, como está supradito. Agora, parece que se pode dizer *caritum* ou *cassum* surgir de *careo rui*, pois encontra-se o participio do futuro, *caritus*, e do pretérito, *cassus*. Cícero mencionou que *valui valiturus* surgem de *valeo*.

87. São defectivos nos supinos *metuo metui, timeo -mui*, que são ativos. Algumas, porém, convertem-se a partir dos ativos -ui em -tum, se a natureza das

³⁶⁷ flacceo: i. marcesco uel mollesco

³⁶⁸ ccui *P*

³⁶⁹ rubesco *B*, rubeo

³⁷⁰ callui: astutus fio

³⁷¹ inuentur *B*

³⁷² time *P*

prohibet, ut teneo tenui tentum’ et ab eo composita; ‘doceo’ quoque docui doctum. ‘Censeo’ uero ‘-sui censum’ facit, quia in simplici dictione *n* antecedente *s* et *t* sine *r* sequi non possunt. ‘Absorbeo’ quoque ‘absorbui’ uel ‘absorpsi’, cuius sopinum ‘absorbitum’ uel ‘absorptum’ debet fieri, quorum neutrum adhuc in usu non inueni.

88. III. Tertia in *-si*. In *-deo* enim exeuntia, longa uocali naturaliter antecedente uel ar syllaba, *-deo* in *-si* conuersa, faciunt preteritum perfectum, ut ‘suadeo suasi’, ‘rideo risi’, ‘ardeo arsi’. Et *-deo* in *-sum* mutantia faciunt sopina, ut ‘suasum’, ‘risum’, ‘arsum’. Similiter in *-geo* desinentia, *l* uel *r* antecedentibus, *-geo* in *-si* conuersa, faciunt praeteritum perfectum, ut ‘indulgeo indulsi’, ‘algeo alsi’. Et *-i* in *-um* conuertentia formant sopinum, ut ‘indulsum’ uel ‘indultum’, ‘alsum’; ‘mulgeo mulsi mulsum’ et ‘mulctum’ (quamuis differentiae causa quidam ‘mulxi’ protulerunt, quia ‘mulceo’ quoque ‘mulsi’ facit), ‘fulgeo fulsi fulsum’, ‘tergeo (uel ‘tergo’) tersi -sum’, ‘turgeo -si -sum’, ‘urgeo ursi’. Nam ‘ursum’ aliud significat.¹⁴³ In *-queo* desinens unum inuenitur in *-si* terminans praeteritum, ut ‘torqueo torsi’, cuius sopinum in *-tum* exit, ut ‘tortum’ (sed antiqui ‘torsum’ dicebant) et ex eo composita: ‘distorqueo, distorsi,

consoantes não o proíbe, como *teneo tenui tenetum* e os compostos a partir dele; *doceo docui doctum* “ensino ensinei ensinado”. *Censeo* faz *-sui censum*, pois na pronúncia simples *n* antes de *s* e *t* ser seguido sem *r* não é possível. *Absorbeo* (se torna) *absorbui* ou *absorpsi*, cujo supino deve ser *absorbitum* ou *absorptum*, dos quais o neutro para esse uso não é encontrado.

88. A terceira termina em *-si*. Verbos que terminam em *-deo* fazem o pretérito perfeito antecedendo naturalmente uma vogal longa ou a sílaba *ar*, sendo (a sílaba) *-deo* convertida em *-si*, como *suadeo suasi* “sugiro” *rideo risi* “rio ri”, *ardeo arsi* “ardo ardi”. Formam o supino transformando *-deo* em *-sum*, como *suasum*, *risum*, *arsum*. Similarmente, formam o pretérito perfeito convertendo *-geo* em *-si*, com *i* ou *r* antecedendo, como *indulgeo indulsi*, *algeo alsi*. Eles formam o supino convertendo *-i* em *-um*, como *indulsum* ou *indultum*, ‘*alsum*’; ‘*mulgeo mulsi mulsum*’ et ‘*mulctum*’ (embora por motivos de diferenciação alguns dizem *mulxi*, pois *mulceo* também forma *mulsi*) *fulgeo fulsi fulsum*, *tergeo* (ou *tergo*) *tersi -sum**, *turgeo -si -sum*, ‘*urgeo ursi*. *Ursum* “urso” significa outra coisa. Há um verbo terminado em *-queo* que finaliza o pretérito em *-si*, como *torque torsi* cujo supino termina em *-tum*, como *tortum*

distortum’; ‘contorqueo, contorsi, contortum’; ‘extorqueo, -si, -tum’. Similiter in -si faciunt praeteritum ‘maneo, mansi, -sum’, ‘hereo, hesi, hesum’ et composita eorum; ‘iubeo’ etiam ‘iussi iussum’.¹⁴⁴

89. III. Quarta in -xi. Syllaba uero naturaliter longa ante -geo posita mutant -geo in -xi, ut ‘lugeo luxi’, ‘frigeo³⁷³* frixi’, ‘augeo auxi’. Et -xi in-ctum conuertentia faciunt sopinum, ut ‘luctum’, ‘frictum’, ‘auctum’.

90. V. Quinta est que consonantem praesentis seruans -eo in -i conuersa facit praeteritum producendo penultimam, que in presenti corripitur, ut ‘moueo moui’. Et eadem -ui in -tum mutata, format sopina, ut ‘motum’; ‘uoueo uoui uotum’; ‘foueo -ui fotum’; ‘faueo faui fautum’; ‘caueo caui³⁷⁴ cautum’ (que differentiae causa pro a longa au dyptongon habuerunt, sicut et ‘laui lautum’ propter ‘latum’, ‘catum’,³⁷⁵* ‘fatum’, que alias habent significationes.), ‘pauco paui’, ‘coniueo’,^{376*377} quod etiam ‘coniueo’³⁷⁸ secundam tertiam protulerunt ueteres, ³⁷⁹‘coniui’ uel ‘conixi’.³⁸⁰ ‘Feruleo’

(mas os antigos diziam *torsum*) e seus compostos *distorqueo, distorsi, distortum*; ‘*contorqueo, contorsi, contortum*’; ‘*extorqueo, -si, -tum*. Similarmente, fazem o pretérito em -si *maneo, mansi, -sum*, *hereo, hesi, hesum* e seus compostos; *iubeo* e *iussi iussum*.

89. IIII. A quarta é em -xi. As sílabas naturalmente longas postas antes de -geo mudam -geo em -xi, como *lugeo luxi* “lamento lamentei”, *frigeo frixi* “congelou congelei”, *augeo auxi* “aumentou aumentei”.

90. A quinta é a que guardando a consoante do presente -eo convertendo-a em -i, que se torna breve no presente, como *moueo moui* “mover-se e sendo a mesma (sílabas) -ui transformada em -tum, forma o supino, como *motum*; *uoueo uoui uotum*; *foueo -ui fotum*; *faueo faui fautum*; *caueo caui cautum* (que por causa da diferença possui o ditongo *au* no lugar do *a* longo), como também *laui lautum* no lugar de *latum, catum, fatum*, que possui outros significados, *pauco paui, coniueo*, pois os antigos diziam também *coniueo* como da terceira conjugação, *coniui* ou

³⁷³ frigeo: Frigeo (frigerio P) ad frigus pertinet. Frigo frixi frixum, unde frivorium, tertie est coniugatione

³⁷⁴ ui P

³⁷⁵ catum: .i. prudentem P

³⁷⁶ coniueo: .i. nuco, cenens pona seca P

³⁷⁷ Alteração por apagamento a partir de conniueo P

³⁷⁸ Alteração por apagamento a partir de conniueo P

³⁷⁹ Alteração por apagamento a partir de conniui uel connixi P

³⁸⁰ Alteração por apagamento a partir de conniui uel connixi P

uel ‘feruo’ ab utroque tamen praeteritum ‘ferui’ dicitur, sed horum sopina non inueni. I antecedente,³⁸¹ unum inuenitur, ‘cieo, cies, ciet, ciui (uel ‘cii’), citum’,³⁸² quod etiam quarte inuenitur coniugationis in -io desinens: ‘cio, cis, cit’. In -deo terminantia, i uel e breuibis ante o positus, mutata -deo in -sum, faciunt sopina, ut ‘uideo, uidi, uisum’, et ab eo composita ‘praeuideo, praeuidi, praeuisum’, ‘inuideo, inuidi,³⁸³ -sum’; ‘sedeo, sedi, sessum’, quod geminauit s, ne due partes esse uiderentur, et ex eo composita, que etiam seruant e in praeterito: ‘possideo, possedi, possessum’, ‘obsideo, -di,-sessum’, ‘subsideo’, ‘resideo’, ‘insideo’. ‘Strideo’ quoque ‘stridi’ facit (quod etiam ‘strido stridi’³⁸⁴ tertiae coniugationis inuenitur, i autem tam in praesenti quam in praeterito productam habet.); ‘respondeo’ etiam ‘respondi, responsum’ et ‘prandeo, -di, pransum’(quod tamen quamuis neutrum sit, habet participium praeteriti ‘pransus’); ut ‘ceno cenatus’,³⁸⁵ ‘careo cassus’, ‘pateo passus’, ‘titubo titubatus’, ‘iuro iuratus’.

conixi. Feruo ou euro a partir de ambas é dito ferui no pretérito, mas não encontrei seus supinos. Há um (verbo) com um I antecedente, cieo, cies, ciet, ciui (ou cii),pois também há verbos da quarta conjugação que terminam em -io: cio, cis, cit. Verbos terminados em -deo fazem o supino com i ou e breve postas antes de o, -deo transformando-se em -sum, como uideo, uidi, uisum “vejo, vi, visto” e seus compostos ‘praeuideo, praeui i, praeuisum , inuideo, inuidi, -sum’; ‘sedeo, sedi, sessum’, pois duplica s, a fim de que não pareçam duas partes, e seus compostos, que também mantêm e no pretérito: ‘possideo, possedi, possessum’, ‘obsideo, -di,-sessum , subsideo’, ‘resideo’, ‘insideo’. Strideo também forma stridi, pelo qual também se encontra strido stridi da terceira conjugação, e possui i longa tanto na no presente quanto no pretérito; respondeo e respondi, responsum e prandeo, -di, pransum (pois ainda embora seja neutro, possui pransus como participio do pretérito); como ceno cenatus, careo cassus, pateo passus, titubo titubatus, iuro iuratus.

91. VI. Sexta que in principio geminat consonantem. Secundae uero coniugationis

91. VI. A sexta é a que duplica uma consoante no princípio. Verbos da segunda

³⁸¹ antedente B

³⁸² Um cortado B

³⁸³ di P

³⁸⁴ stridis B

³⁸⁵ s cortado B

uerba, que in principio repetunt consonantes, penultimas habent positione longas, sicut in praesenti antepenultimas³⁸⁶ ut ‘tondeo totondi’ (quorum sopinum a praesenti semper fit, -deo in -sum conuersa, ut ‘tonsum’), ‘mordeo, momordi, morsum’, ‘spondeo, spopondi, sponsum’, ‘pendeo, pependi, pensum’, que assumptis praepositionibus non eodem modo proferenda sunt, nam ‘detondi’ et ‘despondi’ et ‘rependi’ et ‘suspendi’ dicimus.¹⁵¹

Tertia Coniugatio³⁸⁷

92. Omne³⁸⁸ uerbum, cuius secunda persona indicatiui modi breuem habet *i* et imperatiui *-e*, tertiam procul dubio sequitur coniugationem, ut ‘lego -gis -ge’, in qua sola omnes octo inueniuntur formae praeteriti perfecti, quia ceteras excellit prolixioribus ambagibus *i* in *-ui*. In *-co* enim desinentia, *s* praecedente, mutant plerumque *-co* in *-ui*, nisi sint inchoatiua-illa enim carent praeterito perfecto-ut ‘quiesco quieui’. Et *-ui* syllaba in *-tum* conuersa, faciunt sopinum, ut ‘quietum’; ‘cresco, creui, cretum’, ‘nosco, noui, notum’. Similiter ex eo composita ‘ignosco, -ui, -tum’. Notandum tamen quod ‘cognosco, -noui, cognitum’ et ‘agnosco,

conjugação, que repetem consoantes no princípio, possuem as penúltimas posições longas, como as antepenúltimas do presente, como *tondeo tontondi* (dos quais o supino sempre se forma a partir do presente, convertendo *-deo* em *-sum*, como *tonsum*), *mordeo, momordi, morsum*, ‘*spondeo, spopondi, sponsum*’, ‘*pendeo, pependi, pensum*’, que não devem ser pronunciadas da mesma maneira que com as preposições assumidas, mas dizemos *detondi* et *despond*’ et *rependi* e *suspendi*.

A Terceira Conjugação

92. Todo verbo cuja segunda pessoa do modo indicativo possui *i* breve e *-e* no imperativo segue sem dúvida a terceira conjugação, como *lego -gis -ge* “leio lê^s leia”, na qual somente se encontram todas as todas as oito formas do pretérito perfeito, pois excede às outras em sinuosidades mais numerosas (transformando) *-i* em *-ui*. Os verbos que terminam em *-co*, com *s* precedendo, geralmente transformand *-co* em *-ui*, a não ser que sejam incoativos - pois estes carecem de pretérito imperfeito - como *quietum* ‘cresco, creui, cretum’, ‘nosco, noui, notum. Similarmente, os seus compostos, *ignosco, -ui, -tum*. Note-se

³⁸⁶ as *cortado B*

³⁸⁷ TERTIA CONIVGATIO *maiúsculas rubricadas P*

³⁸⁸ O *maiúscula rubricada*

-noui, -nitum' in frequentiori usu faciunt pro o penultima producta.¹⁵² 'Pasco paui' seruauit in sopino s solum 'pastum'. Nam ab inchoatiuo 'scisco', composita primitiui, id est 'scio', habent praeteritum, ut 'asscisco, asciui, asscitum', 'descisco, descui, descitum'. 'Consuesco' quoque 'consueui' facit uel 'consuetus sum'. De ceteris in -sco in sequentibus dicemus. In -no terminantia frequenter per -ui coniunctam proferunt praeteritum, ut 'sino siui'. Et mutata -ui in -tum, formatur sopinum, ut 'situm'; 'sterno, strauui, stratum', 'cerno, creui, cretum', 'lino, liui, litum'. Et sciendum quod tam 'litum' quam 'situm' et 'itum' et 'quitum' et 'citum', 'satum' corripunt penultimas, quod in aliis sopinis, que a praeteritis in -ui terminantibus nascuntur, non inuenitur.¹⁵³

93. In -so desinentia -o in i conuertunt in praeterito, assumptia -ui, et -tum in sopino, ut 'arcesso, -ssiui, -ssitum', 'laccio, -ssiui, -ssitum'. 'Pinso' uero 'pinsui pistum' facit, unde et 'pistor', nomen uerbale, ut 'pastum pastor' et similia. Nam 'facesso' et 'capesso' et 'uiso' in -si frequentius inueniuntur terminasse praeteritum. In -ro quoque finita per -ui syllabam terminant praeteritum et per -tum sopina sicut superiora, ut 'tero, triui,

que *cognosco, -nouui, cognitum'* e '*agnosco, -nouui, -nitum'* que no uso mais frequente fazem a penultima longa antes de o.

Pasco paui mantém o s apenas no supino *pastum*. A partir do incoativo *scisco*, isso é, *scio*, os compostos primitivos possuem pretérito, como 'asscisco, asciui, asscitum', 'descisco, descui, descitum'. *Consuesco* forma *consueui* ou *consuetus sum*. Falaremos a diante dos outros verbos terminados em *scio*. Os verbos terminados em -no geralmente expressam o supino através da união de -ui, como *sino, siui*, e formam o supino transformando -ui em -tum, como *situm; sterno, strauui, stratum, cerno, creui, cretum, lino, liui, litum*. Deve-se saber que que tanto *litum* quanto *situm* e *itum* e *quitum* e *citum* abreviam a penúltima sílaba, o que não se encontra em outros supinos, que surgem dos pretéritos terminados em -ui.

93. Verbos terminados em -so convertem -o em -i no pretérito, acrescentando -ui, e -tum no supino, como *arcesso, -ssiui, -ssitum, laccio, -ssiui, -ssitum*. *Pinso* forma *pinsui pistum*, de onde vem *pistor*, nome verbal, como *pastum pastor*, e similares. Encontramos que *facesso, capesso e uiso* terminam o pretérito mais frequentemente em -si. Verbos terminados em -ro finalizam o pretérito pela sílaba -ui e os supinos por -tum, como dito acima,

tritum’; ‘quero,-siui, -situm’; ‘sero, -ris, seui, satum’. Nam ‘sero -ras’, a ‘sera opposita’ natum, ‘seraui’ facit. A ‘sero seris³⁸⁹ seui’ tamen composita, quando mutant simplicis significationem, per -ui separatas proferunt praeteritum, -o in -ui conuersa, ut ‘desero’ (pro ‘derelinquo’) ‘deserui’ facit, ‘insero’ (pro ‘inmitto’) ‘-rui’. Si enim de arbore dicam, ‘insero’ ‘inseui’ facit, et participium ‘insitus’, non ‘insertus’. Et animaduerte quod non inuenitur a penultima correpta in sopino siue participio siue nomine participiali, nisi ‘satus’, ‘ratus’, ‘datus’, ‘status’.

94. De aliis in -ro cum terminantibus in -si praeteritum inuenies. In -pio, cu antecedente, o in -ui conuertunt, et producunt penultimam in preterito, ut ‘cupio cupiui’ uel ‘cupii’, et ab eo compositum ‘concupio concupiui’ uel ‘concupii’. Et mutata -ui in -tum profertur sopinum ‘cupitum’. Nam ‘sapio sapiui’ uel ‘sapii’ siue ‘sapui’ protulisse auctores inueniuntur. A ‘sapiui’ tamen fit sopinum ‘sapitum’. ‘Peto’ quoque ‘petiui petitum’ facit.

95. II. Secunda forma est in -ii, in quam solummodo illa exeunt uerba que in -iui

como tero, triui, tritum’; ‘quero,-siui, -situm ; sero, -ris, seui, satum’. Já *sero, -ras*, surgindo de *sera opposita*, forma *seraui*. Compostos a partir de ‘sero serisc seui, quando mudam a significação da raíz, expressam o preterito por -ui separadas, convertendo -o em -ui, como *desero* (no lugar de *delinquo*), que faz *deserui, insero* (no lugar de *inmitto*) -rui. Se eu falar a respeito de árvores, *insero* forma *inseui*, e o participio forma *insitus*, não *insertus*. Preste atenção que não se encontra a partir da penúltima breve no supino ou ni participio ou no nome participial, a não ser *satus, rattus, datus, status*.

94. Os verbos terminados em -ro encontram-se com os que terminam em -si no pretérito. Os terminados em -pio, com cu antecedendo, convertem o em -ui, e alongam a penúltima sílaba no pretérito, como *cupio cupiui* ou *cupii* e seus compostos *concupio concupiui uel concupii*. Transformando -ui em -tum o supino *cupitum* é pronunciado. Encontramos que alguns autores expressaram *sapio sapiui* ou *sapii* ou *sapui*. A partir de *sapiui* faz-se o supino *sapitum*. *Peto* forma *petiui petitum*.

95. A segunda forma está em -ii, na qual há apenas os verbos terminados em -iui,

³⁸⁹ ris P

desinentia, intercepta u, corripunt i penultimam, ut ‘cupiui -pii’, ‘arcessiui -sii’.¹⁵⁶

96. III. In -uo diuisas, quacumque antecedente consonante, desinentia, mutant -o in -i, ut ‘imbuo -bui’, ‘acuo -cui’. Et i praeteriti in -tum conuersa, formantur sopina, producta u penultima: ³⁹⁰‘imbuo, bui,³⁹¹ imbutum’; ³⁹²‘acuo,-cui,e acutum’; ‘induo, -dui, -dutum’; ‘innuo, -nui, -nutum’; ‘annuo, -nui,-nutum’; ‘diluo, -lui, dilutum’; ‘polluo, pollui, pollutum’; ‘suo, sui, sutum’; ‘tribuo, -bui, -butum’; ‘statuo, statui, statutum’; ‘minuo, -nui, -nutum’; ‘arguo, -gui, -gutum’, unde et participium ‘argutus’ (id est ‘conuictus’) et futurum ‘arguturus’, et diriuatium ex hoc uerbum deponens ‘argutor-gutaris’. ‘Pluo’ uero ‘pluii’ facit, a quo sopinum in usu non inueni, sicut nec a ‘spuo spui’ uel ‘metuo metui’.³⁹³ A ‘ruo rui’ secundum praeteritum debet ‘rutum’ dici sopinum, licet participium futurum i habeat ‘ruiturus’, quod solum penultimam corripuit; et ab eo composita ‘eruo erui erutum’, ‘diruo-rui -rutum’. ‘Fluo’ uero et ‘struo’ in -xi exeunt: ³⁹⁴‘fluxi’, ‘struxi’.³⁹⁵

com u se interpondo e abreviando o penúltimo i, como em *cupiui -pii*, *arcessiui -sii*.

96. III. Os verbos terminados em -uo, antecedida por qualquer consoante, transformam -o em -i, como *imbuo -bui*, *acuo -cui*. Ao converter o i do pretérito em -tum, formam o supino, sendo a penúltima um u longo: *imbuo, bui, imbutum*; *eacuo,-cui,e acutum*; *induo, -dui, -dutum*; *innuo, -nui, -nutum*; *annuo, -nui,-nutum*; *diluo, -lui, dilutum*; *polluo, pollui, pollutum*; *suo, sui, sutum*; *tribuo, -bui, -butum*; *statuo, statui, statutum*; *minuo, -nui, -nutum*; *arguo, -gui, -gutum* de onde vem o particípio *argutus* (isso é, *conuictus*) e o futuro *arguturus*, e o verbo derivativo depoente a partir deste *argutor-gutaris*. *Pluo* forma *pluii*, a partir do qual o supino não se encontra em uso, bem como *spuo spui* ou *metuo metui*. A partir de *ruo rui*, de acordo com o pretérito, o supino se deve dizer *rutum*, embora o particípio futuro possua i (*ruiturus*), sendo o único que abrevia a penúltima, e os compostos deste; *eruo erui erutum*, *diruo-rui -rutum*. *Fluo* e *struo* terminam em -xi *fluxi, struxi*.

³⁹⁰ om. P

³⁹¹ om. P

³⁹² om. P

³⁹³ tui p

³⁹⁴ add. Com marca de inserção P

³⁹⁵ add. Com marca de inserção P

97. In -no, o uel *ge*³⁹⁶ antecedentibus, per -ui diuisas faciunt praeteritum, ut ‘pono posui’, et ab eo composita, ‘suppono -sui’, ‘compono -sui’, quorum sopina subtracta u et addita -tum proferuntur, ut ‘positum’; ‘gigno, genui, genitum’. A ‘canendo’ quoque composita similiter praeteritum in -ui diuisas finiunt (licet simplex eorum ‘cano’ ‘cecini’ faciat), ut ‘succino -nui’, ‘occino -nui’;^{397*} que tamen primitiui seruant in sopino terminationem. ‘Cantum’ enim et ‘succentum’ et ‘occentum’ dicimus.

98. In -mo syllabam desinentia, breui uocali antecedente, o in -ui diuisas conuertunt, ut ‘uomo uomui’, et -ui in -itum conuersis, formatur sopinum, ut ‘uomitum’, breuiata penultima quomodo in omnibus in -itum terminantibus: ‘gemo -mui -mitum’, ‘fremo -mui -mitum’, ‘tremo -mui -mitum’.

99. In -xo duo inueniuntur -o in -ui conuertentia in praeterito, ‘texo texui textum’, ‘nexo nexui’³⁹⁸ nexum’; quod tamen prime rationabilius est coniugationis, cuius primitiuum est ‘necto, -xui (uel ‘nexi’), nexum’. ‘Pecto’ quoque ‘pexui’ uel ‘pexi pexum’. lungam et plura gratia compendii: ‘meto messui messum’; ‘strepo

97. Verbos terminados em -no, com o ou *geh* antecedendo (a última sílaba), fazem o pretérito pela sílaba -ui, como *pono posui* e os seus compostos, *suppono -sui*, ‘*compono -sui*, dos quais se formam os supinos retirando *u* e acrescentando -tum, como *positum, gigno, genui genitum*. Os compostos de *canendo* terminam o pretérito similarmente pela sílaba -ui, (embora sua raiz faça *cano cecini*), como *succino -nui, occino -nui*, que guardam a terminação do primitivo no supino. Dizemos *cantum, succentum e occentum*.

98. Os que terminam pela sílaba -mo antecedita por uma vogal breve convertem o em -ui, como *uomo uomi*, e o supino é formado convertendo -ui em -itum, como *vomitum*, abreviando-se a penúltima da forma como ocorre em todos (os verbos) que terminam em -itum: *gemo -mui -mitum, fremo -mui -mitum, tremo -mui -mitum*.

99. Há dois verbos terminados em -xo que convertem -o em -ui no pretérito, *texo texui textum* “teço, teci, tecido”, *nexo nexui nexum* “ligo, liguei, ligado; que ainda é da primeira conjugação por regra, cuja raiz é *necto, -xui* (ou *nexi*), *nexum*. *Pecto e pexui ou pexi pexum*. Acrescento outros para resumir: *meto messui messum*;

³⁹⁶ g B

³⁹⁷ occino -nui: contra cano drypoint P

³⁹⁸ xui P

-pui -pitum'; 'rapio -pui -raptum'; 'eripio -pui eruptum'; ³⁹⁹'diripio -pui -reptum';⁴⁰⁰ 'sterto -tui', cuius sopinum non inueni.

100. In -lo finientia, si non geminant l, per -lui exeunt in praeterito, quorum sopina in -tum finiuntur, ut 'alo, -lui, altum' uel 'alitur'; 'colo, -lui, cultum'; 'consulo, -lui, -sultum'; 'occulo, -lui, occultum'; 'molo, -lui, molitur'. 'Volo' quoque anomalum 'uolui' facit praeteritum, ex quo nomen participiale nascitur 'uultus', quomodo ex 'occulo', 'ocultus'; 'nolo -lui'.

101. III. DE -SI.

In -tio desinentia per -si faciunt praeteritum, geminata s, sopinum uero in -sum: 'quatio, quassi, quassum' (unde frequentatiuum 'quasso quassas'); 'percutio, -cussi, -cussum'; 'concutio, -cussi, -cussum'; 'excutio, -cussi, -cussum'; 'incutio, -cussi, -cussum'. Duo in -ro inueniuntur similiter duplicantia s in praeterito, que mutant -si in -tum in sopino, ut 'gero, gessi, gestum'; 'uro, ussi, ustum'. 'Verro' enim 'uerri' uel 'uersi, uersum' facit. In -mo syllabam exeuntia, si uocalis longa antecedit, -o in -psi conuersa proferunt praeteritum, ut 'sumo, sumpsi'. Et mutata -psi in -tum formant sopinum, quomodo omnia in -psi terminantia

strepo -pui -pitum; rapio -pui raptum; eripio -pui ereptum, diripio -pui -reptum; sterto -tui, cujo supino não encontrei.

100. Os verbos que terminam em -lo, se não duplicam l, terminam o pretérito em -lui, dos quais o supino terminam em -tum, como *alo, -lui, altum* ou *alitur*; *colo, -lui, cultum*; *consulo, -lui, -sultum*; *occulo, -lui, occultum*; *molo, -lui, molitur*. *Volo* também forma o pretérito anômalo *volui*, do qual surge o nome participial *uultus*, assim como surge *ocultus* de *occulo*, *nolui* de *nolo*.

101. III. SOBRE -SI.

Verbos terminados em -tio fazem o pretérito em -si, duplicando o s, e formam o supino em -sum: *quatio, quassi, quassum* (de onde surge o frequentativo *quasso quassas*); *percutio, -cussi, -cussum*; *concutio, -cussi, -cussum*; *excutio, -cussi, -cussum*; *incutio, -cussi, -cussum*. Encontram-se dois verbos em -ro que, similarmente, duplicam s no pretérito e transformam -s em -tum no supino, como *gero, gessi, gestum*; *uro, ussi, ustum*. *Verro* forma *uerri* ou *uersi, uersum*. Verbos que finalizam na sílaba -mo, com uma vogal longa antecedendo, formam o pretérito convertendo -o em -psi, como *sumo, sumpsi*. Formam o

³⁹⁹ xui P om. P; diripio...diripui, direptum

⁴⁰⁰ xui P om. P; diripio...diripui, direptum

praeteritum, ut ‘sumptum’; ‘promo, prompsi, promptum’; ‘demo, -psi, -ptum’; ‘como, -psi, -ptum’. Exicipitur ‘emo, -mi, emptum’, quod tamen in sopino assumpsit *p*, quia non potest *m* ante *-tum* sine *p* inueniri, euphoniae causa. ‘Premo’ uero duplicauit *s* in praeterito et in sopino: ‘praessi, praessum’; et ab eo composita, ‘exprimo, -ssi, -ssum’; ‘comprimo, -pressi, -pressum’. ‘Tempno’ uero ‘tempsi temptum’ facit.

102. In *-bo*, uocali longa antecedente, *-bo* in *-psi* mutantia faciunt preteritum, ut ‘scribo, scripsi, scriptum’, ‘nubo, nupsi, nuptum’, *b* in *p* mutata, quia numquam *b* ante *s* in principio syllabae potest inueniri. In *-po* desinentia *l* uel *r* uel *e* producta praecedente, *o* in *-si* conuersa faciunt preteritum, ut ‘scalpo, scalpsi, scalptum’; ‘sculpo, -psi, -ptum’; ‘carpo, -psi, -ptum’; ‘sarpo, -psi, -ptum’;⁴⁰¹ ‘serpo, -psi, -ptum’;⁴⁰² ‘repo, -psi, -ptum’. In *-do* terminantia, si penultimam longam naturaliter habuerint, *-do* in *-si* mutata, formatur praeteritum, ut ‘ludo lusi’. Et *-si* in *-sum* conuersa faciunt sopina, ut ‘lusum’; ‘rado, -si, -sum’; ‘ledo, -si, -sum’; ‘rodo, -si, -sum’;⁴⁰³ ‘trudo, -si, -sum’; ‘uado, -si, -sum’; ‘euado, -si, -sum’; ‘illido, illisi, -sum’; ‘claudio, -si, -sum’ uel ‘cludo, clusi,

supino transformando *-psi* em *-tum*, assim como todos os que terminam em *-psi* no pretérito, como *sumptum, promo, prompsi, promptum; demo, -psi, -ptum; como, -psi, -ptum*. *Emo, -mi, -emptum* é uma exceção, pois assume *p* no supino, porque *m* não pode vir antes de *-tum* sem encontrar *p*, por razões de eufonia. *Premo duplica s* no pretérito e no supino: *praessi, praessum; e* seus compostos, *exprimo, -ssi, -ssum; comprimo, -pressi, -pressum*. *Tempno* forma *tempsi, temptum*.

102. Verbos em *-bo*, com uma vogal longa antecedendo, formam o pretérito transformando *-bo* em *-psi*, como *scribo, scripsi, scriptum, nuboo, nupsi, nuptum*, sendo *b* transformado em *p*, pois *b* nunca pode aparecer antes de *s* no início da sílaba. Verbos terminados em *-po*, com *l* ou *e* breve antecedendo, formam o pretérito transformando *-o* em *-si*, como *scalpo, scalpsi, scalptum*; *sculpo, -psi, -ptum*. *carpo, -psi, -ptum*. *sarpo, -psi, -ptum, serpo, -psi, -ptum*. *'repo, -psi, -ptum*. Verbos terminados em *-do*, se possuírem a penúltima sílaba longa naturalmente, formam o pretérito transformando *-do* em *-si*, como *'rado, -si, -sum; 'ledo, -si, -sum; rodo, -si, -sum; tudo, -si, -sum; uado, -si, -sum; euado, -si, -si, -sum; illido, illisi, -sum; claudio, -si, -sum* ou

⁴⁰¹ om. B

⁴⁰² om. B

⁴⁰³ om. B

-sum' (inuenitur tamen etiam 'claudio' sed et 'claudio' pro 'claudico'.); 'plaudo, -si, -sum'; 'cedo, cessi, cessum', geminata s in praeterito, et ex eo composita, que nec mutant dyptongum praesentis, ut 'concedo concessi', 'incedo cessi', 'recedo -ssi', 'abscedo -scessi', 'praecedo-caessi'. Excipitur 'caedo, cecidi, caesum', cuius composita dyptongum simplicis in i longa⁴⁰⁴ uerterunt, ut 'abscido, -di, -sum'; 'succido, -di, -sum'; 'concido, -di, -sum'; et 'praecido, -di, -sum' et similia. De ceteris in -do inter sequentia tractabitur.

103. In -go, r antecedente, si non sint a 'regendo' composita, -go in -si conuertentia faciunt praeteritum, ut 'mergo, mersi, mersum'; 'spargo, -si, -sum'; 'tergo, -si, -sum'. Dicitur tamen et 'tergeo'. In -to, geminata t ante -o, unum inuenio, in -si terminans praeteritum: 'mitto, -si, missum' et ab eo composita 'inmitto, -si, inmissum'; 'committo, -si, -ssum'; 'permitto', 'dimitto', 'omitto', 'transmitto', 'admitto' et 'amitto', 'summitto', 'praemitto', 'promitto', 'praetermitto', 'emitto', 'remitto'.

104. V. In -co, uocali natura longa antecedente, in -xi faciunt praeteritum et in

'cludo, clusi, -sum' (há ainda *claudio* e também *claudio* para *claudico*) 'plaudo, -si, -sum; cedo, cessi, cessum, sendo s duplicado no pretérito, e seus compostos, que não transformam o ditongo do presente, como 'concedo concessi'; 'incedo cessi', 'recedo -ssi', abscedo -scessi', praecedo -caessi'. Caedo, cecidi, caesum são excessão, pois seus compostos transformam o ditongo da forma simples em i longa, como abscido, -di, -sum, succido, -di, -sum; concido, -di, -sum; e praecido, -di, -sum e similares. Trataremos dos outros verbos terminados em -do nas seções seguintes.

103. Verbos terminados em -go, com r antecedente, se não forem compostos de regendo, formam o pretérito transformando -go em -si, como mergo, mersi, mersum; spargo, -si, -sum; tergo, -si, -sum (também se diz tergeo). Encontrei um verbo terminado em -to, com t duplo antes de o, terminando o pretérito em -si: mitto, -si, -ssum e seus compostos inmitto, -si, inmissum; committo, -si, -ssum; permitto, dimitto, omitto, transmitto, admitto e amitto, summitto, previsto, promitto, praetermitto, emitto, remitto.

104. V. Verbos terminados em -co, com uma vogal naturalmente longa

⁴⁰⁴ longa B

-ctum sopinum, ut ‘duco, duxi, ductum’, ‘dico,’⁴⁰⁵ duxi, dictum.⁴⁰⁶ In -go uel in -guo desinentia pleraque mutant -go in -xi in praeterito, in sopino uero in -ctum, quedam etiam in -xum, ut ‘rego, -xi, rectum’; et ab eo composita, ‘porgo’ uel ‘porrigo, -rexi, -rectum’; ‘pergo, -rexi, perrectum’; ‘surgo, -rrexi, surrectum’; ‘dirigo, -rexi, -rectum’; ‘corrigo, -rexi, correctum’; ‘erigo, -xi, erectum’. Similiter a ‘lego’ composita mutantia simplicis significationem, ut ‘neglego, neglexi, neglectum’; ‘diligio, -lexi, -lectum’; ‘intellego, -lexi, -lectum’. Colligam etiam plura: ‘cingo, cinxi, cinctum’ et que ex eo componuntur, ‘unguo, unxi, unctum’; ‘iungo, -xi, -ctum’; ‘extinguo, -xi, -ctum’, cuius simplex ‘stinguo’ in raro usu est; ‘ango, -xi, anctum’; ‘linguo, linxi, linctum’; ‘ninguo, ninxi, ninctum’, unde et ‘nix’; ‘tinguo, -xi, tinctum’; ‘pungo, pupugi’ uel ‘punxi, -ctum’; ‘pingo, -xi, pictum’, abiecta n in sopino, quomodo et ‘fingo, finxi, fictum’ et ‘stringo, -xi, -ctum’; ‘ringo, rinxi, -ictum’; ‘mingo, -nxi, mictum’.⁴⁰⁷ ‘Afligo’⁴⁰⁸ etiam ‘-ixi, -ictum’; ‘figo, -xi, fixum’; ‘frigo,’⁴⁰⁹ -xi, -xum’; ‘sugo, suxi, suxum’. Alia in -go in -gi terminant praeteritum.

antecedendo, fazem o pretérito em -xi e o supino em -ctum, como *duco, duxi, ductum, dico, dixi, dictum*. Os que terminam em -go ou em -guerra geralmente transformam -go em -xi no pretérito, e em *ctum* no supino, às vezes também em -xum, como *rego, -xi, rectum*; e os seus compostos *porgo* ou *porrigo, -retirando-se, -recrtum; pergo, -retirando-se, correctum; erigo, -xi, erectum*. Similarmente os compostos a partir de *lego* mudam o significado da forma simples, como *neglego, neglexi, neglectum; diligo, -lexi, -lectum; intellego, -llexi, -lectum*. Reúno ainda outros exemplos: *cingo, cinxi, cinctum* e os compostos a partir dele, *unguo, unxi, unctum; iungo, -xi, -ctum; extinguo, -xi, -ctum*, cuja forma simples *stinguo* é raramente usada; *ango, -xi, sanctum; linguo, linxo, linctum; ninguo, ninxi, ninctum*, de onde surge *nix* (neve); *tinguo, -xi, tinctum; pungo, pupugi* ou *punxi, -ctum; pingo, -xi, pictum*, sendo *n* removido no supino, assim como em *fingo, finxi, fictum* e *stringo, -xi, -ctum; ringo, rinxi, -ictum; mingo, -nxi, mictum*. Também *afligo, -ixi, -ictum; figo, -xi, fixum; frigo, -xi, -xum; sugo, suxi, suxum*.

⁴⁰⁵ xi ctum P

⁴⁰⁶ xi ctum P

⁴⁰⁷ ictum P

⁴⁰⁸ Affligo B

⁴⁰⁹ Figo B

105. In -cio, i ante -cio habentia, eandem i in e conuertunt, et -cio in -xi, ut ‘aspicio aspexi’. Et -xi in -ctum mutantia faciunt sopinum, ut ‘aspectum’; ‘conspicio, -xi, -ctum’; ‘illicio, illexi, illectum’; ‘pellicio, -xi, -tum’. ‘Elicio’ uero ‘-cui’ facit praeteritum et ‘elicitum’ sopinum, quia ‘electum’ aliud significat. ‘Struo’ uero ‘struxi,⁴¹⁰ -ctum’ et⁴¹¹ ‘fluo, -xi, -xum’. ‘Viuo’ etiam⁴¹² ‘uixi, uictum’, et ‘coquo’ uel ‘coco, coxi, coctum’; ‘conquinisco, conquexi, -quectum’; ‘flexo, -xi, -xum’; ‘plecto, -xi, -xum’ et similia.

106. In -ho desinentia mutant -ho in -xi, ut ‘ueho, uexi, -ctum’, ‘traho, -xi, -ctum’.¹⁶⁸

praeterito ante -i, ut ‘frango fregi’, quorum sopina in -ctum exeunt, ut ‘fractum’; ‘ago, egi, actum’; ‘lego, -gi, -lectum’, quorum composita sequuntur simplicium declinationem, ut ‘confringo, confregi, confractum’; ‘perfringo, -gi, -ctum’; ‘exigo, exegi, exactum’; ‘subigo, -gi, -ctum’; ‘ambigo, -gi, -bactum’; ‘cogo, coegi, coactum’; ‘perlego, -gi, -lectum’; ‘relego, -gi, -ctum’; ‘colligo, -legi, -ctum’. ‘Pango’

Outros verbos em -go finalizam o pretérito em -gi.

105. Verbos em -cio, possuindo i antes de -cio, convertem o mesmo i em e, e -cio em -xi, como *aspicio aspexi*, e formam o supino transformando -xi em -ictum, como *aspectum*; *conspicio, -xi, -ctum*; *illicio, illexi, illectum*; *pellicio, -xi, -tum*. *Elicio* forma o pretérito com -cui e o supino com *elicitum*, pois *electum* significa outra coisa. *Struo* forma *struxi, -ctum* e *fluo* forma -xi, -xum. *Viuo*, ainda, forma *uixi, uictum*, e *coquo* ou *coco* forma *coxi, coctum*; *conquinisco, conwuxi, -quectum*; *flexo, -xi, -xum*; *plecto, -xi, -xum* e verbos similares.

106. Os que terminam em -ho transformam -ho em -xi, como *ueho, uexi, -ctum, traho, -xi, -ctum*.

107. VI. Verbos terminados em -go geralmente mantém a consoante do presente no pretérito antes de -i, como *frango fregi*, cujos supinos terminam em -ctum, como *fractum, ago, egi, actum*; *lego, legi, -lectum*, quorum composita sequuntur simplicium declinationem, ut *confringo, confregi, confractum*; *perfringo, -gi, -ctum*; *exigo, exegi, exactum*; *subigo, -gi, -ctum, ambigo, -gi,*

⁴¹⁰ uxi P

⁴¹¹ om. B

⁴¹² uero B

quoque ‘pegi’ uel ‘pepigi, pactum’ et ex eo ‘inpingo, -gi, -ctum’. A ‘tango’ etiam composita, ut ‘contingo, -tigi’ (correpta penultima i), ‘contactum’; ‘attingo, -tigi, -ctum’.

108. In -co, n antecedente, abiecta n et -o in -i conuersa, faciunt praeteritum penultima producta, ut ‘uinco uici’. Et i in -tum conuersa, formatur sopinum, ‘uictum’, ‘conuinco, -ci, -ctum’. ‘Liquo’ quoque ‘liqui, lictum’ et ex eo composita. ‘Ico’ preterea penultima breui in praesenti profertur, in praeterito producta: ‘ici ictum’.

109. In -po quoque, m antecedente, unum inuenio producens penultimam praeteriti: ‘rumpo, rupi, ruptum’ et ex eo ‘abrumpo, -pi, -ptum’; ‘disrumpo, -pi, -ptum’; ‘corrumpo, -pi, -ptum’ et cetera.

110. In -uo, u loco consonantis posita, -o in -i conuertunt et faciunt praeteritum, ut ‘soluo, solui, solutum’; ‘uoluo, -ui, -lutum’; ‘caluo,* -lui, calutum’.⁴¹³ Sunt et alia uarie terminationis seruantia consonantem praesentis ante i in praeterito, ut ‘bibō bibi’, et addita -tum, ‘bibitum’; ‘lambo,

-bactum; cogo, coegi, coactum; perlego, -gi, -lectum, relego, -gi, -ctum; colligo, -legi, -ctum. Pagno e pegi ou pepigi, pactum, e seu composto inpingo, -legi, -ctum. Ainda, há os compostos de tango, como contingo, -tigi (com o penúltimo i breve), contactum; attingo, -tigi, -ctum.

108. Verbos em -co, com n antecedendo, sendo retirada a letra n e sendo -o convertido em -i, fazem o pretérito com a penúltima sílaba longa, como uinco, uici. O supino é formado com i sendo transformado em -tum, uictum, conuinco, -ci, -ctum. Há ainda linquo, liqui, lictume seus compostos. Ico é pronunciado com a penúltima sílaba sendo breve no presente e longa no pretérito: ici, ictum.

109. Encontrei apenas um verbo terminado em -po, com m antecedente, com a penúltima sílaba do pretérito longa: rumpo, rupi, ruptum, e, a partir dele, abrumpo, -pi, -ptum; disrumpo, -pi, -ptum; corrumpo, -pi, -ptum, entre outros.

110. Verbos terminados em -uo, utilizando u como consoante (semi-vogal), formam o pretérito transformando -o em -i, como soluo, solui, solutum; uolo, -ui, -lutum; caluo, -lui, calutum. Há ainda várias outras terminações que mantêm a consoante do presente antes do i no

⁴¹³ caluo: decipio *ponta seca* P

-bi,-bitum'. 'Scabo -bi' similiter 'scabitum' facere debet. 'Verto -ti' 'uersum' facit. 'Vello uelli' (sed et 'uulsi' dicitur) 'uulsum'; 'percello, perculi, perculsum'; 'psallo -li', a quo sopinum non legi; 'pando, -di, passum', quamuis et a 'pateo' et a 'patior' 'passum' dicamus, quia omnia in -do desinentia in -sum faciunt sopina, excepto 'do das' et eius compositis, que semper in -tum exeunt; 'defendo, -di, defensum'; 'ostendo, -di, -stensum'⁴¹⁴ uel 'ostentum';^{415*} 'scando, -di, -sum'; 'ascendo, -di, -sum'. Amittentia enim n in preterito, si breuis sit uocalis, geminant s in sopinis, ut 'findo, fidi, fissum', 'scindo, -di, -ssum'. Sin producat, unam habet, ut 'fundo -di -sum', quorum composita simplicium terminationes secuntur; 'cudo -di' uel 'cusi cusum' (unde et 'incus' dicitur), cuius frequentatiuum est 'cuso cusas',⁴¹⁶ ex quo componuntur 'acuso -sas' et 'incuso -sas' et 'recuso -sas' et⁴¹⁷ 'excuso -sas'. Excipitur 'diuido -si -sum'.^{418*}

111. In -cio, a antecedente, mutant eam in e productam et, abiecta -o producta, per⁴¹⁹ i

pretérito, como *bibo, bibi* e, acrescentando-se *-tum, bibitum; lambo, -bi, -bitum*. *Scabo -bi*, similarmente, deve formar *scabitum*. *Verto -ti* faz *uersum*. *Vello uelli* (mas também se pode pronunciar *uulsi*) forma *uulsum; percello, perculi, perculsum; psallo -li*, do qual não encontrei o supino; *pando, -di, passum*, embora digamos *passum* também a partir de *pateo* e *patior*, pois todos os verbos terminados em *-do* fazem o supino em *-sum*, exceto *do das* e seus compostos, que sempre terminam em *-tum; defendo, -di, defensum; ostendo, -di, -stensum* ou *ostentum; scando, -di, -sum; ascendo, -di, -sum*. Os que perdem *n* no pretérito, se a vogal for breve, duplicam *s* no supino, como *findo, fidi, fissum, scindo, -di, -ssum*. Mas se for longa, possuem apenas um *s*, como *fundo, -di, -sum*, cujos compostos seguem a terminação da forma simples (raiz), *cudo, -di* ou *cusi cusum* (de onde há também *incus*), cujo frequentativo é *cuso, cusas*, do qual se forma *acuso, -sas* e *incuso, -sas* e *recuso, -sas* e *excuso -sas*. A exceção é *diuido -si -sum*.

111. Verbos em *-cio*, com *a* antecedendo, transformam *a* em *e* longa e, retirando-se

⁴¹⁴ sum P

⁴¹⁵ ostentum: Ostentum quod monstrum significat nomen est participiale (participale B) sicut dictum factum iussum, et dicitur ab ostendendo futura.

⁴¹⁶ sas P

⁴¹⁷ om. B

⁴¹⁸ diuido -si -sum: Diuido excipitur quia non seruauit consonantem

⁴¹⁹ em pagamento P; que B

faciunt praeteritum, quorum sopina in -tum finiuntur, ut ‘facio, feci, factum’, ‘iacio, -ci, -ctum’; et ex his composita: ‘efficio, effeci, effectum’; ‘perficio, -ci, -tum’; ‘inficio, -ci, -tum’; ‘proficio, -ci, -tum’ (quamuis et a ‘proficiscor’, ‘profectus’ dicatur); ‘abicio, -ci, abiectum’; ‘inicio, -ci, -tum’; ‘conicio,^{420*} -ci, -tum’; ‘proicio, -ci, -tum’ et cetera.

112. In -pio quoque, -ca antecedente, ut ‘capió, cepi⁴²¹ captum’; et ab eo ‘incipio, incepi⁴²² incoeptum’; ‘recipio, -pi, -ptum’; ‘suscipio, -pi, -ptum’. ‘Cepio’ etiam, quod in usu non est, ‘cepi’ praeteritum facit. Obseruandum autem in his et in omnibus uerbis quod, si minuat praeteritum praesentis syllabas,^{423*} necessario penultimam producit, siue producta siue correpta sit in praesenti, nisi sincopam patiatur.

113. In -dio unum desinens inuenio, ‘fodio, -di, fossum’, geminata s; et ex eo composita: ‘perfodio, -di, -ssum’, ‘effodio, effodi, effossum’.

114. In -gio similiter producta antepenultima, ut ‘fugio, -gi, -gitum’; ‘confugio, -gi, -gitum’; ‘perfugio, -gi, -gitum’; ‘refugio, refugi, refugitum’.

o -o longo, fazem o pretérito em *i* e terminam o supino em -tum, comom *facio, feci, factum, iacio, -ci, -ctum*, e seus compostos: *efficio, effeci, effectum, perficio, -ci, -tum; inficio, -ci, -tum; proficio, -ci, -tum* (embora também se pronuncie *profectus* a partir de *proficiscor*); *abicio, -ci, abiectum; inicio, -ci, -tum; conicio, -ci, -tum; proicio, -ci, -tum* e os demais.

112. Verbos em -pio, com -ca antecedendo, como *capió, cepi, captum*; e seus compostos *incipio, incepi, incoeptum; recipio, -pi, -ptum; suscipio, -pi, -ptum*. *Cepio*, que não é utilizado, faz o pretérito em *cepi*. Deve-se observar, porém, nesse e em todos os verbos que, se diminuem no pretérito as sílabas do presente, necessariamente alongam a penúltima, seja longa ou breve no presente, a não ser que sofram síncope.

113. Encontrei apenas um verbo que termina em -dio, *fodio, -di, fossum*, sendo o *s* duplicado, e seus compostos, *perfodio, -di, -ssum, effodio, effodi, effossum*.

114. Há verbos em em -gio que, similarmente, possuem a antepenúltima breve, como *fugio, -gi, -gitum; confugio, -gi, -gitum*.

⁴²⁰ conicio: cogito inde coniecto *ponta seca P*

⁴²¹ coepi *P*

⁴²² pi *P*

⁴²³ minuat... syllabas: .i. confirmo *ponta seca P*

115. VII. In -lo finita, duplicantia 1 geminant principalem syllabam in praeterito, ut ‘pello, pepuli, pulsum’. Omnia tamen a praesenti tempore faciunt sopinum: ‘fallo, fefelli, falsum’, ‘tollo tetuli’, antiquo more, pro quo nunc in usu frequenti est ‘sustuli’ et sopinum ‘sublatum’. Dupplicant etiam et alia queque plurima tertiae coniugationis uerba priores syllabas, sed animaduertit, quod si in praesenti brevis sit penultima, in praeterito quoque corripitur, ut ‘cado, cecidi, casum’; ‘cano, cecini, cantum’; ‘pario, peperii, partum’. Si uero longa est in praesenti penultima naturaliter, in praeterito quoque producit, ut ‘caedo, cecidi, caesum’; ‘pedo pepedi’, cuius sopinum deficit. Sin in praesenti positione sit longa, abiecta consonante, in praeterito corripitur, ut ‘disco, didici, discitum’; ‘pello, pepuli, pulsum’; ‘tango, tetigi, tactum’; ‘pango, pepigi, pactum’; ‘tundo, tutudi, tunsum’; ‘pungo, pupugi, punctum’. In aliis seruatur consonans in praeterito: ‘posco, poposci, poscitum’; ‘parco, peperci, parsum’; ‘tendo, tetendi, -sum’ uel ‘tentum’; ‘pendo, pependi, pensum’; ‘curro, cucurri, -sum’. Composita tamen ex his non duplicant penultimam syllabam, ut ‘perpendo perpendi’, ‘extendo -di’, ‘pertundo -di’, ‘incido -di’, ‘concido -di’; exceptis a

-gi, -gitum; perfugi, -gi, -gitum; refugio, refugi, refugitum.

115. VII. Verbos terminados em -lo, com l duplo, duplicam a sílaba principal no pretérito, como *pello, pepulo, pulsum*. Todos esses fazem o supino a partir do tempo presente: *fallo, fefelli, falsum, tollo tetuli* (por costume antigo, no lugar do qual utiliza-se geralmente *sustuli* e o supino *sublatum*). Os outros verbos da terceira conjugação duplicam, ainda, as primeiras sílabas, mas se a penúltima sílaba for breve no presente, ela também é breve no pretérito, como *cado, cecidi, casum; cano, cecini, cantum; pario, peperii, partum*. Se, porém, a penúltima for naturalmente longa no presente, também será longa no pretérito, como *caedo, cecidi, caesum; pedo pepedi* (que é defectivo para o supino). Mas se a for longa no presente por posição, torna-se breve no pretérito retirando-se a consoante, como *disco, didico, discitum; pello, pepuli, pulsum; tango, tetigi, tactum; pango, pepigim pactum; tundo, tutudi, tunsum; pungo, pupugi, punctum*. Em outros, a consoante é mantida no pretérito: *posco, poposci, poscitum; parco, peperci, parsum; tendo, tetendi, -sum* ou *tentum; pendo, pependi, pensum; curro, cucurri, -sum*. Os compostos a partir destes não duplicam a penúltima sílaba, como *perpendo perpendi, extendo -di,*

‘disco’ et ‘posco’, ut ‘dedisco dedici’, ‘deposco depoposci’. A ‘curro’ composita utroque modo prolata inueniuntur ab auctoribus, ut ‘decurro decurri’ et ‘decucurri’.¹⁷⁹

116.^{424*} VIII. Geminant finalem consonantem a ‘do’ uerbo composita,¹⁸⁰ quod simplex primae est coniugationis; quorum sopinum a praesenti fit, -o in-i correptam mutata et assumpta -tum, ut ‘credo’ (id est quasi ‘cretum do’), credidi, creditum; ‘perdo, -didi, -ditum; ‘reddo, -didi, -ditum; ‘prodo, prodidi, proditum; ‘uendo, -didi, -ditum; ‘condo, condidi, conditum; ‘abscondo, -didi, -ditum’.¹⁸¹

Quarta Coniugatio⁴²⁵

117. Quartam⁴²⁶ coniugationem i producta secunde personae modi indicatiui uel imperatiui manifeste prodit, quomodo breuitas eiusdem uocalis siue e tertia. Haec enim sex posidet formas praeteriti perfecti.

118. I. In -cio igitur desinentia uerba duarum excedentia numerum syllabarum, n antecedente, -ci in -xi conuersa, faciunt praeteritum perfectum, et in -ctum sopinum, ut ‘uincio, uinxi, uinctum’,

dedisco dedici, deposco depoposci.

Compostos a partir de *curro* são expressos de ambos os modos entre os autores, como *decurro decurri* e *decucurri*.

116. VIII. Compostos do verbo *do* duplicam a consoante final, pois a sua forma simples é da primeira conjugação; desses, o supino é feito a partir do presente, transformando -o em -i breve e assumindo -tum, como *credo*, (isso é, o que dou de acordo com minha percepção *cretum do*), *credidi, creditum; perdo, -didi, -ditum; -reddo, -didi, -ditum; prodo, prodidi, proditum; uendo, -didi, -ditum; condo, condidi, conditum; abscondo, -didi, -ditum*.

Quarta conjugação

117. A quarta conjugação claramente produz uma *i* longa do modo indicativo ou imperativo, assim como a terceira abrevia a mesma vogal ou *e*. Ela (a quarta conjugação) possui seis formas do pretérito imperfeito.

118. I. Verbos terminados em -cio com mais de duas sílabas, com *n* antecedendo, formam o pretérito perfeito convertendo -ci em -xi, e convertendo (-ci) em -ctum, formam o supino, como *uincio, uinxi,*

⁴²⁴ (em ponta seca na margem inferior esquerda de PP 94v, sem conexão com o texto) mutinus ...m [...].s...

⁴²⁵ QVARTA CONIVGATIO maiúsculas rubricadas P

⁴²⁶ maiúscula Q rubricada P

‘sancio,’^{427*} -xi, -ctum’. Vetustissimi tamen etiam ‘sanciui’ uel ‘sancii’ proferebant.

119. II. Sin autem *n* non habuerint, -cio in -si mutata, faciunt praeteritum et sopina in -tum, ut ‘fulcio,’^{428*} -si, fultum’; ‘sarcio, -si, -tum’; ‘farcio, -si, -tum’ (unde et ‘sartores’ et⁴²⁹ ‘fartores’); et ex his composita: ‘confercio, confersi, confertum’; ‘refercio, -si, -tum’. Alia uero in -si desinentia⁴³⁰ in -sum faciunt sopinum, ut ‘raucio, -si, -sum’; ‘sentio, -si, -sum’. ‘Haurio’ tamen ‘-si, haustum’ facit. ‘Sepio’ quoque ‘sepsi, -ptum’, secundum proportionem in -psi terminantium praeteritum.

120.^{431*} III. Quae autem -io, in -ui diuisas conuertunt in praeterito, in -tum faciunt sopina, ut ‘aperio, -rui, apertum’, ‘cooperio’. Similiter a ‘salio’ composita, ‘prosilio -lui’, ‘dissilio -lui’, ‘insilio -lui’, quorum sopina in -us non habentur.

121. IIII. Quaedam etiam huius coniugationis uerba *i* seruant post consonantem positam ante -io praesentis temporis, ut ‘comperio, competi, -pertum’, ‘reperio’, quod duplicauit *p* in praeterito, diminuta una syllaba, ‘repperi, repertum’,

uinctum, sancio, -xi, -ctum. Os antigos, porém, pronunciaram *sanciui* ou *sancii*.

119. II. Se (os verbos) não possuírem *n*, formam o pretérito transformando -cio em -si e o supino (transformando -cio) em -tum, como *fulcio, -si, fultum; sarcio, -si, -tum; farcio, -si, -tum* (de onde surge *sartores* e *fartores*); e, a partir de seus compostos: *confercio, confersi, confertum; refercio, -si, -tum*. Já outros verbos terminados em -si formam o supino em -sum, como *raucio, -si, -sum; sentio, -si, -sum. Haurio*, porém, forma -si, *haustum. Sepio* forma *sepsi, -ptum*, segundo o modelo dos verbos que finalizam o pretérito em -psi.

120. III Verbos que terminam em -io convertem em -ui no pretérito, formando o supino em -tum, como *aperio, -rui, apertum, cooperio*. Similarmente, os compostos de *salio, prosilio -lui, dissipou, -lui*, dos quais não há supino em -us.

121. IIII. Alguns verbos dessa conjugação conservam o *i* após a consoante colocada antes de -io do tempo presente, como *comperio, comperi, -pertum, reperio*, que duplica *p* no pretérito, sendo diminuída uma sílaba, *repperi, repertório, uenio, -ni*,

⁴²⁷ sancio: i. confirmo *ponta seca P*

⁴²⁸ fulcio: fulcire est sufulcirs *ponta seca P*

⁴²⁹ om. *B*

⁴³⁰ denentia *B*

⁴³¹ (Em *ponta seca* no topo da margem de *P 95r*, sem conexão com o texto) *pernix [uelo]x*

‘uenio, -ni, uentum’; et ex eo composita: ‘aduenio’, ‘conuenio’, ‘inuenio’ et cetera

122.^{432*} V. Alia uero omnia supradicte coniugationis uerba secunde persone presentis, abiecta finali -s et addita -ui, faciunt praeteritum perfectum, quae tamen etiam subtracta u consonante et correpta penultima i licet proferre, ut ‘scio, scis, sciui’ uel ‘scii’ et ab eo composita, ‘asscio assciui’ uel ‘asscii’. Et in -tum faciunt sopinum, penultima producta, tam in hac quam in aliis coniugationibus, ut ‘scitum’, ‘asscitum’. Similiter ‘cio, cis, ciui’ uel ‘cii, citum’; (Sed quando tertie est, corripit penultimam sopini ab eo compositum: ‘concio, -cis, -ciui’ uel ‘-cii, concitum’.); ‘audio, -diui’ uel ‘-dii, -ditum’; ‘mollio, -liui’ uel ‘-lii, litum’; ‘seruio, -uiui’ uel ‘-uii, -uitum’; ‘munio, -niui’ uel ‘-nii, -nitum’; ‘suffio, suffiui’^{433*} uel ‘-fii, -fitum’ (quod quamuis a neutropassiuo ‘fio’ componatur, tamen actiuum est); ‘condio, -diui’ uel ‘dii, -ditum’. ‘Salio’^{434*} autem ‘-liui’ uel ‘-lii’, ‘saltum’ facit; ‘sallio,’^{435*} ‘salliui’ uel ‘-lii, -llitum’, inde etiam participium futuri temporis ‘salliturus’. ‘Sallo’ uero tertiae ‘salsum’ fecit sopinum et participium ‘salsurus’. ‘Sepelio, -liui’ uel

uentum; e seus compostos: *aduenio*, *conuenio*, *inuenio* e o restante.

122. Todos os outros verbos da conjugação supracitada formam o pretérito perfeito suprimindo o -s final da segunda pessoa do presente e acrescentando-se -ui, que também podem ser pronunciados subtraindo-se o u consonantal (semi-vogal) e a penúltima i breve, como *scio*, *scis*, *sciui* ou *scii* e seus compostos, *asscio assciui* ou *asscii*. Fazem o supino em -tum, sendo a penúltima sílaba longa, tanto nessa quanto nas outras conjugações, como *scitum*, *asscitum*. Similarmente, *cio*, *cis*, *ciui* ou *cii*, *citum*; (quando é da terceira, a penúltima do supino é breve em seu composto: *concio*, -cis, -ciui ou -cii, *concitum*.); *audio*, -diui ou -dii, -ditum; *mollio*, -liui ou -lii, *litum*; *seruio*, -uiui ou -uii, -uitum; *munio*, -niui ou -nii, -nitum; *suffio*, *suffiui* ou -fii, -fitum (que apesar de ser composto pelo neutro passivo *fio*, é ativo); *condio*, -diui ou dii, -ditum. *Salio* faz -liui ou -lii, *saltum*; *sallio*, *salliui* ou -lii, -llitum, de onde o também faz o participio do tempo futuro *salliturus*. *Sallo*, da terceira conjugação, faz o supino *salsum* e o participio

⁴³² (Em ponta seca na margem esquerda de P 95v, , sem conexão com o texto) angaria .i. coactio
(Em ponta seca na margem inferior esquerda de P 96r, sem conexão com o texto) titillare
i. catolliers

(Em ponta seca na margem inferior direita de P 96r, sem conexão com o texto) tota die .
i. soiomers...

⁴³³ suffio, suffiui: suffire, porftimers *ponta seca P*

⁴³⁴ . Salio: i. salto

⁴³⁵ Sallio: i. sallo *P*

‘-lii’, cuius sopinum antiqui ‘sepelitur’ dicebant, sed usus qui ualidior ubique omnibus est ‘sepultum’ et ‘sepulturus’ tenet. Similiter ‘stabilio, stabiliui’⁴³⁶ uel ‘lii, -litum’; ‘seuio’, ‘dormio’, ‘bullio’, ‘oboedio’, ‘insanio’, ‘fastidio’, ‘lenio’, ‘exinanio’, ‘nutrio’, ‘finio’, ‘punio’, ‘sopio’, ‘hinnio’, ‘redimio’, ‘lippio’,^{437*} ‘insignio’,^{438*} ‘erudio’.186

123. Nam in -eo desinentia et dissyllaba aliarum coniugationum, quae in -ui terminant praeteritum, penultimam participii uel sopini corripunt in preterito tamen eam producunt, ut ‘eo iui’ uel ‘ii itum’, ‘queo -ui’ uel ‘quii quitum’, ‘ueneo -niui’ uel ‘-nii’ ‘-nitum’ facere debet, pro quo magis ‘uenum’ in usu est. Quorum omnia composita similiter correptam habent penultimam sopini, ut ‘exitum’, ‘aditum’, ‘obitum’, ‘praeteritum’, ‘nequitum’. ‘Ambio’ a uerbo ‘eo’ compositum solum mutauit in compositione e in i; ideoque produxit penultimam in participio et in sopino, quemadmodum in -io desinentia: ‘ambitus, -bita, -bitum’. In nomine autem siue uocabulo rei, differentiae causa, in -eo terminantium regulam seruans corripuit penultimam, ‘ambitus’.

salsurus. Sepelio, -liui ou -li, cujo supino era dito *sepelitur* pelos antigos, mas um uso que se mantém mais forte em toda a parte por todos é *sepultura* e *sepulturus*. Similarmente, *stabilio, stabiliui ou lii, -litum; seuio, dormio, bullio, oboedio, insanio fastidio, lenio, exinanio, nutrio, finio, punio, sopio, hinnio redimio, lippio, insignio, erudio*.

123. Verbos terminados em -eo e dissílabos das outras conjugações, que terminam em -ui no pretérito, têm a penúltima do participio ou do supino como breves, e no pretérito é longa, como *eo iui* ou *ii itum*, *queo -ui* ou *quii quitum*. *ueneo* deve fazer *-niui* ou *-nii, nitum*, no lugar do qual *uenum* é bem mais utilizado. Todos os compostos destes possuem, similarmente, a penúltima do supino breve, como *exitum, aditum, obitum, praeteritum, nequitum*. *Ambio* é o único composto do verbo *eo* que transforma *e* em *i* na composição; por isso alonga a penúltima no participio e no supino, do mesmo modo que os que terminam em -io: *ambitus, -bita, -bitum*. Em um nome ou no vocábulo de alguma coisa, por diferenciação, que terminam em -eo, seguindo a regra, abrevia a penúltima, *ambitus*.

⁴³⁶ om. B

⁴³⁷ lippio: A lippio uerbo fit lippus et lippitudo

⁴³⁸ insignio: insignire .i. merchiei *ponta seca* P

De Verbis Defectiuis

124. Sunt namque quaedam uerba defectiua, que non habent omnia accidentia. Et hoc fit uel naturae necessitate uel fortune casu. Ergo naturae necessitas bipertita est in significatione et in commoditate, et non solum in uerbis sed etiam in aliis partibus orationis, que significationis causa dici non debent, ut si uelimus masculinum dicere ab eo, quod est ‘puerpera’, ‘puerperus’. Obpugnat enim ipsa rerum natura propter significationem, quae solis accidit feminis;⁴³⁹ quod in aliis quoque similibus repperitur.

125. II. Incommoditate uero, id est inconsonantia, elimentorum deficiunt, ut si uelimus ab eo, quod est ‘cursor’ et ‘risor’, feminina facere secundum analogiam, mutatione -or in -rix, absonum fit et incongruum naturae litterarum, unde ‘tonsor’, ‘tonstrix’ facit, addita t, et ex eo diriuatium, ‘tonstrina’.

126. III.⁴⁴⁰ Per fortunam quoque duobus modis prohibemur quedam proferre, uel quod inusitata sunt uel quod inconcina et

Sobre os verbos defectivos

124. Há alguns verbos que são defectivos, pois não possuem todas as flexões. Isso se faz a partir da natureza ou da necessidade ou pela ocorrência do caso (da flexão). Por isso a necessidade da natureza é de dois tipos, pelo significado e pela comodidade, e não apenas nos verbos, mas também em outras partes da oração que, por causa do significado não devem ser ditas, como se quiséssemos dizer *puerperus* a partir de *puerpera*. Isso vai contra a própria natureza das coisas por causa do significado, que só ocorre a mulheres; isso se encontra em outras circunstâncias similares.

125. II. Por inconformidade, isso é, inconsonância, alguns elementos são defectivos, como se quisermos formar o feminino por analogia a partir de *cursor* e *risor* o feminino transformando -or em -rix, a palavra será discordante e inconsistente com a natureza das letras, de onde se forma *tonstrix* a partir de *tonsor*, acrescentando-se t, formando seu derivativo, *tonstrina*.

126. III. Acontece também que somos proibidos de pronunciar algo de dois modos. Ou porque esse algo não é

⁴³⁹ Femininis P

⁴⁴⁰ I B

turpia uel aspera prolatu esse uidentur. Inusitata sunt, ut ‘faux’, ‘prex’, ‘chaus’, ‘dicio’ et ‘for’ et ‘dor’ in primis personis. Haec enim, quamuis ratione regule bene dicantur, tamen quia in usu auctorum non inueniuntur, recusamus dicere.¹⁹²

127. II. Inconcina uero uel turpia uel aspera prolatu uidentur esse ‘metuturus’ uel ‘metuiturus’, ab eo quod est ‘metuo’. ‘Nutritrix’ etiam secundum analogiam debuit dici a masculino ‘nutritor’. Euphoniae tamen causa, concisio facta est medie syllabe, sicut ‘bobus’ pro ‘bouibus’. Differentiae quoque causa, multa solent uel taceri uel contra regulam proferri, ut ‘coniunx coniungis’ secundum analogiam debuit proferri, sed ne uerbum putetur ‘coniungo coniungis’, absque *n* profertur ‘coniugis’. Et hoc in multis inuenitur. Nam ‘fac’, ‘dic’, ‘duc’, ‘fer’ magis placuit per apocopam pronuntiari differentiae causa, ne si ‘face’, ‘dice’, ‘duce’, ‘fere’ diceremus, aliud significare putaremur. Hoc tamen non in omnibus consimilibus uel uni uocis potest fieri, quamuis in pluribus.¹⁹⁵

utilizado ou porque a pronúncia parece feia, torpe ou áspera. Os termos termos que não são mais usados são *faux*, *prex*, *chaus*, *dicio* e *for* e *dor* nas primeiras pessoas. Embora essas palavras sejam corretamente pronunciadas em virtude das regras, recusamos dizer-las por não serem utilizadas pelos autores antigos.

127. II. *Metuturus* ou *metuiturus*, formas a partir de *metuo*, parecem que são pronunciados de maneira constrangedora, torpe ou áspera. Já *nutritrix* (cuidadora) deve ser pronunciado por analogia a partir do masculino *nutritor* (cuidador). Ainda, por razões de eufonia, é feita a contração da sílaba do meio, como em *bobus* no lugar de *bouibus* (abl. e dat. plural de *bouum* - boi). Por razões de diferenciação, muitos verbos costumam não ser pronunciados ou ser pronunciados contrários à regra, como *coniunx coniungis* “esposa” deve ser pronunciado segundo analogia, mas para que não se pense no verbo *coniungo coniungis* “juntar”, pronuncia-se *coniugis*, retirando-se *n*. Há muitos outros exemplos como este. É mais agradável pronunciar *ac*, *dic*, *duc*, *fer* por razões de diferenciação, para que não digamos *face*, *dice*, *duce*, *fere* e pensemos em outro significado. Isso, embora ocorra com muitos verbos, não pode ocorrer em todos os homófonos.

128. Deficiunt namque in praeterito perfecto et plusquam perfecto, nec non etiam in futuro subiunctiui, qui ex supradictis nascitur temporibus omnia in -sco desinentia inchoatiua, ut 'feruesco',⁴⁴¹ 'calesco'. Nec meditatuorum tamen supradicta tempora ⁴⁴²me minime⁴⁴³ inuenisse, ut 'dicturio', 'lecturio'.

129. Sunt et alia uerba, quibus desunt diuersa tempora, usu deficiente, non ratione significationis, ut 'ferio', 'tollo', 'fero', 'sisto', 'furo', 'uescor', 'medeor', 'reminiscor'. His enim deest praeteritum perfectum et omnia, quae ex eo nascuntur. Ergo^{444*} aliorum uerborum praeteritis perfectis, quae uidentur eandem significationem habere, pro his utimur: 197 in quibus inuenimus ut 'percutio percussi', similiter 'ferio percussi'. 'Sustulo' antiqui dicebant 'sustuli', nos uero 'tollo sustuli'; 'tulo' antiqui 'tuli', nos 'fero tuli'. 'Sisto' enim a 'sto' habet praeteritum 'steti' uel, ut quidam dicunt, a 'statuo', 'statui'; 'insanio -niui', 'furo insaniui'; 'pascor, pastus sum', 'uescor, pastus sum'; 'medicor, medicatus sum', 'medeor, medicatus sum'; 'recordor, recordatus sum', 'reminiscor, recordatus sum'. 'Cerno' etiam 'creui', et 'cresco creui'. A 'mereo' neutrali, quod ad

128. São verbos defectivos no pretérito perfeito e mais que perfeito, além do futuro do subjuntivo, que surge dos tempos incoativos supracitados, todos os terminados em -sco, como *feruesco*, *calesco*. Não encontrei nada nos tempos supracitados, como *dicturio*, *lecturio*.

129. Há outros verbos que são defectivos em diversos tempos, por falta de uso, não por causa do significado, como *ferio*, *tollo*, *fero*, *sisto*, *furo*, *uescor*, *medeor*, *reminiscor*. O pretérito perfeito não ocorre nestes, nem em todos os verbos que surgem deles. Portanto, utilizamos no lugar desse o pretérito perfeito dos outros verbos, que pareem ter o mesmo significado: entre esses, encontramos *percutio percussi* e, de modo semelhante, *'ferio percussi*. Os antigos diziam *sustulo sustuli*, nós, porém, dizemos *tollo sustuli*; diziam *tulo*, *tuli*, nós, *fero tuli*. *Sisto* possui o pretérito *steti* a partir de *sto*, como dizem alguns, e *statui* a partir de *statuo*. '*insanio -niui*', '*furo insaniui*'; '*pascor, pastus sum*', '*uescor, pastus sum*'; '*medicor, medicatus sum*', '*medeor, medicatus sum*'; '*recordor, recordatus sum*', '*reminiscor, recordatus sum*'. '*Cerno*'

⁴⁴¹ Fersco B

⁴⁴² memini me B

⁴⁴³ memini me B

⁴⁴⁴ Ergo: Ergo, quando in penultima habet accentum, coniunctio est rationis. Quando uero in ultimo circumflectitur, significat propter, ut ergo illum ueni .i. propter illum.

‘mestitiam’ pertinet (unde et ‘meror’), ‘merui’ debuit fieri, sed in usu non est ‘merui’, sed ‘mestus sum’. Deponens uero ‘mereor’, ad meritum pertinens, ‘merui’ uel ‘meritus sum’ facit. ‘Mando -dis’, eius praeteritum alii ‘mandui’, quidam ‘mandi’, alii ‘mandidi’ esse uoluerunt.

130. In omnibus etiam passiuis et communibus et deponentibus desunt tempora praeterita perfecta et omnia, quae ex his nascuntur. Participia tamen coniuncta uerbo substantiuo, id est ‘sum’, et omni eius tempori eorum uice funguntur, quod Greci quoque solent facere. Inueniuntur quoque quinque uerba quorum praeteritum perfectum et plusquam perfectum per participium solet demonstrari, que ‘neutrapassiuia’ scriptores artium nominant. Secunde quidem coniugationis tria: ‘gaudeo, gauisus sum’; ‘audeo, ausus sum’; ‘soleo, solitus sum’. Tertiae autem duo,⁴⁴⁵ ‘fido, fisis sum’, ‘fio, factus sum’, quae tamen aliis temporibus neutraliter declinantur. Nam ‘odi’ et ‘noui’ et ‘memini’ idem habent praesens et praeteritum perfectum. ‘Odi’ participium praeteritum habet ‘osus’, unde et ‘osor’, nomen uerbale, et in composita figura ‘exosus’ et ‘perosus’. ‘Noui’, nomen

ainda ‘creui’, e ‘cresco creui’. Do neutro *mereo*, que pertence a *mestitiam* (de onde surge *mereor*), deve ser formado *merui*, mas não se é utilizado *merui*, mas *mestus sum*. Já o deponente *mereor*, pertencente a *meritum*, faz-se *merui* ou *meritus sum*. *Mando -dis*, outros pronunciam seu pretérito como *mendui*, alguns, *mandi*, outros quiseram que fosse *mandidi*.

130. Em todos os passivos e comuns e depoentes são defectivos todos os tempos pretéritos perfeitos e todos os que surgem dele. Os participios compostos no verbo substantivo, isso é, *sum* “ser”, e de todos os seus tempos que vice e versa se condensam, o que os gregos costumam fazer. Encontramos, ainda, cinco verbos dos quais o pretérito perfeito e o mais que perfeito costumam ser expressos pelo participio, que os escritores das artes denominam neutros passivos. Três verbos da segunda conjugação: *gaudeo, gauisus sum*; *audeo, ausus sum*; *soleo, solitus sum*, e dois da terceira *fido, fisis sum, fio, factus sum*, que são declinados de modo neutro em outros tempos verbais. Já *odi* e *noui* e *memini* possuem presente e pretérito perfeito. *Odi* possui o participio pretérito *osus*, de onde surge *osor*, um nome verbal, e em uma figura composta *exosus* e *perosus*. *Noui*, um nome, forma

⁴⁴⁵ om. B

tantum, ‘notus’ facit. ‘Memini’ uero imperatiuum habet ‘memento’ et ‘mementote’ et secundum Priscianum participium presens ‘meminens’, quod tamen Donatus negat. In futuro enim infinitiui modi et in sopinis deficiunt. ‘Coepi’ autem non habet praesens nec futurum nec participium, nisi tantum praeteritum ‘coeptus’.

131. Item, impersonalia uerba, que a se nascuntur, deficiunt in futuro tempore modi infinitiui⁴⁴⁶ ut ‘penitere -tuisse’ futurum non habet; ‘pudere puduisse’ et similia. Nec non ‘metuere -tuisse’ futuro deficit, et ‘timere-muisse’, ‘oboedire -disse’, ‘parere -ruisse’, ‘dolere -luisse’. Et pleraque neutra secundae coniugationis, quae carent sopino, carent et praedicto futuro, nec non et participio utriusque temporis. ‘Soleo’ igitur in omni deficit futuro, ratione obstante. Deficiunt etiam plerumque in predicto futuro in -sco desinentia, licet sint perfecte forme, ut ‘discere didicisse’, ‘poscere poposcisse’, ‘crescere creuisse’, ‘compescere compescuisse’. ‘Sum’ quoque substantiuum in ipso futuro et sopino deficit, sicut et ‘uolo’.

notus. Já *memini* possui o imperativo *memento* e *mementote* e, segundo Prisciano, o participio presente *meminens*, que, porém, Donato nega. No futuro do modo infinitivo e no supino são defectivos. *Coepi* não possui nem presente nem futuro, nem participio. A não ser o pretérito *coeptus*.

131. Verbos impessoais, que nascem de si mesmos, são defectivos no tempo futuro do modo infinitivo, como *penitere -tuisse*, que não tem futuro; *pudere puduisse* e similares. Também *metuere -tuisse* é defectivo no futuro, e *timere -muisse*, *odoedire -disse*, *parere -ruisse*, *dolere -luisse*. E muitos neutros da segunda conjugação, que não possuem supino, também não possuem o futuro, além do participio de ambos os tempos. *Soleo* é defectivo em todo o futuro, por motivos de regra. São defectivos também muitos verbos no futuro supracitado que terminam em -sco, embora sejam de forma perfeita, como *discere didicisse*, *poscere poposcisse*, *crescere creuisse*, *compescere compescuisse*. O verbo *sum* substantivo também é defectivo no mesmo supino, como *volo*.

⁴⁴⁶ indictiui B

132. ⁴⁴⁷Sunt et alia uerba deficientia non solum temporibus, sed etiam personis⁴⁴⁸ ut ‘aio’, ‘fores’, ‘caedo’, ‘infit’. Nam ‘aio’ tres tantum personas habet singulares, ‘aio ais ait’ et unam pluralem, ‘aiunt’; in praeterito imperfecto duas, ‘aiebat aiebant’. Praeterito uero perfecto deficit, sed tertia persona ‘ait’ pro presenti et pro praeterito accipitur. Imperatiuum quoque habet ‘ai’, ex qua quartae coniugationis esse ostenditur. Igitur in prima persona ‘aio’, i loco consonantis habet duplicis, sicut ‘meio’. In secunda uero et tertia persona ‘ais ait’ transit in uocalem necessario, quia consonans sequitur, et corripitur a penultima. Itaque pares habet syllabas in tribus personis, cum omnia in -io desinentia tertiae uel quarte coniugationis una syllaba minores habent prima persona, secundam, et tertiam personam, ut ‘facio -cis -cit’, ‘audio -dis -dit’. ‘Fores’ aliquid habet optatiui et subiunctiui, ita: ‘utinam’ uel ‘cum forem, -res, foret’ et pluraliter ‘forent’ et infinitiuium ‘fore’. ‘Cedo’ imperatiui tantum tenet secundam personam, ita, ‘Cedo mihi’, id est ‘Dic mihi’, et pluralis ‘cedite’, id est ‘dicite’. ‘Infit’, id est ‘dicit’, quod tertiam personam singularem tantum habet. ‘Inquo’ etiam in multis deficit, cuius declinatio haec est: ‘inquo, inquis, inquit’ et pluralis ‘inquiunt’, praeteritum ‘inquiisti’,

132. Há também outros verbos defectivos não apenas em tempo, mas também em pessoa, como *aio, fores, caedo, infit*. Já *aio* possui três pessoas no singular, *aio, ais, ait*, e uma no plural, *aiunt*; no pretérito imperfeito, duas, *aiebat, aiebant*. No pretérito perfeito é defectivo, mas a terceira pessoa *ait* é aceita no lugar do presente e do pretérito. Possui o imperativo *ai*, que se mostra a partir da quarta conjugação. Do mesmo modo, na primeira pessoa, *aio* possui *i* dupla no lugar da consoante, como *meio*. Já na segunda e terceira conjugações, *ais ait*, o *i* se transforma em vogal necessariamente, pois se segue uma consoante e a penúltima letra *a* se torna breve. Então (*aio*) possui sílabas nas três pessoas, ainda que todos os verbos da terceira e quarta conjugação terminados na desinência *-io* posuem uma sílaba a menos nas primeira, segunda e terceira pessoas, como *facio, -cis, audio, -dis -dit*. *Fores* possui algo do optativo e subjuntivo, então: *utinam* ou *cum forem, -res, foret* e o plural *forent* e o infinitivo *fore*. *Cedo* possui apenas a segunda pessoa no imperativo, então *Cedo mihi*, isto é, *Dic mihi*, e, no plural, *cedite*, isto é, *dicite*. *Infit*, isto é, *dicit*, que possui apenas a terceira pessoa do singular. *Inquo* é defectivo em muitas formas, e sua

⁴⁴⁷ Sunt... personis om. B

⁴⁴⁸ Sunt... personis om. B

futurum ‘inquiam’, imperatiuus ‘inque’ et ‘inquiāt’. Ergo secundum analogiam tertiae coniugationis inuenitur eius fere tota declinatio. Sopinum uero ab eo non inueni.

declinação é a seguinte: *inquo*, *inquis*, *inquit*, e os pluris *inquiunt*, o pretérito *inquisti*, o futuro *inquam*, o imperativo *inque* e *inquiāt*. Portanto, por analogia, quase todas as suas inflexões são da terceira conjugação. Não pude descobrir um supino para esse verbo.

133. Sunt adhuc plura defectiua, ex quibus singulariter proferam, quantum inuenio. Nam ‘queso’ nihil habet, nisi primam personam indicatiui modi in utroque numero, ‘queso quaesumus’. Habetur etiam apud quosdam ‘quaesere’ infinitiuum. ‘Aue’ et ‘salue’ imperatiui⁴⁴⁹ secundam personam in utroque numero: ‘aue, salue, auete, saluete’. Item ‘faxo’ futuri temporis est tantum indicatiui modi, et significat ‘faciam’, nihil amplius habens in usu, licet quidam etiam ‘faxis’⁴⁵⁰ faxit’ secundam et tertiam addunt⁴⁵¹ personas. ‘Meio’ praesens et imperatiuum pluralis numeri ‘meite’ et infinitiuum ‘meire’⁴⁵² facit. ‘Ouat’ tertiam personam et ‘ouans’ participium tantum habet. ‘Sodes’⁴⁵³* et ‘sis’⁴⁵⁴* secundam personam singularem solummodo tenent. ‘Inquam’ contra morem in prima persona profertur. ‘Amabo’ uerbum est blandientis, et omni modo inusitatum. Habet tamen

133. Há muitos verbos defectivos, dos quais falarei um por um, dos que encontrar. *Quaeso* não possui nenhuma pessoa a não ser a primeira do modo indicativo nos dois números, *quaeso quaesumus*. Há ainda, entre alguns autores, o infinitivo *quaesere*. *Aue* “ave” e *salue* “salve” são da segunda pessoa do imperativo em ambos os números: *aue, salue, auete, saluete*. Ainda, *faxo*, no tempo futuro, só existe apenas no modo indicativo, e significa *faciam* “farei”, não possuindo nenhum outro uso, exceto as segunda e terceira pessoas *faxis, faxit* que alguns autores acrescentam. *Meio* é do presente, seu imperativo plural é *meite* e seu infinitivo forma *meire*. *Ouat* possui apenas terceira pessoa, e o participio *ouans*. *Sodes* e *sis* possuem apenas segundas pessoas no singular. *Inquam* é pronunciado na primeira pessoa

⁴⁴⁹ impertiui B

⁴⁵⁰ faxi B

⁴⁵¹ adducunt B

⁴⁵² meire repetido e apagado antes de infinitiuum P

⁴⁵³ Sodes: .i. si audes (audis P)

⁴⁵⁴ sis: .i. si uis P

sensum primae persone indicatiui modi. Deficiunt preterea et alia in declinatione,⁴⁵⁵ non ratione deficiente, sed usu et auctoritate, ut ‘facesso’, ‘capesso’, ‘dedisco’, ‘uesperasco’, et alia quam plurima, quae quamuis declinari possint, in paucis tamen repperiuntur in usu.

contrariamente à regra. *Amabo* “por favor” é um verbo de lisonja, e não é usado em nenhum modo. Possui, porém, sentido de primeira pessoa no modo indicativo. Outros verbos são defectivos na inflexão, não por discordar de uma regra, mas pelo seu uso e pela autoridade (dos autores), como *facesso*, *capesso*, *dedisci*, *uesperasco* e muitos outros verbos que, embora possam ser flexionados, seu uso é encontrado poucas vezes.

⁴⁵⁵ declinationm B

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos oferecer uma análise da obra *Excerptiones de prisciano*, um tratado gramatical baseado na *Ars prisciani*, de Prisciano de Cesaréia. Também oferecemos uma tradução do capítulo que trata dos verbos na obra medieval. Além disso, fizemos uma contextualização histórica e linguística a respeito da gramática medieval e seu papel na cultura anglo-saxã e carolíngia. Essa pesquisa foi conduzida baseando-se nos princípios elencados por Swiggers (2013), pelos quais fizemos uma coleta bibliográfica, escolhemos um texto original e o analisamos. Utilizamos, ainda, os conceitos de Koerner (1995), nos quais apoiamos nossa pesquisa.

Portanto, a primeira parte da pesquisa constitui uma introdução na qual tratamos do tema desta dissertação de maneira mais geral, abordando realidades históricas, culturais e linguísticas que contextualizam e explicam a formação da cultura gramatical que deu origem ao texto da *Excerptiones*. Assim, foi possível apresentar aspectos linguísticos que contribuíram para a formação dessa cultura.

No capítulo 1, apresentamos a noção da Historiografia da Linguística, ciência na qual nossa pesquisa tem respaldo. Explicamos que a Historiografia Linguística estuda o desenvolvimento do pensamento linguístico analisando as correntes intelectuais do passado que se dedicaram a estudos relacionados aos idiomas ou outras reflexões de caráter linguístico.

Os aportes teóricos nos quais nossa pesquisa se baseou foram as metodologias elencadas por Swiggers (2013) e Koerner (1995). Seguimos, para este trabalho, o organograma de Swiggers (2013), através do qual ordenamos os passos de nossa pesquisa com relação à catalogação de fontes primárias, bibliografia secundária e reflexões a partir das informações extraídas. Já o modelo para a exposição desta pesquisa se baseou nos princípios de Koerner (1995): contextualização histórica, imanência e adequação. Assim, a primeira parte da dissertação se dedicou a apresentar os fatos históricos relacionados ao contexto linguístico, ou seja, o da cultura textual medieval entre os monges beneditinos anglo-saxões e entre os carolíngios. O princípio da imanência foi aplicado na análise do texto das *Ep* e de seus manuscritos, apresentando diferenças com relação ao seu texto de origem, a *Ars prisciani*, e analisando comentários de linguistas que pesquisaram a respeito da origem deste documento. O princípio da adequação esteve presente nesta pesquisa na própria tradução, na qual os termos gramaticais utilizados por Prisciano em latim foram traduzidos utilizando os termos como apresentados por Schadd (2007). Acreditamos que seguindo os princípios mencionados, uma vez que nossa pesquisa se baseou na coleta de fontes, na organização e separação dos dados

que foram expostos em capítulos que tratam de diferentes aspectos da cultura gramatical. Também seguimos os princípios de Koerner, uma vez que apresentamos o “Clima de opinião” envolvendo a cultura gramatical originária das *EP*, fornecendo informações de caráter histórico e linguístico que demonstram o desenvolvimento da cultura textual anglo-saxã e Carolíngia e identificando aspectos gramaticais presentes na formação das *EP*.

No segundo capítulo, apresentamos na primeira seção uma contextualização do modelo da gramática medieval, remetendo a antigos autores gregos e latinos que escreveram a respeito da gramática e em cuja obra podemos encontrar o modelo utilizado pelos gramáticos medievais. Essa contextualização linguística apresenta o modelo de Dionísio da Trácia, no qual se baseiam diversos aspectos gramaticais que analisamos nas *EP*, e em Donato e Prisciano, principais autores responsáveis pelo conteúdo e organização lógica do material do qual foi compilada nossa obra, ou seja, as oito partes da oração e sua organização. Na segunda seção, apresentamos efetivamente esse modelo gramatical, mais especificamente a parte relacionada às ferramentas de interpretação da gramática presentes na *scientia interpretandi*: a *lectio*, *ennarratio* e *emmendatio*. Vimos como essas ferramentas se aplicavam durante a aprendizagem do estudante medieval e na prática da língua latina, especialmente através da oração e da prática litúrgica da Igreja. Também tivemos a oportunidade de analisar como essas categorias se aplicavam na produção dos manuscritos medievais, auxiliando na construção de um aparato de apoio à leitura e interpretação dos autores e gramáticos latinos, além de darem o formato e a configuração das páginas dos manuscritos medievais, incluindo os manuscritos das *EP*.

Apresentamos, no terceiro capítulo, uma contextualização histórica que aborda o desenvolvimento da cultura gramatical primeiramente, na Ordem de São Bento e entre os anglo-saxões e carolíngios. Assim, mostramos como a Regra de São Bento possui um precedente para o desenvolvimento da educação gramatical entre os monges beneditinos, e como se havia as condições necessárias para a produção gramatical através dos *scriptoria*, das bibliotecas e do intercâmbio de manuscritos entre os mosteiros. Também falamos a respeito das missões romanas enviadas à Inglaterra para o estabelecimento e consolidação do Cristianismo, e como os recursos enviados do continente e a formação de mosteiros e escolas possibilitaram a criação de uma forte cultura gramatical entre os anglo-saxões. Vimos ainda a renovação dos estudos através do Renascimento Carolíngio, e como essa iniciativa restaurou o uso dos autores latinos, incluindo Prisciano, multiplicando os estudos do gramático de Cesaréia e, com a produção manuscrita relativa a sua obra, foi possível a criação das *Ep*. Por fim, observamos o contexto da renovação dos estudos na Inglaterra no período anglo-saxão tardio e a criação de

uma cultura textual bilíngue latina e anglo-saxã, principalmente a partir da Reforma Beneditina.

No quarto capítulo investigamos a origem das *Ep*, apresentando elementos de caráter paleográfico, especialmente com relação aos manuscritos sobreviventes, que apontam para os possíveis locais de origem dos manuscritos e, em última análise, das *Excerptiones*. Vimos ainda que as evidências paleográficas apontam para os principais centros e personagens relativos à Reforma Beneditina. Para isso, utilizamos principalmente a pesquisa apresentada por Porter (2002, p. 1-39) na introdução de sua edição. Fizemos, ainda, uma análise de alguns trechos das *Excerptiones*, apresentando as edições feitas por seu compilador, retirando muito do material de Prisciano, além de ocasionalmente realizar alguma alteração característica da produção gramatical manuscrita no próprio texto.

Por fim, no quinto capítulo, apresentamos nossa versão da tradução do capítulo dos verbos do texto das *Excerptiones*, apresentando o texto latino da edição de Porter (2002) ao lado de nossa tradução. Fornecemos também o aparato textual, apresentando as diferenças presentes entre os manuscritos utilizados na edição de Porter e as glosas encontradas no material.

Considerando o que foi aqui apresentado, acreditamos que cumprimos nosso objetivo de dissertar a respeito das *Excerptiones de prisciano* seguindo os princípios metodológicos que elencamos, analisando o texto do ponto de vista linguístico e paleográfico, além de procurar sua origem e apresentar o contexto histórico e gramatical no qual ele foi produzido, mostrando uma perspectiva histórica que ilustra o processo de recepção da doutrina gramatical latina pelos cristãos medievais, especialmente pelos monges aglo-saxões e carolíngios.

REFERÊNCIAS

DICIONÁRIOS

FARIA, Ernesto. Dicionário Escolar Latino-Português. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1956.

SCHAD, S. A lexicon of Latin grammatical terminology. *Studia Erudita*. Roma: Fabrizio Serra, 2007.

FONTES SECUNDÁRIAS

AUROUX, Silvain. A Revolução Tecnológica da Gramatização. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Editora da Universidade Estadual de Campinas: UNICAMP, 1992.

BARATIN, Marc; COLOMBAT, Bernard; HOLTZ, Louis. Priscien: transmission et refondation de la grammaire de l'antiquité aux modernes, Brepols: Belgium, 2009.

BATISTA, R. O. Introdução à Historiografia da Linguística. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

BECCARI, Alessandro Jocelito. Uma Abordagem da Gramática Especulativa de Thoas de Erfurt: Antecedentes Históricos, Metalinguagem, Classe do Nome e do Pronome, Sintaxe. (Dissertação Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2007.

BULLOUGH, D.A. "The Educational Tradition in England from Alfred to Ælfric: Teaching *Utriusque Linguae*," in *La Scuola nell'Occidente Latino dell'Alto Medioevo*, Presso la sede del Centro: Spoleto, 1972, p. 453-494.

BURSILL-HALL, Geoffrey L. Linguistics in the Later Middle Ages, In: KOERNER, E. F. A Concise History of the Language Sciences: from the summerians to the cognitivists. Oxford, UK: Pergamon, 1995, p. 130-137.

FORTES, Fábio da Silva. OS MARCADORES DISCURSIVOS NO LATIM: Considerações Pragmáticas e textuais sobre as Preposições, Interjeições e Conjunções Latinas em Donato e Prisciano. (Dissertação Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

_____ As Institutiones grammaticae de Prisciano de Cesareia no pensamento metalinguístico greco-romano. Revista Eletrônica Antiguidade Clássica, 005, Semestre I, 2010, p.69-84.

_____ & de Moura, M. Z. (2016). 'ARS MAIOR', DONATO: CRITÉRIOS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA. Gragoatá, 21(40).

_____ & BURGHINI, Editora da Unicamp, Campinas 2021

FREITAS, Fernando Adão de Sá. O Pensamento Gramatical de Santo Agostinho. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

GILSON, E. La Philosophie au Moyen Âge. Tradução: BRANDÃO, E. A Filosofia na Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GNEUSS, Helmut *et* Lapidge, Michael, Anglo-saxon Manuscripts: a bibliographical handlist of manuscripts and fragments written or owned in England up to 1100, EUA: University of Toronto Press, Toronto Buffalo London, 2014.

_____ GNEUSS, Helmut. The Study of Language in Anglo-Saxon England. *In*: Bulletin of the John Rylands Library, Manchester, v. 72, p. 3-32, 1990.

GWARA, Scott. Canterbury Affiliations of London, British Library MS Royal 7 D.XXVI and Brussels, Bibliothèque Royale MS 1650 (Aldhelm's Prosa de Virginitate), *Romanobarbarica* 14 (1997), p. 359-74.

HOUSEHOLDER, W. Plato and His Predecessors; Aristotle and the Stoics on Language; Varro and Early Latin Language Science, *In*: KOERNER, E. F. A Concise History of the Language Sciences: from the Sumerians to the Cognitivists. Oxford, UK: Pergamon, 1995, p. 90-102.

HOVDHAUGEN E. Roman Ars Grammatica including Priscian; *In*: KOERNER, E. F. A Concise History of the Language Sciences: from the summerians to the cognitivists. Oxford, UK: Pergamon, 1995, p. 115-118.

IRVINE, Martin. The Making of Textual Culture: 'Grammatica' and Literary Theory 350-1100, New York: Cambridge University Press, 1994.

KOERNER E. F. *Professing Linguistic Historiography*, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1995.

_____ *Practicing Linguistic Historiography*. Amsterdam: John Benjamins, 1989.

_____ *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*, Coleção Linguística, vol. 11. Centro de Estudos em Letras, Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014.

LAW, Vivian. *The Insular Latin Grammarians*. Woodbridge, Suffolk: The Boydell Press, 1982.

_____ *Grammar and Grammarians in the Early Middle Ages*. Londres e Nova York: Longman, 1997.

_____ Late Latin grammars in the early middle ages: a typological history. *Historiographia Linguistica: International Journal for the History of Linguistics*, 13(2–3), 1986, p. 365–380.

_____ *The history of Linguistics in Europe from Plato to 1600*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LEACH, Arthur Francis. *The Schools of Medieval England*. Methue & co. Ltd. 1915.

LECLERCQ, Jean. *L'amour des Lettres et le Désir de Dieu*. Traduzido por Maurício Pagotto Marsola, São Paulo, Paulus, 2012.

LUHTALA, A. Syntax and dialect in carolingian commentaries on Priscian's *Institutiones Grammaticae* in LAW, Vivien *History of Linguistic Thought in the Early Middle Ages*. Johns Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia. V. XX:1, 1993.

_____ Early Medieval Grammar. In: KOERNER, E. F. *A Concise History of the Language Sciences: from the summerians to the cognitivists*. Oxford, UK: Pergamon, 1995, p. 121-129.

_____ Priscian's Philosophy in HOLTZ, Louis. *Priscien Transmission et refondation de la grammaire De l'Antiquité aux Modernes*. Bélgica. Brepols, 2009.

MCLUHAN, Marshall. *O Trivium Clássico: o lugar de Thomas Nashe no ensino de seu tempo*. Traduzido por Hugo Langone. São Paulo: É Realizações, 2012.

MARTINHO, Marcos. DIONÍSIO DA TRÁCIA, *ARTE* - Letras Clássicas, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

PAGE, Rolph Barlow. The Letters of Alcuin. (Tese de Doutorado em Filosofia), Columbia University: New York, 1909.

PARKS, Malcolm Beckwith. Scribes, Scripts and Readers: Studies in Communication, Presentation and Dissemination of Medieval Texts, London and Rio Grande: The Hambledon Press, 1991.

PORTER, David W. The earliest texts with English and French, Anglo-Saxon England, Cambridge vol. 28, p. 87-110, Dezembro, 1999.

_____ On the Antwerp-London Glossaries, *in* Journal of English and Germanic Philology 1999, 04, vol. 98, p. 170-192.

RABEL, Claudia. A virtual Renaissance for the manuscripts of Chartres damaged during World War II, *in* *What do we lose when we lose a library?* University Library, KU Leuven, 2016.

SANDYS, John Edwin. A History of Classical Scholarship: from the Sixth Century b.C. to the End of the Middle Ages. Cambridge University Press: Cambridge, 2^a ed. 1906.

SWIGGERS, Pierre. A Historiografia da Linguística: Objeto, Objetivos, Organização. *in* Revista CONFLUÊNCIA, Rio de Janeiro: Instituto de Língua Portuguesa, nº 44-45, 2013, p. 39-59.

TAYLOR, Daniel J. Roman Language Science in the Early Empire; In: KOERNER, E. F. A Concise History of the Language Sciences: from the Sumerians to the Cognitivists. Oxford, UK: Pergamon, 1995, p. 106-110.

TOMKINS, Henry George. King Alfred's Work in Church And State, Weston- Super-Mare: "Gazette" Office, 1876.

WICKHAM, Chris. O Legado de Roma: Iluminando a Idade das Trevas, 400-1000. Tradução de GORGA, Pamela Naumann; GUERRA, Luiz Anchieta; SACRAMENTO, Patrícia Rangel do. Editora UNICAMP: Campinas, 2010.

FONTES PRIMÁRIAS:

A Regra de São Bento. Edições Subiáco, 2012

GEORGII H.; MOBERLY, A.M. *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum, Historia Abbatum, et Epistola as Ecgbertum, Epistola Bonifacii ad Cudberthum*.

KEIL, Henrici. *Grammatici Latini: vol. II Institutiones Grammaticae*. Lípsia: Teubner, 1855.

_____ vol. IV *Probi Donati Servii*, Lípsi: Teubner, 1864

Manuscrito de Paris das Excerptiones de prisciano, da Biblioteca Nacional da França:

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b10546161n/f5.item>. Acesso em: 26/09/2024.

PORTER, David W. *Excerptiones de prisciano: the source for Ælfric's Latin-Old English Grammar*, 1 ed., Reino Unido: Boydell & Brewer, 2002

WALLACH, Luitpold *CHARLEMAGNE'S DE LITTERIS COLENDIS AND ALCUIN: A Diplomatic-Historical Study in Speculum*, 1951

ZUPITZA, Julius. *Ælfrics Grammatik und Glossar: Text und Varianten*, Berlim: Weidmann, 1880.